

ANTÔNIO FIMENEL FONSES FILHO



PARA QUE EM TUDO DEUS SEJA GLORIFICADO

ESTUDO SOBRE A RENÚNCIA CRISTÃ VIVIDA POR MONGES BENEDITINOS E CARTUXOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Departamento de Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Prof. Orientador: Dr. Oscar Calvo Sáez

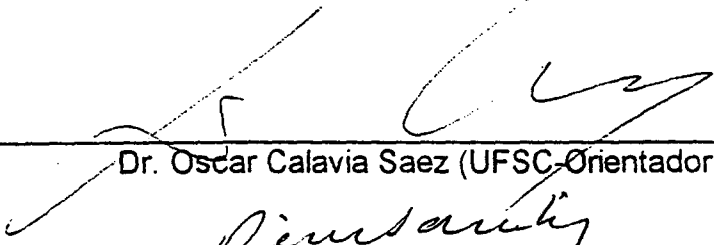
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Florianópolis - 1992

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“PARA QUE EM TUDO DEUS SEJA GLORIFICADO: ESTUDO SOBRE A
RENUNCIA CRISTÃ VIVIDA POR MONGES BENEDITINOS E CARTUCHOS”

ANTÔNIO PIMENTEL PONTES FILHO
Orientador: Dr. Oscar Calavia Saez

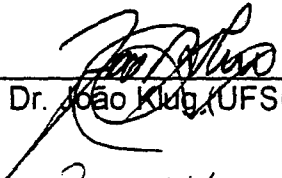
Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia Social, aprovada pela
Banca composta pelos seguintes
professores:



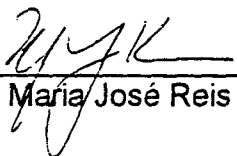
Dr. Oscar Calavia Saez (UFSC-Orientador)



Dr. Pierre Sanchis (UFMG)



Dr. João Klug (UFSC/HST)



Drª Maria José Reis (UFSC)

Florianópolis, 22 de março de 2002.

gradecimentos

Aproveito estas páginas para tornar pública minha gratidão às várias pessoas que estiveram ao meu lado durante meus anos de pesquisa. Foram conversas, ensinamentos, gentilezas, dicas de pesquisa, afetos. É a base material, concretizada por meio dos 16 meses de bolsa-de-estudo recebidos da CAPES, que contribuíram para que eu fizesse minha pesquisa com menos dificuldades.

Agradeço a todos os meus amigos, que alegraram-se com a minha felicidade de aprender sobre a vida monástica e maravilharem-se com esta descoberta: Luís A. Blasi e Rose Zimmer, Luciano C. Bornholdt e Sazana Coutinho, Divaldo Pereira.

Ao prof. dr. Sílvio Coelho dos Santos minha gratidão pelo incessante estímulo, ajuda e apoio, recebidos desde minha experiência como bolsista iniciante sob sua orientação, anos atrás, até o presente. Ao pessoal do núcleo de estudos de povos indígenas/UFSC, pela atenção e toda ajuda prestadas nestes anos. À prof^a dra. Maria José Reis, igualmente, agradeço o estímulo, apoio, conversas e mais conversas, e disponibilidade para comigo e minha família.

Ao prof. Wilson A. Cabral e sua família, por toda a ajuda e imensa generosidade doados a minha família e a mim, em nossa ida para Chapecó, bem como aos demais professores e

FUNCIONÁRIOS DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UNOESC PELA ALEGRE ACOLHIDA À FAMÍLIA RECÉM-CHEGADA.

Ao bispo diocesano de Santa Maria, v. ex^a rev^{ma} d. Ivo Sorscheider, pelas informações prestadas e por receber-me em sua casa. As irmãs carlistas Iracema e Teresinha, da Missão Rodoviária Católica de Santa Maria, por porem-se à minha disposição, pela ótima conversa e pelo presente que me deram.

Ao casal Sírio José e Lili Marlene Schedler pela hospitalidade generosa com que receberam em Santa Rosa o 'sobrinho' torto, muito me ajudando na realização do trabalho de campo junto aos beneditinos.

A d. Estevão Bettencourt, OSB, e d. Mateus Rocha, OSB (*in memoriam*), do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro; ao pe. Lázaro, OCSO, do mosteiro trapista de Nossa Senhora do Novo Mundo; e a d. prior pe. Paulo Demartini, OCIST, do mosteiro cisterciense de São José do Rio Pardo; bem como a todos os demais monges, com os quais tive a oportunidade de conversar, ouvir e ler ao longo desses anos, por suas respostas e informações que muito contribuíram para o meu trabalho.

Ao meu orientador desde minha graduação, Oscar Calavia Sáez, pela liberdade e confiança dadas a mim, permitindo que escolhesse os caminhos que seguiria na pesquisa; a paciência monástica demonstrada ao longo dos últimos anos, durante o meu aprendizado; e toda a ajuda prestada para e na elaboração da minha pesquisa.

Ao prof. Júlio de Queiroz, pela hospitalidade beneditina com que me agraciou nos últimos meses, recebendo-me em sua casa e pondo-se à minha disposição para os ensinamentos, conversas e amizade, com toda a propagada paciência dos filhos de

SÃO BENTO. TAMBÉM POR SUA ORIENTAÇÃO A RESPEITO DO CRISTIANISMO e, ESPECIALMENTE, MONAQUISMO, A QUAL MUITO DEVE MINHA PESQUISA.

A THAÍS, MINHA ESPOSA, QUE ESTÁ COMIGO DESDE ANTES DO INÍCIO DA PESQUISA, PELA AMIZADE, PACIÊNCIA, CONTRIBUIÇÕES NO TRABALHO, LEITURAS E TODA SORTE DE AJUDA. MAS PRINCIPALMENTE PELA INSPIRAÇÃO E PELO CARINHO QUE ME DEU E DÁ. AO NOSSO ATENTO E PARTICIPATIVO FILHO THOMAZ, PELA GRAÇA E A ALEGRIA QUE NOS DÁ A TODO MOMENTO.

TERMINO AGRADECENDO AOS MONGES BENEDITINOS DO MOSTEIRO DA TRANSFIGURAÇÃO, D. PRIOR CRISTIANO COLLART, OSB, E SEUS FILHOS, COMO TAMBÉM AOS MONGES DA CARTUXA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA, D. PRIOR PEDRO MARIA ANQUEZ, OCARTH, E SEUS FILHOS. A CADA UM DESTES MONGES, EM PARTICULAR, MEU MUITO OBRIGADO PELA BONDADE EM ABRIREM MÃO DE SUAS ATIVIDADES ROTINEIRAS, COM GENEROSIDADE, ATENÇÃO E CARINHO. PRINCIPALMENTE POR CEDEREM DE ESTAR COM O 'ÚNICO NECESSÁRIO', PARA ESTAREM COMIGO.

NA ALEGRIA DO TRABALHO CONCLUÍDO, AGRADEÇO A TODOS VOCÊS, SAUDANDO-OS,

PAX!

Índice

Lista de Siglas.

Índice de Imagens

Resumo

Abstract

Vigílias

03

A respeito do objeto de pesquisa - Marco teórico -
Metodologia utilizada

Laudes

32

Primórdios do monaquismo cristão Deserto e eremitismo -
Mosteiro e cenobismo São Bento e sua família - São
Bruno e sua família

Vésperas

66

Mosteiro da Transfiguração e Cartuxa de Nossa Senhora
Medianeira

Completas

150

Últimas questões

Anexos

160

Anexo 1 Endereços de Mosteiros

161

Anexo 2 Horários de alguns mosteiros

169

Anexo 3 Discurso de D. Prior Pedro Maria

174

Referência Bibliográfica

181

íglas

B.	Bem-aventurado
Cân.	Cânone
CBB	Congregação Beneditina do Brasil
CCSB	Congregação Cisterciense de São Bernardo
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
D.	Dom
Est. Carth.	Estatuto Cartusiano
Fr.	Frei, frade
Ir(s).	Irmão(s)
ObOSB	Oblato beneditino
OB	Ordem de São Basílio
OC	Ordem Carmelita
OCarth	Ordem dos Monges Cartuxos
OCist	Ordem Cisterciense de Comum Observância
 OCD	Ordem Carmelita Descalça
OCSO	Ordem Cisterciense de Estrita Observância (Trapistas)
OFM	Ordem dos Frades Menores (Franciscanos)
OFM Cap.	Ordem dos Frades Menores (Franciscanos) Capuchinhos
OFM Conv.	Ordem dos Frades Menores (Franciscanos) Conventuais
OFM Obs.	Ordem dos Frades Menores (Franciscanos) Observantes
OFS	Ordem Franciscana Secular
OP	Ordem dos Pregadores (Dominicanos)
OSA	Ordem de Santo Agostinho (Agostinianos)
OSB	Ordem de São Bento (Beneditinos)
OSB Camalb.	Ordem dos Monges Eremitas Camaldulenses (Beneditinos Camaldulenses)

OSB Oliv.	Ordem de São Bento Olivetanos (Benedictinos Olivetanos, padres olivetanos)
OSCI	Ordem das Damas da Pobreza ou Ordem de S. Clara (Clarissas)
Pe.	Padre
RB	Regra de São Bento
RCC	Renovação Carismática Católica
SJ	Companhia de Jesus (Jesuítas)
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

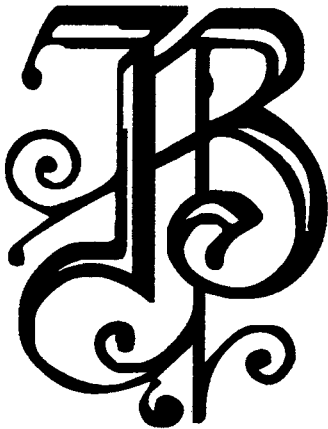
Índice de Imagens

Maria Teotokos	06
São Bento	10
Ícone de São João Batista	14
São Bruno	16
Vista geral do Mosteiro da Transfiguração	19
Vista panorâmica da Cartuxa de Nossa Senhora Medianeira	22
Cruz	25
Mapa do Rio Grande do Sul	31
Ícone de Santo Antão	35
Ícone São João Cassiano	36
Ícone São João Damasceno	40
Ícone de São Basílio Magno	44
Cruz de nosso Pai São Bento	46
São Bento	53
Ícone de São Gregório Magno	54
Gráfico n. 1 Hierarquia de uma "família monástica"	55
Imagens de diferentes comunidades monásticas	56
Ícone de São Bento	57
Símbolo cartusiano	58
Imagem de um cartuxo	63

Gráfico n. 2 Origem e parentesco	65
Vista aérea do mosteiro de Santa Rosa (RS)	71
Vista aérea do mosteiro de Ivorá (RS)	73
Mosteiro da Transfiguração e Igreja	75
Interior da Igreja do mosteiro da Transfiguração	78
Altar da Igreja do mosteiro da Transfiguração	81
Cruz	84
Entrada da cartuxa	85
Monge cartuxo fazendo o serviço de atendimento à cela de outro monge	87
Modelo de cela cartuxa	88
Entrada do primeiro cômodo de uma cela	88
Vista do grande jardim cartuxo	89
Monge cartuxo andando no primeiro corredor	90
Capela cartuxa	94
Altar da capela cartuxa	95
Jardim da cartuxa	96
Vista da hospedaria do mosteiro da Transfiguração	99
Monge cartuxo fazendo a distribuição da refeição pelas celas	104
Monges beneditinos trabalhando no pomar	107
Vestição do Irmão Basílio	110
Fotos da vestição do Irmão Basílio	111
Vestição do Irmão Basílio	112
Vestição do Irmão Basílio	113
Passeio de Domingo na cartuxa	120

Refeitório do mosteiro da Transfiguração	122
Monges beneditinos	126
Gráfico n. 3 Hierarquia de um mosteiro	127
Gráfico n. 4 Hierarquia entre diferentes mosteiros	129
Estalas do coro dos cartuxos	131
Prateleiras onde são guardados os breviários para os ofícios	132
Antifonário diurno cartusiano	134
Antifonário para as noturnas cartusianas	137
D. Prior Crisitano Collart, OSB, e "filhos"	156
D. Prior Pedro Maria Anquez, OCarth.	157

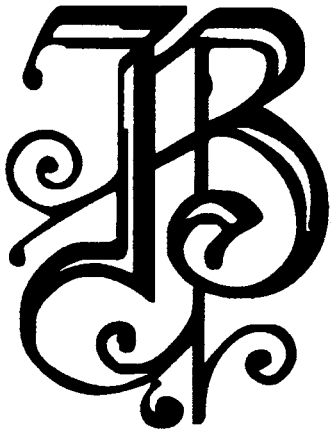
R^esumo



eneditinos, cistercienses, trapistas e cartuxos, são monges da Igreja Católica Apostólica Romana. Preservam no presente o ideal monástico cristão, surgido no século III, da 'procura de Deus', isto é, procurarem e serem procurados por Deus. Para tanto, hoje como ontem, os monges renunciam ao modo de vida do 'mundo', entrando para um mosteiro. Isto fazem por meio da profissão pública dos votos monásticos: *oboedientiae*, *conversatio morum*, e *stabilitate locus*. Tais votos implicam na constituição de um tipo de grupo específico, com uma identidade social particular. Porque os votos/renúncias são para eles a expressão dos valores e idéias sob os quais vivem, e o ponto de vista de onde olham o mundo à sua volta.

O presente estudo de caso pretende mostrar que por intermédio da compreensão dos diferentes aspectos implicados nos votos/renúncia monásticos, entende-se como cada um dos mosteiros constitui-se e diferencia-se de todos os demais, bem como o conjunto de todos eles dos demais religiosos católicos. As principais noções utilizadas para o estudo, tanto nativas como antropológicas, foram as de sagrado, profano e renúncia.

bstract



enedictines, Cistercians, Trappists and Carthusians are monks of the Roman Catholic Apostolic Church. They keep alive the Christian monastic ideal, born in the third century, of 'seeking God', i.e., they seek and are sought by God. By so doing, today as in the past, they renounce living in 'the world' to enter the monastery. They make public profession of monastic vows: 'obedientia, conversatio morum, e stabilitate locus.' Such vows constitute a particular group, with a social identity of its own. These vows/renunciation express the values and ideals by which they live, the vantage point from which they see the world around them.

The present case-study intends to demonstrate that by understanding the different aspects subsumed under the monastic vows/renunciation, one also understands how different monasteries come into being, how they differ from each other, and how they differ from other Catholic religious groups. The key concepts employed in this study, whether native or anthropologic, are the sacred, the profane and the renunciation.



In HONORE
ORDINIS SANCTI BENEDICTI

**À ORDEM DE SÃO BENTO
A ORDEM QUE SABE
QUE O FOGO É LENTO
E ESTÁ AQUI FORA
A ORDEM QUE VAI DENTRO**

**A ORDEM SABE
QUE TUDO É SANTO
A HORA A COR A ÁGUA
O CANTO O INCENSO O SILÊNCIO
E NO INTERIOR DO MAIS PEQUENO
ABRE-SE PROFUNDO
A FLOR DO ESPAÇO MAIS IMENSO.**

Vigilias

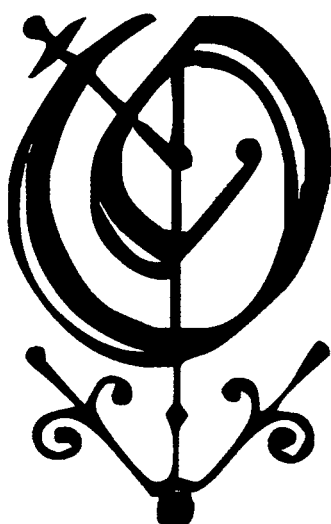
*Abri, Senhor os meus lábios.
E cantarei vosso louvor.*

*Gloria ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no principio, agora e sempre. Amém.*

Salmo 94

*Vinde, manifestemos nossa alegria ao Senhor,
Aclamemos o rochedo de nossa salvação;
Apresentemo-nos diante dele com louvores,
E cantemo-lhe alegres cânticos.
Porque o Senhor é um Deus imenso,
Um rei que ultrapassa todos os deuses;
Nas suas mãos estão as profundezas da terra,
E os cumes das montanhas lhe pertencem.
Dele é o mar, ele o criou;
Assim como a terra firme, obra de suas mãos.
Vinde, inclinemo-nos em adoração,
De joelhos diante do Senhor que nos criou.
Ele é o nosso Deus;
Nós somos o povo de que ele é o pastor,
As ovelhas que as suas mãos conduzem,
Oxalá ouvísseis hoje a sua voz:
"Não vos torneis endurecidos como em Meribá,
Como no dia de Massá no deserto,
Onde vossos pais me provocaram
E me tentaram apesar de terem visto as minhas obras.
Durante quarenta anos desgostou-me aquela geração,
E eu disse: É um povo de coração desviado,
Que não conhece os meus designios.
Por isso, jurei na minha cólera:
Não hão de entrar no lugar do meu repouso".*

*Gloria ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no principio, agora e sempre. Amém.*



presente trabalho é um estudo sobre a renúncia¹ e como ela é vivida atualmente por alguns monges católicos romanos, por meio dos votos que eles emitem.

Considero que em se entendendo a noção de renúncia que os monges vivem, e a maneira pela qual renunciam às coisas e situações do cotidiano, compreende-se também os aspectos que estruturam, organizam, caracterizam e distinguem uma comunidade monástica. Ao mesmo tempo a renúncia diferencia cada uma, em particular, de todas as demais. Esta também distingue o conjunto das comunidades monásticas daquelas comunidades religiosas não-monásticas.

Desta forma, para poder-se saber o que é um monge, que tipos de monge há, etc, é necessário obterem-se respostas às seguintes perguntas: por que renunciam?; a que renunciam?; como renunciam?; quando renunciam?; onde renunciam?

A renúncia monástica é firmada por votos. Todavia, os votos monásticos diferem em conteúdo e objetivo daqueles dos demais religiosos, sejam eles seculares

¹ Refiro-me tanto ao conceito desenvolvido por L. Dumont (1985 e 1992), como ao conceito nativo desenvolvido pela Igreja. Chamo a atenção do leitor para o fato que coloquei as noções, categorias e conceitos nativos entre aspas duplas, e para aqueles, antropológicos, usei aspas simples.

ou regulares². Portanto, geram outros tipos de valores e idéias, e, por consequência outro tipo de pessoa: o monge.

O renunciante, qualquer um que o seja, usando de seu "livre-arbítrio", isto é, sua capacidade de discernimento e julgamento, só renuncia a determinadas coisas e situações caso as considere melhor que outras. Portanto as coisas ou situações renunciadas (anteriores) e as desejadas (posteriores) são postas em uma escala hierárquica, sendo que as desejadas, pelas quais abre mão de sua condição anterior, no julgamento do renunciante, situam-se em grau superior àquelas abandonadas. Desta forma, estão estruturadas de maneira antagônica: se se mantêm certas coisas, outras tantas não são possíveis de serem obtidas³, devem ser abandonadas ou abdicadas.

Os votos⁴ pedidos ao monge são três:

- o de obediência à Regra (de sua "família") e ao Abade;
- o de estabilidade no local (mosteiro) onde proferiu seus votos;
- o de conversão de seus costumes, a mudança de hábitos de vida.

Desta maneira o monge renuncia: à sua própria vontade; ao ir e vir pelo mundo; a permanecer como era.

Não seja isto considerado só no seu aspecto negativo, pois tais renúncias estão ordenadas ao fim que ele almeja. Além disso os três votos têm aspectos positivos:

² Chama-se clero secular aquele que é formado pelo seminário de uma diocese (daí serem chamados também de diocesanos), e que está subordinado diretamente ao Bispo diocesano; e, clero regular é aquele pertencente à uma ordem religiosa, vivendo sob um Regra (do latim: Regula), subordinado ao superior da Ordem.

³ Cf. Durkheim (1996: 23): "Como só pode pertencer plenamente a um se tiver saído inteiramente do outro, o homem é exortado a retirar-se totalmente do profano, para levar uma vida exclusivamente religiosa. Daí a vida monástica que, ao lado e fora do meio natural onde vive o homem comum, organiza artificialmente um outro meio, fechado ao primeiro e que quase sempre tende a ser o seu oposto."

⁴ Os votos religiosos cristãos normalmente conhecidos são: obediência, pobreza e castidade. Porém deve-se lembrar que estes originaram-se dos votos monásticos, dentro dos quais estavam incluídos. E que esta nova tríade de votos já diz respeito a um novo tipo de pessoa e ordem, surgidos a partir do séc. XII/XIII (Bolton: s/d), processo consolidado, principalmente, nas congregações criadas a partir do séc. XVI. Com relação à nova concepção de homem que surge a partir do séc. XVI, ver Dumont (1985 e 2000).

ordenar sua vontade; possibilitar a vida em comum; corrigir vícios, ou seja, eliminar tudo o que for contrário às virtudes pretendidas pela fé.

Outro aspecto importante para se entender o ser cristão do monge, é notar que a renúncia cristã é uma das partes de uma estrutura⁵, na qual estão contidos outros três importantes conceitos: a vocação, o carisma, e a espiritualidade. Esta noção de uma estrutura: vocação ► carisma/dons ► votos/renúncia ► espiritualidade, foram confirmadas ao longo dos últimos anos em entrevistas e conversas minhas com sacerdotes, religiosos e religiosas de diferentes ordens. Todos concordaram estarem os quatro conceitos intimamente relacionados, ressaltando alguns não terem pensado nisto desta forma, anteriormente.

Para a vida de qualquer cristão, a primeira pergunta a responder é: qual é sua vocação⁶? Como se vê na definição apresentada, o termo é mais usado atualmente em referência ao sacerdócio e à vida religiosa⁷. Crê-se que haja uma eleição



Maria Teotokos. "Ante todo, es necesario subrayar la complementariedad entre la palabra revelación y la imagen sagrada. Lo que la palabra lleva al oído, la imagen lo lleva a los ojos y lo muestra haciéndolo accesible a la naturaleza humana. Es una idea del gran defensor de los iconos, San Juan Damasceno, el cual defendía el carácter popular de la iconografía con estas palabras: 'Lo que es la Biblia para las personas instruidas, lo es el icono para los analfabetos, y lo que es la palabra para el oído, lo es el icono para la vista.'" A C I (2002). Fonte: ACI

⁵ "...uma estrutura é um conjunto de elementos entre os quais existem relações, de forma que toda modificação de um elemento ou de uma relação acarreta a modificação dos outros elementos e relações'. A estrutura é a concretização de certas leis que procuram e mantêm certo equilíbrio num conjunto que, na perspectiva em questão, pode ser considerado fechado." Lepargneur (1972: 04).

⁶ Do latim vocare: chamar. "An ecclesiastical or religious vocation is the special gift of those who, in the Church of God, follow with a pure intention the ecclesiastical profession of the evangelical counsels. The elements of this vocation are all the interior and exterior helps, the efficacious graces which have led to the taking of the resolution, and all the graces which produce meritorious perseverance. Ordinarily this vocation is revealed as the result of deliberation according to the principles of reason and faith; in extraordinary cases, by supernatural light so abundantly shed upon the soul as to render deliberation unnecessary. There are two signs of vocation: the one negative, the absence of impediment; the other positive, a firm resolution by the help of God to serve Him in the ecclesiastical or religious state." The Catholic Encyclopedia (2001). Cf. também em Brosse (1986). Ver, entre outros tantos, na Bíblia os textos: At 2,39; Rm 8,28; 9,24; 11,29; 1 Cor 1,2.24; 1 Ts 5,24.

⁷ A respeito da vocação cristã, veja-se a diferenciação assinalada por Max Weber (1981), ocorrida no período da Reforma. Igualmente as mudanças na idéia e prática do ascetismo cristão.

Também a respeito das mudanças na concepção da pessoa cristã, firmada neste momento histórico, veja-se o trabalho de Louis Dumont (1985).

da pessoa para que realize uma missão específica na Igreja, numa entrega muito particular, isto é, para aquilo que Deus a chama na vida. Como me disse um monge "[saber] qual é o meu lugar" na Igreja.

A segunda, é perceber os carismas/dons⁸ que lhe são dados, os quais lhe permitem a realização plena da vocação. Note-se que os dois primeiros itens são movimentos de Deus em direção aos homens. É interessante, também, que a palavra grega Charisma pode ser traduzida por dom ou dádiva, e encontra, nestas acepções, amplo uso nas Ciências Sociais, como por exemplo: 'carisma' passando a definir o magnetismo da liderança pessoal de certos políticos, como é utilizado em Weber; ou como 'dom/dádiva', destacando aí o primeiro ato do estabelecimento da relação entre duas pessoas, ou grupos, como é utilizado por Mauss. Como visto, todos os usos dados ao termo são modernos e distantes da compreensão teológica do mesmo.

Os cristãos utilizam Charisma para indicar ao mesmo tempo a liderança, o dom recebido, e mais a graça da Providência divina (isto é, o próprio Deus). A graça divina, por princípio, a tudo superaria, e comparado a ela, nada poderia ser dado como contra-dom, pela insignificância de qualquer ação humana ao ato divino. Porém, na estrutura cristã, a resposta humana possível (a possibilidade de troca e o estabelecimento de relações), posto ser pedida e aceita por Deus⁹, é a de por-se a serviço da comunidade particular na qual vive ou viverá o cristão. Além disto, este dom

⁸ "Charismata: The Greek term charisma denotes any good gift that flows from God's benevolent love (charis) unto man; any Divine grace or favour, ranging from redemption and life eternal to comfort in communing with brethren in the Faith (Rom., v, 15, 16; vi, 23; xi, 29). The term has, however, a narrower meaning: the spiritual graces and qualifications granted to every Christian to perform his task in the Church: "Every one hath his proper gift [charisma] from God; one after this manner, and another after that" (1 Cor., vii, 7 etc.). Lastly, in its narrowest sense, charisma is the theological term for denoting extraordinary graces given to individual Christians for the good of others. These, or most of these, are enumerated by St. Paul (1 Cor., xii, 4, 9, 28, 30, 31), and form the subject-matter of the present article. They are: "The word of wisdom, the word of knowledge, faith, the grace of healing, the working of miracles, prophecy, the discerning of spirits, diverse kinds of tongues, interpretation of speeches" (1 Cor., xii, 8-10). To these are added the charismata of apostles, prophets, doctors, helps, governments (ibid., 28)." The Catholic Encyclopedia (2001). Cf. também em Ancilli (1987) e Brosse (1986).

⁹ A este respeito o cristianismo desenvolve a idéia contida na parábola a respeito do uso dos talentos concedidos. Cf. na Bíblia Mt 25, 14-30 e Lc 19, 11-27.

recebido será exercido em benefício da Igreja toda, renunciando-se assim a um projeto ou a uma vontade pessoais¹⁰.

A terceira resposta a ser obtida, diz respeito à emissão dos votos, ou seja, a contrapartida do cristão ao chamamento e aos dons recebidos, quando promete alterar sua vida, abrindo mão de certas coisas e orientando-se radicalmente para Deus¹¹.

E, por fim, a espiritualidade¹², que é o desenvolvimento e a propagação de um modo particular de ser cristão por meio da institucionalização, da organização desta

¹⁰ A imagem normalmente utilizada pelo cristianismo da Igreja, enquanto corpo com suas diversas e diferentes partes, é significativa da possibilidade das múltiplas vocações e carismas, i. é, da própria ação divina, e da diversidade possível de respostas humanas a serem dadas, vivendo-se como leigo, sacerdote ou religioso, desta ou daquela maneira.

Cf. na Bíblia a primeira carta de São Paulo aos Coríntios, os capítulos 12, 13 e 14, os quais estão intitulados "Carismas e seu emprego" a este respeito. "Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum." (1 Cor 12, 4-7) e "Porque, como o corpo é um todo tendo muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também Cristo. Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos fomos impregnados do mesmo Espírito. Assim o corpo não consiste em um só membro mas em muitos." (1 Cor 12-14).

¹¹ A respeito desta passagem de um modo de vida a outro ainda não experimentado, ver a obra de Turner (1974), quando este discute os conceitos de liminaridade, *communitas* e estrutura social, mostrando que quando um indivíduo ou grupo põe-se fora da ordem social até então estabelecida e aceita por ele, cria-se uma forma organizacional à qual denomina *communitas*: "Essencialmente a 'communitas' consiste em uma relação entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Estes indivíduos não estão segmentados em função e posições sociais, porém defrontam-se uns com os outros mais propriamente à maneira do 'Eu e Tu', de Martin Buber" (Turner: 1974: 161). Esta nova ordem das coisas não mais é regida pelas antigas regras sociais, mas passa a ser vivida num processo constante de elaboração. E a partir deste momento, conforme aquele autor, da constituição de uma *communitas* espontânea, caso haja a persistência dos membros do grupo fundador em ir adiante com seu modo de vida, a tendência é passar para as *communitas* do tipo normativa e do tipo ideológica. Isto é a nova organização, necessitará definir questões capitais como, por exemplo: novas adesões; transmissão da sua forma de vida; e principalmente, a sua relação com a propriedade e obtenção dos recursos necessários à sua existência.

¹² Conforme a definição de espiritualidade em Ancilli (1987: 12-13): "Espiritualidad – 1. Término y concepto. – El término e. puede tener los significados siguientes: ... las doctrinas espirituales específicas y particulares, como las de los diversos santos, los distintos fundadores de órdenes religiosas y otros semejantes." e "...es un particular servicio cristiano de Dios, que acentúa determinadas verdades de la fe, prefiere algunas virtudes según el ejemplo de Cristo, persigue un fin secundario específico y se sirve de particulares medios y prácticas de piedad, mostrando a veces notas distintivas características."

maneira de viver, o que, também, implica na possibilidade de múltiplas pessoas responderem ao chamamento divino de modo semelhante¹³.

Desde seu início, o cristianismo formulou três categorias¹⁴ de pessoas/fiéis: os leigos¹⁵, os sacerdotes e os religiosos¹⁶. A cada uma cabe um determinado papel e todas articulando-se e formando a noção de Igreja¹⁷. Assim, os leigos são os cristãos que vivem no mundo; os ministros sagrados ou clérigos, aqueles que vivem para "o serviço do Senhor" e para tal receberam o sacramento da ordem¹⁸; e os religiosos, aqueles que vivem sob uma regra de vida, à qual se prendem pela emissão de votos públicos e solenes¹⁹.

¹³ Aqui lembro da obra de Goffman (1987: 17), quando esse autor agrupa os tipos de instituições existentes, colocando: "..., há os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos". Assim, para ele, os mosteiros e a vida que neles se encerra, fazem parte de instituição total, isto é: "uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada" (Goffman, 1987: 11). Observe-se que as categorias 'instituição total' e 'communitas', são antagônicas, i. é, quando uma está presente nega a outra, bem como ambas dizem respeito a olhares diferenciados sobre as instituições: o primeiro estático, e o segundo em processo. Também, veja-se o estudo de Andrés Ludueña (1999), onde este autor, discute um estudo anterior seu - justamente sobre monges beneditinos, na Argentina -, e no qual apresenta as dificuldades e possibilidades que vê a respeito, na obra de Goffman, para estudar a "família beneditina" e o monaquismo.

¹⁴ A respeito de conceitos e categorias sociais ver Oliveira (1988: 32-45).

¹⁵ A respeito dos leigos ver, entre outros, SÍNODO DOS BISPOS (1987) sobre o papel que lhes cabe no interior da Igreja.

¹⁶ A respeito dos religiosos e da vida religiosa ver, entre outros, SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SEculares (1984a e 1984b), e Van Bavel (1978).

¹⁷ Conferir no Direito Canônico: sobre os leigos os Cân. 224 a 231; sobre os clérigos os Cân. 232 a 264; sobre os religiosos Cân. 573 a 606. E no Catecismo da Igreja Católica (1993): o §.873 sobre as três categorias; do §.897 a 913 a respeito dos leigos; do §.914 a 933 sobre os religiosos; e a respeito dos ministros ordenados o §.1142, e do §. 1537 a 1600.

¹⁸ Como escrevi antes (Pontes Filho, 1999), conforme a doutrina da Igreja, os sacramentos imprimem marca, isto é, transformam o indivíduo que os recebe, conferindo-lhe a graça divina ou restituindo-a. Os outros sacramentos católicos são: batismo, confissão, comunhão, crisma, matrimônio e unção dos enfermos (antigamente chamada de extrema-unção). Com relação ao sacramento da ordem, este possui três níveis, do mais baixo ao mais alto: diaconal, presbiterial e episcopal. Só os homens recebem este sacramento. Assim, ungido por este sacramento o indivíduo passa a ter uma nova posição e poderes como cristão.

¹⁹ Conferir Direito Canônico (1983) Cân. 1191§ 1: "O voto, isto é, a promessa deliberada e livre de um bem possível e melhor, feita a Deus, deve ser cumprido em razão da virtude da religião", Cân. 1192§ 1 "O voto é público, quando aceito pelo superior legítimo em nome da Igreja; caso contrário é privado" e Cân. 1192§ 2 "Solene, se é reconhecido como tal pela Igreja; caso contrário, é simples".

\O monge é um tipo particular de religioso, aliás o primeiro a existir na Igreja. Possui como características distintivas dos demais religiosos, uma forma própria de vida, marcada principalmente por: sua Regra²⁰; a chefia de um Abade ou Prior; e seu ethos: em clausura onde busca pela solidão e o silêncio a contemplação de Deus. Na origem da vida eremítica e cenobítica, está a marca da busca pessoal e da renúncia ao modo de viver de outros indivíduos, ou seja, abandona sua família, os círculos sociais que freqüentava, abdica de suas posições sociais, títulos e heranças²¹. Tal vida resume-se assim, no indivíduo e o seu deserto²². A renúncia, o abrir mão das coisas, afastar-se, etc, com a prática de todos os ritos necessários, é da ordem do sagrado, já que afasta o monge de tudo aquilo que seja profano e o impeça de viver só e para Deus.

Em minha pesquisa²³ trabalhei com duas comunidades monásticas masculinas de diferentes ordens, mas que mantêm comunhão dos ideais da vida contemplativa entre si. Ambas estão situadas no Rio Grande do Sul: a primeira pertencente aos monges



São Bento. Reparar que este traz consigo o báculo e as Escrituras. Fonte: Abadia de Nossa Senhora da Assunção (2002).

²⁰ O nome mais usado é regra, mas encontram-se também nos livros referências a: estatutos, costumes e constituições. As regras quase sempre são referidas ao fundador da ordem, tenha sido escrita pessoalmente por ele, ou ditada a um terceiro, ou ainda, como anotação do modo de vida experimentado pelos primeiros membros da ordem.

²¹ A esse respeito diz Dumont (1992: 244-245): "...abandonar a sociedade é renunciar ao papel concreto que ela atribui ao homem... e assumir diante dela um papel universal para o qual ela não possui equivalente, não é deixar de manter alguma relação de fato com seus membros. Naturalmente, para o sociólogo, o renunciante está na sociedade no sentido de que ela organiza suas relações para ele também, mas o renunciante é um homem que abandona seu papel social para assumir um papel ao mesmo tempo universal e pessoal; esse é o fato crucial, subjetivo e objetivo".

²² Usualmente, o deserto além de designar um determinado local geográfico isolado, de difícil acesso, remete à luta interior, travada espiritualmente pelo monge contra o diabo. Ver, entre tantos outros: Marmion (1962), Merton (1961), Brasó (1983), Penido (1986) e Grün (2000).

²³ Por necessidade da pesquisa, aqui estarei generalizando a experiência de diversos monges, de diferentes épocas e lugares, e pondo-os em grupos amplos. Como generalização, esta também incorre no risco de homogeneizar o que é apenas semelhante, eliminando as particularidades e modos próprios de cada mosteiro tomado a parte. Assim, aproveito para frisar a autonomia e liberdade que cada mosteiro possui para viver a experiência monástica que segue, mesmo que uns mais e outros menos.

da Ordem de São Bento, localizada no município de Santa Rosa, pertencente à diocese²⁴ de Santo Ângelo (município vizinho); e a segunda à Ordem dos Monges Cartuxos, localizada no município de Ivorá, pertencente à diocese/município de Santa Maria.

Minha opção por essas duas comunidades em particular se deu por:

- um ponto negativo, não haver em Santa Catarina mosteiros masculinos – o que vez recair a escolha nos mosteiros gaúchos, posto serem mais viáveis (proximidade e custos operacionais);
- e, pontos positivos: primeiro, as diferenças na vida monacal dessas duas comunidades, tendo em vista que uma é de vida cenobítica e a outra, eremítica; e, segundo, a dos beneditinos ter mais contatos com o mundo secular²⁵ e a dos cartuxos ser mais reclusa.

Pode-se perguntar por quê não optei em ir ao Paraná onde há mosteiros de monges beneditinos e trapistas, ou a outros estados mais ao norte, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, etc, como possíveis opções ou complementação de dados? Porque a comparação entre as duas ordens mencionadas já seria suficiente para mostrar o amplo espectro da vida contemplativa vivida nos mosteiros, dentro do que delimiti para a pesquisa. E, também porque o estudo destes dois mosteiros seriam suficientes para poder me referir ao modelo monástico e ao modelo desenvolvido por outras ordens religiosas católicas, em especial, o vivido pelos "filhos e filhas de São Francisco de Assis", i. é, a "família franciscana", tendo-se em vista meu

²⁴ Refiro-me às dioceses, por essas serem a maneira de divisão espacial da jurisdição feita na Igreja Católica. À frente de cada diocese encontra-se um bispo, que é a maior autoridade religiosa local, o que forma uma igreja particular. A área de uma diocese pode abranger a área de um ou mais municípios brasileiros, com toda a população local. Há os casos, devidos aos diferentes ritos existentes na Igreja, em que a Santa Sé cria no mesmo território de uma diocese, outras igrejas particulares, sob o mando de um outro bispo particular (Conferir Cân. 369, 372 e 393). Todas as igrejas particulares são divididas em paróquias, as quais estão a cargo de um pároco, designado pelo bispo diocesano (Conferir Cân. 374 e 515).

²⁵ Secular e regular referem-se a modos diferentes de vida. Vida regular é aquela vivida sob uma Regra que a normaliza e direciona. Vida secular além de ser vivida sem uma Regra, implica ser vivida no Século, isto é, no mundo, no sentido de profano em oposição ao sagrado.

estudo anterior (Pontes Filho, 1999), o qual diz respeito à espiritualidade, carisma, e identidade franciscana.

Conforme os dados do Diretório Litúrgico da CBB de 1999-2000, e os dados do Anuário Beneditino-Cisterciense de 1992²⁶, o qual inclui a Ordem dos Monges Cartuxos²⁷, o monaquismo atualmente se encontra da seguinte forma pelo País, havendo a seguinte distribuição:

1. Há apenas monjas da "família beneditina", isto é, cistercienses e beneditinas. Elas contam com 41 mosteiros²⁸, divididos entre:
 - ◆ Congregação Beneditina Brasileira
 - ◆ Monjas Camaldulenses
 - ◆ Monjas Beneditinas da Rainha dos Apóstolos
 - ◆ Congregação "Vita et Pax"
 - ◆ Federação de Santa Escolástica
 - ◆ Beneditinas Missionárias de Tutzing
 - ◆ Irmãs Oblatas Beneditinas de Santa Escolástica
 - ◆ Irmãs Guadalupanas de Cristo Rei
 - ◆ Irmãs Beneditinas Missionárias Polonesas
 - ◆ Beneditinas do Imaculado Coração de Maria
 - ◆ Congregação de São Bento
 - ◆ Beneditinas da Virgem Maria

²⁶ Não consegui nenhuma outra edição mais recente do Anuário, por isso referir-me a este; o que não quer dizer que não exista alguma edição mais atualizada. Ver em Anexo 1 a lista dos endereços e sites dos mosteiros no Brasil e de alguns outros no exterior, que elaborei no decorrer das minhas pesquisas. Abadia Territorial de N. Sra. de Montserrat do Rio de Janeiro - www.osb.org.br/

²⁷ Como veremos nos dois próximos capítulos, os monges cartuxos, "filhos de nosso Pai São Bruno", frisam sua condição de não "aparentados" aos "filhos de nosso Pai São Bento": trapistas, cistercienses ou beneditinos, como se consideram estes entre si.

²⁸ Dois destes mosteiros estão na Argentina, ligados ao Priorado de Santa Escolástica das Beneditinas Missionárias de Tutzing.

- ◆ Congregação Brasileira de Santa Cruz (Cistercienses)
2. Há monges de ambas as "famílias". Eles contam com 33 mosteiros, assim divididos:

- ◆ Congregação Beneditina Brasileira
- ◆ Congregação Austríaca
- ◆ Federação Americano-Cassinense
- ◆ Congregação Húngara
- ◆ Congregação de Subiaco
- ◆ Congregação de Monte Oliveto
- ◆ Congregação de Valumbrosa
- ◆ Congregação dos Monges Eremitas Camaldulenses
- ◆ Congregação Brasileira da Santa Cruz (Cistercienses)
- ◆ Congregação de Casamari (Cistercienses)
- ◆ Congregação Cisterciense de São Bernardo
- ◆ Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância (Trapistas)
- ◆ Ordem dos Monges Cartuxos
- ◆ Mosteiros autônomos

Os monges e monjas encontram-se espalhadas pelas 5 regiões do território nacional, em 17 estados, num total de 65 cidades.

Quanto à organização da vida religiosa monástica, uma ordem pode ser definida como um conjunto de múltiplas comunidades estruturadas segundo uma regra de vida comum, de maneira estável, ligadas à Igreja por sua profissão da doutrina católica e submissão à liderança do Papa e bispos e a seus sucessores. Isto garante ao grupo religioso ter catolicidade, fazer parte da Igreja ("pertencer ao corpo místico de Cristo" e "fazer parte do povo de Deus" como é definida a participação de todos os

cristãos na formação/composição da Igreja)²⁹. Pode ser, como na maioria dos casos, que tenha o ramo masculino e o feminino.

No caso das ordens beneditina e cisterciense ocorre a união de dois ou mais mosteiros em uma Congregação. Isto é, os mosteiros passam a viver de maneira federada, homogeneizada por um Estatuto/Constituição e pela figura de um abade-presidente³⁰, de um conselho da congregação, e outros órgãos de administração necessários para tanto. As congregações beneditinas têm mais caráter de fazer a unidade entre as diferentes comunidades e de ser uma liderança de aconselhamento, já que é uma organização federada preservando a autonomia de cada uma de suas partes, ou seja, dos mosteiros e seus respectivos abades. Como por exemplo, no caso dos beneditinos além de haver a Congregação Beneditina Brasileira, há inúmeras outras tais como a Húngara, a de Subiaco, a Austríaca, a de Monte-Olivet; e, no caso dos cistercienses também, como por exemplo a Congregação Brasileira da Santa Cruz, a Congregação Cisterciense de São Bernardo. E estas diversas congregações se reúnem em Confederação, a qual é regida por um Abade Primaz³¹, igualmente sem um mando efetivo sobre as congregações, ordens e mosteiros autônomos, e sim como representante de todos junto ao Vaticano e servindo de instância



Ícone de São João Batista, padroeiro do monaquismo.. Fonte: site Pais do Deserto (2001).

²⁹ Por catolicidade exprimo a identidade destes ou quaisquer outros grupos de religiosos, de leigos ou de sacerdotes, por todos eles fazerem parte da Igreja. Para tanto estes grupos possuem diversos pontos em comum em sua maneira de ser no mundo, e partilharem de um conjunto de valores idênticos para todos. Sendo que este modo de ser e conjunto de valores homogeneizam a todos, estando acima das características particulares possuídas por cada um em separado.

³⁰ Ele é primus inter pares, e é desta maneira que exerce sua autoridade sobre os demais irmãos abades.

³¹ Idem ao cargo de abade-presidente.

de unidade de todos os beneditinos ou cistercienses.

Atualmente, segundo alguns autores, os conceitos de ordem monástica e monges aplicam-se apenas aos membros:

- ❖ da "família beneditina", a qual agrupa os monges seguidores da Regra de São Bento, de diversas e diferentes ordens e congregações. Aqueles que são conhecidos por beneditinos pertencem à alguma das diferentes ordens de São Bento; da mesma forma os monges conhecidos por cistercienses, pertencentes à alguma das ordens Cisterciense; e os monges da Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância³² conhecidos como trapistas.
- ❖ e os membros da "família cartusiana", que agrupa apenas os monges da Ordem dos Monges Cartuxos³³.

A noção de família³⁴ que os monges elaboram é uma trama de muitos e muitos pontos. Para tratá-la farei como me sugeriu Ir. Clemente, obOSB, "comece pela Regra; depois o abade. Invocando a Regra, pode-se destituir o abade, mas nenhum abade pode eximir-se ou modificar a Regra".

³² A respeito das diversas ordens, congregações e mosteiros dos três ramos seguidos pelos filhos de São Bento, ver no Anexo 1 onde estão agrupados pelas suas características e nomes, conforme a bibliografia levantada para a pesquisa.

³³ Conheço, apesar de alguns dos meus informantes terem falado em outras ordens de monjas e monges, apenas três exceções a este respeito, que são: as monjas carmelitas descalças (OCD – da "família carmelita"), as clarissas (OSCI – da "família franciscana"), e as enclausuradas dominicanas (OP – da "família dominicana"). Apesar das três ordens acima não serem ordens monásticas como tratado aqui, por serem de "famílias" de estilo mendicantes e missionárias em sua origem, mantêm com aquelas a característica de serem ordens de clausura estrita, ou seja, levar a vida de solidão e silêncio, ou vida contemplativa.

³⁴ Como se refere Linage Conde (1999) à noção de "família beneditina", a qual julgo válida também para a "família cartusiana": "E nessa família (em que há de tudo...), mesmo quando deixa de estar no centro da história e até mesmo nos lugares e países em que os beneditinos são insignificantes do ponto de vista material... são, no entanto, como um microcosmos, como um espelho em que se reflete tudo..."



Imagem de São Bruno, que se encontra na Grande Chartreuse. Foto e Fonte: Moines Chartreux et Moniales Chartreuses (2002).

Primeiro, é o viver "sob o jugo da Regra"³⁵ todos do mosteiro, ordem, "família", isto é, estarem todos: noviços e professos, "filhos" e "pai" sujeitos às mesmas normas que juraram seguir por votos. Para a "família beneditina" o texto definitivo é a "Santa Regra", ou "Regra de São Bento" ou simplesmente "Regra", composta por "nosso pai São Bento". No caso dos cistercienses o fato de todos terem a Regra de São Bento como fonte primeira de suas vidas não exclui outros textos importantes, como por exemplo, "A Carta de

Caridade (Charta Charitatis)", primeiro estatuto de sua ordem³⁶. No presente trabalho toda menção à conduta ou normatização dos monges da "família beneditina" será feita apenas com base na RB por sua proeminência e ser a Regra de todos os "filhos de São Bento"³⁷.

Para os "filhos e filhas de São Bruno", os cartuxos, são importantes as duas cartas que seu "pai" escreveu: "Carta a Raul" e "Carta à comunidade da Grande Cartuxa", além dos "Costumes" escritos por Guigo, que foi o quinto Prior da Grande Cartuxa após S.

³⁵ "...releia-se-lhe novamente a mesma Regra. E se, tendo deliberado consigo mesmo, prometer guardar todas as coisas e observar tudo quanto lhe for ordenado, seja então recebido na comunidade, sabendo estar estabelecido, pela lei da Regra, que a partir daquele dia não lhe é mais lícito sair do mosteiro, nem retirar o pescoço ao jugo da Regra, a qual lhe foi permitido recusar ou aceitar por tão demorada deliberação." (RB: 2001, Capítulo 58 - Da maneira de proceder à recepção dos irmãos).

³⁶ A "Carta da Caridade" data de 1114 e, como estatuto, foi ao longo dos anos sendo atualizada e completada pelos Capítulos Gerais da ordem cisterciense.

³⁷ Ver no próximo capítulo a descrição feita a respeito da fundação da "família beneditina".

Bruno³⁸. Os Costumes descrevem as práticas e normas de vida desenvolvidas pelos cartuxos desde sua fundação, e deram origem aos Estatutos. E os Estatutos foram muito pouco alterados nos 900 anos de existência da ordem – ainda não chegou a sê-lo por meia dúzia de vezes³⁹.

³⁸ Com relação à relevância das cartas de São Bruno e dos "Costumes" para a "família cartusiana", ver, por exemplo, Robin B. Lockhart (1986), Um Cartuxo e José M. Rodrigues (2001). E também o Capítulo 1, Prologo a los Estatutos de la Orden Cartujana: "Siguiendo esta vocación el Maestro Bruno entró con seis compañeros en el desierto de Cartuja, el año del Señor 1084, y se instaló allí. Tanto ellos como sus sucesores, permanecieron en aquel lugar bajo la dirección del Espíritu Santo, y, guiándose por la experiencia, fueron creando gradualmente un género de vida eremítica propio, que se transmitía a sus continuadores, no por escrito, sino con el ejemplo.

Pero a instancias de otros eremitorios fundados a imitación del de Cartuja, Guigo, quinto Prior de Cartuja, puso por escrito la norma de su propósito, que todos se comprometieron a seguir e imitar, como regla de su observancia y como vínculo de caridad de la naciente familia. Mas como los Piores de la observancia cartujana pidieran insistentemente a los Piores y a los hermanos de Cartuja que se les permitiera tener en la misma Casa un Capítulo General común, se reunió el primer Capítulo General durante el priorato de Antelmo, al cual se sometieron para siempre todas las Casas, junto con la misma Casa de Cartuja". (Estatutos de la Orden Cartujana [1989]: 2001).

³⁹ Conforme minhas leituras e a entrevista de D. Prior Pedro Maria, estas poucas alterações visaram a adequar a Ordem Cartusiana ao tempo e à vida da Igreja. A este respeito ver os autores acima mencionados, bem como os Estatutos de la Orden Cartujana ([1989]: 2001, Capítulo 1), quando fizeram a última adequação às normas do Vaticano a respeito da vida religiosa: "A partir de aquí, en el decurso del tiempo, a tenor de la experiencia y de las nuevas circunstancias, el Capítulo General iba adaptando la forma de vida cartujana, y estabilizando y explicando nuestra institución. Esta continua y esmerada acomodación de nuestras costumbres acrecentó progresivamente el conjunto de nuestras Ordenaciones. Por eso, el año del Señor 1271, el Capítulo General reuniendo en uno lo principal sacado de las Costumbres de Guigo, de las ordenaciones de los Capítulos Generales y de los usos de la Gran Cartuja tomados en conjunto, promulgó los Antiguos Estatutos. A éstos se añadieron el año 1368 otros documentos, que se denominaron Nuevos Estatutos; añadidos también documentos en el año 1509, se llamaron Tercera Compilación.

Existiendo, pues, tres colecciones, con ocasión del Concilio Tridentino fueron redactadas en un solo cuerpo, lo que llamamos la Nueva Colección de los Estatutos. Su tercera edición fue aprobada en forma específica por la Constitución Apostólica *Iniunctum Nobis* del Papa Inocencio XI. Una nueva edición, otra vez examinada y acomodada a las prescripciones del Código de Derecho Canónico entonces en vigor, fue aprobada también en forma específica por el Papa Pío XI en la Constitución Apostólica *Umbratilem*.

Por mandato del Concilio Ecuménico Vaticano II, se emprendió una adecuada renovación de nuestro género de vida, según la mente de los decretos del mismo Concilio, guardando como algo muy sagrado nuestro retiro del mundo y los ejercicios propios de la vida contemplativa. Por ello, el Capítulo General del año 1971 aprobó los Estatutos Renovados, una vez examinados y corregidos con la cooperación de todos los miembros de la Orden.

Sin embargo, para concordarlos con el Código de Derecho Canónico, promulgado en el año 1983, los susodichos Estatutos, nuevamente revisados, se han dividido en dos partes, de las cuales, la primera que comprende los libros primero, segundo, tercero y cuarto, contiene las Constituciones de la Orden. Nosotros, pues, los humildes hermanos, Andrés, Prior de Cartuja, y todos los demás con potestad en el Capítulo General del año 1989, aprobamos y confirmamos estos Estatutos."

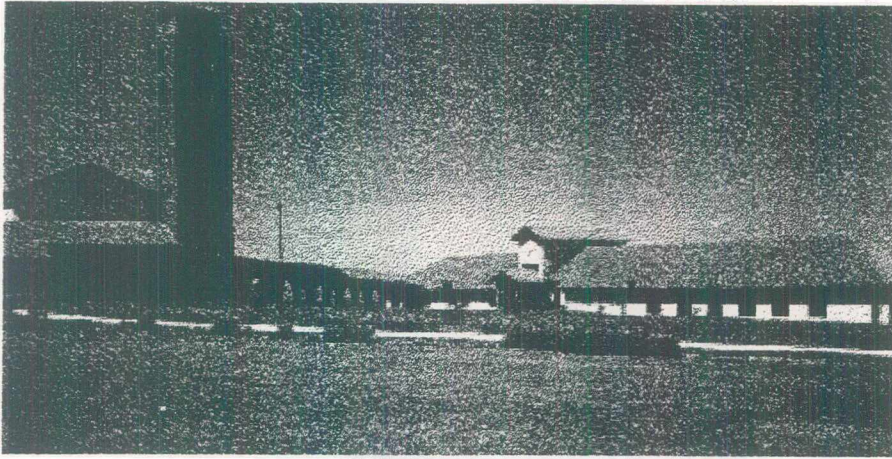
Segundo, é a escolha que fazem os monges de passar a viver, como me foi citado mais de uma vez, "sob o jugo de um Abade"⁴⁰ (que é um diminutivo afetivo de papai, i. é, paizinho) ou de um Prior. O Abade é chamado a ser pai espiritual dos monges e responsável por todos os aspectos da vida comunal, do estabelecimento de relações com o mundo exterior, etc. Para tudo, seus monges deverão ter sua autorização, seu consentimento, para fazerem o que for. Como se vê nos principais escritos normativos para os monges de ambas as famílias, a saber:

a) "O Abade digno de presidir ao mosteiro, deve lembrar-se sempre daquilo que é chamado, e corresponder pelas ações ao nome de superior". Com efeito, crê-se que, no mosteiro ele faz às vezes do Cristo, pois é chamado pelo mesmo cognome que Este, no dizer do Apóstolo: 'Recebestes o espírito de adoção de filhos, no qual clamamos: ABBA, Pai'". (RB 2001: Capítulo 2, Como deve ser o Abade);

b) "El Prior, a ejemplo de Cristo, está entre sus hermanos como quien sirve; los rige según el espíritu del Evangelio y según la tradición de la Orden que él mismo ha recibido. (...) El Prior, que es en el monasterio el padre común de todos, debe mostrar la misma solicitud por los hermanos y por los padres. (...) Los monjes, por su parte, amen en Cristo y reverencien a su Prior, y tribútenle siempre humilde obediencia. Confién en él, que ha tomado el cuidado de sus almas en el Señor, abandonando toda preocupación en aquél que se cree hace veces de Cristo. ...sino que, inclinando su corazón a la verdad, escuchen los consejos de su padre". (Est. Cart.: 2001, Capítulo 23, El Prior).

Terceiro, o mosteiro ser a "casa" de todos os que nele vivem, isto é, basicamente os que nele professaram seus votos perpétuos ou para este passaram

⁴⁰ "El nombre se deriva de abba, la forma Siria del hebreo ab, y significa "padre". En Siria dónde tuvo su origen, y en Egipto, fue inicialmente empleado como un título de honor y respeto, y se dio a cualquier monje de avanzada edad o de santidad eminente. El título no implicó en su origen el ejercicio de alguna autoridad sobre la comunidad religiosa. De Oriente la palabra pasó a Occidente y aquí pronto se generalizó su uso para designar al superior de una abadía o un monasterio". La Enciclopedia Católica (2001). "Abba is the Aramaic word for "father." The word occurs three times in the New Testament (Mark, xiv,36; Rom., viii, 15; Gal.,iv,6). In each case it has its Greek translation subjoined to it, reading abba ho pater in the Greek text; abba, pater in the Latin Vulgate, and "Abba, Father" in the English version." The Catholic Encyclopedia (1999).



Vista geral do Mosteiro da Transfiguração, com a igreja, a passarela de ligação e a hospedaria. A frente o grande jardim da entrada.
Foto e Fonte: Mosteiro da Transfiguração (2002).

mais tarde⁴¹. É o local privilegiado da vida familiar, onde passarão o resto de suas vidas e serão enterrados no cemitério que lá existe. Tal e qual toda casa, nos mosteiros há as partes mais públicas de acesso mais livre a qualquer visitante, e as mais reservadas, nas quais não se entra se for estranho ou parente distante. Referindo-se ao mosteiro, expressou-se assim um monge: "Aqui é a nossa casa".

Quarto, todos os monges serem irmãos, ou seja, "filhos" do mesmo "pai/Abade". Como irmãos, há aqueles que são mais velhos e os mais novos, dentro da vida de cada casa monástica. Mesmo o abade, neste sentido, é um dos irmãos, só que investido pela comunidade do papel de "pai", ou seja, ele deverá sempre lembrar-se da condição de igualdade fraternal que possui com os demais⁴². Clareando um pouco a este respeito, exemplifico com um caso contado a mim por um monge já idoso, que presenciou o fato ocorrido: certa vez, um abade deu uma reprimenda excessiva em um monge mais novo. No final do dia, quando os monges fazem um pequeno intervalo, estavam conversando o monge mais novo com um outro, quando o abade veio para junto deles, e colocando sua cruz abacial para dentro do escapulário, escondendo-a, ajoelhou-se em frente àquele que repreendera e abrindo os braços

⁴¹ Sobre a mudança de um mosteiro para outro ver o segundo e o terceiro capítulos.

⁴² No próximo capítulo ver a argumentação de A. Veilleux, a respeito do papel de abade no cenobitismo.

disse-lhe: *PAX!*, como era a forma de pedir desculpas naquela "família beneditina". O monge novo ergueu-o pelos braços e deram-se o ósculo da paz.

E quinto, todos os monges remeterem a construção e origem de suas ordens a um mesmo "pai" fundador. Assim, "a família beneditina" é composta pelas diferentes comunidades (congregações e ordens) que fazem referência ao "nosso Pai São Bento", e julgam-se herdeiras do legado espiritual deixado por ele – sem necessariamente terem sido fundadas por ele pessoalmente, ou mesmo surgida por fundação de um mosteiro da família⁴³. E a "família cartusiana" é composta pelos mosteiros que seguem o legado de "nosso Pai São Bruno", mas cujas cartuxas foram fundadas por monges designados para tanto pela Ordem.

Para esses "filhos espirituais" são importantes os escritos de seus patriarcas (como dito acima a respeito das regras de vida), se os houver, e principalmente o modelo de vida monástica que desenvolveram. Finalizo com uma frase lapidar que me disse um monge beneditino: "O Abade é nosso pai; a Regra, a nossa mãe; e o mosteiro, a nossa casa".

Nestas noções de família e do pertencimento a ela, i. é, para que as famílias existam de fato, está implicado que cada mosteiro se auto-reconheça (auto-imagem), e reconheça aos outros mosteiros (imagem relacional)⁴⁴, como sendo daquela família monástica, ou seja, quem é parente e qual é seu grau de parentesco com os outros membros.

Com relação à noção de identidade religiosa das duas comunidades selecionadas, além do meu próprio estudo (op. cit.), lanço mão dos estudos de diversos autores, como Barth (1998) e as noções de pertencimento e limites da

⁴³ Neste sentido, tem-se aqui uma grande diferença com as ordens franciscanas que pesquisei (diretamente: franciscanos capuchinhos e observantes; e os franciscanos seculares/OFS – por fonte bibliográfica: franciscanos conventuais e clarissas), uma vez que elas só aceitam dizer "franciscana" para as ordens que julgam fundadas diretamente por São Francisco de Assis, i. é, elas mesmas. Quanto às demais ordens, eles dizem que são apenas de espiritualidade franciscana, ou seja, são parentes, mas distantes.

⁴⁴ Cf. em Novaes (1993) os dois conceitos de imagem, e em meu estudo (op. cit.) o uso que fiz demonstrando a aplicabilidade da identidade relacional entre os franciscanos observantes (OFM/OFMObs), franciscanos conventuais (OFM/OFMConv.) e franciscanos capuchinhos (OFMCap).

fronteira geradoras da identidade étnica; de Novaes (1993) que discute a respeito da formulação das identidades relacionais para grupos sociais; Reis (1998) e a formação dos grupos sociais; e estudos como o feito por Fernández Martorell (1984), a respeito da identidade da comunidade judaica (grupo étnico e grupo social) residente em Barcelona.

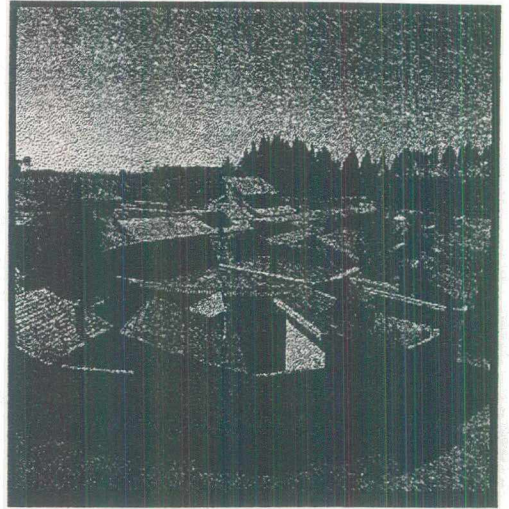
Assim, o ser monge beneditino, cisterciense, trapista ou cartuxo será uma identificação que ele terá, que será passada pelo crivo de diversos critérios, principalmente sendo orientada por ser vida monástica: na busca de Deus. Contudo, cada uma dessas ordens marcará claramente a irredutibilidade das idéias e valores religiosos⁴⁵ com as quais norteia sua vida e pelas quais distingue-se de todas as demais ordens⁴⁶. Como por exemplo, a prática do cultivo da solidão, do silêncio, do *Opus Dei* (Ofício Divino). E as demais coisas que destas decorrem, gerando novas situações de aproximação e afastamento da identidade que apresentam e pelas quais são apontados pelos outros, nos estereótipos que estes fazem daqueles⁴⁷. Às noções de família e identidade deve ser acrescida a noção de ideologia, e/ou de perspectiva cristã, respectivamente de Louis Dumont e Julian Marías, as quais detalharei no quarto capítulo.

⁴⁵ Como diz resumidamente Bruno Rotival (1990: 17): "Les Bénédictins – On désigne par Bénédictins l'ensemble des moines qui se rattachent à la règle de saint Benoît. Il s'agit de moines cénobites c'est-à-dire vivant en communauté. (...) Les Cisterciens – Les cisterciens se rattachent également à la règle de saint Benoît. Comme les Benedictins, ils définissent leur espérance de Dieu par une vie de prière, de contemplation et de travail. Les différences par rapport aux Benedictins remontent à la création de l'ordre en 1098. Celle-ci s'inscrit en effet dans très vast mouvement de retour aux sources et de recherche de pureté spirituelle qui s'exprima à cette époque. (...) Les Chartreux – L'ordre des Chartreux est issu du même désir de retour aux sources que celui des Cisterciens. Ce fut le second ordre de moines contemplatifs. Leur vie est caractérisée par la solitude et le silence; est s'inscrit en droit ligne de l'esprit des ermites solitaires d'Egypte et des pères du désert. Comme eux, les Chartreux se regroupent dans de communautés de prière, vivant en cellules séparées où ils reconstituent leur 'désert' lieu privilégié pour se consacrer à Dieu."

⁴⁶ "As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários. Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem a sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum." Durkheim (1996: 28).

⁴⁷ Tomo estereótipo como uma categoria social, que é atribuída, imputada, não à pessoa em si mas ao grupo a qual ela pertence, de forma tal que cria-se uma caricatura do que venha a ser os elementos de um determinado grupo social, e do grupo em si.

O mosteiro, aqui tomado enquanto o local, a construção (arquitetura), a morada (local da vivência das relações familiares) e os monges (as pessoas que o constróem, ou moram nele), ou seja, síntese espacial da vida monacal, é neste sentido o lugar de ser monge por excelência⁴⁸. Isto cria um duplo sentido, se não de oposição no mínimo de estranhamento, para as pessoas que estão fora dele: um local estável e perene, portanto, de referência; e um local anacrônico, enrijecido, portanto incompatível com a atualidade⁴⁹. Neste sentido note-se que os mosteiros sendo lugares muito bem



Vista panorâmica da Cartuxa de Nossa Senhora Medianeira. A frente tem-se a primeira série de celas, com o pequeno jardim de cima; a divisão entre jardins e a parte de baixo. A construção no meio, na lateral esquerda, é onde estão a capela e o refeitório. Foto e Fonte: Moines Chartreux et Moniales Chartreuses (2002).

⁴⁸ Como melhor escreveu Durkheim (1996: 327): "De fato, em razão da barreira que separa o sagrado do profano, o homem só pode entrar em contato íntimo com as coisas sagradas se se despojar do que há de profano nele. Só pode viver uma vida religiosa um pouco intensa, se começar por retirar-se mais ou menos completamente da vida temporal. (...) O homem que se submeteu às interdições prescritas não é, depois delas, o mesmo que era antes. Antes, era um ser comum que, por essa razão devia permanecer afastado das forças religiosas. Depois, encontra-se mais junto delas, pois aproximou-se do sagrado pelo simples fato de ter se afastado do profano; purificou-se e santificou-se por ter se separado das coisas baixas e triviais que entorpeciam sua natureza."

⁴⁹ Segundo Eliade (1995:19-20): "Pode-se medir o precipício que separa as duas modalidades de experiência – sagrada e profana – lendo-se as descrições concernentes ao espaço sagrado e à construção ritual da morada humana, ou às diversas experiências religiosas do Tempo, ou às relações do homem religioso com a Natureza e o mundo dos utensílios, ou à consagração da própria vida humana, à sacralidade de que podem ser carregadas suas funções vitais (alimentação, sexualidade, trabalho, etc)." Sobre o espaço para o religioso, Eliade (idem: 26): "...É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o 'ponto fixo', o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. ...tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo.". E, para o homem não-religioso, Eliade (idem): "...para a experiência profana, o espaço é homogêneo e neutro: nenhuma rotura diferencia qualitativamente as diversas partes de sua massa. O espaço geométrico pode ser cortado e delimitado seja em que direção for, mas sem nenhuma diferenciação qualitativa – e portanto sem nenhuma orientação – de sua própria estrutura."

Ainda sobre as diferenças de como ver a vida monástica e a elaboração de outros projetos de cristianismo católico, ver, por exemplo, a construção da idéia de "Igreja dos Pobres", em Steil (1998) "A igreja dos pobres surge como herdeira de um projeto de modernidade que aposta num processo crescente de secularização do catolicismo latino-americano. Neste sentido, constrói sua identidade especialmente a partir de três sinais diacríticos que serão incorporados em sua prática: o engajamento político e social nos movimentos populares; a perspectiva ecumênica em torno da "libertação"; e a oposição à religiosidade popular tradicional, vista como alienante."

delimitados fogem da noção de não-lugares, cada dia mais construídos e utilizados, como apontados por Augé⁵⁰.

Uma primeira compreensão de vida monástica é que seja aquela vivida dentro dos limites de um mosteiro⁵¹, por um conjunto de monges ou monjas, em partilha de uma experiência religiosa que engloba e totaliza suas vidas. Esta experiência é regida por uma mesma Regra/Estatuto (norma) de vida, comum a todos os seus membros, e estando todos sob a liderança de um superior, o abade.

Tanto o termo monge quanto o termo mosteiros têm a mesma origem etimológica, expressando a mesma idéia, a unicidade do ser. "Monos significa um só, diz santo Agostinho: aqueles, pois que vivem em comum (in unum) de molde a se fazer um só homem e a realizar esta expressão da Escritura: Uma só alma e um só coração (Atos 4,32); diversos corpos, mas não diversas almas, diversos corpos, mas não diversos corações, merecem que lhes aplique o nome monos" (Lapierre – in Regra dos Monges - 1993: 16).

Chamo atenção, por fim, para o fato da experiência monástico-cristã⁵², em particular a desenvolvida por São Bento, existir em outras religiões instaladas no Brasil além da católica romana; que são: anglicana e católicos tradicionalistas⁵³.

⁵⁰ "...'não lugares', por oposição à noção sociológica de lugar, associada por Mauss e por toda uma tradição etnológica àquela de cultura localizada no tempo e espaço. Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta." M. Augé(1994: 36-37).

⁵¹ Um mosteiro é todo local onde vivem 2 ou mais monges, i. é, uma residência solitária de pessoas que buscam a Deus e são buscadas por Ele. Nos próximos capítulos entrarei na diferenciação hierárquica existente entre os tipos de mosteiros.

⁵² Como evidencio pelo uso do termo, há outras tradições monásticas as quais são extra-cristãs, ou seja, suas orientações quanto ao sagrado partem de outras idéias e valores. No Brasil há alguns exemplos destes outros tipos monásticos, como: os diversos tipos de budismo: zen-budismo, budismo tibetano e budismo japonês; a experiência do hinduísmo Hare Krishna, e outras.

⁵³ Refiro-me aos católicos romanos que seguiram a D. Marcel Lefebvre (bispo suíço, já falecido), fundador da Fraternidade Sacerdotal São Pio X e do Seminário de Ecône (na Suíça) e D. Meyer (bispo de Campos/RJ, já falecido), quando do cisma ocorrido no início da década de 80 do século passado. Possuem um mosteiro masculino e um feminino, localizados em Nova Friburgo (RJ). Conforme as informações que divulgam, a frente do mosteiro e dos monges está D. Prior Thomas de Aquino, OSB. Ver no Anexo 1 o endereço deles.

Em minha pesquisa optei por alguns autores e as noções e categorias com as quais eles analisaram a realidade. Entre aqueles mais diretamente ligados ao tema estão E. Durkheim (1996) e L. Dumont (1985; 1992 e 2000), dos quais retirei idéias e conceitos importantes para o meu estudo de análise da vida dos monges, tais como: a divisão entre sagrado e profano; a concepção de pessoa; holismo e individualismo; estar-no-mundo versus fora-do-mundo; o cristão como indivíduo-no-mundo e indivíduo-em-relação-com-Deus. Chamo a atenção que muito de minha análise deve-se as categorias dumontianas por formarem elas um conjunto, com o qual o autor buscou entender a noção de pessoa e a de ideologia⁵⁴ predominantes da sociedade moderna: indivíduo e individualismo, e sua contraposição, as sociedades tradicionais, que possuem como ideologia: o holismo, a hierarquia, o homem coletivo. Busquei tais posições quando da comparação entre as ordens aqui apresentadas, que permaneceram no estilo monástico, com as outras ordens católicas hoje existentes.

O trabalho de pesquisa começou com minha preparação por meio do levantamento bibliográfico concernente ao meu tema⁵⁵: material antropológico e material a respeito da vida monástica.

Foi-me mais fácil encontrar literatura a respeito da "família beneditina": livros de diversos autores beneditinos (*lato sensu*), que cobriam da "espiritualidade monástica" à Regra de São Bento, dos "Pais do Deserto"⁵⁶ a fundação de alguns dos mosteiros no país.

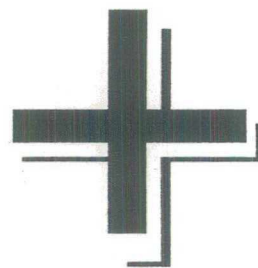
⁵⁴ "Dou o nome de ideologia a um sistema de idéias e valores que tem curso num dado meio social. Chamo ideologia moderna ao sistema de idéias e valores característico das sociedades modernas." (Dumont, 1985: 20).

⁵⁵ Na Referência Bibliografia coloquei além dos livros diretamente ligados à pesquisa do presente trabalho, indicações de obras literárias e de espiritualidade a respeito do monaquismo, como por exemplo: Queiroz (1998), Norris (1998), e Un Chartreux (1998), Marmion (1954, 1962), Merton (s/d, 1961, 1963, 1967, 1972). Não estou dizendo com isto, que tais obras não permitam ou contribuam para a pesquisa. Nelas tem-se a descrição de locais, hábitos, relações intersubjetivas, maneiras de pensar, elaboração de teorias e categorias de pensamento sobre monges, monaquismo, e tudo mais que diz respeito ao tema. Basta ver que o escrito de Un Chartreux é uma obra do final do século XIX; as de C. Marmion, da primeira década do século XX; e as de Merton, do meado do século XX. De todos estes 3 autores encontrei alguma obra, conversei sobre ou ouvi citação a respeito, em meu trabalho de campo.

⁵⁶ A respeito do conceito de "Pais do Deserto" ver o primeiro capítulo.

A respeito dos monges cartuxos e sua ordem ("família cartusiana") as informações sempre foram raras e periféricas, isto é, alguma coisa dita nos livros da "família beneditina" ou em outras obras a respeito do monaquismo, e sempre sucintas. Minha 'bagagem literária' mais substancial sobre eles, até minha estada com eles, encontrei-a resumida em obras de referência como dicionários especializados e enciclopédias. Felizmente esta escassez de informação direta foi sanada, quando cheguei ao mosteiro cartuxo. Encontrei à minha disposição, em meu quarto, 22 livros, sendo que destes, 7 eram de assuntos gerais sobre Igreja, vocação e vida religiosa, e 15 estritamente sobre os cartuxos: história da ordem, Estatuto, vida de S. Bruno, etc. E no passar dos dias do meu trabalho em campo recebi mais livros e pude consultar uma dezena de outros da biblioteca que os cartuxos possuem e a qual foi posta à minha disposição. Afora isso, D. Prior Pedro Maria permitiu que eu trouxesse, quando da minha partida, alguns livros sobre a ordem cartusiana em geral e de sua cartuxa, umas fotos da cartuxa, e quatro fitas de vídeo, entre filmagens profissionais e amadoras, a respeito deles - o que constituí um acervo muito singular, já que não há aparelhos de televisão e videocassete no mosteiro. Deste material, uma parte foi-me emprestada e outra dada. Por fim, obtive autorização de D. Prior para utilizar no presente trabalho, qualquer imagem da cartuxa Nossa Senhora Medianeira encontrada na internet, bem como as fotos que me cedeu, e as fotos por mim feitas⁵⁷.

Como parte da pesquisa e preparo para o trabalho de campo que viria a realizar, desde o início do corrente ano fiz uma série de entrevistas com o Prof. Júlio de Queiroz⁵⁸. Ele, além de ser membro das Academias Catarinense de Filosofia e



PAX

⁵⁷ Meus agradecimentos a D. Prior Pedro Maria, Ocarth, por esta grande delicadeza.

⁵⁸ Vim a conhecer o Prof. Júlio através do Prof. Dr. Sívio Coelho dos Santos, que foi quem fez os primeiros contatos com aquele, passando-lhe informações a meu respeito e do trabalho de pesquisa que eu queria fazer. A partir do primeiro contato que fiz com o Prof. Júlio, mantive mais de 20 encontros, os quais foram realizados generosamente na sua residência em Florianópolis, com duração média de 3 horas. Aqui reitero os meus agradecimentos aos Professores Sívio e Júlio por tanta disponibilidade e atenção para comigo.

da de Letras, é oblato⁵⁹ beneditino e forneceu-me, além de sua experiência de mais de 50 anos como membro da "família beneditina", vasta indicação bibliográfica a respeito: da vida monástica; de São Bento; da Regra Beneditina; dos monges beneditinos, cistercienses e trapistas; da Congregação Beneditina Brasileira, etc. E, também, favoreceu-me com a possibilidade de discutirmos o tema em suas diferentes maneiras de ser abordado: pela história do monaquismo e/ou ordem; pela etiqueta monástica; pela diversidade das ordens; pela presença do monaquismo no Brasil; etc. Enfim, pude discutir com o Prof. Júlio de Queiroz autores beneditinos (*lato sensu*) e não-beneditinos, ampliando e revendo minha bibliografia a respeito do tema. Estas entrevistas permitiram-me realizar meu trabalho de campo, em ambos os mosteiros, bem informado por ele e pelas leituras indicadas que fiz, e estando mais seguro do que pesquisar e como pesquisá-los.

Desde o início do ano, mantive contatos com os dois mosteiros, por intermédio de seus Priores: D. Cristiano Collart, OSB, e D. Pedro Maria Anquez, OCarth, as autoridades máximas das respectivas casas. Com o mosteiro beneditino, a correspondência foi mantida tanto por cartas, como por correio eletrônico (*e-mails*),

⁵⁹ Segundo o Estatuto dos Oblatos (CBB: 1997, 05-06): "O oblato beneditino é o cristão (leigo ou sacerdote) que, chamado por Deus, procura viver coerentemente o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia dentro do espírito da Regra de São Bento; nos ditames desta, encontra alimento e estímulo para tender à perfeição evangélica e à glorificação do Criador. (...) Os oblatos são membros da comunidade do respectivo Mosteiro; não constituem associação religiosa autônoma, nem Ordem Terceira. Participam dos bens espirituais do cenóbio e procuram, na medida do possível, acompanhar a vida do Mosteiro. Qualquer Mosteiro autônomo, de monges ou monjas, da Congregação Beneditina do Brasil tem o direito de receber oblatos. (...) A oblação é o ato pelo qual um cristão se oferece a Deus e se torna membro efetivo de uma comunidade monástica, se bem que a título diferente do monge. O oblato torna-se irmão dos monges e se considera testemunha do espírito da Regra no mundo. Este liame não dispensa o oblato das responsabilidades seculares (familiares, profissionais, sociais, etc.) e eclesiais (diocesanas, paroquiais, etc.), nem o sujeita à jurisdição do Abade. (...) A oblação não é profissão religiosa, nem implica voto público ou particular; pressupõe, todavia, propósito maduro e estável da vontade, a Deus manifestado perante a Igreja e confirmado mediante rito sagrado. (...) Pode tornar-se oblato todo fiel cuja maturidade espiritual, no julgamento do Abade ou de seu delegado, seja capaz de pesar o alcance deste compromisso". E, ainda, no Estatuto (*idem*), nota de rodapé 1: "A palavra oblato vem do latim *oblatus*, 'oferecido'. Na Regra de São Bento, tal vocábulo designa os meninos oferecidos por seus genitores para o serviço de Deus no Mosteiro (cf. cap. 59; São Gregório Magno, Diálogos, I, II). Aos poucos, o termo 'oblato' passou a designar fiéis que, desejosos de viver mais plenamente a vida cristã, se filiam a determinado Mosteiro. Os que passam a morar no próprio cenóbio são chamados 'oblatos regulares', ao passo que aqueles que continuam no século são ditos 'oblatos seculares'". Mais a frente, no segundo capítulo exponho um pouco mais sobre estes "filhos de São Bento".

com predominância do segundo meio⁶⁰. Com a cartuxa⁶¹ foi somente por meio de cartas, já que não possuem e nem querem ter internet⁶². Pouco antes de dar início ao meu trabalho de campo, recebi correspondência na qual me eram solicitadas mais informações a respeito da minha pesquisa e o que buscava como dados⁶³, ou seja, não tinha sido feliz em fazê-los entender o que eu queria pesquisar. Fiz nova carta para ambas as comunidades e anexeí cópia do meu projeto de pesquisa, como forma de esclarecê-los. Antes de viajar para cada um dos mosteiros, mantive contato telefônico acertando a hora de chegada, etc. Em campo observei que o projeto tinha cumprido seu papel. E para cada mosteiro entreguei uma cópia da pesquisa que fiz a respeito dos freis franciscanos capuchinhos, como maneira de retribuir-lhes a hospitalidade e mostrar-lhes o que eu buscava como pesquisa, e como eu era como pesquisador.

Correspondi-me com a CNBB, através de seu Secretário-Geral, D. Raimundo Damasceno, para saber se havia algum documento específico dos bispos brasileiros a respeito da vida contemplativa e/ou monástica. A resposta foi negativa. A correspondência contribuiu contudo, para que eu soubesse pelo menos quais são os bispos e bispos eméritos⁶⁴ que são membros da "família beneditina".

E, quando estive em Santa Maria (RS) para ir ter com os cartuxos, pude estar com o bispo local D. Ivo Lorscheider⁶⁵, o qual recebeu-me mesmo sem eu ter marcado um horário e nem ter feito contatos anteriores para tanto, ou seja, ter chegado lá como um completo desconhecido⁶⁶. Abrindo-me as portas da Mitra,

⁶⁰ O mosteiro da Transfiguração possui um site seu. Ver endereço no Anexo 1

⁶¹ Conferir no terceiro capítulo sobre os mosteiros da ordem cartusiana, serem conhecidos por cartuxas.

⁶² A cartuxa de N. Sra. Medianeira não possui home-page e internet. Como será visto mais adiante, D. Prior Pedro Maria, OCarth, disse que a cartuxa é muito feliz assim.

⁶³ "Gostaríamos de saber mais claramente sua intenção quanto vir até o nosso mosteiro, quantos dias deseja ficar, o que pretende, se vem sozinho, ...". Correspondência eletrônica do Mosteiro da Transfiguração para mim, 17 de abril de 2001.

⁶⁴ Bispo emérito é aquele que não mais está à frente de uma diocese, posto ter resignado ao cargo e a sua resignação concedida pela Santa Sé.

⁶⁵ Reitero meus agradecimentos a D. Ivo Lorscheider por sua disponibilidade e as informações que me forneceu.

⁶⁶ Na mesma época em que me correspondi com a CNBB, enviei, também, um e-mail para D. Ivo, para o qual eu nunca tive resposta. Neste nosso encontro ele informou-me que nunca o recebera.

entrevistei-o durante uma hora e meia. Afora ser o bispo responsável pela Cartuxa e de todas as informações que me prestou, destaco ter sido ele quem no início dos anos 80 mobilizou os bispos brasileiros e a Ordem dos Monges Cartuxos, para que fosse fundada uma cartuxa no Brasil. Nessa época ele foi presidente da CNBB, sendo um dos bispos brasileiros de maior destaque no período, tanto dentro como fora do País.

Coletei muitas informações de outros monges e/ou sites de mosteiros de ambas as "famílias", em particular dos mosteiros: dos beneditinos da Abadia Territorial de Nossa Senhora. de Montserrate, no Rio de Janeiro/RJ; dos cistercienses, da Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo, da Congregação de São Bernardo, em São José do Rio Pardo/SP; dos trapistas do mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo, em Campo do Tenente/PR; e dos cartuxos, da Grande Cartuxa (França). Salvo deste último, com os demais mantive troca de correspondência com alguns de seus membros. Também participei nos últimos anos de uma lista de discussão na internet, mantida por um beneditino português⁶⁷.

Procurei, desta forma, diversificar e aumentar o número de informantes e informações possíveis para o presente trabalho. Com certeza, os meus principais informantes foram os monges beneditinos e cartuxos dos mosteiros acima citados, dada a maior possibilidade de obtenção de dados com as entrevistas e observação direta do dia-a-dia deles, feitas por mim em campo.

Todas as entrevistas que fiz foram de modo aberto, i. é, tendo previamente elaborado um rol de perguntas, com as quais procurei cobrir todos os aspectos da vida monástica e do ser monge⁶⁸. Com esta lista, orientei-me durante as entrevistas, mas sempre deixando que o diálogo fosse o mais livre possível, de maneira que o entrevistado pudesse falar sobre o que quisesse e se o quisesse. Utilizei um gravador, pouco, e cadernetas de campo.

⁶⁷ Ver os endereços destes e de outros mosteiros no Anexo I.

⁶⁸ O rol de perguntas depois de pronto apresentei-o ao Prof. Oscar Calávia Saez e à minha esposa, que repassaram comigo alguns dos itens e muito contribuíram para deixar mais precisa e mais enxuta a lista. A ambos os meus agradecimentos por mais este incômodo.

Duas questões, particularmente, surgidas no meu trabalho de campo dizem respeito ao fazer antropológico e ao uso de alguns termos comuns da Antropologia. Com relação ao primeiro ponto, havia falta de informação a respeito da Antropologia e suas particularidades, o que levou a alguns dos monges a confundirem-na com a História e a historiografia. Mal-entendido desfeito, a partir do momento em que entenderam que "a pesquisa antropológica trata, no presente, da questão do outro. ...Ela o trata no presente, o que basta para distingui-la da história. E ela o trata simultaneamente em vários sentidos, o que a distingue das outras ciências sociais" (Augé: 1994, 22). Quanto ao segundo, os termos que provocaram um forte estranhamento foram 'nativo' e 'informantes', para os quais Ir. Clemente, obOSB, monge oblato, brasileiro, de 75 anos, chamou-me a atenção. Com relação à 'informante', ele lembrou-me que era o termo usado no período do último regime militar brasileiro para indicar o delator, aquele que fornecia informações a policiais e militares, além do uso geral e atual pelas polícias e submundo. Achou de mal tom. Com relação a 'nativo' seu estranhamento foi maior ainda, dado ter estudado na Inglaterra durante um longo período (no início dos anos sessenta do século passado) e onde, disse-me, o termo 'native' é sempre usado de modo pejorativo, indicando aqueles povos que foram colonizados e 'civilizados' pelos ingleses. Não soube o que lhe dizer, já que não conhecia (e ainda não conheço) a entrada desses jargões na Antropologia brasileira, mencionei apenas que o termo 'nativo' era recorrente, realmente, em obras de diversos autores ingleses, mas que nunca eu vira uma discussão a respeito destes termos na Antropologia, assumindo, contudo, que estava longe de ter lido e aprendido tudo a respeito desta ciência.⁶⁹

Quanto aos ícones orientais e algumas das outras imagens que apresento ao longo deste trabalho, estes têm como acervo/fonte os sites visitados por mim ao longo de minha pesquisa, onde os obtive. Esses sites em sua maioria tratam de algum aspecto do monaquismo cristão (católico ou ortodoxo), sendo os mais diversos

⁶⁹ Posteriormente, Ir. Clemente, obOSB, informou-me Ter pesquisado um pouco sobre o assunto, havendo já trabalhos acadêmicos e teses que empregado o termo : 'informador', ainda que o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, segundo ele, liste ambos os termos: 'informante' e 'nativo' no sentido usado por mim.

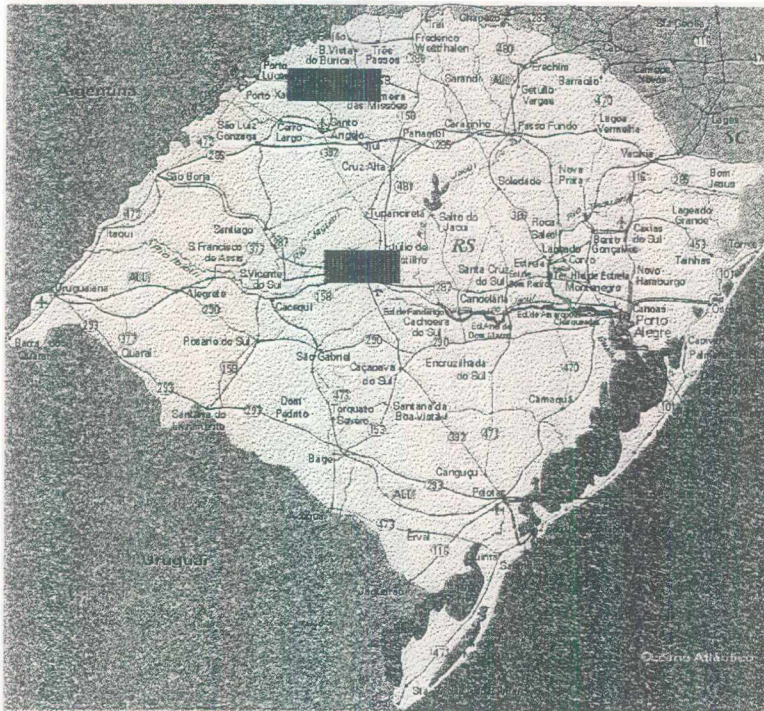
possíveis. Aqueles ícones que possuem autoria, ou seja, o autor do mesmo é citado, mantenho a informação; para os demais, mantive apenas a indicação do acervo/fonte. Como é comum na internet, o material encontrado na rede é de uso público, quando não expressamente indicado o contrário.

Tais ícones e imagens, além de ilustrarem o texto, servem para informar e introduzir o leitor no mundo visual vivenciado pelos monges. Também têm o papel de indicar a relevância e uso que lhes dão na constituição de suas vidas; como marcam e constroem a memória dos monges, revivendo cenas da vida de Cristo, de Nossa Senhora, e de diversos santos caros ao monaquismo.

Igualmente, uso fotografias minhas que fiz em campo, bem como fotografias de terceiros, obtidas nos mosteiros que visitei, com a autorização dada pelos priores de ambas as ordens para copiá-las e utilizá-las. Com tais fotografias procuro mostrar os espaços ocupados, a utilização que os monges dão a tais locais; a arquitetura dos mosteiros; os ícones que reverenciam; as imagens populares de alguns santos das "famílias"; e, especialmente, os monges beneditinos e cartuxos que visitei. Tomei como base para o uso e possibilidades das imagens em Antropologia o estudo de Collier Jr. (1983) que orienta sobre como e o quê fotografar na pesquisa de campo. Também os trabalhos de Samain (1995a e 1995b), sobre a história do uso da fotografia na Antropologia; os de Darbon (1998) e Barthes (1984), sobre as maneiras de compreensão das imagens; e o de Pólvora (1995) a respeito de fotos sobre o sagrado e as interdições que encontrou em campo. Viso, desta maneira, trazer mais informações para o trabalho, levando-as para além da mera ilustração (a estética da imagem estando subordinada à informação que ela pode conter), como disse acima sobre as imagens e ícones.

Dito isto, montei a dissertação de modo que no próximo capítulo (Laudes) apresentarei de forma resumida, o desenvolvimento do monaquismo cristão em geral; suas características; a passagem do eremítico ao cenobismo, do deserto à cidade, do indivíduo isolado, ao coletivo de indivíduos, e à formação das comunidades; por fim, tratarei das "famílias beneditina e cartusiana": suas origens; importância histórica; divisões por reformas e fundações; lemas, símbolos; e chegada ao e presença no Brasil. No

capítulo seguinte (Vésperas), apresento os dados de campo coletados nos dois mosteiros visitados, comparando-os: localização, construções, história, comunidade, trabalhos, Ofício Divino, etc. No último capítulo (Completas), apresento alguns pontos que ficarão para futuras pesquisas; discuto a respeito da presença do monaquismo e o discurso feito pela Igreja, e alguns outros aspectos a respeito da pesquisa. Na parte dos Anexos, no primeiro listei endereços e sites de ambas as famílias, e alguns outros que me ajudaram na pesquisa; no segundo, trago os horários feriais de quatro mosteiros diferentes, para comparação; no quarto e último, transcrevi o discurso de D. Prior Pe. Pedro Maria Anquez, OCarth, na inauguração da cartuxa em Santa Maria. Finalizando o trabalho estão as referências bibliográficas, com as obras citadas ao longo do texto, e as consultadas.



Mapa do Rio Grande do Sul. Os quadrados amarelos indicam as áreas visitadas. Fonte: site do Ministério dos Transportes

Laudes

*Deus, vinde em nosso auxílio.
Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.*

*Glória .ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*

Cântico de Zacarias (Benedictus □ Lc. 1, 68-79)

*Bendito seja o Senhor, Deus de Israel
porque visitou seu povo e o libertou;
e suscitou para nós poderoso Salvador,
na casa de seu servo Davi,
conforme prometera pela boca de seus santos,
os profetas dos tempos antigos,
para nos libertar de nossos inimigos
e da mão de quantos nos odeiam.*

*Assim fez misericórdia a nossos pais,
lembrando-se de sua Aliança,
do juramento feito a Abraão, nosso pai;
de nos conceder que, sem temor,
libertados das mãos de nossos inimigos,
nós o sirvamos em justiça e santidade,
sob seu olhar, todos os dias.*

*E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo,
pois irás à frente do Senhor
para preparar os seus caminhos,
para anunciar a seu povo a salvação,
pela remissão dos pecados;
pelo amor do coração de nosso Deus,
Sol nascente que nos veio visitar.*

*Luz do alto para os que se acham na treva,
que jazem nas sombras da morte,
guia para nossos passos no caminho da paz.*

*Glória .ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*



ntes de chegar ao "aqui e agora"⁷⁰ da minha pesquisa etnográfica, é bom que eu exponha alguns dados históricos sobre as origens e o desenvolvimento do monaquismo cristão, principalmente porque os monges de ambas as "famílias", a todo momento, referem-se

aos personagens, eventos e passagens históricas de suas ordens, das outras ordens, e de mesmo antes delas serem constituídas.

A literatura religiosa e acadêmica a respeito dos monges, seja de autoria deles próprios, de outros religiosos, ou de estudiosos mundanos, é bem vasta e sempre remete à história dos santos, em sua maioria os fundadores, seus primeiros companheiros e seguidores.

E, finalmente, foi no transcorrer de um milênio e meio, que várias das principais categorias de pensamento dos monges que vivem hoje foram cunhadas e lapidadas, bem como, vários pontos de seus ethos. Daí a importância deste pano de fundo

⁷⁰ Cf. Augé (1994).

histórico para, mais a frente, entenderem-se e avaliarem-se corretamente todas as vivências e falas dos monges.

OS PRIMEIROS MONGES E MONJAS

As fontes históricas⁷¹ apontam como origens mais remotas do monaquismo cristão o século III, quando surgiu um grande número de eremitas cristãos.

O monaquismo cristão é um fenômeno que surge no desenrolar do cristianismo e é concomitante a vários dos problemas que os cristãos passaram a ter para solucionar, os quais de certa maneira ainda enfrentavam por esta época, como por exemplo:

- ❖ a estruturação de sua religião, de sua doutrina, das normas de suas práticas, do pertencimento ao grupo, etc;
- ❖ as perseguições infligidas pelo Império Romano e por outras religiões, o que criou a figura do mártir;
- ❖ o vácuo dado pela morte e subida aos céus de Jesus e a espera do seu retorno, como prometera.

Como salientam alguns autores, o monaquismo não é uma resposta a estes problemas específicos (que encontraram suas respostas de outras maneiras), mas uma forma de se viver o cristianismo, e que já vinha sendo praticado por pessoas que queriam viver de maneira radical sua fé.

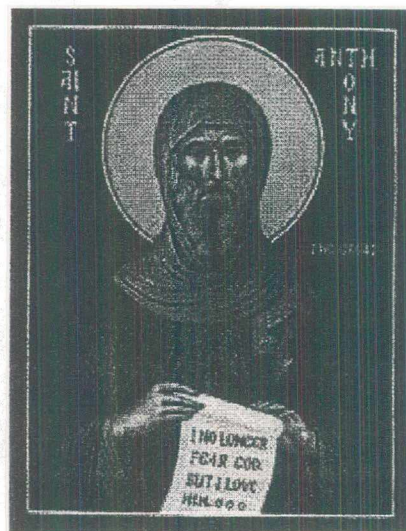
Com relação à estruturação da religião cristã, esta vai se dando ao longo de vários concílios regionais e ecumênicos (isto é, concílios gerais, cujos ensinamentos passam a ser válidos para toda a Igreja). Porém, não sem conflitos sérios no interior da

⁷¹ As referências históricas principais que utilizei para esta parte são: Nesmy (1962), Pierrard (1982), Brown (1990), Salisbury (1995), Bettencourt (1996), Markus (1997), Queiroz (2001). Certamente estão longe de esgotarem o assunto, bem como outras obras poderiam servir ao mesmo fim. Porém estas foram aquelas que fui obtendo de vários dos meus interlocutores acadêmicos e monásticos, como referências possíveis para os meus estudos.

comunidade, o que levou ao surgimento das primeiras heresias, a proclamação dos primeiros dogmas, e aos primeiros cismas.

As perseguições aos cristãos, que já tinham sido mais intensas e sistemáticas, dependendo de quando e por quem eram conduzidas, já estavam se findando - bem como o próprio Império Romano, que estava se esfacelando. E com isto o fim dos perseguidos/mártires e o surgimento dos intercessores/mártires, os santos que derramaram o seu sangue por Cristo. Lembre-se que essas perseguições não foram somente de cunho meramente político, mas tinham em si os valores dos cultos romanos, dos quais o cristianismo era antagônico.

Deve ser levado em conta também a tensão que começou a se formar no cristianismo na espera pela segunda vinda de Cristo, a Parúsia. Inicialmente os cristãos criam ser imediato o retorno de Cristo, a sua vinda gloriosa e a implantação do seu reino. Como isto não ocorreu, como pensavam, foi sendo lapidada a organização da Igreja, que cada vez mais se expandia e necessitava dar forma à sua doutrina, normas etc. Sem querer aprofundar-me na discussão teológica, a qual leva, o cristianismo desde então até hoje vive nesta tensão, na súplica da "*Maranata. Vem Senhor*"⁷², a qual marca profundamente a relação entre os cristãos e Deus. Ou, mais explicitamente com relação à vida monástica, como dizem os monges trapistas do Mosteiro de N. Sra. do Novo Mundo: "O monge espera unido à Igreja e ao Mundo, atento aos menores sinais que possam anunciar a volta iminente de Jesus Cristo. Jesus por sua parte está sempre próximo e a ponto de



Ícone de Santo Antão, um dos primeiros eremitas cristãos. "Los iconos son, en realidad, meras alegorías, dueñas de un lenguaje especial, como lengua de la imagen y en agua del símbolo. Los iconos datan de los mismos orígenes del cristianismo. Sus inicios se remontan a las imágenes conmemorativas del final de la antigüedad, o sea del siglo I al IV después de Cristo." A C I (2002).

⁷² A expressão do aramaico Maranata segundo a exegética cristã pode ser traduzida de duas formas: Maraná, tá (Senhor nosso, vem!) como prece de súplica, ou Maran até (o Senhor vem.) como proclamação de um evento em breve. Veja-se que em todas as missas, após a consagração eucarística, o sacerdote celebrante anuncia "Eis o mistério de nossa fé" a qual a assembléia em uníssono responde: "Anunciamos Senhor a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus". Cf. na Bíblia: 1 Cor 11,26, 1 Cor 16,22 e Ap 22,20; Zilles (1994).

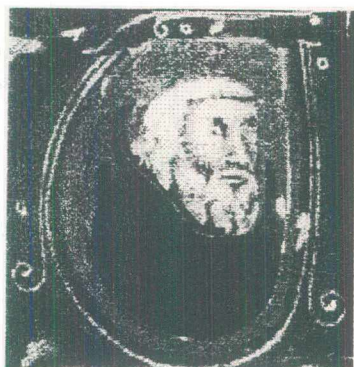


Imagem de São João Cassiano. Fonte: Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo (2001). "El concilio de Nicea II, año 787, clarifica la doctrina y justifica la iconografía y la veneración de las imágenes apelándose al hecho de la Encarnación, al servicio religioso de los fieles que necesitan contemplar los misterios, al sentido de la veneración de los imágenes con una referencia directa a las personas que representan tales imágenes, de tal manera que su contemplación lleve a la imitación de los modelos. La lucha solo se calmó, en el año 843 con un edicto de la Emperatriz Teodora, que sanciona el triunfo de la doctrina conciliar." A C I (2002).

voltar! Em nome do mundo inteiro o monge está ali em oração, oração que apressa a Parúsia, arranca a Igreja de todas as preocupações que poderiam distraí-la desta espera essencial do grande acontecimento – a chegada do Amado"⁷³.

Não é incomum se pensar em uma possível influência dos essênios⁷⁴ sobre os primeiros cristãos, principalmente os cristãos de origem judaica. Contudo, como o Prof. Júlio de Queiroz salientou para mim: "Os essênios foram uma exceção no judaísmo. Era e é estranho ao judaísmo a idéia de uma ascese monástica e sua instituição". Desta forma o monaquismo cristão é um fenômeno religioso próprio, mesmo quando se considera que na época em outras religiões a ascese monástica e mística ocorresse. Não é, assim, uma continuação ou ramificação de algo pre-existente, mas algo concebido pelos próprios cristãos e sua religião.

Se a ida para o deserto de alguns cristãos era a fuga às perseguições, para outros era a procura de uma maior intimidade com Deus, pela oração, penitência e

⁷³ Mosteiro trapista de N. Sra. do Novo Mundo (2001).

⁷⁴ "One of three leading Jewish sects mentioned by Josephus as flourishing in the second century B.C., the others being the Pharisees and the Sadducees. Concerning their origin, history, and tenets there has been much inconclusive controversy. The only ancient authorities we have are a few paragraphs in Philo Judeæus, a somewhat lengthier description in Josephus, and a scanty notice in Pliny. The following synopsis is derived mainly from the first two. (...) In reference to such chimeras it is enough to say that between Essenism and Christianity there are some points of resemblance; it could not very well be otherwise because Essenism was Judaic in its foundation and Christianity was not destructive but progressive. On the other hand, the differences are fundamental. That John the Baptist and Christ were Essenes are mere assumptions based on similarities which spring naturally and independently from asceticism and voluntary poverty. So likewise the vaunted dependence between Essenism and monasticism can be resolved into necessary traits of any ascetic, communistic life (see "Wuku" in "Studien u. Mittheilungen d. Ben. Cist. ordens", 1890, I 223-30; Berlière in "Revue Bénédictine", 1891, VIII, 12-190). "The attitude of Jesus and his disciples is altogether anti-Essenic" (Jewish Encyc.). The strict silence about any Messiah is due partly perhaps to the secrecy of the Essenes and mainly no doubt to His rejection by their chronicler, Josephus. In fine, our present knowledge of the Essenes is slight and not at all trustworthy, as its sources are scanty, coloured, and unreliable." The Catholic Encyclopedia (2001).

mortificação⁷⁵. Cristãos, como São Paulo de Tebas, o eremita (234-347), Santo Antão⁷⁶ (251-356), Evágrio Pôntico (345-399) e tantos outros anacoretas, passaram a viver no e do deserto, isto é, longe do burburinho das cidades, de modo a viver com radicalidade sua fé e dando a esta uma expressão viva⁷⁷. O ermo, a solidão, buscados em diferentes regiões, como por exemplo: no norte da África, particularmente, no Egito; na Síria; e na Capadócia.

Com o passar do tempo esta ascese cristã, este modo de vida espiritual, atraiu mais e mais pessoas, umas que queriam se aconselhar com um homem ou uma mulher "santos", os "pais do deserto"⁷⁸. Outras atraídas pelo exemplo, foram aderindo a este estilo de vida religiosa, pondo-se como discípulos das "*ammās e abbas do deserto*".

⁷⁵ "O deserto é um dos grandes temas do monaquismo. Os monges vão conscientemente para o deserto para ali estar a sós consigo mesmos e para procurar a Deus. O deserto era considerado pelos antigos como a morada dos demônios. Antão foi para o deserto na intenção de lutar com os demônios dentro de seu próprio domínio, isto é, dentro de sua própria habitação. (...) um desafio aos demônios na medida em que eles o visitavam e sempre de novo procuravam reconquistar seu próprio domínio e habitação, expulsando-o dali. (...) Antão, por meio de sua luta com os demônios, torna-se também o representante do mundo. No deserto Antão luta contra os demônios em favor do mundo, pois, tendo-se retirado dele, se põe em luta com os demônio em vista de um mundo mais saudável." (Grün: 2000, 41). A este respeito ver, de Atanasio de Alejandria (2001), "Vita Antonii - vida de San Antonio abad".

⁷⁶ Em espanhol, Antonio, e em inglês, Anthony. Normalmente encontrei, no transcorrer de minhas pesquisas, a referência a Santo Antônio como sendo ao eremita, diferente do que ocorre hoje no cristianismo popular no Brasil, pelo menos, a citação ser referente a Antônio de Pádua (ou Lisboa - 1195-1231), santo franciscano da Ordem dos Frades Menores.

⁷⁷ Como mostra P. Brown, o deserto, o ermo, muitas vezes estava localizado próximo, algo de umas horas ou dia de caminhada, de uma vila ou cidade, onde o eremita vendia seus trabalhos. Segundo este autor: "O mito do deserto foi uma das criações mais duradouras da antiguidade recente. Foi, acima de tudo, um mito de precisão libertária. Delimitou a presença imponente do 'mundo' do qual os cristãos deveriam libertar-se, enfatizando uma clara fronteira ecológica. Identificou o processo de desengajamento do mundo com a mudança de uma zona ecológica para outra, das terras habitadas do Egito, para o deserto. Essa era uma fronteira brutalmente clara, já sobrecarregada de associações imemoriais." (Brown: 1990, 184).

⁷⁸ "O termo, Padres do Deserto inclui um grupo influente de eremitas e cenobitas do século IV que se estabeleceram no deserto egípcio. As origens do monaquismo oriental se encontram nessas ermidas primitivas e comunidades religiosas. (...) Esses primitivos monásticos atraíram um grande número de seguidores aos seus retiros austeros, através da influência de sua simples, individualista, severa e concentrada busca pela salvação e união com Deus. Os Padres do Deserto eram freqüentemente solicitados para direção espiritual e conselho aos seus discípulos. Suas respostas foram gravadas e colecionadas num trabalho chamado 'Paraíso' ou 'Apótegmās dos Padres"'. (Por Emily K. C. Strand, tradução Jandira Pimentel. Padres do Deserto: 2001). Chamo a atenção para o fato de que há uma divisão entre os "Pais" cultuados e lembrados pelas duas igrejas: católica e ortodoxa, exprimindo também nesse campo o cisma entre ambas. O site Padres do Deserto contém uma lista dos "Pais do deserto" orientais e ocidentais.

Muitos desses homens e mulheres são conhecidos até hoje pela coleção de seus ensinamentos, normalmente dados em forma de máximas, de sentenças curtas sobre algum aspecto da vida. Esses ensinamentos traduzem a maneira de viver e ser destes primeiros monges cristãos, "...provêm da experiência e nunca permaneceram meramente teóricas. Elas oferecem instrução e estão repletas de sabedoria. No entanto, nós não devemos ver nas sentenças dos patriarcas máximas universais válidas para a vida espiritual. Sendo sempre pronunciadas dentro de uma situação bem concreta, trata-se de uma palavra apropriada para este ou aquele interlocutor ou, então, um caminho terapêutico adequado para estes homens. E é por esta razão que muitas palavras parecem ser unilaterais e exageradas" (Grün 2000: 18-19). Tais ensinamentos ainda hoje são lidos pelos monges e utilizados em seus estudos a respeito da sua história, espiritualidade, etc, basta ver as referências feitas a S. Antão e outros anacoretas, como por exemplo a obra de Grün acima citada.

E, ainda, sem regras próprias ou ordenamentos formais externos, impostos pela Igreja, esses indivíduos passavam a viver sob inspiração própria, atraindo outras pessoas e montando suas comunidades – das quais muitas futuramente viriam a tornar-se ordens⁷⁹.

Aos poucos, com o crescimento da vida eremítica, ou seja, o volume de pessoas que viviam próximas umas das outras em cavernas, ou cabanas, nas proximidades em que vivia o mestre espiritual a que se ligavam, foi tão grande, que houve necessidade de organização do convívio de tantas pessoas juntas. Este foi um dos germes do cenobitismo.

Aqui cabe chamar a atenção para o fato de que a estruturação das relações entre os membros participantes dessa forma ascética foi alterada. Como esclarece A. Veilleux (2001), há diferenças entre os "Abba" eremitas, do início do monaquismo e o Abade do mosteiro, no cenobitismo. No primeiro caso a relação era entre um monge

⁷⁹ O que, creio, permite uma comparação com o que L. Dumont fala a respeito dos renunciantes como inovadores religiosos (em especial no *Homus Hierarchicus*, nas partes: Introdução, capítulo 9 e Apêndice B), e as seitas que surgem ao redor deles. A respeito da inovação religiosa dentro do cristianismo, podem ser lembrados, entre centenas de outros: São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão, São Bernardo de Claraval, Beato Joaquim de Flore, Calvino, Martinho Lutero.

experimentado, vivido, e seus discípulos, que se iniciavam na prática eremítica. Como este autor diz: "O abade carismático do deserto transmite sua própria experiência espiritual aos discípulos que vêm se colocar sob sua direção... trata-se essencialmente de uma série de relações individuais". E sobre o que os discípulos aprendiam: "...No deserto, a direção consiste na transmissão da experiência de um modo muito prático, freqüentemente original..." (Veilleux: idem) o que, como dito acima, pode ser aprendido atualmente em livros que contenham seus ensinamentos, os Apoftegmas⁸⁰. Desta forma os monges/Abbas já existiam antes de terem ou fazerem discípulos.

No segundo caso, no cenobitismo, ainda conforme este autor, a relação muda consideravelmente, uma vez que se está diante de uma comunidade que cria ou segue uma regra de vida⁸¹, a qual vale para todos, inclusive para o Abade, e ordena a vida comum. É nesta nova forma organizada de vida em comum que surge o abade como o conhecemos hoje, "...não mais somente para transmitir sua experiência espiritual numa relação de Mestre ao discípulo, mas a transmiti-la através de uma regra de vida comum, o que se chamava *politeia* em grego e que será chamada *conversatio* em latim. Na vida cenobítica é a comunidade que engendra o Cristo em seus membros. A paternidade de Deus é exercida e expressa, de início, através da caridade fraterna, através da responsabilidade mútua que todos os irmãos assumem uns com os outros. No interior desta comunidade, diversas pessoas tem serviços a fazer, mas o serviço mais importante, seguramente, é o do abade, do pai da comunidade. (...) O abade cenobítico como tal não existe antes de ter sido designado. A comunidade existe antes dele. A paternidade existe antes que ela lhe seja confiada. Não se trata de uma paternidade carismática; é uma tarefa que lhe é confiada pelos irmãos; e uma vez

⁸⁰ "Os apoftegmas dos Padres do Deserto constituem uma obra clássica acerca do antigo monaquismo (sécs. IV-V). São uma coleção de sentenças, máximas e episódios da vida dos monges mais célebres do Egito. De autor anônimo, chegou-nos sob diversas formas, sendo difícil reconstituir sua história. A primeira coleção... segue a ordem alfabética dos Padres do deserto. Existe em grego, devendo ter sido constituída no século VI ou mesmo VII. (...) Os Padres do deserto dão muitas vezes a palavra de vida que lhes é pedida, condensando em algumas frases sua experiência dos caminhos e Deus. O conjunto é de grande importância para as origens das doutrinas espirituais, que serão sistematizadas mais tarde. (...) Foram apreciados por todas as gerações de beneditinos." (Apoftegmas: 1995).

⁸¹ De qualquer modo, criando ou recebendo uma regra, os monges eram quem faziam (como hoje o fazem) a experiência de vivê-la, o que resulta em dar à mesma sua feição final.

que os irmãos o designem como aquele que encarnará em seu seio a paternidade de Deus e do Cristo, deve ele - e eles, por sua parte, devem - crer na graça de Deus" (Veilleux: idem). O ponto mais destacado da diferença entre os dois estilos de vida e



"Para San Juan Damasceno, la encarnación marca la salvación de la materia. Si el cuerpo es "templo del Espíritu", el icono, con su madera y sus colores, es "pneumatoforo", portador del Espíritu. Su materia está llena de la gracia divina; es receptáculo de la energía divina, el creado lleva así la huella del increado. Dios es adorado, la materia honrada y venerada. En palabras de este santo, santificados el oído y la vista conducen hacia la gloria de la divinidad: "los apóstoles han visto corporalmente a Cristo, sus sufrimientos y sus milagros y han oído sus palabras; también nosotros queremos ver y oír para ser beatos. Ellos lo vieron cara a cara ya que estaban presentes corporalmente; también nosotros; puesto que no está presente corporalmente, escuchamos sus palabras a través de los libros y por ellos somos santificados y beneficiados y los adoramos venerando los libros que nos han hecho oír sus palabras. Lo mismo ocurre para el icono dibujado; nosotros contemplamos sus trazos y por cuanto Él está entre nosotros captamos el espíritu de la gloria de su divinidad. Somos dobles, hechos de alma y cuerpo y nuestra alma nos es desnuda sino como envuelta por un manto; nos es difícil llegar a lo espiritual si lo corpóreo. Habiendo palabras sensibles escuchamos con nuestros oídos corpóreos y recogemos las cosas espirituales; del mismo modo a través de la contemplación corporea alcanzamos la contemplación espiritual". Texto e Fuente: ACI (2002).

os dois modelo de "pai" será o da "direção espiritual"⁸² dada pelo Abade cenobita. Se antes era algo do próprio "abba", agora esta direção virá baseada na regra e na tradição sob as quais vivem a comunidade e o abade. Ele passa a ser o depositário dessa regra. Antes, a vida religiosa contemplativa e sua transmissão estavam totalmente ligadas ao carisma do "abba", agora elas podiam e eram vividas por meio da espiritualidade que produziam, a busca cotidiana da vida dos monges era orientada pela regra em comum, no mosteiro e sob a autoridade do abade.

Retornando ao desenrolar do cenobitismo, iniciada a vida comunitária (cenobitismo) e criados os primeiros mosteiros, femininos e masculinos⁸³, há a necessidade de criarem-se as condições e maneiras de vivê-la. Para tanto, criam-se as primeiras regras monásticas, de autoria de algum bispo ou algum monge com

⁸² Cf. Veilleux (2001): "A paternidade espiritual é um valor cristão de todos os tempos. A direção espiritual é um método de ajuda fraternal que, em cada época, é muito influenciado pelo contexto sociocultural".

⁸³ A respeito dos primórdios do monaquismo feminino ver, por exemplo: P. Brown (1990) principalmente o capítulo 13; J. Salisbury (1995), principalmente a Introdução e a Parte I; e K. Norris (1998) nos diversos capítulos em que reflete sobre as mulheres da Antigüidade.

experiência no estilo de vida contemplativa. Essas regras vieram à tona ao longo do processo de estabelecimento da vida comunal, portanto, em locais e tempos diferentes. Como exemplo da variedade de Regras sob as quais os monges cenobitas viveram⁸⁴, cito as instituições ou regras de: São Pacômio (monge, 286-346)⁸⁵, São Basílio (bispo de Cesaréia, †379), São João Cassiano⁸⁶ (†435), Santo Agostinho (bispo de Hipona, 354-430)⁸⁷, entre outros. O que quer dizer que o monaquismo cristão não se orienta em uma única direção e/ou como uma única prática ascética. Os autores acima mencionados possuíam estilos e experiências de vida diferentes, o que faz com que tivessem elaborado regras que de comum só possuem o fato de ser para a vida contemplativa comunitária de cristãos e dirigidas ao aperfeiçoamento espiritual dos cenobitas.

Outro aspecto exposto e pensado pelo cristianismo neste momento é a relação entre sacerdócio e monaquismo. Isto porque, no início, a vida religiosa não encaminhava necessariamente o monge a ser ou não clérigo - sendo que muitas vezes

⁸⁴ Hoje em dia vários mosteiros ainda vivem sob as regras aqui mencionadas, como por exemplo: os monges pertencentes à Igreja Ortodoxa Grega sob a regra de São Pacômio; os religiosos basilianos ligados à igreja greco-católica (i. é, igreja unida à Roma, porém tendo o rito litúrgico próprio e algumas normas diferentes da dos cristãos latinos), e os membros da "família agostiniana" que vivem a espiritualidade de Santo Agostinho de Hipona.

⁸⁵ "Pacômio, nascido em 292 dC, provinha de família pagã e converteu-se ao Cristianismo quando contava com 20 anos de idade, seguindo educação ascética. Em 320, fundou seu primeiro mosteiro em Tabenesi, na Tebaída (Alto Egito), dando início ao monacato cenobita (comunitário), que perdura até os nossos dias. Morreu em 346, deixando como obras a Regra Monástica [com 194 artigos], diversas exortações a seus monges e 11 cartas a abades e irmãos religiosos. Como é sabido, os primeiros monges se isolavam no deserto; com Pacômio, surgem as primeiras comunidades de monges, que se caracterizam pela partilha total dos bens, oração comum, observância à mesma Regra, trabalho manual e obediência absoluta ao abade." Agnus Dei (2001). Note-se que as fontes divergem quanto à data de nascimento de Pacômio.

⁸⁶ "Cassiano foi, depois da Bíblia, o autor mais amplamente lido e divulgado durante a Idade Média" (Grün: 2000, 20).

⁸⁷ Santo Agostinho também faz parte daqueles cristãos chamados de "Padres da Igreja", por serem autores de obras importantes na elaboração doutrinária do cristianismo nascente. Citando F. Aquino (2001): "Chamamos de 'Padres da Igreja' (Patrística) aqueles grandes homens da Igreja, aproximadamente do século II ao século VII, que foram no Oriente e no Ocidente como que 'Pais' da Igreja, no sentido de que foram eles que firmaram os conceitos da nossa fé, enfrentaram muitas heresias e, de certa forma foram responsáveis pelo que chamamos hoje de Tradição da Igreja. (...) Alguns foram Papas, nem todos; a maioria foi bispo, mas há diáconos, presbíteros e até leigos. Entre eles muitos foram titulados de Doutor da Igreja".

houve conflitos entre os monges (religiosos) e clérigos, o que foi aos pouco alterado com o gradual estabelecimento do cenobitismo.

Seja lembrado que a vida monástica é orientada basicamente para a procura de Deus, logo não é uma necessidade intrínseca dela o monge ser sacerdote. Assim, isto não era pensado por aqueles que abraçavam a vida monacal. Ser sacerdote era secundário, pois a sua realização estava em somente ser monge⁸⁸, como pode ser lido na Regra de São Bento, por exemplo. Nos próximos capítulos ficará mais clara esta vocação única do monge, que é ser apenas monge e nada mais.

Todavia, este novo ordenamento dos estados de vida no interior do cenobitismo se fez também porque de alguns mosteiros masculinos começaram a se originar vários sacerdotes, o que passou a ser uma maneira da Igreja ter um maior número de clérigos para atender à sua expansão territorial⁸⁹ e às diversas comunidades cristãs que estavam mais espalhadas. Assim é que vários bispos, desse período, incentivaram o surgimento de mosteiros próximos às sedes de suas dioceses, para servirem de seminários, originando mosteiros de monges clérigos regulares, i. é, padres que viviam segundo uma regra de vida comum⁹⁰.

⁸⁸ Ver que esta vocação de ser apenas monge voltou à tona nas últimas décadas, pós Concílio Vaticano II, com a revalorização da categoria religioso. Pude notar isto tanto pelas entrevistas com os D. Piores que visitei, como também está escrito no site do mosteiro da Transfiguração. Lembro-me, igualmente, que um frei franciscano capuchinho disse-me, em minha pesquisa anterior (op. cit.), que também em sua ordem havia aqueles que desejavam a volta do ser apenas religioso, mesmo que isto não mais o atingisse dado já ser ordenado sacerdote.

⁸⁹ Como sugeriu-me o Prof. Oscar Calavia, vale a pena recordar: primeiro, que a partir de 380 dC o cristianismo passara a ser a religião do Estado romano, acabando de vez as perseguições que os cristãos sofriam por parte do Estado; segundo, que começam as perseguições internas (com a luta pela ortodoxia); terceiro, o crescimento da importância "administrativa" da vida cotidiana das cidades, que a Igreja começa a tomar com a sua legalização por Constantino e a sua oficialização por Teodósio. Daí os papel desempenhado por alguns mosteiros que foram também, por exemplo, instrumentos importantes de colonização.

⁹⁰ Assim é que atualmente o clero regular difere do clero diocesano, pelo último ser proveniente de um seminário diocesano sob a autoridade do bispo local, e não de uma ordem religiosa e a autoridade do superior da ordem, como os primeiros. Exemplo de ordens em que há padres regulares servindo em paróquias é que não faltam, existem em quase todas as ordens religiosas atuais, sejam nas monásticas como definido aqui, como por exemplo: cistercienses, beneditinos, ou nas mais modernas: capuchinhos, franciscanos conventuais, carmelitas, dominicanos, servitas, etc.

Uma importante inovação vinda com o monaquismo cenobítico e mantida até hoje⁹¹, é o poder que cada comunidade de monges tinha e tem de eleger como seu abade qualquer um de seus membros, independente da sua condição social anterior no mundo, e se sacerdote ou não. Recorde-se que os governos da Antigüidade, bem como os governos dos demais períodos históricos seguintes, desconheciam tal possibilidade de um membro qualquer da população vir a governar todos, depois de eleito pela comunidade. Basta lembrar que vários abades e priores dos primeiros séculos do monaquismo não foram sacerdotes, e muitos ainda declinaram da possibilidade de serem sagrados bispos. Igualmente inovador foi a similaridade de autonomia dada às monjas e suas abadessas. Por fim, vale lembrar que o fundador dos beneditinos (*lato sensu*) não foi sacerdote e parece não os ter tido em estima especial⁹².

As novidades para os cristãos destes primeiros séculos não foram apenas de ordem de uma nova forma de organização de parcela de seus membros. Aconteceu o fim dos martírios e portanto dos mártires. Como Markus (1997) argumenta, os cristãos de cada cidade buscaram ter os seus próprios mártires, os santos daquele local, como modo de resgatar sua história e viver sua fé local. Também várias das cidades auxiliaram o desenvolvimento de comunidades religiosas próximas a si, de modo a ter seus próprios intercessores junto a Deus. Deste modo, as ordens monásticas e seus membros desempenham na nova organização social que se inicia, o mesmo papel dos mártires anteriormente. Eles agora é que eram as testemunhas do reino de Deus e do

⁹¹ Não sem problemas ao longo desses séculos todos. São famosas as intervenções feitas principalmente por imperadores e reis, através da imposição de abades e priores que lhes eram convenientes, às comunidades, ou pelo aprisionamento e/ou assassinato dos eleitos.

⁹² "Se alguém da ordem dos sacerdotes pedir para ser recebido no mosteiro, não lhe seja concedido logo; mas, se persistir absolutamente nessa súplica, saiba que deverá observar toda a disciplina da Regra e não se lhe relaxará nada, de modo que lhe seja dito, como está escrito: "Amigo, a que vieste?". Seja-lhe concedido, entretanto, colocar-se depois do Abade, dar a bênção e celebrar Missa, mas se o Abade mandar. Em caso contrário, não presume fazer coisa alguma, sabendo que é súdito da disciplina regular; antes, dê a todos exemplos de maior humildade. E se, por acaso, no mosteiro surgir questão de preenchimento de cargo ou outro qualquer assunto, atente para o lugar da sua entrada no mosteiro e não para aquele que lhe foi concedido em reverência para com o sacerdócio. Se algum da ordem dos clérigos, pelo mesmo desejo, quiser associar-se ao mosteiro, sejam colocados em lugar mediano, mas desde que prometam, também eles, a observância da Regra e a própria estabilidade." Regra de São Bento (2001: Capítulo 60 - Dos sacerdotes que, porventura, quiserem habitar no mosteiro).

mundo que virá, pelas suas vidas testemunhavam a fé, por intermédio da renúncia ao século e à própria vontade. Como vários autores já salientaram, por meio do desenvolvimento cada vez maior do monaquismo, surge e expande-se neste período uma literatura ascética e mística com duplo papel: fazer o elogio da perfeição cristã e colocar os meios para atingi-la ao alcance de todos aqueles que quisessem.

Apesar de não ter frisado, note-se que do mesmo modo que se passou do eremitismo ao cenobismo, a morada dos monges, i. é, o mosteiro, saiu do deserto e passou a ser a cidade, configurando a vida local⁹³. Como diz Linage Conde: "...quanto à questão urbana, devemos lembrar que um dos referenciais - tanto material, quanto simbolicamente - do monacato é o deserto: o monacato é uma vida separada. E, assim, poderia parecer que o monacato tem que ser um monacato rural, um monacato campestre e não um monacato urbano. No entanto, há um monacato urbano muito antigo: na Espanha visigótica, por exemplo, havia monges nas cidades: de acordo, a vida monacal é uma vida separada, mas acaso não se pode ter uma vida separada nas cidades?⁹⁴".

Como disse acima, dentro do monasticismo cristão acabaram surgindo algumas diferenças na forma de se viver a vida cenobítica, a qual passara a ser a maneira dominante



Ícone de São Basílio, Magno. Fonte: ACI (2002). "La imagen es un sacramental de la iglesia; la Iglesia bendice la imagen para que tenga una fuerza expresiva en la gracia y la presencia que comunica. Si la imagen es auténtica, tiene que ser bella, expresiva y teológicamente exacta para que pueda representar el misterio o la imagen de una persona. La imagen es recuerdo/memorial, lugar de encuentro de miradas y presencias, es posibilidad de contemplación, es estímulo para la imitación. Hay una relación entre palabra e imagen." ACI (2002).

⁹³ Cf. Munford (1982) e Queiroz (2001) a respeito do papel desempenhado pelos monges na manutenção de várias cidades europeias. Recordo que isto se dá pela profissão do voto de estabilidade no local, o que não permitia (como hoje) que mudassem de cidade ou migrassem para outros mosteiros. Como ensinou-me o Prof. Júlio de Queiroz: "O símbolo de Munique (Alemanha) é um mongezinho, que em alemão é Mönchen, daí o nome da cidade: München."

⁹⁴ Continua o mesmo autor: "Hoje em dia, parece-me que dentro dessa solidão do homem moderno, dessa incomunicabilidade com os outros e com os próprios vizinhos, talvez esteja mais solitário o homem moderno nas cidades do que nos campos. François Mauriac, já naqueles tempos, dizia que "Paris era uma solidão povoada enquanto a província era um deserto sem solidão". Não me parece estranho que haja um mosteiro trapense em Hong-Kong. (...) Certamente, é muito diferente a posição, digamos, de um convento franciscano, nascido para a cidade da de um mosteiro beneditino."

de vida contemplativa. Quando ocorreu o Grande Cisma entre as igrejas do Ocidente e Oriente no ano de 1054⁹⁵, que perdura até os dias de hoje, criando os cristãos católicos romanos e os cristãos católicos ortodoxos⁹⁶, tal fato se sobressaiu. Basicamente pode-se dizer que no cristianismo ocidental seguiu-se, principalmente, a regra elaborada por São Bento de Núrsia (480-547), que é dito "Patrono da Europa" e "Patriarca do Monaquismo Ocidental"⁹⁷. E no cristianismo ortodoxo os cristãos seguiram as regras de São Pacômio e São Basílio (este continuou as idéias elaboradas pelo primeiro)⁹⁸.

Estes métodos diversos, somados às suas histórias particulares, levaram no ocidente ao pluralismo de ordens monásticas e formas de vida religiosa, enquanto que no oriente (ortodoxos) isto não aconteceu⁹⁹.

⁹⁵ Já havia ocorrido um cisma entre ambos os lados, quando Fócio era o Patriarca de Constantinopla, que durou de 867-884.

⁹⁶ Estes últimos ligados à Igreja de Bizâncio (antiga Constantinopla e atual Istambul, na Turquia) e ao seu bispo patriarca, e posteriormente o aparecimento de outras igrejas autônomas frente à Bizâncio e às demais igrejas ortodoxas, sendo estas novas de caráter mais nacional, como por exemplo: ortodoxa ucraniana, ortodoxa albanesa, ortodoxa russa, etc.

⁹⁷ Como explica Linage Conde (1999): "S. Bento é justamente o padroeiro da Europa porque, além de toda a importância cultural, deve-se considerar também todo o trabalho agrícola e os séculos em que os beneditinos ocuparam lugar central na história coincidiram com os séculos de formação do continente, da formação da Europa como tal. Os beneditinos, embora tivessem vocação de claustro, há quem diga que foram fundados para o coro - *propter chorum fundati* - foram grandes educadores não só porque criaram cultura, mas também por transmiti-la: até a Baixa Idade Média, as escolas claustrais tiveram uma importância essencial

Um paradoxo é o de que a vocação do monge é uma vocação de retiro e, no entanto, os monges exerceram uma grande influência social. O monge, sim, tem uma vocação de retiro, mas, para ele, é essencial - sobretudo para o monacato beneditino - a hospitalidade: eu vejo a educação, o ensino beneditino, de certo modo como uma emanção dessa hospitalidade. Se há o dever de receber o forasteiro, se o monge deve receber os que não são monges, o normal é ensinar-lhes alguma coisa também. E assim, ainda que não tivesse havido aquele particular contexto histórico em que os monges eram os depositários da cultura (e não tinham mais remédio que ensiná-la aos outros), necessariamente teria havido algum ensino monástico.

Além de contribuições de uma educação de hábitos, por exemplo, a introdução de horários na vida, que não é pequena contribuição para a Educação Ocidental..."

⁹⁸ A respeito destas duas regras veja-se de São Basílio Magno (1983), "As Regras Monásticas", e em Regra dos Monges... (1993), a referida Regra e o comentário de Lapiere, "Introdução e Apresentação da Regra".

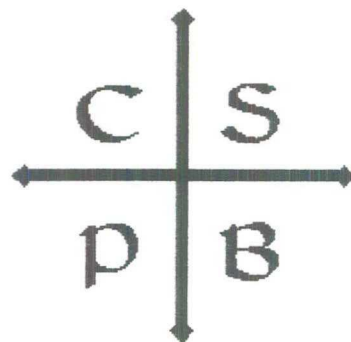
⁹⁹ Cf. Nesmy (1962), Regra dos Monges... (1993).

Vale a pena lembrar que a grande difusão do estilo beneditino, por quase todos os países da Europa nos três primeiros séculos após sua elaboração, trouxe consigo uma divulgação maior do rito latino (ou romano) dentro da Igreja, em detrimento de outros ritos à época existentes - sendo que alguns perduram até hoje, como por exemplo: o rito ambrosiano (em Milão - Itália), o rito basiliano (entre os greco-católicos); o rito armênio (na Turquia e localidades de população armena), o rito copta (no Egito e outros países na África).

OS FILHOS DE S. BENTO E OS FILHOS DE S. BRUNO

A partir daqui abordarei a história das duas "famílias" estudadas, particularmente. Com isto pretendo marcar suas semelhanças e diferenças, surgidas no passar dos séculos quando as duas foram se estabilizando e construíram seus traços típicos. Como se sabe, São Bento de Núrsia e São Bruno constituíram suas respectivas "famílias" em épocas e locais diferentes, igualmente por motivos e com modos de vida diferentes. Porém como dizem os "filhos espirituais" de ambos, todos eles foram "chamados por Deus a serem monges", ou seja, estarem em sua presença dia e noite¹⁰⁰.

Primeiro apresento a "família beneditina" por esta ter historicamente surgido antes da cartusiana. Entretanto, este meu critério cronológico para a exposição não será de forma rígida, uma vez que em minha abordagem farei um apanhado deste a origem da "família beneditina" até o presente, e a fundação do mosteiro da Transfiguração, para só então expor os dados a respeito da "família cartusiana".



Cruz de nosso Pai São Bento. A cruz com as letras, ou apenas a cruz, é utilizada por todos os filhos de São Bento como sinal deles. Muitas vezes utilizam-na à frente da assinatura de seus nomes.. Fonte: Abadia Territorial de Nossa Senhora de Montserrat do Rio de Janeiro.

¹⁰⁰ "Sobre as tuas muralhas, ó Jerusalém, coloquei sentinelas, que não se calarão nem de dia, nem de noite, louvando o nome do Senhor". (Is. 62.6). Veja-se o discurso de D. Pedro Maria, OCarth, no Anexo 3.

BENEDITINOS, CISTERCIENSES E TRAPISTAS

*Pax!*¹⁰¹

Os atuais monges beneditinos, cistercienses e trapistas, os "filhos de São Bento", remontam o início de suas histórias ao século V, época em que viveu Bento de Núrsia e quando da fundação dos primeiros mosteiros que viveram segundo a sua Regra.

Antes contudo, a respeito da história desta "família", lembro o que fala Antonio Linage (1999): "...no que diz respeito aos beneditinos em sentido estrito, aos 'beneditinos negros', deixando de lado o Císter, as histórias gerais são raríssimas. E isso por uma razão: os mosteiros beneditinos têm sido independentes, são tradicionalmente independentes; agruparam-se depois em congregações, mas os vínculos não são fortes: as congregações também são independentes e, portanto, é muito raro que alguém se dedique à história geral beneditina; ao contrário do que ocorre, por exemplo, com os jesuítas ou com os dominicanos, que têm uma organização central e são como corpos unitários."

O principal biógrafo de São Bento foi o papa São Gregório Magno¹⁰², que escreveu os Diálogos, narrando-lhe a vida. A obra enfoca a vida de São Bento destacando o caminho da "perfeição cristã" que ele trilhou para atingi-la, os milagres que realizou e sua obra como fundador e abade cenobita. Como escreveu Schuster (1956: 15-16): "Dos Papas, homens de Estado, Bispos, Santos, que com êle [Bento] conviveram durante oitenta anos de sua vida, ninguém jamais pensou em confiar por escrito sequer a mínima nota biográfica. (...) Os próprios monges de Subiaco e de Monte Cassino, como não cuidaram de transcrever os documentos eclesiásticos ou pontifícios referentes à fundação de seus respectivos cenóbios, tão pouco pensaram em transmitir às futuras gerações monásticas a história do seu Mestre. Foi uma verdadeira ventura que a vizinhança do Mosteiro Lateranense de São Pancrácio no monte Célio com a casa paterna de São Gregório Magno, tenha favorecido as relações

¹⁰¹ "Paz" de Cristo, lema de todos os membros da "família beneditina". Também: votos com os quais iniciam vários de seus escritos; saudação com que recebem aos visitantes; e pedido de perdão a um irmão (como mencionado no primeiro capítulo).

¹⁰² Cujo pontificado foi de 590 a 604. Ele era beneditino do mosteiro de Monte Cassino, quando eleito papa. Incentivou muito o monaquismo.

do futuro Pontífice com os discípulos imediatos de São Bento. (...) Mas, nem mesmo Gregório Magno quis escrever uma vida, ou história de São Bento, no sentido moderno. (...) não tem outro intento senão o de coligir numa espécie de *Florettum* – tantos séculos antes dos Fioretti di San Francesco – os mais belos milagres dos Bispos e dos monges que, então, ilustravam a Itália."

Segundo a narração de Schuster (1956)¹⁰³, São Bento nasceu nesta localidade, Núrsia, a nordeste de Roma e, segundo a tradição, viveu entre os anos de 480 e 547¹⁰⁴. Quando tinha 20 anos, apesar de seus estudos e família rica, estava decepcionado com a vida da época. Ansiando por algo diferente em sua vida retirou-se do mundo, fazendo-se eremita a exemplo dos "pais do deserto". Recebeu do monge Romano, a quem se ligou, os ensinamentos sobre como ser monge, bem como a capa monacal, conforme o costume da tradição monástica ser passada de um monge para outro¹⁰⁵.

Com o passar dos anos, ficou conhecido como santo ermitão atraindo para si a atenção das pessoas da região onde estava morando¹⁰⁶. Entre aqueles aos quais

¹⁰³ A obra de D. Alfredo Ildefonso Cardeal Schuster, OSB, foi revolucionária para sua época, posto que adotou os métodos modernos de historiografia, como ele mesmo diz: "A novidade do método seguido consiste em que, para suprir a pobreza das fontes históricas, que em última análise se reduzem a duas, ao poeta Marcos e a São Gregório, enquadrei a narração dos Fioretti Beneditinos na história da Igreja na Itália do século VI. Para ilustrar situações e circunstâncias, servi-me muitíssimo do Direito contemporâneo, tanto civil como eclesiástico, e onde a Regula Monasteriorum ou São Gregório Magno calavam, referi-me aos usos comuns monásticos daqueles séculos." (Schuster: 1956, 13).

¹⁰⁴ Notar que o período assinalado totaliza 67 anos e não 80, como o mesmo autor indicara na passagem anterior.

¹⁰⁵ "Romano, portanto, tendo aprovado o espírito que guiava o seu jovem discípulo condescendeu em impôr-lhe o hábito monástico, e em sinal de sua consagração definitiva a Deus, o tonsurou. No Oriente, não faltam exemplos de eremitas que dão aos outros o hábito santo, assim como Elias confiou o seu manto taumaturgo a Eliseu investindo-o com a própria missão profética." (Schuster: 1956: 72). "A narração de S. Gregório sobre as relações entre o monge Romano e o jovem Anacoreta Bento é demasiado esquelética, para poder ser reconstruída em bases seguras. Romano pertencia a um mosteiro no alto do monte Sublacense, sob a disciplina do Abade Adeodato. (...) São Gregório diz expressamente não ter consistido a assistência de Romano ao jovem anacoreta unicamente em abaixar até ele, em tempo determinado, o cestinho com alimento, mas abranger tôda espécie de auxílio" (idem: 81).

¹⁰⁶ "Cessa para Bento a vida oculta em Deus e começa a sua nova missão, que era a indicada pelo Biógrafo... A missão de Romano já está terminada. De agora em diante, serão os devotos que frequentarão a Bento, que providenciarão às suas necessidades materiais. O noviço já está plenamente formado, tanto que o Papa Zacarias referindo o diálogo entre São Bento e o Santo cura, cada vez que este fala ao Santo, ainda que ele seja padre e o outro um rapaz, lhe põe nos lábios o título respeitoso

despertou a atenção estavam alguns monges de um mosteiro próximo. Foi convidado por estes monges cenobitas que deixasse a vida solitária nas montanhas e fosse viver com eles, assumindo o cargo de abade – note-se que o pedido trazia embutido que passasse ao estilo cenobítico de vida, largando sua reclusão.

Após admoestar os seus futuros "filhos" que o que lhes esperava era uma vida difícil e por quê não procuravam outro que assumisse o cargo – a que recusaram -, aceitou o convite dos monges do mosteiro de Subiaco (localizado na região de igual nome, na Itália), e ingressou neste para ser o abade.

Iniciou neste local o novo estilo de vida que assumiu e, zeloso, impôs à comunidade as normas que julgava mais conveniente para que todos atingissem "a perfeição da vida cristã". Porém acabou tendo que sair de lá, já que os monges tentaram assassiná-lo por duas vezes. Numa, envenenaram o cálice no qual beberia, o qual quebrou-se após a bênção dada proferida por ele, sinalizando o perigo que corria. Na outra, foi posto veneno no pão (tradicionalmente é um pão redondo, como era feito na época), mas antes que comesse um corvo entrou pela janela e roubou o pão. Destes dois episódios surgem dois dos elementos recorrentes nas imagens feitas dele: o corvo com o pedaço de pão no bico, e o cálice de onde sai uma serpente.

Abandonando a antiga comunidade pela incompatibilidade experimentada entre a comunidade e ele, São Bento parte para a região de Monte Cassino, onde fundou um mosteiro dentro do seu modo de ver o mundo. Nisto está um importante aspecto de São Bento, ele foi um organizador de mosteiros (organizou alguns), e não um fundador de ordem religiosa, tal qual se compreende hoje. O mosteiro é uma cidadela autônoma e auto-suficiente. No mosteiro de Monte Cassino, já próximo do fim da vida, redigiu sua Regra, que até hoje é lida e seguida nos mosteiros beneditinos e cistercienses de todo o mundo.

Como disse o antigo Abade Primaz da Ordem de São Bento, D. Jerome Theisen (1996): "Sua Regra é o único texto conhecido de Bento, mas é suficiente para

de: Pai. Para o Pontífice Oriental, São Bento pode, pois, ser equiparado aos Santos Padres dos desertos do Egito." (Schuster: 1956, 87).

manifestar a sua habilidade genial para cristalizar o melhor da tradição monástica e passá-la para o Ocidente". E Lapiere (Regra dos Monges - 1993: 52): "A Regra de São Bento é a mais completa de todas as regras monásticas, entretanto não obedece ao plano lógico: nasceu, como as outras, de experiências cotidianas", e ainda: "As Regras fundamentais de Pacômio e Basílio, Agostinho e, especialmente Bento, serão a base de todas as outras" (idem: 11).

Com o passar dos séculos iniciou-se um processo de renovações de espiritualidade e novas fundações nos mosteiros beneditinos, tais como os mosteiros de: Cluny (cidade da França - em 910), Camaldoli (cidade da Itália - em 1027), Vallombreuse (cidade da França - em 1073), Cister (idem - em 1098), Mont Olivet (Itália - em 1348)¹⁰⁷, indo esse processo até o fim do século XVIII. Estas mudanças ocorreram como respostas às necessidades pelas quais passava a vida monástica da

¹⁰⁷ Do mosteiro de Cluny e os mosteiros a ele ligados saíram os monges que hoje chamamos beneditinos (OSB); de Camaldoli, os beneditinos camaldulenses ou camáldulos; de Vallombreuse, os beneditinos valambrusos; de Mont Olivet, os beneditinos olivetanos; entre outros.

Do mosteiro de Cister (França), pela reforma realizada ali, surge uma nova ordem monástica, cujos monges passaram a ser conhecidos por cistercienses. Também foram conhecidos por "monges brancos", em contraste com os beneditinos ("monges pretos"), pela mudança na cor do hábito, que deixaram de tingir de preto, ficando na cor da lã crua. A cogula também ficou branca. Mantiveram em preto o escapulário e a faixa (que substituiu o cinto). Note-se que os beneditinos camaldulenses também são conhecidos como monges/freis/frades brancos.

Assim, chamo a atenção para o fato que o hábito serve como marca da diferença entre os monges (e religiosos em geral), posto ser, quando usado, um sinal diacrítico evidente que diz muito sobre aqueles que os vestem. Lembro que me foi referida em tom de piada, a diferença entre trapistas, cistercienses e beneditinos como sendo os dois primeiros café-com-leite e os terceiros com café preto - o que resultou também em chamar os cartuxos de leite, dado o hábito inteiramente branco que usam. Evidentemente, as três 'linhagens' desenvolvidas pelos "filhos de São Bento" também distinguem-se por fundamentarem suas particularidades em outros pontos, tais como: maneira de viverem o cenobitismo; a constituição de espiritualidades distintas; atuação ou não em paróquias; mais para "ativos" ou para "contemplativos", e etc.

Sobre outras mudanças e diferenças no modo de vestir-se religioso, veja-se a minha pesquisa anterior (1999) sobre o hábito preto do franciscanos conventuais (cinza no Brasil), o marrom dos franciscanos observantes, e o marrom escuro dos franciscanos capuchinhos. Sobre eles e as ordens mendicantes, note-se que trocaram o cinto pelo cordão com os nós.

A respeito desta difusão do cenobitismo da "família beneditina", diz Linage Conde (1999): "S. Bento, em sua Regra, diz que o estado eremítico é o mais perfeito, mas, claro, está reservado a poucos. Eu me pergunto se o predomínio do cenobitismo no Ocidente não se deve ao extraordinário êxito que teve a Regra de S. Bento que acabou por monopolizar o monacato. Os cartuxos e os camaldulenses (estes seguem a regra de S. Bento; aqueles, não: mas isto é antes uma questão técnica) combinam vida eremítica e cenobítica e, isso, no Ocidente é um fato singular, raríssimo. Já no monacato do Extremo Oriente, este é um fato muito mais normal..."

"família beneditina" nessa época, como bem esclarece Lapiere (in Regra dos Monges - 1993: 10): "...como reação, sem dúvida, o desejo de independência e o cuidado de voltar à pureza da Regra, favoreceram, especialmente na França, algumas reformas e ocasionaram o desabrochar das que hoje chamamos ordens e congregações, isto é, a reunião de mosteiros, segundo espírito e organização centralizadas... primeira grande centralização moral, espiritual e estética"¹⁰⁸. Hoje em dia o que se realiza são restaurações, no sentido de recuperar e/ou retomar o espírito original da respectiva família ou de algum mosteiro que se encontre necessitando de tal ajuda.

Os monges da "família beneditina" continuam a seguir a máxima de São Bento do *Ora et Labora*, isto é, orar e trabalhar. As atividades que compõem a parte do trabalho no dia-a-dia do mosteiro são valorizadas pela Regra de São Bento, numa ética do trabalho no qual este sempre foi considerado como valor positivo para cada um dos "filhos" e de toda a comunidade. O monge, e portanto o mosteiro, deve viver do seu próprio trabalho.

Na parte da oração, duas atividades são as mais importantes: a *Lectio Divina* e o *Opus Dei*¹⁰⁹. A *Lectio* é a oração que o monge faz a Deus, iniciando pela leitura de um trecho da Bíblia, em seguida orando, depois meditando sobre o que foi lido, buscando desta forma alcançar a contemplação das coisas divinas. O *Opus Dei* é a

¹⁰⁸ A novidade trazida por São Roberto de Molesmes, ao fundar Cîteaux (Cister) não foi somente no sentido de reagir ao relaxamento da espiritualidade beneditina - que via ser cometida pela Abadia de Cluny -, mas de reformulação na forma de vida dos "filhos de São Bento". Ele e os seus sucessores imediatos (abades: São Alberico, São Estevão de Harding e São Bernardo de Claraval), criaram a primeira forma centralizada de Ordem religiosa. Isto foi possível por meio da *Charta Caritatis* (a caridade como princípio normativo da vida monástica), estatuto da nova ordem, que vem sendo atualizada até o presente. Por meio dela garantia-se e mantinha-se a autonomia de cada mosteiro, ao mesmo tempo que os subordinava ao conselho formado pelo abade de Cister com os abades das quatro abadias-mães da Ordem Cisterciense, de então: La Ferté (fundação 1113), Pontigny (1114), Clairvaux (1115) e Morimond (1115). O que favoreceu uma expansão impressionante da Ordem até o século XIV.

Em 1664, numa reforma dentro da Ordem Cisterciense (OCist), surge a Ordem Cisterciense de Estrita Observância (OCSO - vulgo, monges trapistas), divisão feita em nome de uma observância mais fiel à RB e à reforma do século XII. Como marca da separação da OCist., os trapistas trocaram o seu hábito, passando a usar uma correia preta de couro, porém, sobre o escapulário, prendendo-o. O mesmo fazem os cistercienses com o cinto; enquanto que os beneditinos usam o cinto de couro debaixo do escapulário.

¹⁰⁹ Mais informações sobre os Ofícios, *Lectio* e missas conventuais apresento no próximo capítulo.

participação coletiva dos monges no coro da igreja do mosteiro, celebrando igualmente a Deus. Tais celebrações são realizadas por meio do canto gregoriano, que é uma das marcas das "famílias", beneditina e cartusiana, e das espiritualidades que desenvolvem.

O canto gregoriano remonta aos início do monaquismo, de três vertentes musicais de canto diferentes: os Salmos (localizados no Antigo Testamento, de tradição judia); as Litanias (música popular, de tradição pagã); e os cantos cristãos propriamente ditos. O passar dos anos consolida esse repertório musical que acompanhava a liturgia. No final do século VI, quando o papa Gregório¹¹⁰, o grande, organizou o culto divino cristão, codifica esse repertório, que passou a ter o seu nome como referência. O Concílio Vaticano II (1965: 41), através da Constituição *Sacram Liturgiam* (sobre a Sagrada Liturgia), aprovou e promulgou: "A Igreja reconhece como canto próprio da Liturgia romana, o canto gregoriano; portanto, na ação litúrgica, ocupa primeiro lugar entre seus similares"¹¹¹.

A vida dos monges, e o tempo de que dispõem, é conduzida segundo as orações que praticam do amanhecer ao anoitecer. Nos seus intervalos é que vão se encaixando as demais atividades da vida cotidiana. Como determinava São Bento, que nada se anteponha ao *Opus Dei*¹¹²

Diferentemente de outras ordens religiosas, um mosteiro pode surgir - e será reconhecido como beneditino -, sem filiação a nenhum outro anteriormente existente. Basta que siga a RB, esteja sob o comando de um prior ou abade. Seria bom que a tradição monástica fosse passada por algum monge experiente aos mais novos, mas não são categóricos a respeito. Como exemplo disto, há o caso do mosteiro da Transfiguração que visitei – sem vínculos com nenhuma abadia ou a CBB. Já entre os cistercienses de comum observância (OCist) e os de estrita observância (OCSO) isto não é possível dado ao modo centralizado de administração no qual vivem.

¹¹⁰ Cujo pontificado durou de 590 a 604.

¹¹¹ Ver no próximo capítulo, o tópico sobre os Ofícios.

¹¹² Cf. no Anexo 2 os horários de algumas comunidades monásticas. E no próximo capítulo, os tópicos sobre o trabalho e a economia monástica.

Por fim, após o Concílio Vaticano II, a "família beneditina" eliminou algumas práticas¹¹³, as quais os beneditinos (*lato sensu*), mesmo reconhecem como indiferentes ao modo de ser deles, deixando-os mais de acordo com a RB e sua tradição. Para o presente estudo a prática mais importante, a ser mencionada, era a da divisão existente entre monges sacerdotes que eram os cantores, i. é, sabiam ler, em detrimento dos monges irmãos¹¹⁴, postos em inferioridade hierárquica. Aos segundos cabia todo o serviço braçal da comunidade. Estas diferenciações eram visíveis pela existência de dois coros, dois ofícios, dois tipos de hábitos, etc, dentro de uma única comunidade.

Como se vê eram práticas estranhas à tradição monástica, uma vez que privilegiava os sacerdotes dentro dos mosteiros quando, como está na RB, a vida monástica é algo de específico não sendo necessariamente sacerdotal, mas principalmente de convívio comunitário entre "irmãos" morando na mesma "casa" com o mesmo "pai".

Conforme minha pesquisa bibliográfica e pelas entrevistas, apenas um pequeno grupo da "família beneditina" é que não se adequou à 'abertura' do Vaticano II¹¹⁵, preferindo manter-se no modo antigo, retirando-se da Ordem. Lembre-se que é um dado peculiar, uma vez que outras ordens religiosas, como várias das mendicantes e das mais modernas, conheceram



Imagem de São Bento. Fonte: Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo.

¹¹³ Estas práticas também foram eliminadas de outras ordens. A proposta do Concílio, ouvido os religiosos, foi de suprimir da vida monástica e religiosa em geral, tudo que não lhe cabia devidamente, posto não haver ligação com a tradição e a espiritualidade da respectiva "família".

¹¹⁴ Os primeiros também eram chamados de monges do coro, e os segundos de monges conversos.

¹¹⁵ Sobre estes veja-se o site do mosteiro dos beneditinos tradicionalistas. Lá eles apresentam sua história e o porque de sua opção. Também pode-se recorrer ao periódico tradicionalista para saber mais das divergências que possuem com os católicos 'modernos'. Outra fonte é a Revista 30 Dias, que faz, mensalmente, um apanhado sobre a vida católica no mundo, não raro, trazendo informações a respeito dos tradicionalistas, ortodoxos e protestantes clássicos.

um verdadeiro abalo em seus quadros vocacionais, no pós-Concílio.

A hierarquia monástica dos "filhos de São Bento" pode ser identificada, hoje em dia, por:

- ◆ Símbolos visíveis tais como: cruz abacial, comprimento dos escapulários;
- ◆ Distribuição nas posições que ocupam no coro, refeitório, nas filas;
- ◆ Onde está localizado o quarto no mosteiro;
- ◆ Quais são os acessos que o monge tem ;
- ◆ Os cargos que ocupam.

Como todo grupo social e sua organização, os mosteiros também possuem vários níveis hierárquicos e estes são reforçados por um ou mais dos pontos acima, além de outros mais. No trabalho de campo, ou numa visita feita por um hóspede ocasional, os dois primeiros itens são os de mais fácil verificação e que melhor indicam a estrutura organizacional.



Ícone de São Gregório Magno, papa.
Fonte: Padres do Deserto. (2001)

Além disso, também possuem uma etiqueta monástica, normas de conduta social, com a qual expressam a atenção, a importância e tudo mais que os bons modos indicam nas situações sociais. Assim, há as etiquetas internas, válidas para todas as comunidades como: os monges mais novos devem cumprimentar os mais velhos com leve inclinação; os monges professos solenes¹¹⁶ passam a terem o direito de usar o título de Dom e devem ser referidos desta forma por todos os outros; etc. E há as etiquetas para com os visitantes e para aqueles monges que são hóspedes.

Como sempre, a estrutura hierárquica indica as posições dos membros da comunidade, e estas posições além de localizarem cada membro no todo

¹¹⁶ Os cistercienses e trapistas não adotam tal título para os monges. Apenas o abade e o prior de um mosteiro são tratados assim.

organizacional, permitem e reforçam as redes de relações sociais de cada um dos monges.

Como descrevo no próximo capítulo, a "ordem conventual", i. é, de entrada na vida monástica, somada ao cargo exercido, demonstram não somente a situação hierárquica no interior da comunidade, bem como, extra-comunidade, quando dos encontros regulares das congregações e da confederação¹¹⁷. O seu topo do poder é ocupado pelo abade/prior do mosteiro, seguido dos cargos que fazem funcionar a organização monástica no seu dia-a-dia, tais como: celereiro, hebdomadário, chantre, bibliotecário, organista, etc.

Desta maneira, a experiência monástica da "família beneditina" pode ser descrita desta forma¹¹⁸:

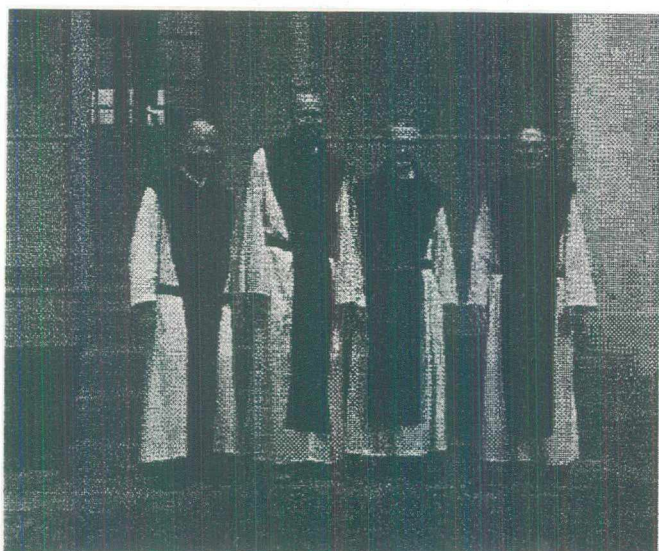
Regra	➤	Mãe	➤	Norma	➤	Passado
Abade	➤	Pai/Cristo	➤	Poder	➤	Transmissão
Mosteiro	➤	Casa	➤	Social	➤	Presente

E encerrando o apontamentos sobre esta "família", lembro dois dos símbolos mais difundidos como marcas dos "filhos de São Bento" e de sua ordem. São eles a cruz, sinal do cristocentrismo de suas vidas; e o tronco cortado donde brota um novo ramo, indicando o eterno reinício de seus mosteiros.

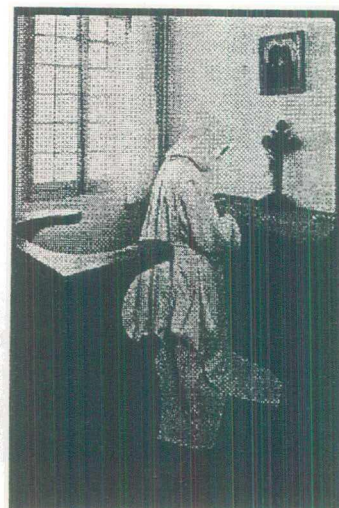
Também chamo a atenção, para o lema da espiritualidade da "família": Para que em tudo Deus seja glorificado. A este respeito apresento o comentário feito ao Capítulo 57 da RB, "Dos artesãos do Mosteiro", por D. Abade Basílio Penido (1997: 170): "É interessante constatar ...que a frase de São Bento, tomada tantas vezes como o lema da Ordem: 'Ut In Omnibus Glorificetur Deus' (U.I.O.G.D.), 'Para que em tudo

¹¹⁷ Esta hierarquia não é somente intrafamiliar, mas, também, inter-familiar. Se um abade/prior ou superior de uma outra família hospedar-se em uma comunidade, ali ele será tratado, como igual ao abade/prior da própria casa onde está se hospedando. A etiqueta monástica, como disse-me o Prof. Júlio de Queiroz, fará com que o hóspede guarde seus símbolos de poder, já que naquela casa o outro é o "pai" e só há um único poder.

¹¹⁸ Válido igualmente para "a família dos filhos e São Bruno".



(1)



(3)



(2)

Imagens de diferentes comunidades monásticas. Notar a diferença entre os hábitos de trapistas (1 e 2 - OCSO), cistercienses (4 - OCist) e cartuxos (3 - OCarth). No caso dos dois primeiros, "filhos de São Bento", a aparente semelhança dos hábitos é desfeita por: usarem cinto e este sobre o escapulário entre os OCSO, e o uso da faixa preta - no lugar do cinto -, sob o escapulário, dos OCist.. Os quatro trapistas da foto (1) são os fundadores do mosteiro no Brasil, vieram dos EUA.. Fontes: (1 e 2) Mosteiro trapista de Nossa Senhora do Novo Mundo (2001); (3) Moines Chartreux et Moniales Chartreuses (2000); Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo (2001).

(4)





Ícone de São Bento.
Fonte: Padres do
Deserto. (2001)

Deus seja glorificado', tenha surgido dessas simples recomendações do Santo referentes às atitudes dos monges e da comunidade para com a venda dos produtos

do Mosteiro. Até nesse plano mais material, deve resplandecer a glória de Deus através das atitudes dos monges. Houve quem comparasse esse lema beneditino com o dos jesuítas, '*ad maiorem gloriam Dei*'. Os dois lemas dizem, no fundo, a mesma coisa. Há, contudo, um pequeno matiz. O dos jesuítas, que é de Santo Inácio (AMGD), tem uma conotação de atividade – 'para a maior glória', o que é mais próprio a uma ordem ativa, ao passo que o beneditino tem o verbo na voz passiva (*glorificetur* = seja glorificado), o que reflete a atitude mais passiva do contemplativo".

CARTUXOS

*Stat Crux Dum Volvitur Orbis*¹¹⁹

No final do século XI, surgiu uma nova família monástica, a Ordem dos Monges Cartuxos (OCarth.). Apesar desta surgir seis séculos após os primeiros mosteiros beneditinos e da RB, é contemporânea do ordenamento feito pelos papas do século XI/XII no sentido de que fossem reunidos todos estes mosteiros em uma única Ordem ou, como acabaram ficando em Congregações, de modo centralizado. Também é contemporânea da Ordem Cisterciense e das ordens militares, hospitalares e mendicantes.

Esta ordem foi concebida e criada por Bruno de Hatenaust (1030-1101)¹²⁰ que, com alguns seguidores, saiu a procura de um local bem afastado onde pudessem

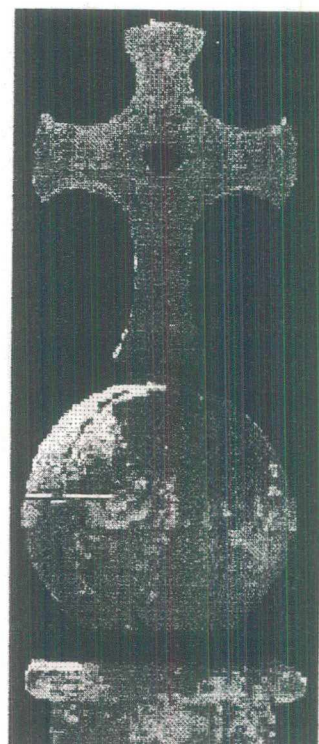
¹¹⁹ "A cruz permanece enquanto o mundo gira", lema da Ordem Cartusiana.

¹²⁰ Há divergência entre as fontes que pesquisei, com relação à data de nascimento de São Bruno. Em Pequena vida de S. Bruno (s/d: 01) fala-se que ele nasceu "pouco antes do ano 1030". Ele foi canonizado em 1623, sendo sua memória celebrada em 06 de outubro, data de sua morte.

fundar um mosteiro cuja a espiritualidade seria a de total clausura e isolamento, pela qual cada um dos monges pudesse estar sozinho com Deus, na solidão de sua cela. A busca que empreenderam por um local, que lhes permitisse viver desta forma, terminou quando encontraram São Hugo de Chateaufort, bispo de Grenoble, que lhes arrumou o local que desejavam: a localidade de Chartreux¹²¹ (França), totalmente retirada e de difícil acesso – mesmo hoje em dia o local sendo acessível, permanece as características que o elegeram.¹²² Esses monges tinham, e têm, como característica marcante, a vida solitária e de solidão contemplativa acentuadas, pelos quais tornaram-se famosos. Se, contudo, a fundação cartusiana não tem relação direta com o estilo monástico beneditino¹²³ e a "família beneditina", não deixaram de ser influenciados pelos aqueles, como diz Nesmy (1962: 169): "...sem ligar-se diretamente à Regra beneditina, todavia se inspira grandemente nela".

São Bruno nasceu em Colônia (Alemanha) importante centro urbano em sua época. Estudou em Reims (outro importante centro, França), onde entrou para a vida religiosa.

Com o passar dos anos ganhou destaque pela sua atuação, sendo posto como reitor da universidade local pelo seu bispo. Durante sua vida como sacerdote, sentia que sua vocação era para outro tipo de vida religiosa, e não a que levava vivendo dentro da cidade. Aos poucos vai consolidando-se sua decisão de retirar-se para um local mais isolado. Quando a ocasião surge "afasta-se em direção a Grenoble, onde encontra Hugo de Chateaufort,..." (Pequena vida de S. Bruno, s.d: 03) quem o apoiará e dará condições para que a nova vida de Bruno e seus companheiros inicie-se¹²⁴. A forma



O símbolo cartusiano por excelência: o globo encimado pela cruz. Fonte: Moines Chartreux et Moniales Chartreuses (2001)

¹²¹ A palavra foi aportuguesada como cartuxa.

¹²² "Era o dia 24 de junho de 1084" (Pequena vida de S. Bruno, s.d.: 4).

¹²³ Cf. Moines Chartreux et Moniales Chartreuses - www.chartreux.org/ - 2001

¹²⁴ "Era o dia 24 de junho de 1084" (Pequena vida de S. Bruno, s.d.: 4).

de vida eremítica foi a que eles escolheram, "...os trabalhos começaram sem demora. Algumas modestas cabanas de madeira, independentes umas das outras, e unidas por uma galeria ou claustro; uma capela e diversos locais destinados a reuniões em comum. Esta disposição dos edifícios servirá no futuro de modelo a todas as cartuxas" (idem: 4). Assim os novos monges viveriam solitários e em comunhão, num estilo eremita-cenobítico.

O período histórico que compreende os séculos XI e XII, como já foi sucintamente descrito acima, traz várias lutas internas na Igreja, fundações e renovações de ordens, e, particularmente, na época de São Bruno ocorrem dois problemas particulares que vieram a afetar sua vida: 1) a Questão das Investiduras; 2) a eleição do antipapa Clemente III, quando era papa Urbano II. O primeiro problema afetou-o quando ainda em Reims, e o segundo, quando já monge e teve que abandonar a Cartuxa, para ir servir em Roma ao papa Urbano II, antigo discípulo seu dos tempos em que era responsável pela formação religiosa em Reims.

Mesmo ainda não inteiramente resolvida a questão do antipapa, São Bruno solicitou retornar à sua vida de eremita, o papa então a concedeu, mas pediu que ele permanecesse vivendo em algum local próximo, assim surgiu o segundo mosteiro da ordem cartusiana no ano de 1090, conhecido hoje em dia por "Certosa Serra San Bruno".

A vida em uma cartuxa - nome genérico dado para qualquer de seus mosteiros e que mantém referência à Grande Cartuxa - desenrola-se para os monges de forma solitária a maior parte do tempo, com alguns momentos de vida coletiva. O monge deve pôr toda sua atenção na contemplação, isto é, orientar-se totalmente para Deus. Não que em outras ordens isto não ocorra, mas é que para eles isto deve ser feito no silêncio e recolhimento de cada monge em sua cela¹²⁵.

A ordem dos cartuxos é uma ordem de poucos membros, "Hoy día existen 19 casas de Cartujos (com unos 370 monjes)... Las casas de monjes están en Europa,

¹²⁵ Nome dado aos quartos dos monges. Neles o monge deve ter todas as coisas das quais necessitará para seus estudos, meditação e contemplação.

Estados Unidos e Hispanoamérica,..." (Moines Chartreux et Moniales Chartreuses - www.chartreux.org/). A ordem conta, também, com cinco cartuxas femininas, com aproximadamente umas 70 monjas. Até alguns anos atrás o mosteiro no Brasil era a única cartuxa em um país do terceiro mundo. A "família cartusiana" é bem menor do que a "família beneditina", seja em números de membros ou de casas, e mesmo comparando-a a apenas com algumas das ordens da "família beneditina" assim mesmo é das menores.

No caso dos cartuxos, é impossível o surgimento de um mosteiro autônomo em relação à ordem, para depois se unir a ela como no caso da "família beneditina".

Deles derivaram, segundo D. Prior Pedro Maria, apenas uma outra ordem de espiritualidade de S. Bruno, que são a Ordem das filhas/filhos de Belém e São Bruno, fundada há uns 50 anos.¹²⁶

Após o Vaticano II, a ordem cartusiana eliminou algumas práticas, as quais os cartuxos mesmo reconhecem como indiferentes ao modo de ser cartusiano, deixando-os mais de acordo com os seus Estatutos e sua tradição. Entre essas práticas, eliminadas está a acentuada diferenciação entre monges sacerdotes e monges irmãos, que era visível com a existência de dois coros, dois ofícios, etc, como foi dito para a "família beneditina".

Conforme D. Prior Pedro Maria, apenas um pequeno grupo, de uns quatro monges, é que não se adequou à "abertura" do Vaticano II, preferindo manter-se no modo antigo, retirando-se da Ordem. Como se vê, ainda aqui, o dito cartusiano sobre a própria Ordem: "nunca reformada, por que nunca deformada" prevalece.

Quanto à organização e hierarquia, e como é sua visibilidade, a ordem dos cartuxos, segundo D. Prior Pedro Maria, "é uma ordem muito centralizada". Todas as cartuxas estão ligadas à casa-mãe que é a Grande Cartuxa. Nela mora o superior da ordem, referido por "Reverendo Padre", ao mesmo tempo, prior da comunidade da Grande Cartuxa. Como todos os demais priores cartuxos, o "Reverendo Padre" também

¹²⁶ Ainda conforme o relato de D. Prior Pedro Maria a mim, a atual sóror superiora das Filhas de Belém e São Bruno é irmã dele.

anualmente pede "misericórdia" do seu cargo, seja nos anos que passam os visitantes da ordem, seja quando da realização do Capítulo Geral cartusiano, tal e qual os demais priores. Ou seja, anualmente todos os priores e priorosas põem seus cargos à disposição da Ordem, podendo ou não serem reconduzidos ao mesmo.

Como diz a regra cartusiana, não há sinais visíveis em seu hábito que indiquem o status quo de qualquer prior: "Ni su puesto ni su vestido se diferencian en nada de los demás por su dignidad o lujo, ni tampoco lleva ningún distintivo que lo dé a conocer como prior" (Est. Cart. 2001: Capítulo 23, El Prior)¹²⁷. Para todos os priores e priorosas, há contudo pequenos sinais que marcam sua posição dentro a comunidade: sua cela, a reverência que os demais monges têm para com ele, e os locais que ocupam no coro e no refeitório. Por fim, por uma questão de escolha, segundo eles, preferiram não possuir o cargo de abade, sendo todos os superiores das diversas cartuxas, priores – mas com o mesmo status, poder e paternidade espiritual que os abades dos "filhos de São Bento"¹²⁸.

MONAQUISMO NO BRASIL

A presença monástica no Brasil iniciou-se ainda no período colonial, com a chegada de monges beneditinos em 1581, ligados à Congregação Beneditina Portuguesa¹²⁹. Nos anos seguintes foram abertos diversos mosteiros pelo litoral da colônia, que era a região habitada de então. Começando pelo mosteiro da Bahia fundado em 1582¹³⁰ e do Rio de Janeiro fundado em 1590¹³¹.

Sobre a presença no Brasil e na América em geral, diz LINAGE (1999): "...na América - exceto o caso do Brasil, em que o monacato chega praticamente com o

¹²⁷ Válido de modo idêntico para o Vigário, que é o sub-prior da cartuxa.

¹²⁸ Ver o gráfico de descendência familiar espiritual no final deste capítulo

¹²⁹ Como diz Linage Conde (1999): "No Brasil, não houve muitas diferenças entre os beneditinos brasileiros e os portugueses".

¹³⁰ "...a fé dos discípulos de São Bento ergueu, diante da Baía de Todos os Santos, o primeiro monastério da Ordem em solo americano." (Mosteiro de S. Bento da Bahia : 2002).

¹³¹ Fundado por monges vindos do mosteiro da Bahia.

descobrimto - os monges chegam muito tardiamente: nos Estados Unidos chegam no século passado e na Hispano-América só neste século ou, mais precisamente, em 1899 (sim, houve antes duas casas de Monte Serrat no México e em Lima, mas praticamente só com a função de recolher esmolas e realizar funções litúrgicas). Nos Estados Unidos, chegaram monges alemães e suíços, com um espírito muito tradicional - pensou-se até em resgatar a formação da Europa medieval - e tiveram que mudar bastante: eram uns tempos em que não se sabia o que viria a ser a América. (...) Claro, os monges americanos são muito diferentes dos monges europeus de outrora, mas não dos monges atuais, embora, sim, deva-se ter em conta o fato de que na Hispano-América, ao se criarem mosteiros novos, ainda que o espírito dos monges seja o mesmo do que os da velha Europa, por não ter esse peso de séculos (pense-se em Monte Serrat, por exemplo), peso até arquitetônico, os monges americanos são, por assim dizer, mais ágeis..."

Conforme apontam Un Cartujo (1991), Un Cartujo (1997), Un Cartujo (1999), Um Cartuxo (2001) e Lockhardt (1986) nesta mesma época houve a primeira tentativa de abertura de uma cartuxa fora da Europa, com o envio de monges visitantes para conhecerem a realidade do novo continente. Todavia esta missão exploratória, por diferentes fatores, fracassou, adiando-se para o século XX a saída da Ordem para outros continentes, com abertura de novas cartuxas.

Em 1650, já havia mosteiros em algumas das principais cidades, além das duas citadas, como: Olinda, São Paulo, Santos, etc¹³². Em 1827 surge a Congregação Beneditina do Brasil, quando os mosteiros daqui desligam-se da Congregação Beneditina de Portugal. Em 1880 o governo brasileiro promulga a lei contra as congregações religiosas, o que levou ao fechamento, e quase extinção, de várias ordens no país. Em 1895, com a superação dessa questão, houve a restauração da Congregação Beneditina no País, bem como das demais "famílias religiosas". A respeito da restauração da CBB e da vida monástica, sobressai o importante papel desenvolvido pelos monges beneditinos oriundos do mosteiro de Mardesous (Bélgica), ligado à

¹³² Cf. Nesmy (1962: 178-180).

Congregação Beneditina de Beuron (Alemanha). Esta renovação, ao mesmo tempo



Imagem de um cartuxo. Notar o uso do capuz cobrindo a cabeça; e as abas laterais, típicas do hábito cartusiano. Fiz a cópia desta foto de um cartão postal que D. Prior Pedro Maria, O'Carth, deu-me. Diz o cartão: "Serra San Bruno (CZ) - Certosa".
Fonte: Cartuxa Nossa Senhora Medianeira.

monástica e litúrgica, é capitaneada pelo mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século passado, por D. Abade Thomas Keller e o então mestre-de-noviços D. Martinho Michler, OSB¹³³, posteriormente eleito abade do mesmo mosteiro nos anos 50.

Com relação às outras comunidades da "família", elas chegaram ao país nos dois últimos séculos, como por exemplo: os Camaldulenses (ou beneditinos camaldulos)¹³⁴, chegados no final do século XIX¹³⁵. Várias outras ordens, como a dos Cistercienses da Congregação de S. Bernardo, Beneditinos Olivetanos e Beneditinos Húngaros, chegaram na época da II Guerra Mundial (pouco antes ou pouco depois). Outras comunidades,

¹³³ A este respeito conferir Hooaert (1982), Lemos (1995a; 1995b), Fonseca (1995;1996) e Mendes (1995).

¹³⁴ Os monges beneditinos camaldulenses são considerados tão rigorosos quanto os monges cartuxos. Como os segundos, prezam muito a solidão e o silêncio. Foram fundados por São Romualdo, em 1012, logo algumas décadas antes que a Ordem dos Monges Cartuxos, mas no mesmo período histórico. São também de vida eremítica-cenóbica.

Como chamou-me a atenção o Prof. Dr. Júlio de Queiroz, em entrevista, os camaldulenses caracterizam-se por construírem dois locais de morada para si. O primeiro, para vida comunitária, o mosteiro, propriamente dito. O segundo, afastado do primeiro, onde constróem pequenas celas individuais, distantes umas das outras, para os monges que quiserem levar a vida eremítica. Para se obter maiores informações a respeito destes monges ver no Anexo 1 os endereços da Ordem.

¹³⁵ Conforme Hessel (1991), os monges camaldulenses viveram em Caxias do Sul (RS) de 1899 a 1926, sendo que houve a expectativa de uma possível volta em 1976, o que não ocorreu. Atualmente a Ordem dos Monges Eremitas Camaldulenses tem um mosteiro na cidade de Mogi das Cruzes (SP). Cf. também, a obra de Dall'Alba (1999), A saga dos camaldulenses no Rio Grande do Sul, a respeito do centenário da presença dos "monges brancos" na região de Caxias do Sul (RS).

como a dos trapistas contam com poucas décadas entre nós¹³⁶.

Pelo que concerne aos monges pesquisados, vêem eles a situação atual com bons olhos. Pode-se dizer que a vida monástica, de ambas as "famílias", tem se expandido no Brasil e fora dele¹³⁷. Como se observa na matéria publicada em um jornal de grande circulação nacional. Esta matéria dá conta do crescimento extraordinário que está tendo o mosteiro beneditino da Ressurreição, em Ponta Grossa (PR): "enquanto falta vocação em muitas congregações, há 236 pessoas à espera de vaga no Paraná" (OESP, A 11, 2000). Ressalvo que este mosteiro só tem 19 anos de fundação, já contando com 19 monges, dois noviços e nove postulantes.

Finalizando, saliento que, de modo geral, cada ordem atual possui os seus horários e ritmos diários próprios, não existindo um padrão para todos os membros das "famílias". Além disso, numa mesma ordem pode haver diferenças de um mosteiro para outro, posto que o abade/prior é autônomo para disciplinar os ritmos da vida local, ou seja, é a autoridade máxima do mosteiro e dos monges que nele habitam. Desta forma, pode-se dizer que cada mosteiro é uma unidade auto-centrada, independente e autônoma frente aos demais, porém em relação de complementaridade uns com os outros, o que faz com que existam as ordens; estas as congregações, para então chegar-se à confederação.

Isto realizado por homens e mulheres, que, no uso de seu juízo, fizeram escolhas, as quais, como todas as demais, trabalham com alternativas limitadas. Mantendo-se sempre a capacidade de dizer não à renúncia que fizeram.

¹³⁶ Pode-se ter uma boa idéia dessas comunidades: sua história, origem, motivações, situação atual e outros dados mais, a partir dos sites que mantêm. Além de se obter bibliografia específica sobre o assunto. Ver sobre no Anexo 1. Recomendo principalmente o site da Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo (2002), para se saber sobre a presença dos cistercienses de comum observância entre nós e da antiga fundação trapista.

¹³⁷ Sobre este crescimento de renunciantes cristãos à procura de mosteiros, veja-se, por exemplo, as informações dadas no site oficial da Ordem dos Monges Cartuxos. Eles contam da fundação de uma cartuxa masculina na Argentina, e outra em vias de fundação, uma cartuxa feminina na Coreia do Sul. Ainda na *internet*, veja-se as informações do mosteiro beneditino tradicionalista, de Friburgo (RJ), que também tem crescido e atraído a atenção e visita de interessados na vida monástica. Leia-se, também, o artigo sobre a abertura do segundo mosteiro de monjas beneditinas no Rio Grande do Sul (ZH, 40, 2001).

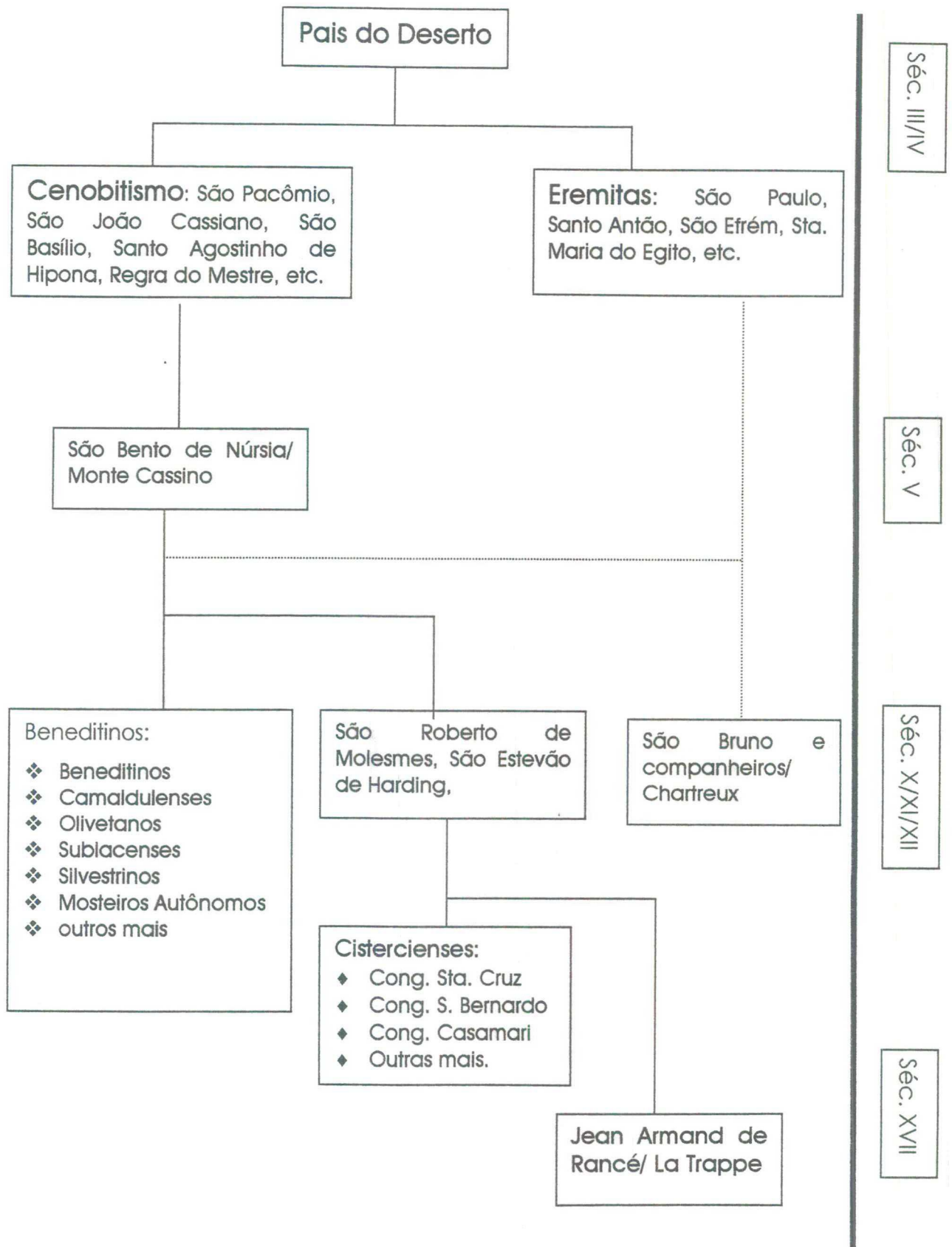


Gráfico Origem e parentesco. A linha contínua indica relação direta de ascendência e descendência. A linha pontilhada indica influências recebidas de uma ordem, de uma "família para outra."

Vesperas

Deus, vinde em nosso auxílio.

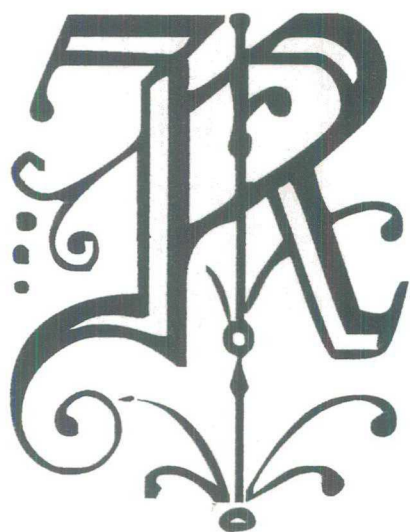
Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.

*Glória .ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*

Cântico da Santíssima Virgem Maria (Magnificat □ Lc 1, 46-55)

*Minha alma glorifica o Senhor;
exulta meu espírito
em Deus, meu salvador:
ele voltou os olhos para a humildade de sua serva
doravante todas as gerações
me chamarão bem-aventurada
O Poderoso fez em mim maravilhas,
Santo é o seu nome!
Sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem;
manifestou o poder de seu braço,
dispersou os soberbos.
Depôs do trono os poderosos
e exaltou os humildes;
saciou de bens os que têm fome
e aos ricos despediu de mãos vazias.
Veio em socorro de Israel, seu servo,
recordando-se de sua misericórdia,
assim como prometera a nossos pais,
a Abraão e a seus filhos para sempre.*

*Glória .ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*



esolvi fazer a descrição simultânea da vida no mosteiro beneditino da Transfiguração e na cartuxa de N. Sra. Medianeira, para mostrar o quanto as duas "famílias" têm de semelhanças no geral e, assim, poder demonstrar as diferenças que se dão nas particularidades próprias de cada uma. E, pelos capítulos anteriores nos quais passei sucintamente a história de cada uma delas, creio ter evidenciado que, se ambas as "famílias" são ordens monásticas, possuem vida contemplativa, etc, isto não quer dizer que elas sejam a mesma coisa.

Deste modo farei um apanhado da vida monástica a partir dessas duas comunidades em particular, e irei apontando as marcações de diferenciação entre os beneditinos e os cartuxos visitados, e, se as houver, com os demais monges: demais beneditinos, cistercienses e trapistas.

Antes contudo, chamo a atenção para as noções que J. Marías e L. Dumont desenvolveram em seus estudos, as quais permitiram-me uma melhor compreensão da vida nas duas comunidades e as características próprias que apresentam.

Julian Marías afirma que há uma perspectiva cristã¹³⁸, isto é, uma maneira própria dos cristãos 'verem' suas vidas e os acontecimentos passados, presentes e futuros do mundo, pela qual orientam suas decisões e ações. Tomo emprestada esta sua noção e digo que há uma perspectiva religioso-monástica, pela qual os monges 'olham o mundo' a sua volta a partir de uma óptica própria do estado religioso de suas vidas e das "famílias" às quais pertencem, o que os distingue de todos os demais cristãos, sejam esses leigos, sacerdotes, ou religiosos de outras ordens¹³⁹.

Tal perspectiva monástica serve para os monges selecionarem quais são seus valores, atitudes, etc, dentro da óptica cristã. E, ainda, como toda perspectiva, esta também é uma seleção entre o que é visto e como é visto, e o que não é visto, i. é, deixado de fora. Desta forma a noção de perspectiva cunhada por Marías assemelha-se a noção de ideologia elaborada por L. Dumont (1985: 10), que diz: "Dou o nome de ideologia a um sistema de idéias e valores que tem curso num dado meio social". Acrescentando a isto, também diz Dumont (2000: 30): "Nenhuma ideologia em sua totalidade pode ser dita 'verdadeira' ou 'falsa', pois nenhuma forma de consciência não é jamais completa, definitiva ou absoluta (...) todas as formas de consciência são semelhantes no sentido que nenhuma opera sem uma 'grade' através da qual tomamos consciência do dado e, ao mesmo tempo, deixamos de lado uma parte deste dado. Não existe consciência direta e exaustiva de nada. Na vida de todos os dias é, a princípio, por intermédio da ideologia de nossa sociedade que nos tornamos conscientes de qualquer coisa". Note-se que se para uma dada perspectiva, a mudança de visada alterará o visto e o não visto, uma mudança qualquer de um valor

¹³⁸ J. Marías (2000: XIV): "O cristianismo traz consigo uma visão da realidade, inteiramente original e que se acrescenta a seu conteúdo religioso, do qual emerge e que não se reduz a ele. O homem cristão, por ser cristão, atende a certos aspectos do real, estabelece entre eles uma hierarquia, descobre problemas e talvez evidências que de outro modo lhe seriam alheios. Isto é o que chamo a perspectiva cristã."

¹³⁹ Também Fritjof Capra apresenta uma noção que se assemelha às de Marías e Dumont, quando fala de 'Paradigma Social', na discussão que mantém com dois monges beneditinos camaldulenses. "Para mim, um paradigma social é uma constelação de conceitos, de valores, de percepções e de práticas compartilhadas por uma comunidade, formando uma visão particular da realidade que constitui a base da maneira segundo a qual a comunidade organiza a si mesma. É necessário que um paradigma seja compartilhado por uma comunidade. Uma pessoa isolada pode ter uma visão de mundo, mas um paradigma é compartilhado por uma comunidade." Capra e Steindl-Rast (1999: 43ss).

e/ou idéia também afetará o que será ou não pensado, dada a estruturação particularizada de todo sistema.

Igualmente importante é salientar que a presença da "família cartusiana" e da "família beneditina", destacando-se esta última por diversas cidades do Brasil, acarreta obrigatoriamente na interação e alteração entre a sociedade e as comunidades¹⁴⁰, mesmo que o número de pessoas envolvidas no processo de contato, por ambas as partes, seja mínimo e restrito. Assim, neste trabalho tento descrever, para compreender, esse tipo de vida que ambas as "famílias" levam, ou seja, o conjunto das relações mantidas pelos monges entre si, com seus co-irmãos, a sociedade etc, que compõe uma situação especial, definida e percebida como "vida monástica da família beneditina e da família cartusiana". Relações feitas a partir de perspectivas diferentes, por atores sociais diferentes.

LOCALIZAÇÕES

Antes de mais nada é bom frisar que mosteiros não surgem em qualquer lugar, a esmo. São espaços muito bem escolhidos e pensados aqueles que abrigam a vida dos monges. Desta forma, a escolha de onde ficaria cada um dos mosteiros e a comunidade deles, foi algo previsto antes de cada um ser construído.

Mesmo quando se sabe que a comunidade beneditina encabeçada por D. Prior Cristiano veio a instalar-se em um mosteiro já pronto¹⁴¹, que fora construído para atrair a vida monástica beneditina para aquela diocese, aqueles que planejaram isto, D. Estanislau e Monsenhor Becker, conheciam a importância da escolha do local

¹⁴⁰ Entendo a interação entre ambas como sendo o conjunto formado pelas relações de caráter compulsório, do tipo: pagamentos de impostos, prestações de serviços públicos e particulares; e pelas relações de caráter facultativo, tais como: celebrações religiosas públicas, ingressos de candidatos, manutenção de sites na internet (cf. Anexo 1), etc. E por alteração, as modificações que ocorrem, no mosteiro e na sociedade de seu entorno, pelo conjunto de relações que estabelecem, tomados enquanto indivíduos coletivos que trocam valores, perspectivas, etc.

¹⁴¹ Estritamente falando o que existia era apenas uma edificação em um local determinado, uma vez que não havendo monges morando ali, não havia mosteiro, isto é, a habitação de monges.

apropriado para o sucesso do que almejavam¹⁴². E também que tiveram que ser convincentes a respeito do local onde construíram o mosteiro, junto aos monges com os quais conversaram, senão o projeto acalentado daria errado.

A mesma atenção e cuidado tiveram os cartuxos. Antes de darem sua resposta definitiva à D. Ivo Lorscheider se viriam ou não para o Brasil, foram enviados pelo Reverendo Padre alguns monges para visitar a diocese de Santa Maria, para conhecer sua realidade pastoral, mas principalmente, escolher o local ideal para uma futura instalação de uma cartuxa. Ressalvando que no caso específico deles implica dizer que este seria um local suficientemente distante de casas, vilarejos – cidades, nem pensar -, bem como de acesso bem restrito, para não dizer difícil¹⁴³.

Com isto vê-se que a vivência, a experiência do sagrado no monaquismo antecede mesmo a implantação das habitações e dá-lhes a forma própria para sua realização¹⁴⁴. E também o monaquismo até por sua localização, se estrutura como uma via de salvação para poucos.

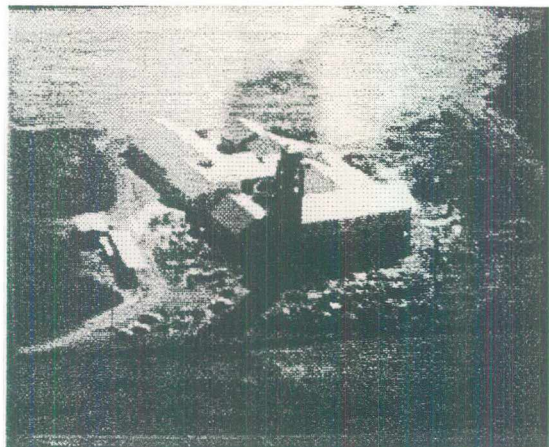
O mosteiro da Transfiguração, dos monges beneditinos, está localizado no município de Santa Rosa (RS), que pertence à diocese de Santo Ângelo. A cidade faz parte da região conhecida por missioneira, por causa das missões jesuíticas junto aos índios Guarani na época em que o Brasil ainda era uma colônia portuguesa. Igualmente

¹⁴² A este respeito cf. Becker (1999).

¹⁴³ Sobre o processo de escolha do futuro local de instalação da cartuxa de N. Sra. Medianeira, ver: Um Cartuxo (s/d), Un Cartujo (1991), Un Cartujo (1997), Un Cartujo (1999) e Um Cartuxo (2001).

Sobre a instalação de qualquer cartuxa, e o processo de escolha do local ideal cartusiano cf. Hoog (1979, 1980 e 1984) e quase que todas as obras escritas por "Un Cartujo" ou "Um cartuxo", listadas nas Referências Bibliográficas. Estes trabalhos a respeito de algumas das cartuxas existentes, trazem a história de suas fundações, narrando como foram localizadas e construídas, entre outros dados.

¹⁴⁴ O que foi dito aqui para os cartuxos e beneditinos vale para os demais membros das "famílias". Veja-se a este respeito a narrativa de fundação dos trapistas do mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo (2001): "Em 1977, quatro monges da Abadia Trapista Nossa Senhora de Genesee (New York) chegaram ao estado do Paraná para fundar um novo mosteiro... O novo grupo passou quatro anos perto da cidade da Lapa, vivendo numa grande simplicidade... Ficou claro que a comunidade ia necessitar um lugar mais recolhido e maior para corresponder ao seu chamado, e no ano de 1981, mudou para Campo do Tenente, trinta km ao oeste...". Também lê-se a mesma coisa a respeito da vinda dos visitantes dos diferentes grupos de cistercienses no Brasil e o início das fundações, no *site* dos cistercienses de São Bernardo (Cf. Anexo 1 o endereço).



Vista aérea do mosteiro de Santa Rosa (RS), no período anterior a chegada de D. Prior Cristiano e "filhos". É uma foto de uma foto. De baixo para cima tem-se: a igreja, suas duas ligações com o claustro, formando o jardim interno, o corpo do meio do prédio; no final à esquerda, a garagem, à direita as celas. Atrás desta, i. é, no lado direito, entre o mosteiro e o bosque é que ficará o cemitério da comunidade. O prédio da hospedaria que construirão ficará na parte de baixo da foto, antes da igreja. A frente do mosteiro está para o lado esquerdo da foto. Ainda hoje o resto da área é utilizada na agricultura. Foto: do autor, 2001.

faz parte da região que cresceu com a expansão da ocupação territorial do Rio Grande do Sul no fim do século XIX e início do século XX. A cidade de Santa Rosa, cuja a população é de aproximadamente 60.000 pessoas, ainda tem na atividade agrícola uma das bases de sua economia.

O mosteiro beneditino, cuja a área é de 19 hectares, situa-se no bairro Cruzeiro que, segundo me disseram na cidade, é um bairro novo em fase de crescimento. Está distante do centro, mas há uma linha de ônibus que passa pelo bairro, com o ponto distante umas duas

quadras do mosteiro. Indo do centro, de carro chega-se em uns dez minutos.

Seus vizinhos mais próximos são os moradores das casas que lhe ficam à frente – em dois dos seus lados há rua e rodovia. Os seus vizinhos são na maioria trabalhadores que passam o dia fora, com algumas das mulheres cuidando de crianças, e essas indo a escolas.

O mosteiro está localizado dentro de uma das paróquias da cidade, mas não desenvolve nenhuma atividade paroquial particular, apesar de suas missas diárias serem abertas à qualquer um que delas queiram participar.

A cartuxa de Nossa Senhora Medianeira está localizada na área rural do município de Ivorá (RS), pertencente à diocese de Santa Maria. A população do município é aproximadamente de 2.500 pessoas. A principal atividade econômica local é a agricultura. Ivorá fica na serra de São Martinho, com altitude de 200 metros. O clima da região é bem marcado por extremos de frio e calor – considerando-se a Região Sul.

A cartuxa ocupa uma área de 60 hectares, os quais explora com plantio de diferentes espécies. A vizinhança mais próxima é composta de outras fazendas. Algumas das casas mais próximas estão distantes uns 20 minutos a pé. Além disso a cartuxa está a seis km da sede municipal.

Para se chegar à cartuxa, normalmente pega-se um ônibus inter-municipal na rodoviária de Santa Maria. Nela as informações a respeito da cartuxa e dos monges inexistem junto aos guichês de venda de passagem ou do guarda-volumes. O melhor local para se obter informações é junto da Missão Rodoviária Católica, mantida pelas irmãs carlistas, que se encontra no térreo da estação, e que na maior parte do tempo está aberta. Lá, há uma pequena capela para orações e uma pequena saleta com livros e poltronas para quem quiser usufruir deles.

Foi neste local, com a irmã Iracema¹⁴⁵, que obtive minhas primeiras informações de campo sobre cartuxos. Segundo ela sempre há muitos jovens passando por ali em direção à cartuxa e quase que igual número voltando, no máximo, uma semana depois. A informação mais curiosa que me prestou foi a respeito de um rapaz que certa vez passou por lá. Como ela disse, ele contou para ela que tinha fugido da cartuxa. Perguntado do porquê da "fuga", ele disse que não agüentara e saiu sem comunicar a nenhum dos cartuxos a sua decisão, e nem se despediu. Poucos dias depois, continuou ela, falando com um dos cartuxos, ela indagou sobre o fato, obtendo a confirmação da saída do rapaz, com apenas o esclarecimento de que ninguém precisa 'fugir' de lá, já que as portas da rua só não abrem pelo lado de fora, e sai quem quer.

Ela, bem como outros religiosos com quem conversei ao longo dos últimos anos, consideram muito estranha esta forma de vida isolada, sem atividade comunitária (com os leigos, outros religiosos, por meio de pastorais), e menos ainda "engajamento social". O que, no caso delas, é a maneira de atuarem. Ela definiu para mim o seu apostolado, e das outras irmãs, como pertencente "à hierarquia do povo".

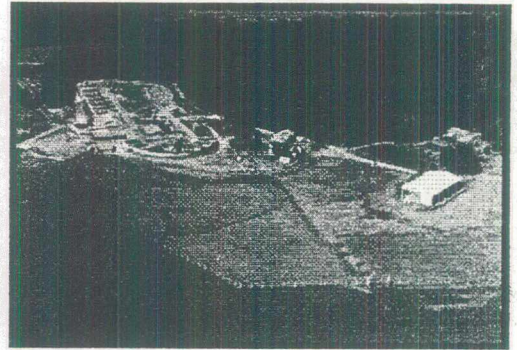
¹⁴⁵ Com quem conversei a respeito, dado estar trabalhando nesta Missão há muito tempo e também porque a outra, irmã Teresinha, era recém-chegada à cidade e iniciava seu trabalho ali, quando do nosso encontro. A ambas irmãs meus agradecimentos pela acolhida e informações.

Após estas informações, e depois de uma viagem de uma hora, salta-se em frente a entrada principal da fazenda¹⁴⁶, e caminha-se uns dez minutos para chegar à entrada da cartuxa. Os motoristas dos ônibus que fazem esta linha sabem exatamente onde os interessados devem saltar, bastando que lhes perguntem – como, aliás, o fiz.

Do lado de fora da fazenda não se enxerga a cartuxa, uma vez que esta fica detrás de uma pequena elevação do terreno e também que em seu entorno há um pequeno bosque, o qual tem sido ampliado pelos monges através do plantio de árvores, o que a esconde mais ainda.

Uma curiosidade é que vários sites que visitei sobre a região e Ivorá¹⁴⁷, destacam a cartuxa como algo bem exótico, 'apenas um monge sai para manter contatos com a cidade', ou como se fosse uma atração turística, com frases do tipo 'pela trilha tal se pode-se ver ao longe a cartuxa...', '...localiza-se a cartuxa, única na América Latina!'. Raramente, contudo, informando-se aos 'internautas' que os monges cartuxos não estão abertos a visitas.

Aliás, na entrada de todas as cartuxas, seja como no caso da de Nossa Senhora Medianeira no portão da fazenda, há sempre uma placa informando que os monges vivem em clausura, orando por todos e que não aceitam visitas, agradecendo que não



Vista aérea da cartuxa. Ainda não estava completamente construída, faltando as celas do lado direito e do fundo que a fecha atualmente. O bosque vem crescendo, no sentido esquerdo da foto, onde é hoje a entrada, com o pátio de acesso a visitantes, onde possuem a hospedaria. No meio da foto a aparece a construção primitiva que os cartuxos fundadores construíram e iniciaram o noviciado da comunidade. Na extrema direita está o lago, o curral, a estufa e o galpão/oficina (mais a frente). O resto da área é para o plantio, o que garante a sobrevivência econômica da comunidade. O obtive esta imagem no site oficial da Ordem cartusiana. Fonte: Moines Chartreux et Moniales Chartreuses (2001).

¹⁴⁶ Vou reservar o termo cartuxa para especificar a construção que abriga as celas, capelas, refeitório, e outros cômodos, onde a maioria dos monges passa o dia todo. Diferenciando do resto da área ao qual designo apenas de fazenda, na qual há alguns monges que cuidam de atividades agrícolas diariamente, e onde às vezes toda a comunidade passeia. Contudo deve-se lembrar sempre que tudo, construção e fazenda, faz parte e é a cartuxa e, portanto, tudo está marcado pelo e orientado para o sagrado.

¹⁴⁷ Na realidade a minha pesquisa pela internet sempre foi dirigida para os beneditinos e irmãos ou para os cartuxos. Desta forma, outras informações, como esta a respeito de Ivorá, as obtive porque alguns desses sites classificaram a informação 'cartuxa', fazendo com que aparecessem nas minhas buscas.

os perturbem¹⁴⁸. Mas como contou-me D. Prior Pedro Maria: "Às vezes chega algum ônibus de turistas; com senhoras querendo entrar pela cartuxa. Eu digo que não podem, que não recebemos visitas. E pergunto ao motorista, ou encarregado, se não viu a placa informando sobre isto lá na entrada!". Perguntei quantas vezes isto ocorreu, a que me respondeu: "Ocorre umas três vezes ao ano". Essas pessoas são informadas turisticamente do 'exotismo' da vida que levam os da cartuxa e da santidade de seus membros, mas não que a ordem cartusiana é de clausura estrita.

Abrindo um pequeno parênteses na apresentação, com relação à exploração e atração turística dos mosteiros das "famílias", constatei que é mais antiga e comum do que imaginava.

Falando com Ir. Clemente, obOSB, este contou-me a respeito do mosteiro de Olinda (o qual conhece bem), onde muitas pessoas vão em visita, inclusive no claustro. A ponto dos monges acharem normal estas visitas.

O mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro há muitos anos vende uma fita de vídeo feito sobre ele mesmo. Outro exemplo é o da RedeTV, que este ano mesmo, exibiu o programa de televisão Perfil 2001 feito no mosteiro de São Bento de São Paulo, mostrando várias de suas dependências, tendo o apresentador por cicerones dois dos monges.

Por fim é comum os mosteiros estarem listados em guias turísticos, como por exemplo no guia 'Welcome São Paulo Guide- international Terminal', edição bilíngüe, que à página 49 traz:

"Mosteiro de São Bento/São Bento Monastery

O local serviu no século XVI como endereço do cacique Tibiriça, chefe da nação indígena Tupi e um dos fundadores de São Paulo. Data de 1600. Aos domingos,

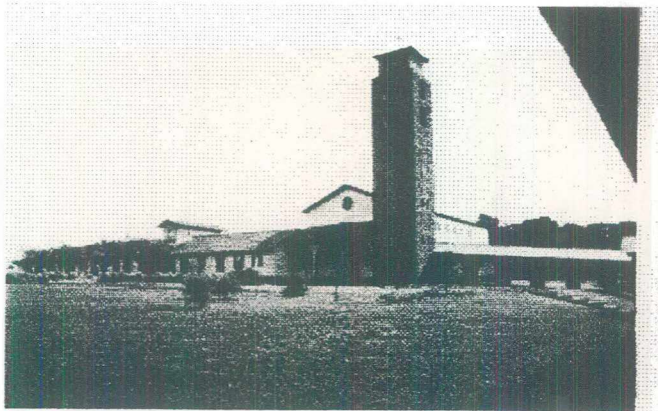
¹⁴⁸ O que chama a atenção para o fato da vida monástica exercer atração sobre a imaginação das pessoas, ou da curiosidade que despertam nestas, e já há muito tempo.

às 10h, pode-se assistir apresentações de canto gregoriano. (...) Lgo. De São Bento, s/n. Tel. 228-3633"¹⁴⁹.

ÁREAS E ARQUITETURAS

Os mosteiros como espaços sagrados são construídos com características arquitetônicas particulares. Mesmo que se leve em conta a diferença dos estilos arquitetônicos surgidos ao longo dos séculos, e as características culturais de cada estilo, sempre há sido preservada as características da clausura, do isolamento e do silêncio buscados pelos monges como forma ascética de vida, para alcançarem sua união com Deus.

O mosteiro da Transfiguração é uma casa muito nova, como dito acima, construída pela diocese de Santa Rosa, sendo de responsabilidade do bispo local, D.



Fotografia do mosteiro e igreja, tirada do final da hospedaria. Notar a passarela que liga esta àqueles. Além do campanário e os arcos da entrada da igreja. Foto: do autor, 2001.

Estanislau A. Kreutz, a aprovação do projeto arquitetônico. Os planos, organização e orientação ficaram a cargo de monsenhor Johannes D. Becker¹⁵⁰.

D. Prior Cristiano e seus "filhos" vieram a ocupá-lo a partir de 1999, quando da mudança deles do estado de São Paulo para lá. De tal sorte que só agora é que surge uma intervenção

arquitetônica significativa deles no mosteiro, a partir da construção da hospedaria. O jardim da frente do mosteiro também tem sido plantado e cultivado por eles, bem

¹⁴⁹ Publicado pela OFF – Oficina de Comunicação e a INFRAERO – Aeroportos Brasileiros, march/may 1999. Sua distribuição é gratuita.

¹⁵⁰ Outras informações a respeito dos trabalhos técnicos da obra em si podem ser obtidas em Becker (1999).

como outras pequenas obras na parte da frente do terreno, que vêm marcando sua presença e a feição que desejam dar a essa casa – o que contribuirá também para desenvolver o perfil, a personalidade do mosteiro futuramente.

O terreno de 19 hectares dos beneditinos está assim ocupado por construções:

- ❖ à direita de quem entra, está localizada a hospedaria;
- ❖ em frente, indo da direita para a esquerda, fica a passarela que liga a hospedaria à igreja, e esta unida ao edifício do mosteiro;
- ❖ aos fundos do mosteiro, localiza-se o futuro cemitério da comunidade, e um pequeno bosque mais além;
- ❖ bem à esquerda e distante do portão, estão o pomar e a estufa, e uma antiga casa que existe ali. Junto desses está uma antena de transmissão de uma rádio FM local;
- ❖ entre todas estas partes, separando-as, está o grande jardim externo do mosteiro.

À frente do terreno há o portão principal, ladeado por um trecho de muro seguido de cerca em arame, demarcando os limites que separam o estar dentro e fora. Avança-se uns 70 metros por um caminho, também para carros, que tanto leva para a frente da igreja, quanto para o mosteiro e a hospedaria.

A hospedaria Betânia é de formato quadrado, sendo que na sua parte do meio interna, possui um bom jardim e uma pequena capela ao centro deste, para os quais se tem acesso por quatro portas laterais, uma em cada lateral. A capela foi construída orientada no sentido leste-oeste.

São umas quatro dezenas de quartos, os quais possuem banheiros próprios com sanitário, pia e chuveiro, porém cada quarto com capacidade diferente de ocupação. Por exemplo, o quarto que me cederam tinha um armário embutido, uma pequena mesa e cadeira, e duas camas. Além disso há uma sala de leitura com alguns sofás; amplo refeitório com diversas mesas (com cadeiras) para umas 10 pessoas cada,

em sua maioria; uma cozinha ampla com dispensa; sala para telefonar; auditório; loja de produtos monásticos; saguão de entrada. Como nota-se, a hospedaria foi planejada para poder acomodar quase duas centenas de pessoas em encontros, afóra os hóspedes para retiros curtos e os candidatos à vida monástica.

A Igreja do mosteiro está orientada no sentido norte-sul, com o altar voltado para o norte. Isto soube antes de ler o livro de monsenhor Becker (op. cit.), uma vez que levei uma bússola. Conforme a tradição cristã, o altar das igrejas deve estar orientado para o oriente, pois "de lá veio a salvação para o mundo", mas não é obrigatório. As tomadas de orientação com bússola foi algo que despertou curiosidade entre alguns dos monges a respeito do meu trabalho.

A igreja é ao mesmo tempo grandiosa e simples, despojada até, em sua arquitetura e decoração interior. Por fora sua fachada é composta de 3 arcos que conduzem ao átrio. Suas paredes são rebocadas e pintadas em tom pastel. No átrio, do lado esquerdo, tem-se acesso à outra loja monástica que possuem. Ao centro, tem-se a porta principal de entrada que é toda em madeira, bem larga e alta, dividida em duas partes. Numa das metades está afixada uma peça esculpida em metal, com a letra alfa (α); na outra, a letra ômega (Ω)¹⁵¹ – tanto pelo lado externo como pelo interno da mesma.

No seu interior, percebe-se melhor a sacralidade do local, a começar pelo seu pé-direito que é bem alto – considerando o padrão atual da maioria das igrejas. Seu teto é todo construído em madeira escura, e o piso em pedra polida. Na nave principal estão: o vaso de água benta¹⁵² da entrada, feito em pedra; as duas fileiras de

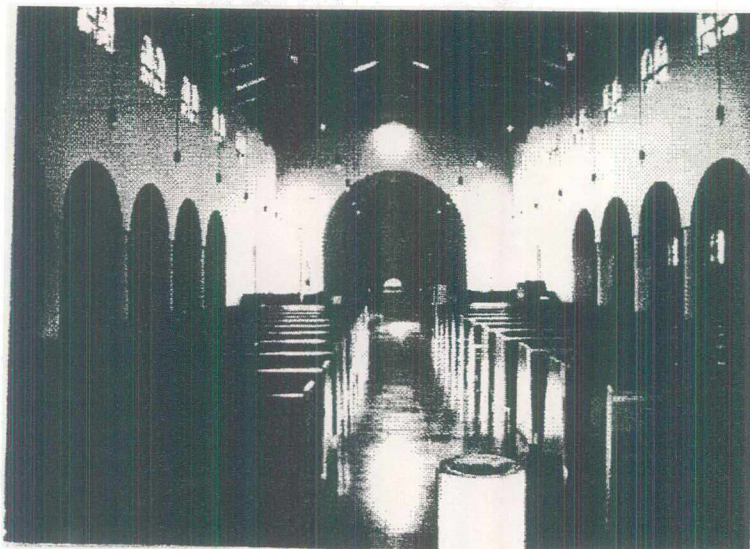
¹⁵¹ Os cristãos usam estas duas letras, que são respectivamente a primeira e última do alfabeto grego, desde o século III, "como expressão da esperança da ressurreição. Na Idade Média, apareceu mais vezes na auréola de Cristo para representar a majestade do Senhor e do juiz universal" Zilles (1994: 37). Em Ap 1, 8 Deus se apresenta como "o Alfa e o Ômega". Conforme Zilles (idem): "Desta forma o alfa e ômega tornam-se símbolos do senhorio que tudo abrange e tudo determina. O Senhor criará 'novo céu e nova terra' (Ap 21, 1), pois ele é 'o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim' (Ap 22, 13)."

¹⁵² Conforme Zilles (1994: 79): "A água é abençoada e colocada em pias na entrada das igrejas para recordar nosso batismo. Quando molhamos nosso dedo nela e nos persignamos dizendo: 'Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo' recordamos que fomos batizados na água em nome da Trindade". Ver também em Beckhäuser (1976) a respeito do simbolismo da água. Na Bíblia: Mat 3, 13-17; Mar 1, 9ss; Jo 1, 31-34; Jo 3, 5; Jo 4, 7-14, e outras passagens mais a respeito de água e batismo.

uns 20 bancos para acomodar a assembléia; e fechando, o altar¹⁵³ com todos os seus pertences.

À frente dos bancos, de uma parede à outra, há uma fina corrente suspensa por pedestais, que divide o espaço interno da igreja, delimitando o acesso dos fiéis e, principalmente, marcando o lugar próprio dos monges¹⁵⁴.

Indicando a separação da nave central das duas naves laterais, há uma seção de colunas encimadas por arcos. As paredes laterais destas, feitas em pedra grés¹⁵⁵, são desprovidas de adornos ou quadros, tendo nelas afixadas apenas as cruzes apostólicas¹⁵⁶, acompanhadas cada qual de uma vela.



Interior da igreja. Debaixo para cima: a pia de água-benta; as duas fileiras centrais de bancos; as colunas que separam as três naves; a área do altar, finalizando com o Cristo em majestade (Pantocrator). De cada lado do altar estão as estalas para o coro. Foto: do autor, 2001.

Em cada uma das naves laterais há, também, uma fileira de pequenos bancos para o caso de uma assistência maior em alguma missa. A fileira da lateral direita, pelo que observei, é muito mais utilizada pelos monges e fiéis do que a outra. Creio que

¹⁵³ "O espaço principal da igreja é dividido em duas partes principais: a dos fiéis e a do altar. Ele espelha, dessa forma, a estrutura da comunidade reunida, com cabeça (espaço do altar) e membros (espaço dos fiéis). O espaço do altar é ressaltado por degraus ou destacado por especial arrumação do espaço. Aí se encontram o altar, a estante da Bíblia e assentos para os sacerdotes. O espaço dos fiéis e tudo mais dentro da igreja está direcionado para o espaço da altar. Através da estruturação, cada igreja constitui uma unidade, a qual aponta para a unidade da comunidade." Becker(1999: 09).

¹⁵⁴ "Desde o início da Idade Média, o altar foi separado da parte própria dos fiéis através de barreiras e reservado aos sacerdotes e monges." Becker(1999: 13).

¹⁵⁵ Conforme disseram-me esta é uma pedra típica da região que foi muito utilizada na construção das igrejas e outras obras pelos jesuítas e os Guarani.

¹⁵⁶ "Em toda igreja católica devidamente consagrada, encontram-se doze luzeiros na nave principal, espalhados pelas paredes laterais ou colunas. Perto deles, encontram-se também pequenas cruzes. (...) Elas querem lembrar que a fé de cada comunidade eclesial se apoia no testemunho dos doze Apóstolos." Becker (1999: 23).

isto se deve a soma de dois fatos: um é dos monges desenvolverem em sua espiritualidade beneditina um viés da Renovação Carismática; e o outro, que concretiza o anterior, é que fisicamente esta fileira de bancos termina justamente em frente ao tabernáculo¹⁵⁷. Este fica em uma capela lateral ao altar, atrás dos assentos do coro da direita, tendo a sua frente a lamparina. Normalmente antes dos Offícios da manhã e após o Ofício das Completas pude por várias vezes observar os monges em adoração e contemplação silenciosa. Estavam espalhados pelos bancos da fileira, alguns assentados, outros ajoelhados,. Outros ainda estavam prostrados ou ajoelhados no próprio tabernáculo. Alguns deles mantinham o capuz cobrindo a cabeça para maior recolhimento, outros não.

Na fileira da lateral esquerda, antes da porta e dos bancos, tem-se um afresco de Cláudio Pastro¹⁵⁸, representando os três "primeiros mártires brasileiros: Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e Juan de Castillo. (...) Esses três santos são os padroeiros da região das Missões e padroeiros secundários da Diocese de Santo Ângelo, muito venerados em Caaró – lugar de peregrinações – onde foram martirizados" (Becker: 1999, 45), isto ainda durante o período colonial. Contudo, como disse-me D. Prior Cristiano, quando de uma conversa nossa em que perguntei a respeito desta e outras (poucas) imagens no mosteiro, "nós, os beneditinos, somos cristocêntricos. Não há muito a prática de devoção de santos particulares".

¹⁵⁷ Conforme Zilles (1994: 49): "Tabernáculo significa 'pequena tenda.' Durante a peregrinação através do deserto, Moisés e os israelitas ergueram uma tenda para moradia de Deus. Isto era um sinal de que Deus sempre acompanha seu povo". No início do cristianismo, segundo este autor (idem: 49-50): "Nos primeiros tempos, guardava-se o pão consagrado para os doentes em casa. À 'caixa' na qual se guardava este pão eucarístico deu-se o nome de 'tabernáculo' por recordar a aliança do Antigo Testamento. A conservação do 'corpo de Cristo' com profundo respeito, também depois da celebração da Eucaristia, é sinal sensível de que o Senhor está tão pessoalmente presente em sua Igreja hoje, quanto outrora no meio dos apóstolos. Para indicar que Cristo está presente no tabernáculo, também chamado de 'sacrário', próximo a ele costuma acender-se uma lamparina. Diante do tabernáculo com o Santíssimo costumamos fazer genuflexão". E em Beckhäuser (1976: 80): "A lâmpada acesa junto ao sacrário, alimentada pelo azeite, significa a presença do sagrado, do divino. (...) a presença sacramental de Jesus Cristo na Eucaristia".

¹⁵⁸ Este artista plástico é muito requisitado pela "família beneditina" para trabalhos em suas comunidades, "é o artista dos beneditinos" como relatou-me, brincando, Ir. Clemente, ob.OSB. Pastro, também oblato beneditino, tem trabalhos seus em diversos livros, conforme pude constatar durante o levantamento bibliográfico.

Do mesmo lado, mais à frente, há no piso o futuro túmulo do fundador do mosteiro, encimado por uma lápide com os dizeres: "Todo teu, agora e na hora de minha morte". Após a pequena corrente há outro vaso de água benta e outro nicho com uma cópia da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe.

Na parede do fundo da igreja, isto é, na sua entrada principal, pelo seu lado interior no alto, estão pintados 6 afrescos de Cláudio Pastro, com cenas da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe ao índio Juan Diego, ocorrida no México em 1531, destacando os famosos milagres das rosas e a impressão da imagem dela no manto que Juan usava¹⁵⁹.

Nesta mesma parede bem acima da porta de entrada está uma estrutura com se fossem realmente os tubos do órgão, mas onde estão disfarçadas as caixas de som desse. Este órgão, como contou-me Ir. Gregório que é o organista do mosteiro, é da última geração de instrumentos musicais eletrônicos. Acima dessas caixas está um vitral redondo.

Nos dias em que passei junto da comunidade chamou-me a atenção a qualidade acústica da igreja. Fosse nos Offícios ou em missas, com ou sem chuva, não foi usado o sistema de som¹⁶⁰, e, assim mesmo, ouvi perfeitamente a fala de D. Prior Cristiano e o canto do coro, independente de ser este solo ou coral. Mesmo quando numa missa de sábado, com uma assistência de mais de cem pessoas, e eu estando ao fundo da igreja, ouvi claramente as leituras e a pregação de D. Prior.

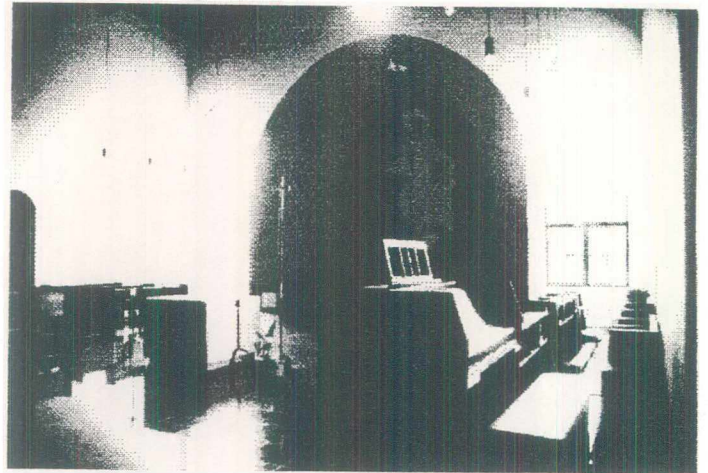
A área do presbitério é ocupada da seguinte maneira: em cada lateral (que possui a mesma largura da nave principal) ficam duas fileiras de estalas para o coro, num total de 24 assentos. Como explica Becker (1999: 15): "Nas catedrais, nas igrejas

¹⁵⁹ A consagração da igreja do mosteiro à N. Sra. de Guadalupe, segundo informaram-me, deve-se à devoção que lhe tem o monsenhor Becker. Como ele mesmo escreveu (op. cit.: 29): "Nós nos sentimos impelidos a difundir insistentemente e em todo lugar a veneração dessa imagem surgida e conservada tão milagrosamente. Estamos convictos de que os fiéis confiantes experimentarão concretamente a benção da Virgem de Guadalupe". Nossa Senhora de Guadalupe foi posta pela Igreja como padroeira da América Latina, tendo sua festa no dia 12 de dezembro.

¹⁶⁰ Só percebe-se as pequenas caixas de som, instaladas no alto das paredes das naves laterais, se se observa muito. Quanto à capacidade e qualidade de som do equipamento que têm, um dos irmãos informou-me ser muito boa. E também disse que raramente o utilizaram.

de mosteiros e nalgumas igrejas antigas, encontram-se, normalmente em ambos os lados do Presbitério, filas de assentos de madeira para os clérigos e monges. Esses assentos são chamados de 'Coro' e são muitas vezes ornamentados com um encosto alto e numerosos detalhes de escultura. Esses assentos podem ser abertos ou separados por divisórias. O acabamento com apoios para os braços, genuflexório e almofadas, facilita a longa permanência. As cadeiras do coro serviram e ainda hoje servem aos sacerdotes e monges para o louvor comunitário a Deus na Liturgia das Horas (Opus Dei) e no canto durante a missa". Ao término dessas há vitrais que partem do chão indo quase a altura da abside.

O centro do espaço é ocupado pelo altar propriamente dito, que foi construído em pedra polida. À sua frente estava um menorá¹⁶¹, e na lateral direita a cruz processional; à esquerda, um pouco mais à frente do altar esta o ambão feito em pedra, ao fundo estão uma pequena mesa onde ficam os vasos sagrados das celebrações, e o turíbulo e o seu suporte. Após o altar "...encontram-se



Vista do altar. Embaixo à direita o órgão e em seguida os assentos do coro. Ao centro o altar e a cruz processional. Ao centro, abaixo da abside, os assentos dos celebrantes. À esquerda alguns dos assentos do coro. Foto: do autor, 2001.

a cadeira do celebrante principal e 6 cadeiras para os concelebrantes, bem como 4 assentos para os auxiliares, todos de granito vermelho" (Becker: 1999, 43). Atrás dessas está a abside pintada com um Cristo e os símbolos dos quatro evangelistas, outro afresco de Cláudio Pastro. Na mão, Cristo trás um quadro com a inscrição: *Ecce nova facio omnia*. E acima da abside há um vitral redondo, pintado o Espírito Santo com as sete línguas de fogo.

¹⁶¹ Castiçal para sete velas, provindo da tradição judaica na qual é conhecido como castiçal do templo, referência ao antigo Templo de Jerusalém destruído na Antigüidade.

Ao cruzar o centro da igreja, ou seja passar em frente do altar, se bem próximo ou mesmo em na porta de entrada ao fundo, os monges sempre fazem uma inclinação profunda em direção do mesmo.

Ainda do lado de fora ainda, está a grande torre do campanário onde há três pares de sinos: grandes, médios e pequenos. Estes são tocados sempre, informando à comunidade e hóspedes os Ofícios e marcando a vida da comunidade. E como todos os sinos monásticos estes também foram abençoados e dedicados: à Santíssima Trindade, à N. Sra. de Guadalupe, a São João Batista, ao Anjo da Guarda, a São Bento e a Santa Escolástica - que são os nomes pelos quais são conhecidos.

A seguir, vem o mosteiro propriamente dito, isto é, onde os monges moram, têm suas celas, refeitório, salas de aula, biblioteca e outros cômodos necessários para sua vida contemplativa. "Chega-se, ..., passando pela entrada principal do mosteiro, à sala de recepção com a porta de entrada. (...) À direita da entrada, encontram-se a porta e a cela do porteiro, três locutórios, um espaço para diversas finalidades¹⁶² e banheiros. À esquerda, um grande salão 'São Bento'... que também é usado como refeitório dos hóspedes. Chega-se, a seguir, através de uma grande porta, ao semi-aberto corredor central (claustro), isto é, o visitante só pode entrar com a devida licença¹⁶³. No meio do corredor, que é dividido em duas partes – Santa Maria e São José – encontra-se a sala do capítulo¹⁶⁴ dos monges, que pertence à clausura. Nela se encontram as cadeiras do prior e dos monges. (...) À esquerda, está a parte dos serviços com cozinha, cozinha do chá, sala das chaves gerais, lavanderia, passaria,

¹⁶² É neste espaço que hoje localiza-se a loja monástica deles que dá para o átrio da igreja. Nela há dois expositores móveis, para pequenos coisas, que eles deslocaram para os fundos da igreja, ao término da missa de Sábado, que eu assisti. Num estavam expostos terços, crucifixos, medalhas e outros artigos religiosos, e no outro livros sobre São Bento, a RB, CDs, e livros ligados à RCC.

¹⁶³ Para o qual não pedi licença para visitar e nem fui convidado a entrar. O máximo de acesso que tive ao claustro, a convite de D. Prior Cristiano Collart foi ao refeitório, diariamente. Para chegar nele vinha através da porta à esquerda, do fundo da igreja, passava em frente da loja monástica, da cela do porteiro, da recepção e do salão (todos à minha esquerda) e do jardim com a capela interna/sala capitular (à minha direita).

Os próximos cômodos do mosteiro que descreverei, eu o farei baseado no que podia ver a partir do corredor e do refeitório, aos quais fora autorizado frequentar, acrescido de algum comentário feito por algum dos monges.

¹⁶⁴ Fui convidado a estar nela quando da cerimônia da vestição do Ir. Basílio. Ver mais a frente.

oficinas, banheiros e sala da administração. De volta ao corredor, entra-se na clausura propriamente dita, com refeitório para os monges¹⁶⁵, ..., e, ao lado, as pequenas casas com as celas. Inicialmente, há lugar para 11 monges, 4 em cada casa¹⁶⁶. Na parte superior do corredor central, duas saídas conduzem ao jardim, pátios e mato, como também às garagens e ao futuro cemitério dos monges. Ficando no corredor, chega-se às duas salas de estar e descanso, à biblioteca¹⁶⁷ e à sacristia." (Becker: op. cit., 42-43).

Na entrada do refeitório há também um pequeno vaso de água benta, pendurado na soleira da porta, no qual todos molham o dedo e persignam-se antes de qualquer refeição. Um hábito interessante quanto a esta prática é que se mais de uma pessoa for entrar ao mesmo tempo no refeitório, apenas uma delas molha seus dedos no vaso e estende a mão para o próximo, que molha seus dedos naqueles e ambos persignam-se. Está prática também a vi ocorrer na igreja quando da passagem pelo vaso de água benta da entrada. Muitas vezes algum dos monges estendeu-me a mão em partilha.

Com relação ao cemitério, o que é válido para todas as "famílias monásticas", nele serão enterrados todos os membros da comunidade, o que eterniza a presença de todos os monges em seu mosteiro¹⁶⁸. Como me disse o Ir. José "já até escolhi o meu canto nele. Daqui não saio nunca".

¹⁶⁵ D. Prior Cristiano Collart concedeu-me a possibilidade de fazer todas as minhas refeições com eles ali, sentando-me junto dos seus "filhos". É claro, mantidas a hierarquia e a etiqueta monásticas. Isto permitiu-me vê-los reunidos sem ser para a celebração de Ofícios ou missas. Comentarei a respeito mais a frente.

¹⁶⁶ Até o presente momento etnográfico, as celas construídas são suficientes para abrigar a comunidade que contava com 11 membros.

¹⁶⁷ Os monges pediram-me sugestão de títulos para sua biblioteca, que dissessem a respeito da vida monástica direta ou indiretamente. Indiquei-lhes parte da bibliografia que apresento, destacando as obras de L. Dumont e J. Marías.

¹⁶⁸ Esta presença dos antepassados monásticos é mais viva para as comunidades dos mosteiros mais antigos. No Brasil principalmente aqueles que foram fundados na época colonial, como são os mosteiros de São Bento do Rio, de Salvador, de Olinda e de São Paulo, já que o número de monges enterrados em cada um ultrapassa várias dezenas. E também por não ser incomum em vários mosteiros as tumbas estarem debaixo do piso do claustro, por onde caminham quotidianamente os monges em seus recreios coletivos, ou em suas meditações individuais. Deste modo os antepassados estão sempre presentes, juntos com a nova geração.

O pomar está sendo feito à esquerda da entrada. Por enquanto é pouco desenvolvido, com alguns poucos pés de frutas. Ali está também uma estufa na qual os monges estão trabalhando para produzir verduras e outras culturas, visando o consumo interno da comunidade.

A cartuxa de N. Sra. Medianeira, como todas as demais cartuxas, é relativamente autônoma, ou seja, no passar das décadas tomará uma feição, uma personalidade própria, distinta das demais. Mas não tanto como os mosteiros da "família beneditina", já que acima de todas elas está a Grande Cartuxa, o que dará a todas as cartuxas a mesma forma de vida. Essa personalidade é algo que surgirá ao longo de séculos, como me esclareceu D. Prior Pedro Maria, quando indaguei sobre o perfil da cartuxa onde é o "pai".

As cartuxas são construídas de maneira que lembrem a distribuição original das celas e da ocupação espacial feitos por São Bruno e seus companheiros, e a escolha que fizeram de um local de difícil acesso. O projeto arquitetônico da cartuxa de N. Sra. Medianeira é de um arquiteto de Santa Maria e de D. Prior Pedro Maria, segundo relatou-me este. Como todas as cartuxas, e esta não é exceção, seu desenho preserva o máximo o claustro, onde ficam celas, capelas, refeitório, etc. No caso dos cartuxos isto quer dizer quase que a totalidade da área construída.

Depois de percorrer o trecho de estrada da entrada da fazenda, chega-se à cartuxa propriamente dita. Ali tem-se um pátio externo para estacionamento, o qual ainda está em fase de acabamento final do seu piso e dos canteiros de flores. Em seguida vem o portão de entrada de veículos para o interior da cartuxa, encimado por um arco sobre o qual está uma escultura em pedra do símbolo dos cartuxos: o globo com a cruz ao alto.

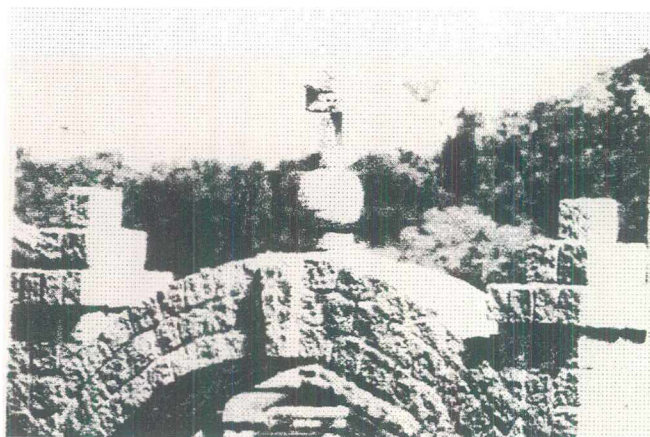
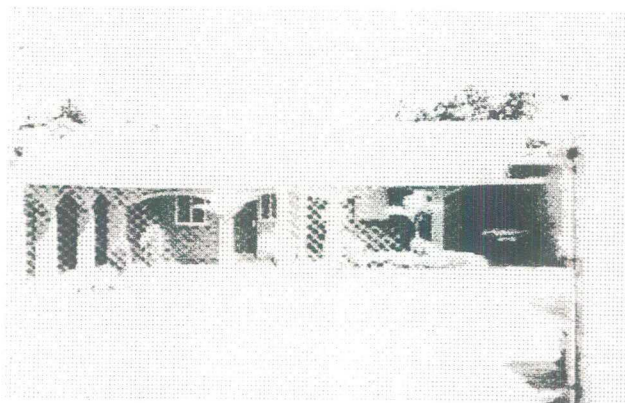


Foto: do autor, 2001.

A construção foi orientada no sentido leste-oeste, com o altar da capela conventual erguido em direção ao oriente. Como entre os beneditinos verifiquei a orientação cardinal com a minha bússola. E como entre aqueles, a bússola e a verificação da orientação espacial chamou a atenção de D. Prior Pedro Maria, que brincou perguntando-me se estava tudo corretamente direcionado.

De cada lado desse portão há uma construção em forma de 'casinha', as quais servem de entrada/sala de recepção (da esquerda) e de banheiro externo (da direita). Na parede externa de ambas está gravado um grande 'm' de Maria Medianeira. Contínuo a essas 'casinhas' vêm à direita muro e cerca; e, à esquerda, fundos da hospedaria e da cozinha. Por sinal aí fica uma outra porta, que dá acesso a ambas, e é



Vista da entrada da cartuxa. A frente o pátio interno, onde mulheres podem entrar. Na saleta de recepção que fica bem no início, são recebidos todos os que chegam no local. Ao fundo, à esquerda, estão as entradas para a hospedaria, lateralmente, e seguindo em frente para o claustro. Foto: do autor, 2001.

onde localiza-se uma pequena capela, com capacidade máxima para umas 6 pessoas, que serve para uso de pessoas de fora, caso seja necessário como por exemplo quando de uma visita de familiares. Em seguida tem-se uma cerca de tela e um novo portão de um caminho, paralelo ao fundo de várias celas, e que leva ao pomar que fica no fundo da cartuxa. Ali eles têm plantado vários tipos de

frutíferas: tangerina, figo, etc, e a videira da qual fazem a produção caseira de vinho¹⁶⁹.

Passando o portão ou a recepção, há o pátio que dá acesso à garagem, ao depósito de lenha, à hospedaria, e ao claustro. Também há um caminho lateral que contorna a cartuxa, permitindo o acesso aos galpões, estufa e campo sem se entrar no

¹⁶⁹ Como me informou D. Prior Pedro Maria, um dos monges sabe produzir vinhos. A produção cartusiana no momento é de uns 1000l/ano, o que é suficiente para o consumo interno da cartuxa, e também para que eles possam presentear, como foi o caso de D. Ivo Lorscheider, quem primeiro informou-me a respeito da produção doméstica deles. Não exploram comercialmente sua produção de uvas e vinhos.

claustro. Ali eles têm uma imagem de Nossa Senhora Medianeira recepcionando a todos.

Entra-se na hospedaria da cartuxa por uma porta à esquerda, aos fundos. Ela é composta por: dois cômodos, o Betânia I e II, cada um possuindo dois quartos e um banheiro, e comportando umas 6 pessoas ao todo; um pequeno jardim interno coberto; uma copa, onde havia mais uma cama e um sofá. Nos quartos além das camas e seus criados-mudos, havia uma mesa de estudo e para as refeições e duas cadeiras. Tudo muito simples e prático. Fiquei num desses quartos, onde estudei os livros que mencionei anteriormente, e onde fazia minhas refeições sozinho como todo mundo ali¹⁷⁰. O café da manhã, bondade extraordinária feita a mim, tomava-o na copa, onde de manhã se encontrava tudo a posto.

A hospedaria deles acomoda normalmente os candidatos à vida cartusiana, algumas vezes algum religioso e mais raramente hóspedes como no meu caso. Tudo dependerá da comunidade aceitar ou não os motivos da solicitação do interessado. Também nela se hospedam os familiares dos cartuxos, quando de suas profissões ou nas visitas anuais que podem receber.

Saindo deste pátio, entrando pela porta seguinte a da hospedaria, só que de frente para o pátio, entra-se no claustro. A partir dali é restringido o acesso às mulheres¹⁷¹.

Entra-se, então num longo corredor que cresce à esquerda e à direita, tendo à frente os jardins, e, depois deles, outro corredor. Na realidade os corredores são feitos pela sucessão das celas e outras instalações. Todas as peças são geminadas.

¹⁷⁰ Ao meio-dia e às 20:00 um cartuxo, já idoso, sempre trazia minha bandeja com os pratos. Era um trabalho extra este que minha presença deu a ele, uma vez que as refeições são distribuídas bem antes do meio-dia e das 20 horas – normalmente antes do Ofício das Vésperas. O que permitiria a ele e mais algum outro irmão descansarem. A ele e todos os outros que gentilmente cuidaram das minhas refeições meus agradecimentos.

¹⁷¹ Não que tenha algo de extraordinário, mas como é uma cartuxa masculina mulheres não entram, o inverso ocorrendo nas cartuxas femininas. Inclusive há um documentário da RBS/Santa Maria que, segundo soube, já passou algumas vezes no estado, logo todas as mulheres puderam ver o claustro masculino. A equipe do documentário era composta por uma apresentadora, ela só foi até ali.

A cela é o lugar por excelência do desenvolvimento da vida cartusiana. Ela deve ser o local preferido do monge, que dela só deve se apartar por motivo pertinente: trabalhos na cartuxa, os Offícios e missas conventuais, e a partilha da vida comunitária nos dias específicos. A este respeito o Estatuto especifica o recolhimento na cela e a predileção que lhe deve ter.

Subindo ou descendo os corredores, chega-se à alguma cela. D. Prior Pedro Maria mostrou-me uma cela que estava sem morador¹⁷², onde pude observar o que descrevi e permitiu-me que a fotografasse. Como todas as demais, é perceptível por uma porta de entrada e ao seu lado uma portinhola. Esta última fica na altura da maçaneta, e é o espaço onde coloca-se e recolhe-se a comida das refeições (mede entorno de 60X50X50 cm). Também por meio dela é que os cartuxos encarregados da distribuição dos alimentos saberão o que os inquilinos desejam para as próximas vezes¹⁷³. Na frente da cela também há um interruptor, quase que escondido, pelo qual o monge pode acender a luz do corredor e o do átrio de sua cela – muito útil para a ida ao Ofício das Noturnas, quando todo o mosteiro está às escuras.

A cela cartusiana é um conjunto formado por várias peças: a portinhola para os alimentos; o átrio; o jardim; o escritório; quarto; e o banheiro. Repito, o acesso a ela é apenas para o seu morador e ao prior; extraordinariamente um outro pode nela entrar para cuidar daquele, caso esteja



Monge cartuxo fazendo o serviço de atendimento à cela de algum outro membro. Reparar que ele está com o hábito de trabalho; também que não há acesso à cela do outro. Todo o serviço é feito pelo lado de fora, no corredor do claustro. Fonte: Moines Chartreux et Moniales Chartreuses (2001).

¹⁷² No momento há uma vintena de celas no mosteiro sem morador.

¹⁷³ O monge tem em sua cela pequenas plaquinhas de madeira, cada qual indicando uma situação: mais um pão; sem vinho; jejum; e outras situações. Desta forma não ocorrem desperdícios de comida.

doente. E, como em outras cartuxas, o jardim de uma cela separa seus cômodos dos da próxima, que por sua vez está separada da seguinte da mesma maneira. Como eles dizem: "La necesidad de esta casita con sus dependencias, jardín, taller y herramientas, nace del hecho de que en ella pasa el monje la mayor parte de cada día, y todos los días de su vida." (Un Cartujo: 1993, 13).

cela 1		cela 2		cela 3	
cômodo	Jardim	cômodo	jardim	cômodo	Jardim

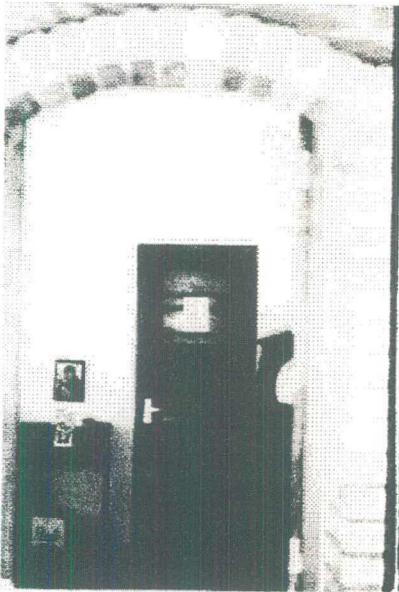


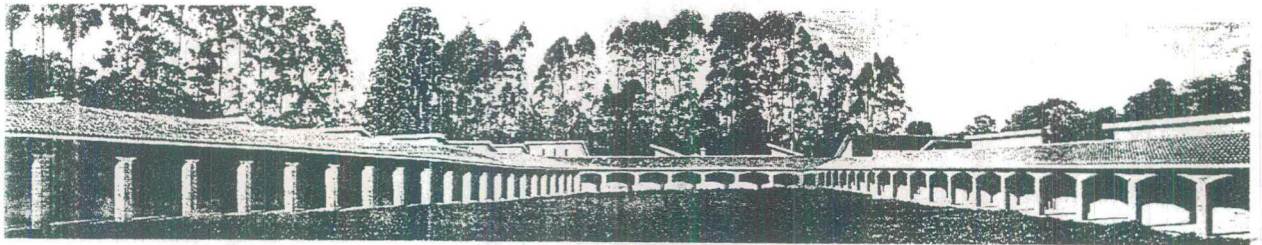
Foto da entrada do primeiro cômodo de uma cela, algo como um escritório, local de estudos. À esquerda está a famosa "Ave-Maria" cartusiana, pequeno oratório com genuflexório, onde o cartuxo ao entrar sem sua cela, vai e faz sua devoção particular (e cartusiana) à Nossa

A primeira peça é o átrio, onde há a portinhola de dentro; guarda-se a lenha, as ferramentas para os cuidados com o jardim; tem-se acesso ao escritório e ao jardim. O jardim, que cada cartuxo cultivava como quiser – mas que seja bem cuidado –, mais que os outros cômodos, traz a marca pessoal do morador. Ali não é só um lugar bonito, mas um local para a contemplação e oração solitária. Do átrio passa-se para o escritório que é onde o monge faz algum trabalho que tenha recebido como incumbência, como, por exemplo, fazer terços. Nele localiza-se a famosa "Ave-maria" dos cartuxos, i. é, logo na entrada do escritório há um pequeno genuflexório, de frente a alguma imagem de Nossa Senhora, onde sempre que o monge entrar em sua cela irá rezar uma Ave-Maria¹⁷⁴.

¹⁷⁴ Esta é uma das manifestações da devoção mariana, tão cara aos cartuxos. "Uma peculiaridade da Cartuxa é a devoção a Nossa Senhora. Toda a vida do cartuxo decorre sob a proteção de tão BOA MÃE. O cartuxo sente por Maria um amor filial, participação e prolongamento do que Jesus teve e tem por Sua Mãe. E, além da ternura maternal, o cartuxo encontra em Maria o modelo da sua vida contemplativa e o seu ideal vivo. (...) E, como Mãe de todos, tem a missão de formar e de tornar o monge semelhante a Jesus, daí o fato de ser chamada 'MÃE SINGULAR DOS CARTUXOS' e de toda a espiritualidade cartusiana se impregnar da sua presença através duma vida que responde à mensagem que Ela deu em Fátima." Um Cartuxo (s/d: 18).

Passando deste cômodo para o quarto, ali estão a cama, uma mesa com cadeira, o aquecedor a lenha¹⁷⁵, e uma estala individual, na qual os cartuxos fazem os Offícios de Nossa Senhora – devoção própria da Ordem, da qual falo no tópico sobre a celebração dos Offícios, à frente. E junto do quarto está o banheiro com bacio, pia e chuveiro.

Espero ter conseguido dar uma noção da arquitetura das "casinhas" que possuem, pois elas visam resguardar seus moradores, bem como favorecê-los, para que consigam obter a solidão e silêncio que almejam: "Estos dos elementos no pertenecen a un mesmo nível, sino que el primero está subordinado al segundo. La finalidad de la soledad es posibilitar y conducir al silencio exterior, y, sobre tudo, al interior, sin el cual, el exterior, mas que silencio, sería mero mutismo." (Un Cartujo: 1993, 14).



Vista panorâmica do grande jardim. Do lado esquerdo da foto há apenas celas; do direito, inicia-se na biblioteca velha, terminando com a biblioteca nova - última construção, de telhado mais alto. Ao fundo de todos os lados as árvores do bosque que rodeia a cartuxa. É neste jardim, que, um dia, cada cartuxo será sepultado. A imagem foi mais um dos presentes de D. Prior Pedro Maria a mim. Foto e Fonte: Cartuxa de Nossa Senhora Medianeira.

Separando um corredor do outro estão três jardins. Isto porque eles são separados por duas partes de construção que servem de corredor de ligação entre os dois longos corredores principais.

¹⁷⁵ Como dito mais acima, a região de Santa Maria é bem fria no inverno. Assim, por mais simples que sejam, não dá para passarem sem o aquecedor em seus quartos.

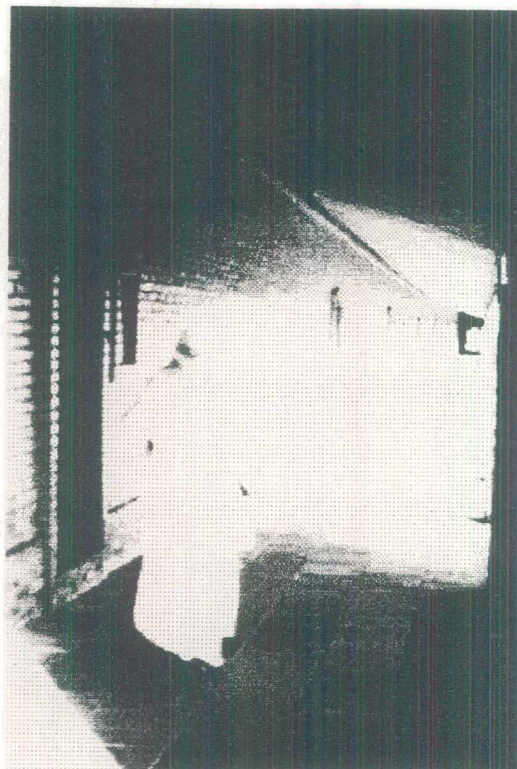
A este respeito, lembro que a princípio acertáramos da minha visita ser em julho, mas eles mesmo lembraram, e comunicaram-me, que no inverno o frio é muito rigoroso e que "o senhor teria que sofrer muito com o frio, e nós também, por ver o senhor sofrer" (Correspondência de D. Prior Pedro Maria a mim, datada de 27 de junho de 2001). Isto porque no quarto de visita não há aquecedor a lenha, o que implicaria no uso do elétrico e um custo mais alto, e também porque a cartuxa não tem nada fechado como tenho descrito. O que separa quartos, capelas e outros cômodos do exterior são suas portas. Por isso marcamos nova data para a visita, que ficou para setembro; friozinho, mas suportável.

O primeiro jardim, à direita de quem entra no claustro, é circular em sua parte superior seguindo, assim, o desenho do longo corredor da frente que ali encontra com o corredor de detrás. Este jardim é o mais bem acabado de todos, e as celas que dão para ele estão todas ocupadas. Sua parte inferior dá para um conjunto de celas, sendo que uma tem seu acesso por aí. No corredor de detrás há uma passagem que leva para fora do claustro, que dá para o lago, as estufas, o curral e pasto, e o galpão de implementos agrícolas.

O segundo jardim, que começa após o conjunto de celas que interligam os grandes corredores, é maior que o primeiro. Nele está o campanário de um único sino, tocado por corda. E nele está enterrado Ir. Vicente, o primeiro cartuxo falecido da comunidade, dois anos após sua fundação; tinha 70 anos. Seu túmulo fica em frente à porta da cela de D. Prior Pedro Maria. Como este contou-me ali (segundo e terceiro jardins) será o cemitério da comunidade.

E o terceiro que é o maior. A separação dele do segundo ainda não está toda coberta, tendo em cada ponta desta uma das capelas para missa solitária. Ao final dele, na ponta esquerda estão mais algumas celas encerrando o corredor de detrás, e uma passagem para fora, que finaliza o corredor da frente.

Entrando à esquerda no corredor da frente, passa-se pela entrada da cozinha e despensa. Mais à frente ficam o refeitório, a capela conventual, celas e no fim, antes de sair, mais uma capela para missa solitária – em fase de acabamento.



Monge andando no primeiro corredor, depois da hospedaria, no sentido do pequeno jardim para o grande jardim. Notar que esta andando próximo à parede como determina a etiqueta monástica, e com o capuz sobre a cabeça. Foto: do autor, 2001

Comumente os cartuxos andam próximos às paredes e, se mais de um, em fila indiana, olhando para baixo e em silêncio. Como disse-me D. Prior Pedro Maria não é para ninguém ficar se destacando¹⁷⁶.

O refeitório, indicado por ter uma pequena talha de cruz com uma placa de metal trabalhada, representando a última ceia. É uma peça grande, com uma porta na entrada e duas ao fundo. Em seu centro está uma longa mesa, no sentido entrada-fundo, com as cadeiras na laterais a exceção da do prior, que a encabeça, que o põe de frente para a entrada. Ao lado desta mesa, à esquerda, próxima à porta do fundo, há a pequena mesa do leitor com o suporte para livro, e mais perto da entrada outra pequena mesa.

Os cartuxos utilizam seu refeitório sempre aos domingos e dias de solenidades, quando a comunidade faz as refeições junta, em silêncio. A distribuição dos lugares é determinada pelo prior, sendo que, o Vigário, normalmente, estará assentado na primeira cadeira à sua direita, os demais lugares não são determinados por nenhuma ordem específica, como esclareceu-me D. Prior Pedro Maria. O ambiente é decorado muito simplesmente: alguns vasilhinhos de violetas sobre a mesa; à direita desta, um quadro grande de São Bruno ajoelhado aos pés de Nossa Senhora; à esquerda, acima da mesa do leitor, uma linda talhada bem grande do brasão da Ordem; uma estátua de Nossa Senhora com o Menino Jesus, entre a mesa do leitor e a porta do fundo; e, sobre as portas do fundo, um grande crucifixo ladeado por um ícone de Maria, à esquerda, e um de São João. As janelas do ambiente estão todas postas no alto, o que não permite a visão de ou para fora.

Logo em seguida do refeitório fica a capela conventual. Antes da entrada existe um pequeno quadro-de-avisos, com a distribuição dos encarregados de cada parte das missas e dos diversos ofícios. Também há espaço para ser afixado alguma informação que D. Prior Pedro julgue relevante. Por exemplo, cheguei lá justamente no dia da destruição das 2 torres em Nova Iorque (11 de setembro, uma terça-feira); no

¹⁷⁶ O Prof. Júlio de Queiroz, já me chamara a atenção para esta regra de etiqueta monástica, esclarecendo que não deve o monge ficar "andando como um pavão para ser visto". Faz parte da noção de *conversatio morum* que cada monge deve viver quotidianamente.

sábado, à tarde, D. Prior Pedro Maria pôs um pequeno aviso a respeito e informando que no refeitório estavam alguns recortes de jornal a respeito do ocorrido¹⁷⁷. Ao lado do quadro-de-avisos há uma peça em madeira que é um marcador das preces eucarísticas, encimada por uma pequena cruz. Em seguida vem a porta, que tem uma talha do globo com a cruz, indicando-lhe o status; de cada lado da soleira da porta, há uma peça de pedra grés, com uns 60 cm de altura. E a esquerda no alto, há uma cruz de madeira grande. Desta forma, destacada, a entrada da capela torna-se visível (e localizável) na maior parte do claustro. Sempre ao passar pela frente da capela, eles param, viram e inclinam-se; depois seguem seu caminho.

Entrando na capela, cujo piso é em pedra, há uma pequena vasilha com água benta à direita, para a persignação da entrada e saída. Como a porta se abre da direita para a esquerda, a vasilha é logo vista já que está bem junto das estalas deste lado. Acima do umbral fica um ícone de São Bruno abraçado à bíblia, o brasão da Ordem à sua esquerda.

Imediatamente tanto de um lado como do outro, começam os assentos do coro e suas estantes, ambos contornando as paredes e formando dois 'eles' (⌈ ⌋) de cabeça para baixo. Como são simétricos os lados: são dois assentos e uma estante (a da direita tem uma imagem de um santo; a da esquerda tem um relicário¹⁷⁸ e uma cruz missioneira) – formando o traço menor do 'ele' -, e mais uma seqüência de assentos. Ao todo são 24 lugares no coro. Bem de frente aos bancos estão as estantes com suas

¹⁷⁷ Por eu ter chegado de manhãzinha em Santa Maria já sabia do ocorrido. Contudo, como indica o Est. Carth. (2001: Capítulo 6 – La guarda de la clausura): "(...) Si llegase hasta nosotros alguna noticia de lo que ocurre por el mundo, guardémonos de comunicarla a los demás; dejemos más bien los rumores del siglo allí donde los oímos. Toca al Prior informar a sus monjes sobre los temas que no conviene ignorar, en especial sobre la vida de la Iglesia y sus necesidades.", ou seja, o resguardo que os cartuxos devem ter com relação às notícias do mundo, não comentei nada com D. Prior Pedro Maria. Quando daí um ou dois dias ele comentou comigo sobre esta tragédia é que lhe disse saber e porque não o contara.

Ele tinha se informado por intermédio de comentários de algum dos peões que lá trabalha, bem como, de jornais – não soube se ele os compra ou se algum dos peões lhe deu, creio ser a segunda hipótese mais correta. E também foi informado pelo Pe. Aluizo Lopes da Cunha que chegou 2 dias depois de mim (para uma visita de 3 dias) e comentou a respeito, passando-lhe os jornais que trouxera consigo. D. Prior Pedro Maria ficou muito abalado com o ocorrido e as possíveis conseqüências que viriam a seguir. Estava preocupado por um dos monges, Ir. Paulo, que é americano.

¹⁷⁸ Conforme D. Prior Pedro Maria contou-me, eles têm relíquias de São Bruno, dos três mártires das Missões, SJ, de Santa Teresa, OCD, e de São João da Cruz, OCD.

prateleiras. Ali os cartuxos guardam seus enormes livros da Liturgia das Horas. Diferentemente dos beneditinos de Santa Rosa, que tinham cada um seus próprios livros para os Ofícios, os cartuxos tem um livro, o Antifonário, para cada dois deles. Todos os que eu vi eram grandes, mas o das Noturnas a todos supera, creio porque é o livro do principal Ofício cartusiano - Ofício o qual é reconhecidos como marca deles. Há todo um modo de manejo desses livros e como melhor guardá-los nas prateleiras, que os anos de prática aperfeiçoara. As estantes são por isso, largas para comportá-los, e as prateleiras, que são quatro, comportam a todos os diferentes livros. Bem como velas, candelabros e fósforos, ou seja, a falta de eletricidade nunca será impeditiva¹⁷⁹. Uma última característica do conjunto assentos/estantes, é que o piso delas está em um nível poucos centímetros mais alto do que o restante e a distância entre a parede dos assentos e o início das prateleiras permite que os monges não se apertem demais, quando se prostram por alguns minutos, o que faz parte do rito cartusiano da missa.

O assentos são geminados, sendo que para cada dois deles há um spot de luz. São feitos em madeira, tendo uma divisória lateral que os separa, e nesta tem um aparador para os braços. No assento, propriamente, há, na parte de debaixo, a famosa "misericórdia", que é um 'assentinho' para ajudar nos ofícios mais longos¹⁸⁰. Isto cria um grande espaço vazio ao centro; nele está o atril, para onde vai o monge leitor do ofício. Mais à frente, poucos metros depois do término das estalas, o piso se eleva um degrau e começa o altar¹⁸¹.

¹⁷⁹ Isto sem mencionar que notei que vários dos mais velhos cantavam, se não tudo, vários dos cantos de cor, já que tinham os olhos entreabertos.

¹⁸⁰ Em vários momentos dos Ofícios fica-se em pé, ora mais ora menos tempo seguido. Desta forma, num Ofício longo, como as Noturnas entre os cartuxos, de 2 a 3 horas seguidas de oração, as "misericórdia" socorrem aos mais idosos, cansados e enfermos, bem como aos visitantes e pesquisadores que partilhem da celebração de seus Ofícios. O monge fica em pé, mas amparado pela "misericórdia"; e, para tanto, conta com uma pequena elevação no piso a sua frente (onde estão as estantes para os breviários), para que mantenha seu equilíbrio.

¹⁸¹ D. Prior Pedro Maria sempre que entra na capela, vai para este local onde se prostra em adoração por alguns minutos. Depois é que toma seu lugar no coro. Quanto aos demais monges, notei que cada um tem liberdade de expressar sua contemplação e adoração de modo próprio. Não vi nenhum outro monge fazendo o mesmo que D. Prior Pedro Maria.

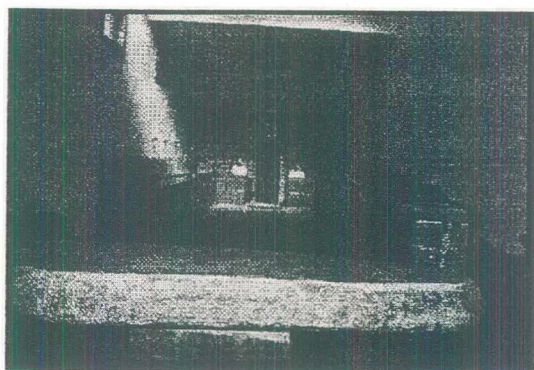


Imagem feita a partir do altar. Em primeiro plano, o altar em pedra, ladeado à direita pelo ambão, também em pedra. À frente, de ambos os lados as estalas. Notar que as paredes laterais e do fundo não possuem enfeites ou adornos. Ao fundo dois monges em oração. Pelo local onde está assentado, o da esquerda é D. Prior Pedro Maria. Foto/Fonte: Moines Chartreux et Moniales Chartreuses (2001).

Um pouco a frente do altar, à esquerda, há uma estátua de Nossa Senhora negra com o Menino Jesus negro. Conforme contou-me D. Prior Pedro Maria, aquela é uma cópia da original que há na Grande Cartuxa, dada a eles pelo Reverendo Padre. E a história desta imagem, é: quando o rei São Luís, da França, ia partir para uma cruzada, foi até a Grande Cartuxa e pediu aos cartuxos que rezassem por ele e o sucesso do empreendimento. Quando retornou, bem

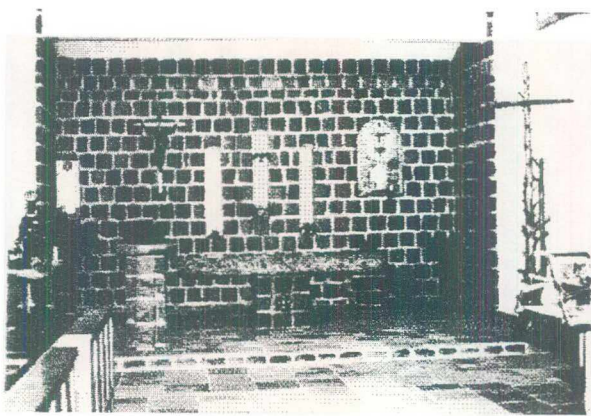
sucedido, deu-lhes de presente aquela imagem. Com o passar dos séculos a imagem escureceu, e permanece assim. Daí a cópia manter-se fiel ao original atual.

Todas as peças na área do altar são em pedra não polida. No canto esquerdo, ao fundo, há um ícone de São Bruno sobre uma pilastra, com o ambão à frente. O altar, propriamente dito, tem seu tampo polido. A parede atrás dele possui três vitrais em amarelo; nela estão pendurados a lamparina e uma pomba, simbolizando o Espírito Santo. No lado direito, à frente está a cruz processual que é feita de dois troncos de árvores pequenas, envernizada; aos fundos está a cadeira do celebrante, uma outra pilastra para os vasos sagrados e entrada para a sacristia. No teto há algumas janelas, uma delas, grande, virada para o coro e outras duas na lateral direita. O ambiente é bem simples, como as demais coisas da cartuxa, centralizando todos os atos e atenções para a contemplação do que se realiza no altar.

As capelas para missas solitárias são em número de quatro. Uma no corredor dos fundos, outra no corredor da frente (no final deste) e duas que ficam entre o segundo e o terceiro jardins. Como se sabe, não há obrigação para o sacerdote de celebrar a missa diariamente. Todavia, entre os cartuxos há a prática de sempre os padres procurarem celebrar todos os dias uma missa cada um, i. é, se eles não tiverem sido o celebrante da missa conventual. As capelas são especialmente menores e

ocupadas como todas as demais, porém os objetos são reduzidos ao mínimo necessário, ou seja, uma cadeira e um armário, onde guarda-se os paramentos litúrgicos, vasos sagrados do altar e outros utensílios. Além disso, a que vi, tinha algumas imagens, entre elas uma pequena de São Bruno.

A biblioteca velha é que está ainda em uso. Ela está localizada no segundo corredor, próxima ao meio da extensão deste. Em sua porta há uma talha de uma cruz, em cujo centro está entalhada um livro. Ela não é um cômodo muito grande. Nela, orgulho de toda cartuxa, estão guardados os livros que utilizam em seus estudos, bem como serve de local para as aulas que se fazem necessárias. Como me disse D. Prior Pedro Maria, eles têm uns 3000 títulos sendo uns 600 só a respeito da "família" em suas diversas facetas. Outra generosidade para comigo, ele fez questão de deixá-la aberta ao meu dispor, inclusive interrogou-me algumas vezes se já fora lá¹⁸². A nova biblioteca, ainda vazia, fica ao final deste corredor, em sua ponta esquerda. Ela tem mais que o dobro do tamanho da anterior e seu pé-direito é bem alto.



Altar visto a partir da porta de entrada. A cópia da Nossa Senhora negra, que eles possuem, está à esquerda. A cruz processional deles é feita da junção de dois cepos de árvore. Foto: do autor, 2001.

Desta forma a arquitetura do local contribui significativamente para a solidão e silêncio que procuram, a todo momento favorecendo suas práticas:

Saindo pela passagem do final do corredor da frente, chega-se a um novo prédio que estão construindo, a parte do claustro, bem como ao pomar e às parreiras que cultivam. Atrás e do lado direito há o bosque que envolve a cartuxa,

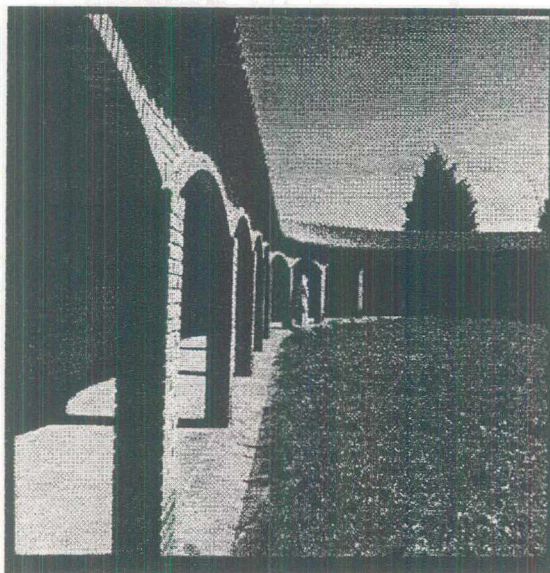
e que vem sendo desenvolvido pelos monges, o que lhes garante maior reclusão.

¹⁸² Confesso que foi tentador permanecer por lá horas e horas levantando a bibliografia e lendo a respeito deles e do monaquismo.

Atrás da atual cartuxa está o conjunto de prédios da fundação. São quatro pequenas celas, próximas umas das outras porém separada, onde moraram os primeiros quatro cartuxos que vieram fazer a fundação em 1984. Elas formam um quadro. Mais a esquerda, está uma casa comprida, onde foi o primeiro claustro em que receberam postulantes e noviços.

Mais à frente há um lago onde criam peixes para o próprio consumo. Passando este, fica o curral onde têm quatro vacas e um bezerro, o que lhes garante o suprimento de leite necessário, inclusive para fazerem iogurte, queijos e etc. Mais para o lado possuem duas estufas: a pequena para mudas ainda miúdas de diferentes plantas; e a grande onde cultivam, entre outras coisas, alfaces, que por sinal estavam com uma superprodução. Mais para a direita do lago, está o galpão onde guardam os implementos agrícolas: tratores, grades, discos, etc; e fica a serralharia, onde trabalham na confecção de peças para os implementos, e outras peças de que precisam. E o restante todo é área de fazenda: a pequena invernada, e as plantações que possuem.

Desta forma beneditinos e cartuxos buscam em seus respectivos mosteiros, viver da melhor forma possível o seu ser monge. Tendo criado locais que permitam viver do e para o sagrado, o mais separados possível do século, diferenciando-se também nesse modo das outras ordens religiosas



Vista do jardim de cima, com o monge caminhando no sentido de chegar na hospedaria. Foto/Fonte: Moines Chartreux et Moniales Chartreuses (2001).

HISTÓRICO

O mosteiro da Transfiguração surgiu como mosteiro independente e ainda permanece assim, i. é, não é uma fundação de outra comunidade, nem está ligado a nenhuma congregação, ordem ou

vive na dependência de nenhum outro mosteiro (do qual teriam partido os monges fundadores). Como contou-me D. Prior Cristiano, eles estão em vias de aderirem à CBB, ocorrendo no momento os acertos finais entre ambas as partes.

Como eles mesmo contam em seu site¹⁸³: "Nosso Mosteiro foi fundado na diocese de Santo Amaro – SP no dia 15 de agosto de 1996. Foi transferido para a diocese de Santo Ângelo – RS em novembro de 1999 e assumido pelo Sr. Bispo diocesano Dom Estanislau Amadeu Kreutz, bispo desta mesma diocese."

Relatam que o mosteiro foi construído para atrair e desenvolver a vida beneditina, como desejaram D. Estanislau Kreutz e Monsenhor Becker. O primeiro arrumou o local e o segundo o meios para a construção. Depois ambos divulgaram pelas ordens beneditinas o interesse que tinham. Depois de muito tempo, no início de 1998, vieram alguns monges da Abadia beneditina no Rio de Janeiro, para fazerem uma fundação. O mosteiro chegou a ser inaugurado como tal, tendo sido feita a dedicação da sua igreja a Nossa Senhora de Guadalupe e o mosteiro sendo chamado assim. Contudo, por motivos diversos esta não se consolidou. E segundo os relatos de pessoas da cidade que coletei, com a doença e o retorno do superior da comunidade, para o Rio, os demais não quiseram ficar¹⁸⁴.

Mais um tempo sem monges, até que D. Estanislau e D. Cristiano, por meio de telefonema/convite do primeiro, acertaram a vinda da comunidade que se desenvolvia em São Paulo fosse para Santa Rosa. Como contaram para mim, em São Paulo viviam em uma casa adaptada para a vida monástica, e eles procuravam um local onde pudessem construir um mosteiro com os poucos recursos que dispunham. A oferta de receberem um mosteiro pronto e poderem manter as características monásticas que possuem, foram relevantes para a mudança de cidade e estado. A única coisa que pediram a D. Estanislau, que o concedeu, foi a mudança de mosteiro de N. Sra. de Guadalupe, para Transfiguração, uma vez que já tinham sido criados com este nome.

¹⁸³ Mosteiro da Transfiguração (2001).

¹⁸⁴ Certamente o Livro das Crônicas do mosteiro do Rio contem os pormenores desta história toda.

Nestes cinco anos e meio de fundação o mosteiro da Transfiguração já recebeu muitos candidatos, tendo vários entrado para o postulante e noviciado. Entre estas pessoas que já tinham experimentado outras formas de vida religiosa, mas como é comum na vida monástica, poucos persistiram.

É uma comunidade bem jovem, tanto na média de idade de seus membros, e como mosteiro beneditino. Se, como disse D. Prior Pedro Maria, o perfil de um mosteiro é trabalho de séculos, o mosteiro da Transfiguração por ser autônomo demorará mais ainda, já que toda a tradição beneditina que recebe vem apenas de D. Cristiano e não de um mosteiro inteiro, já firmado e com toda uma tradição de décadas ou séculos – como seria o caso, se a fundação do mosteiro por monges oriundos do mosteiro de São Bento do Rio tivesse vingado.

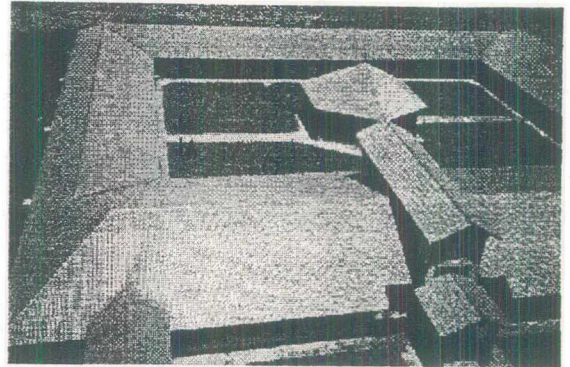
Indicativo de que o mosteiro da Transfiguração vai se consolidando como tal, é em agosto passado ter ocorrido a primeira profissão solene de um dos seus membros, ou seja, o mosteiro fez seu primeiro Dom. Aos poucos o mosteiro vai se integrando e sendo integrado na vida católica da cidade e de toda a região. Cada vez aparecem pessoas e grupos de locais mais distantes da região para conhecê-los e/ou fazer algum retiro. Como um dos aspectos deste processo de integração, e também da estabilidade que os monges conseguiram estando ali, é a construção da hospedaria, com a qual vêm desenvolvendo os retiros e encontros religiosos.

A construção da cartuxa de N. Sra. Medianeira data de 1984. Primeiro foram as quatro celas de seus fundadores, e depois a construção da casa provisória onde iniciou-se propriamente a vida regular deles, passando a receber candidatos. Por essa época, como me contou um ex-noviço cartuxo, "as condições eram muito precárias. Era duro mesmo. Hoje está bem mais fácil... bem melhor."

Nestes 17 anos de fundação, conforme D. Prior Pedro Maria, eles tiveram uns 800 interessados em conhecer a respeito da vida cartusiana para uma futura vocação. Destes, 300 foram candidatos, indo passar uns dias com eles para experiência. Um número muito menor, seguiu como postulantes, reduzindo mais, como noviços. Mas,

destes todos já saíram uns dez cartuxos¹⁸⁵, sendo que alguns deles hoje estão vivendo em outras cartuxas. Como são uma ordem centralizada, eles dispõem de membros aqui oriundos de cartuxas de outros países, como por exemplo: de Portugal, França, Estados Unidos. Contudo, a maioria agora é de membros feitos pela cartuxa daqui.

Na Referência Bibliográfica trago diversos títulos a respeito da história da fundação da cartuxa de Nossa Senhora Medianeira, que são de 'consumo interno' e aqueles feitos por pessoas externas, como é o caso de Robin B. Lockhart (1986) que em seu trabalho já apresenta alguns dados sobre, a época, recém construída comunidade dos cartuxos daqui¹⁸⁶.



Vista geral da hospedaria, a partir da torre do campanário. Dois detalhes: o jardim interno, a la claustro, e a capela interna ao centro. Foto/Fonte: Mosteiro da Transfiguração.

PRIORES

Fui recebido no mosteiro da Transfiguração por D. Prior Cristiano Collart, OSB, que é o fundador desta comunidade. Ele é belga, tem 58 anos de idade, 36 anos de profissão monástica e 29 anos de ordenação sacerdotal. Ele veio para o Brasil há alguns anos, como me disse: "para estar junto de meu mestre-de-noviço, D. Félix", que nas últimas décadas mora na Abadia de Olinda. De lá para cá os caminhos monacais acabaram levando-o para São Paulo, onde começou a desenvolver uma comunidade com jovens, em sua maioria, oriundos de grupos de oração ligados a Renovação Carismática Católica.

A hospitalidade com que me recebeu D. Prior Cristiano Collart, e os seus filhos, faz jus à famosa hospitalidade beneditina. D. Prior Cristiano Collart a cada dia pôs um ou mais dos irmãos à minha disposição para entrevistas, bem como marcou um dia

¹⁸⁵ Estou contando entre os professos solenes e temporários.

¹⁸⁶ No anexo três reproduzo o discurso de D. Prior Pedro Maria quando da solenidade de fundação da cartuxa. Material retirado de "A vida cartusiana – vidas para Deus" (Um Cartuxo: s/d).

para nós dois falarmos. Estas entrevistas duraram em média uma hora e meia, e todas foram realizadas na sala de leituras da Hospedaria. E, é claro, foram feitas retirando os monges do seus afazeres rotineiros. Mas, como um dos monges disse-me quando do término de nossa entrevista, falar comigo era como estar defronte ao sacrário em adoração, tomando vivas as palavras da RB (1980: Capítulo 53 - Da recepção dos hóspedes): "Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo, pois Ele próprio irá dizer: "Fui hóspede e me recebestes". E, se dispense a todos a devida honra, principalmente aos irmãos na fé e aos peregrinos. Logo que um hóspede for anunciado, corra-lhe ao encontro o superior ou os irmãos, com toda a solicitude da caridade; primeiro, rezem em comum e assim se associem na paz. Não seja oferecido esse ósculo da paz sem que, antes, tenha havido a oração, por causa das ilusões diabólicas. Nessa mesma saudação mostre-se toda a humildade. Em todos os hóspedes que chegam e que saem, adore-se, com a cabeça inclinada ou com todo o corpo prostrado por terra, o Cristo que é recebido na pessoa deles".

Com este rodízio de irmãos, acabei falando, um pouco que fosse com todos os membros do mosteiro. Com alguns dos monges, creio que abusando um pouco da hospitalidade, falei durante minhas andanças pelo mosteiro. Todos foram muito solícitos em atender-me, sendo em tais ocasiões breves em suas respostas, já que estavam fazendo alguma atividade e não estavam autorizados a conversar comigo. Como me disse um dos monges: "Peça a D. Prior para marcar um horário que eu falarei com o senhor", numa só frase encontra-se sintetizada a vivência dos três votos que professam.

D. Prior Cristiano Collart uma medalha "de prior", ou seja, o símbolo de sua posição na comunidade. Ele a usa pouco, pelo que pude ver nos dias que passei lá e pelos relatos dos irmãos que entrevistei. Na vida diária do mosteiro ele só a utiliza em solenidades e quando se faz necessária a marcação de sua posição, no dia-a-dia, não¹⁸⁷.

¹⁸⁷ Ir. Clemente, obOSB, esclareceu-me a respeito, mostrando que abades usam o peitoral (cruz), símbolo de sua posição hierárquica na comunidade, e priores de abadias nada usam. Supõe ele que possivelmente, a medalha de D. Cristiano é uma escolha pessoal por ser mosteiro independente.

À frente da cartuxa está D. Prior Pe. Pedro Maria Anquez, que é francês, de "família espanhola, que foi para a França", e tem 72 anos de idade – na semana anterior à minha estada com eles foi seu aniversário. Como me contou, entrou para a ordem cartusiana aos 19 anos de idade, e durante seus estudos optou por ser monge sacerdote.

Ele entrou para e professou na cartuxa de Selignac (França), mas, como é possível entre os cartuxos, anos mais tarde foi designado pelo Reverendo Padre de então para ser o Prior da cartuxa de Serra São Bruno (Itália) - a segunda cartuxa criada na ordem e ainda por São Bruno. Nela foi Prior durante dez anos. Depois foi designado para vir fazer a inspeção e, se possível, a fundação de uma cartuxa no Brasil. Está a frente da cartuxa de Nossa Senhora Medianeira desde então.

Ele também é um dos Visitadores da ordem¹⁸⁸, o que o obriga a viajar ano sim, ano não, para alguma outra cartuxa para cumprir esta sua função. Igualmente, a cartuxa daqui recebe os dois priores visitantes a cada dois anos. Também em anos intercalados, como prior cartuxo, participa do Capítulo Geral da Ordem¹⁸⁹, como aconteceu este ano.

D. Prior Pedro Maria, como todos os priores e prioresas, incluído o Reverendo Padre, anualmente pede a "misericórdia" para si em ambas as oportunidades: quando dos visitantes e do Capítulo Geral. Esta instituição, "misericórdia", faz com que sempre todos os superiores das cartuxas entreguem seus cargos momentaneamente aos visitantes, ou ao colegiado do Capítulo. Contudo sem que este estado liminar de poder pessoal e institucional gere descontinuidade da administração de cada uma das cartuxas ou da Ordem. Normalmente, os priores são confirmados em seus cargos por mais um período. Porém, ocorre às vezes do solicitante receber a "misericórdia" dos seus pares, e com isto é iniciado o processo de escolha de um novo prior cartuxo.

¹⁸⁸ "El Capitulo General, muy solícito de que en las Casas de la Orden reinen la caridad, la paz y una fiel observancia, há establecido que cada dos años se envíen Visitadores a todas ellas, con el fin de expresarles la solicitud de la Orden por cada una, y con los poderes necesarios para solucionar cualquier dificultad que pueda presentarse." Est. Carth. (2001: Capítulo 32 – La Visita).

¹⁸⁹ Quando D. Prior Pedro Maria viaja, o padre Vigário da comunidade Pe. Gabriel Manoel assume, como todos os sub-priores(as) de todas as cartuxas na ausência de seus priores.

Como nas demais ordens, D. Prior Pedro Maria confirmou-me que há entre eles a seleção daqueles que podem vir a ser prior. Segundo ele, sendo o prior é dever dele observar e avaliar os demais cartuxos padres de sua comunidade e, quando notar que um ou mais tem as capacidades necessárias para vir a ser um bom prior, informá-lo(s) e ajudá-lo(s) a respeito de ser prior, como caridade ao(s) mesmo(s) e aos demais monges, que esperam que não haja um vácuo de poder.

Este risco de uma comunidade se ver acéfala é pouco provável, já que o Est. Cart. prevê que caso a comunidade não queira escolher o seu prior, o Rev. Padre fará a indicação, confirmada posteriormente pelo Capítulo Geral. E que também que, se o prior estiver doente ou inabilitado para exercer suas funções, abdique em prol da comunidade, que, então, poderá escolher um novo prior¹⁹⁰.

Como manda o Estatuto cartusiano, D. Pedro Maria não possuía nenhum sinal exterior que lhe indicasse o status superior dentro de sua comunidade. O hábito que vestia era igual aos hábitos de todos os demais irmãos. E como todos os monges padres cartuxos, ele também usava o escapulário de cilício sob o seu hábito como modo de penitência, como é próprio de sua condição. A este respeito, respondendo-me sobre um comentário meu do simbolismo da peça, ele disse que não era só símbolo não – como algo imaterial ou mera abstração –, que o escapulário estava lá e que incomodava mesmo, "sinto-o na pele".

Desta forma, só soube que D. Cristiano Collart e D. Pedro Maria eram os respectivos priores das comunidades, assim foram apresentados pelos monges assim e por eles mesmos.

Se não o tivessem feito, eu só poderia verificar a condição de prior de ambos nas situações em que houvesse o destaque pertinente ao cargo: os lugares que ocupam no coro nos Ofícios, idem para as missas conventuais, e também no

¹⁹⁰ Cf. Est. Cart. (2001) o Capítulo 23 ("El Prior"), e, principalmente, o Capítulo 38 ("Elección del Prior").

refeitório¹⁹¹. Ou então pela consideração e deferência com que são tratados pelos seus "filhos", o que exigiria muita maior perspicácia e anos de prática de Antropologia da minha parte.

COMUNIDADE

Quando cheguei no mosteiro beneditino, o hábito: toga e escapulário, que usavam era da cor cinza-chumbo; os cintos e calçados pretos. Como já dito, os beneditinos (*lato sensu*) são conhecidos como "monges pretos", pela cor de seus hábitos. Conversando sobre o meu estranhamento da cor, D. Prior Cristiano contou-me que foi ele quem determinou o uso desta cor, uma vez que eles surgiram como uma comunidade autônoma. Porém, quando eu estava para partir, chegaram os novos hábitos deles, ocorrendo a troca de cor para o preto dos beneditinos, o que faz parte da entrada da comunidade na CBB¹⁹². Como esclareceu-me o então Ir. Bernardo, o hábito preto faz parte da tradição beneditina, mas, aqui no Brasil, pode-se falar que os beneditinos do norte são "brancos" e os do sul "preto"¹⁹³ pela opção que os mosteiros do nordeste fizeram pelo branco e os demais mantiveram o preto. Num dos lados do cinto fica uma pequena presilha onde pode-se fixar o terço ou o rosário¹⁹⁴.

¹⁹¹ Como não fiquei nenhum domingo com os cartuxos, ou seja, o único dia em que eles fazem suas refeições juntos, não presenciei a distribuição dos lugares no refeitório. O esquema hierárquico de lugares que ocupam foi-me dito por D. Prior Pedro Maria.

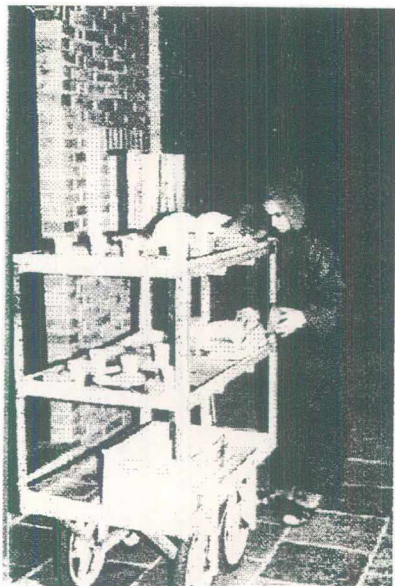
¹⁹² "Para as Vésperas da Ascensão do Senhor nós adotamos o hábito oficial dos beneditinos da Congregação Brasileira, sendo de cor preta. Guardamos o hábito cinza para a semana." Mosteiro da Transfiguração (2001).

¹⁹³ Notar que São Bento não prescreveu a cor do hábito para os seus "filhos" (RB: 1980, Capítulo 55 - Do vestuário e do calçado dos irmãos). Segundo o Prof. Júlio de Queiroz, foi D. Abade Basílio Penido quem fez a troca do hábito preto para o branco, quando estava a frente da Abadia de Olinda.

É interessante observar que com isto os "beneditinos do norte" passaram a assemelhar-se com os beneditinos camaldulenses, e com os cistercienses e trapistas - que abdicaram com a fundação de Cister, do preto para o branco (i. é, a lã não tingida) com volta a uma maior simplicidade de vida e desapego material. Igualmente, pode-se supor que a simbologia do preto indicando a renúncia, como dito por Norris (1998) a respeito dos filhos americanos de São Bento, não é mais assim pensada e expressa.

¹⁹⁴ Ver a frente, no tópico Economia, o que vem a ser um terço, um rosário, e o terço de estilo oriental.

Como pude verificar em mais de um relato, todos eles possuem muito apreço aos seus hábitos, não abrindo mão de usá-los, seja dentro ou fora do mosteiro. Para os trabalhos pesados do dia-a-dia e na lavoura eles usam blusões cinza, com capuz, e calças em cores escuras; no restante das atividades do dia utilizam o cinza – agora preto.



Ir. Francisco, OCarth, fazendo a distribuição da refeição pelas celas dos demais irmãos. A refeição incluía: pão, queijo, frutas, iogurte, etc. Ver que o hábito que ele usa é o de serviço, e aí também o capuz está erguido sobre a cabeça. Foto: do autor, 2001.

O corte de cabelo da comunidade não é mais aquele com tonsura¹⁹⁵. Eles adotam a raspagem da cabeça com máquina n.1, ou seja, quase calvos.

Já os cartuxos têm hábitos brancos: cogula¹⁹⁶, escapulário, e toga; o cinto também é branco, só os sapatos (as vezes tênis) são pretos (ou uma cor igualmente discreta). Igualmente possuem a presilha lateral para levar o terço¹⁹⁷. Para o trabalho nas oficinas, limpeza, cozinha, etc, os irmãos vestem hábitos/macacões azuis. Uma diferença dos beneditinos, é que os noviços usam o hábito de trabalho azul (na Europa eles distinguem-se pela cogula ser preta), ou seja, um segundo hábito.

¹⁹⁵ Ir. Clemente, obOSB, esclareceu-me que o corte de cabelo religioso, conhecido por tonsura, remete à Antiguidade. Nesta época a condição de servo era marcada pelo corte de cabelo feito colocando-se o cinto do senhor entomo da cabeça do servo; cortando o cabelo acima e abaixo da tira do cinto.

Das ordens de ambas as "famílias" no Brasil, parece-me que (após o Concílio Vaticano II) nenhuma mais usa tal corte, usando apenas a raspagem bem curta da cabeça. As exceções que conheço são: 1) os beneditinos tradicionalistas que vivem em Nova Friburgo (RJ), anteriormente mencionados; 2) a nova Congregação fundada em 1994 por Pe. Roberto Lettieri, "Fraternidade Toca de Assis", de espiritualidade franciscana, em Campinas (SP).

¹⁹⁶ Como explicou-me Ir. Clemente, obOSB, a cogula tem sua origem na capa para chuva. É uma túnica bem larga que vai sobre todas as demais peças de roupa. No caso dos cartuxos, ela é presa lateralmente por duas tiras, na altura dos joelhos. A este respeito D. Prior Pedro Maria explicou-me que não se sabe a origem disso, mas que ficou assim. Pode-se encontrar em imagens antigas de monges da ordem esta tira ora mais larga ou não.

¹⁹⁷ Esta presilha é utilizada também por várias outras ordens religiosas, como por exemplo os diferentes tipos de franciscanos.

Quando ao corte de cabelo estão iguais aos demais monges, entre cabeças raspadas e corte de máquina n. 1.

Outro aspecto que diferencia ambas as comunidades é a média de idade de seus membros. Entre os beneditinos a média é de 30 anos, uma vez que a maioria dos irmãos é jovem, apenas estando acima dos quarenta Ir. José e D. Prior Cristiano. Já a comunidade dos cartuxos é nitidamente mais madura. D. Prior Pedro Maria e mais dois irmãos estão acima dos setenta anos; outros tantos, acima dos cinqüenta. Há os jovens como os irmãos José Maria, Rafael, Francisco e outros, mas, apesar da dispersão de idades ser maior, a média fica pelos quarenta e cinco, cinqüenta anos.

Lembro, que isto, *per se*, não quer dizer muito, porque em ambas as "famílias" a longevidade de seus membros é notória. O interessante, é a presença de irmãos jovens, pois está é que garantirá a sobrevivência de ambas as comunidades. Destaco que vêem ocorrendo em ambos os mosteiros, profissões temporárias e solenes, feitas por estes jovens - motivo de alegria para os dois mosteiros. Como por exemplo, as profissões solenes, feitas recentemente, pelo Ir. José Maria, OCarth, e por D. Bernardo, OSB.

A comunidade beneditina está composta no momento por 12 monges - do prior ao mais novo postulante - sendo que a "família beneditina", conta com uns 5000 membros atualmente. A comunidade cartusiana é formada por 15 monges¹⁹⁸, do prior ao mais novo, sendo que já chegaram a ser 20, mas alguns foram enviados par outras cartuxas, no interesse da Ordem - a "família cartusiana" conta com 470 membros ao todo. Lembre-se que entre os beneditinos só há dois professos solenes, enquanto entre os cartuxos estes são maioria absoluta.

O vai-e-vem de candidatos é grande nas duas. O índice de aproveitamento dos que telefonam, escrevem ou aparecem pelos mosteiros é que é baixo. Como disse-me, mais de uma vez, D. Prior Pedro Maria: "Queremos homens adultos. Que

¹⁹⁸ A formação educacional deles é bem sortida, há entre eles: um engenheiro agrônomo, um engenheiro químico, bancários, comerciantes, estudante universitário, etc, como relatou-me D. Prior Pedro Maria. É claro que nenhum deles exerce a profissão, a não ser para o serviço na cartuxa, respeitada sua vocação particular, se donato, monge irmão ou monge sacerdote.

saibam o que querem". Para estas duas comunidades, bem como para todos os outros mosteiros, a desistência por parte de tantos candidatos é porque muitos vão até os mosteiros "em busca de sonhos", "como crianças", "incapazes de assumir responsabilidades", ou querem que o mosteiro se adeqüe a eles, que a Ordem ceda em suas idéias e valores para que eles entrem. Porém como esclareceu D. Prior Pedro Maria, não será a Ordem [cartusiana] que vai se modificar, a pessoa é que deve saber em que está entrando, pois é daquela maneira [cartusiana] que viverá.

Como relatou-me D. Prior Pedro Maria, das mais de 3000 cartas que já escreveu nestes 17 anos para interessados, 800 apareceram por lá, a maioria para apenas poucos dias, e muitíssimo poucos que seguiram a vida cartusiana.

Em ambas as comunidades há membros oriundos da Renovação Carismática Católica. Estes são jovens que participavam em suas dioceses de grupos de oração da RCC, indo de simples participação a um engajamento maior nestes grupos. A cartuxa conta com bem menos participantes da RCC. Os beneditinos, como eles mesmo dizem, estão abertos a experiência carismática em suas vidas, mesclando na espiritualidade beneditina, a da RCC¹⁹⁹. Os irmãos vieram, se não todos, quase todos, de grupos de oração da RCC, encontrando em D. Prior Cristiano o apoio para desenvolverem o estilo monástico-carismático.

A respeito da formação monástica, a duração varia de cinco anos e meio, para os beneditinos, a sete anos e meio para os cartuxos. A este respeito dizem os beneditinos:

"O processo de formação distribui-se da seguinte forma: Aspirantado - 03 meses; Postulantado - cinco meses; Noviciado - dois anos, sendo o primeiro

¹⁹⁹ Eles também buscam desenvolver em sua espiritualidade o aspecto monástico cristão oriental, com uso de ícones, terço oriental (mais a frente detalho este), formas de oração, e outras coisas mais. Mas o principal, por enquanto, é a abertura à RCC..

canônico²⁰⁰; Profissão Simples ou Trienal - três anos; Início dos estudos filosóficos – dois anos – e teológicos – quatro anos; Profissão Perpétua²⁰¹.

Somente poderão ingressar no Mosteiro os candidatos que apresentarem as seguintes condições: Idade mínima de 18 anos; 2º. grau completo (o candidato que tem um grau de escolaridade inferior ao 2º. grau, mas tem o desejo e apresenta sinais de uma verdadeira vocação, poderá ter o seu caso analisado pelo Prior; deve estar ciente, porém, que o ingresso na Vida Monástica não lhe permitirá continuar e concluir os seus estudos)." (Mosteiro da Transfiguração: 2001).

Os cartuxos possuem prazos semelhantes para os graus a serem cumpridos pelos interessados no seu modo de vida. A este respeito, em seu livrete de apresentação da família e vida cartusiana a futuros candidatos, eles apresentam resumidamente o estilo de vida que seguem e as etapas a serem cumpridas²⁰². Também são claros quando ao problema da interrupção dos estudos e do nível educacional exigido. Como dizem (Um Cartuxo: s/d, 22):

"Quem desejar ser monge sacerdote deve possuir os estudos colegiais ou equivalentes.", sendo encontrado também no próprio Estatuto da ordem tais recomendações.

A iniciação à vida monástica em ambas as "famílias" começa pela manifestação do interesse da pessoa em conhecer o modo de vida respectivo e tomar



Irs. João da Cruz e Pedro, OSB, sendo interrompidos nos trabalhos de jardinagem que faziam em frente ao mosteiro. Como outras atividades está também é função dos monges. Foto: do autor, 2001.

²⁰⁰ Isto é, o período de noviciado determinado pelo Código de Direito Canônico. Com relação a isto e a todas as prescrições a respeito dos noviços e do noviciado, ver Código de Direito Canônico, Cân. 641 a Cân. 653.

²⁰¹ Cf. Código de Direito Canônico, Cân. 659 a Cân. 661.

²⁰² Um Cartuxo (s/d: 21-25), "A vida cartusiana – vidas para Deus". A seção chama-se, Deus Chama, e indica os passos necessários a serem dados, do discernimento dos candidatos à profissão solene, inclusive indicando a diferença existente entre os tipos diferentes de monges que existem na ordem.

conhecimento de seus aspectos gerais²⁰³. Nesta fase, aspirantado, a qual é a do discernimento, como dizem, mosteiro e candidato vão se apresentando um ao outro. Isto se dá através de cartas, seguidas de visitas aos mosteiros por alguns meses, para o aspirante à vida monástica ter um contato real com a comunidade e seu ethos. A seguir, persistindo o mútuo interesse, há o ingresso no postulanteado.

O postulante é então recebido pelo mosteiro em uma cerimônia simples e restrita à própria comunidade. Ele ganhará a toga, sem o escapulário e o capuz no caso dos beneditinos, como indicativo de seu novo status; entre os cartuxos, ganha o uniforme azul de trabalho. A seguir, persistindo, entra-se no noviciado. Há uma cerimônia²⁰⁴ mais elaborada dada ser um ritual²⁰⁵ que repercutirá para todo o restante da vida monástica do noviço. Antes desta cerimônia o prior e a comunidade já deliberaram a respeito do ingresso ou não do candidato. É muito importante nesta decisão o papel do monge mais velho que ficou encarregado do postulante, ou o mestre-de-noviço, que é quem acompanhou, orientou a formação do novo membro.

As marcas que lhe serão dadas, após a ansiedade vivida nos dias anteriores entre finalizar uma etapa e iniciar outra, são: o escapulário, cujo cumprimento vai até pouco

²⁰³ Veja-se, por exemplo, o que dizem os beneditinos em seu site (op. cit.): "Antes do ingresso no Mosteiro da Transfiguração, o candidato deverá ser acompanhado pela equipe vocacional deste mosteiro que o orientará nos seguintes passos: 1) · A partir de um primeiro contato por carta, telefone, ou e-mail, o vocacionado solicita o material vocacional do Mosteiro da Transfiguração, contendo o Manual de Orientações para os Candidatos. O candidato, de posse deste material, deve lê-lo com bastante atenção, discernimento e em espírito de oração, buscando do Senhor Jesus uma direção mais clara acerca de sua vocação. 2) · Os candidatos serão convidados a fazer uma visita ao mosteiro, quando receberão maiores informações do Secretariado Vocacional e serão entrevistados pelo Prior. 3) Após uma ou mais visitas e entrevistas, o Prior solicitará ao candidato uma declaração, redigida de próprio punho, declarando a real motivação para o ingresso neste Mosteiro. Deve também declarar que está ciente e consciente do tipo de formação que aqui vai receber, ou seja, uma espiritualidade com base nos fundamentos da Regra de São Bento e com um entusiasmo renovado. 4) · O candidato só poderá ser recebido nesta comunidade munido das necessárias credenciais, ou seja, Cartas de Apresentação, tais como do Bispo diocesano ou do seu Pároco, ou do(s) coordenador(es) de seu grupo de oração, ou coordenador da RCC de sua cidade ou diocese, do responsável pela Pastoral Vocacional de sua paróquia, ou de pessoas idôneas e conhecedoras de sua honestidade e que representem sua comunidade eclesial."

²⁰⁴ "Tais cerimônias marcam todas as etapas do acesso a uma comunidade beneditina [e de todas as demais comunidades monásticas], sendo que, em cada uma das ocasiões, um símbolo da vocação religiosa é recebido" Norris (1998: 303)

²⁰⁵ Adoto que ritual seja toda o conjunto de ritos que compõem uma determinada cerimônia religiosa. Diferenciando-o de rito, que vem a ser apenas uma determinada prática religiosa, inserida ou não em um ou mais rituais.

abaixo do joelho; o capuz; seu nome será trocado por outro, o onomástico, ligado ao monaquismo e/ou Padres da Igreja; receberá um lema de vida, ligado ao onomástico recebido.

Chamo a atenção para o fato de o ritual de entrada no postulariado e no noviciado serem de caráter privado, isto é, estão abertos apenas à participação da comunidade e de parentes de primeiro grau em linha ascendente e lateral, como informaram-me beneditinos e cartuxos. Também, nestes dois rituais, não há profissão de votos, o que os caracteriza como sendo de interesse apenas da comunidade respectiva e não da igreja local ou da Igreja.

Descrevo, sucintamente, este ritual chamado de "Vestição"²⁰⁶, que presenciei entre os beneditinos²⁰⁷. Destaco que tal ritual é comum a todas as quatro ordens aqui tratadas: beneditinos, cistercienses, trapistas e os cartuxos; há apenas algumas pequenas variações no desenrolar do ritual, características de alguns mosteiros.

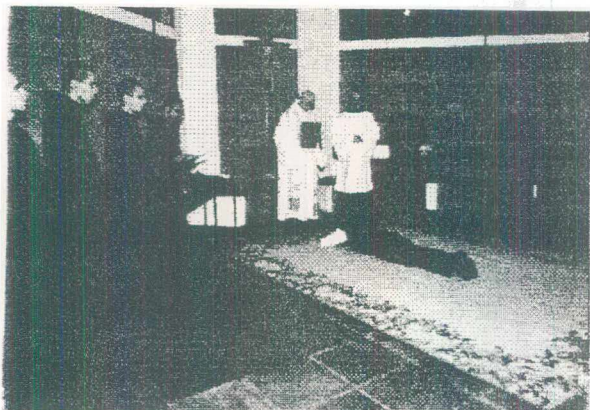
Todos: comunidade, familiares, oblatos e hóspedes, fomos para o Capítulo. Depois de nós, entraram em procissão Ir. Paulo e os demais monges, estes em ordem hierárquica inversa, terminando com a entrada de D. Prior Cristiano. Tomamos os nossos lugares. Entre eles a distribuição dos lugares manteve-se, como sempre, em duas metades, sentadas uma de frente para a outra, postos em ordenamento hierárquico - a exceção do Ir. Gregório, organista que assentou-se ao fundo da sala, e Ir. Paulo, acólito, que permaneceu em pé ao lado de D. Cristiano. Todos com seus hábitos pretos (novos), exceto D. Prior Cristiano que estava vestido com paramentos litúrgicos sobre o hábito e com sua medalha de prior, e Ir. Paulo, com a dalmática.

²⁰⁶ Esta cerimônia também é conhecida por "Cerimônia das Vestes".

Sou muito agradecido a D. Prior Cristiano Collart, ao Ir. Basílio, a sua mãe e irmão, por permitirem que eu assistisse a "Vestição" do segundo, bem como, por terem permitido que eu a fotografasse.

²⁰⁷ Esta ocorreu igualmente no sábado, quando das I Vésperas da Ascensão do Senhor, como eles contaram na seção 'novidades' do site do mosteiro (2001): "A noite deste mesmo dia, Vagner entrou no noviciado canônico, recebendo o nome de Ir. Basílio. A homilia desta entrada está na página 01 do nosso jornal." Neste mesmo dia a tarde, Ir. Fernando recebeu sua toga durante o pequeno rito de entrada do postulariado.

Imão Bernardo levantou-se e dirigiu-se para frente de D. Prior Cristiano, inclinou-se em saudação, comunicando-lhe que o Ir. Vagner, postulante, desejava ser recebido no noviciado. Foi-lhe solicitado que buscasse aquele. Imão Pedro fez a leitura do Capítulo 58, "Da maneira de proceder à recepção dos irmãos", da Regra de São Bento²⁰⁸. Vieram os dois lado a lado. Imão Vagner entrou sem sua toga, vestido a paisana, isto é, calça, camisa de manga cumprida e um suéter. Inclinar-se



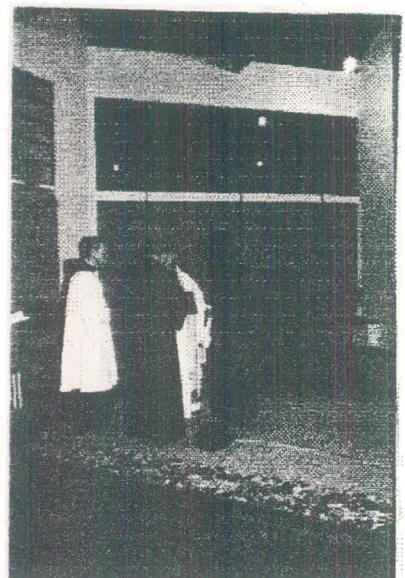
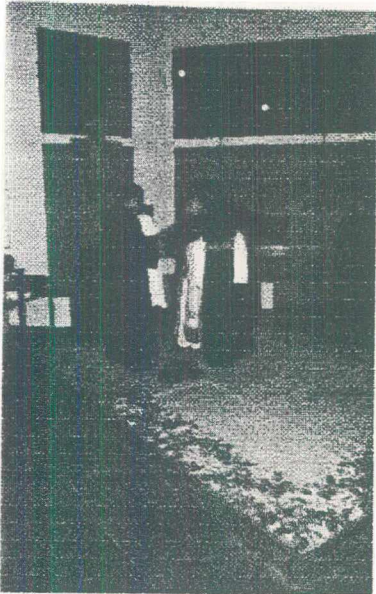
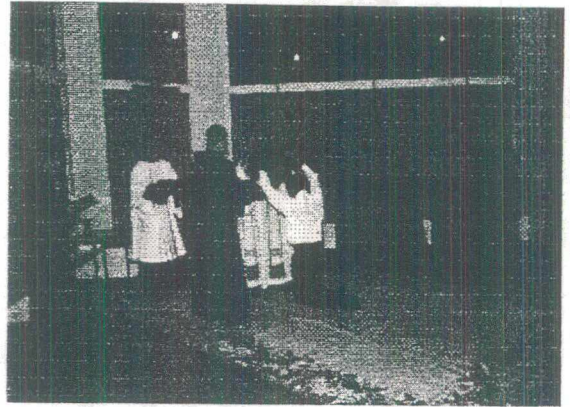
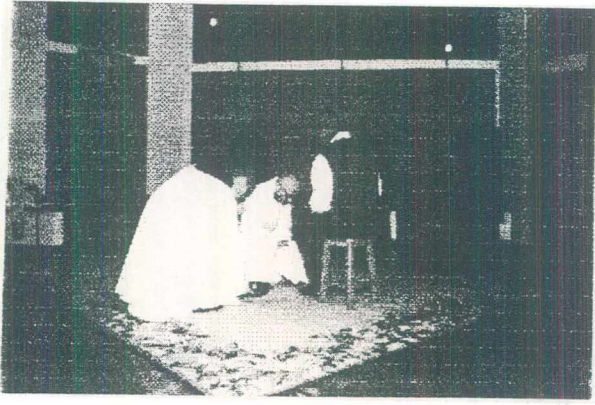
Esta e as próximas seis fotos são da "Vestição" do Ir. Basílio, OSB. A descrição dos passos encontra-se no texto. Fotos: do autor. 2001.

cumprimentando a D. Prior, e Ir. Bernardo tomou o seu lugar. Ir. Vagner prostrou-se a frente de D. Prior Cristiano, que lhe perguntou: "o que pedes?", ouvindo como resposta: "A misericórdia de Deus e a comunhão convosco como noviço deste mosteiro de São Bento". Ir. Vagner ajoelhou-se, permanecendo de frente a D. Cristiano, que fez uma breve

homília, na qual salientou aspectos relevantes da vida monástica, do ser monge e a importância, significado e compromisso do passo que ele estava dando; falou da mística batismal e pascal do evento: "No século o fruto das mãos é o trabalho, no monaquismo é a entrega total de si a Deus", "Morto em Cristo, ressuscitado n'Ele".

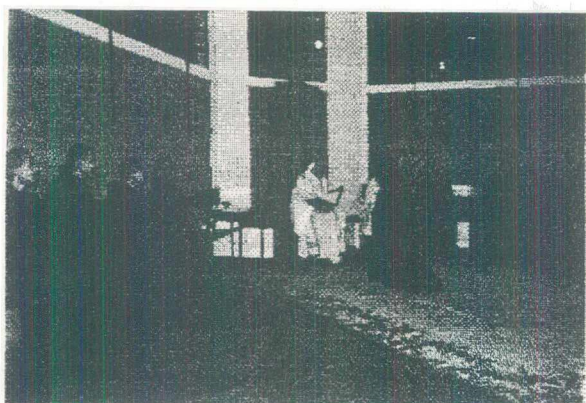
A seguir foi colocado um banco no qual se sentou Ir. Vagner. D. Prior Cristiano despiu-se dos paramentos litúrgicos e da medalha, e tomando uma bacia com água e uma toalha, lavou-lhe os pés, beijando-o em seguida; após, cada um dos demais irmãos, em ordem conventual, foi beijar-lhe os pés também.

²⁰⁸ Mais algumas páginas à frente, há a transcrição deste Capítulo.



Novamente paramentado, com Vagner ajoelhado a sua frente, passou-se ao momento do recebimento do novo hábito.

D. Prior Cristiano, auxiliado por Ir. Paulo, foi tomando cada peça do hábito e fazendo uma oração, misto entre prece e esclarecimento do significado de cada uma delas, e depois vestindo-a no Ir. Vagner, a quem ergueram e de quem tinha sido tirado o suéter²⁰⁹. Primeiro vestiram-no com a toga; em seguida, o cinto de couro preto; depois o escapulário de noviço, ou seja, aquele cujo comprimento excede uns 10 dedos abaixo do joelho, e que possui o capuz. O capuz foi-lhe posto sobre a cabeça, permanecendo assim.



Irmão Vagner ajoelhou-se novamente, e D. Prior Cristiano sentou-se em sua cadeira e começou a falar-lhe a respeito do seu onomástico²¹⁰, dando-lhe a chance de descobrir por si qual seria. Isto fez com que todos eles demonstrassem sua alegria, já que eles sabiam qual seria o nome que ele

receberia, e ele não – era um gracejo que vinha acompanhando-o nos dois últimos dias²¹¹. Após a explanação a respeito do ancestral espiritual de quem iria ganhar o

²⁰⁹ Já que não tomei nota das palavras exatas de D. Cristiano – uma vez que escrever e fotografar ao mesmo tempo é inviável –, cito palavras próximas, tomadas de Norris (1998: 299), que narra uma cerimônia desta, no momento de entrega do hábito pelo prior: "Ofereço-lhes o hábito de nosso Santo Pai Bento. Ao usá-lo, vejam nele o símbolo de nossa herança monástica, um sinal de nossa vida comunitária, e o penhor de nossa esperança de estar completamente revestido de Cristo". E, como diz ainda esta autora (idem) a respeito do noviço e a comunidade: "Eles têm em comum a esperança de usar esta veste religiosa até o dia de suas mortes e, até mesmo, depois. Eles esperam ser enterrados com ela, no cemitério..."

²¹⁰ Mais a frente, no tópico hierarquia, detalho sobre o processo de nomeação monástica.

²¹¹ Por sinal, nestes dias, eu os vi ficarem mexendo com o Ir. Vagner, na cozinha após as refeições, sobre o grande dia que estava para chegar. Isto tudo, bem dentro do espírito de pessoas jovens, mas que optaram em ser beneditinos – ou seja, um humor monástico.

nome e lema de vida, D. Prior Cristiano deu-lhe o nome de Basílio²¹², desta forma 'morrendo' o Ir. Vagner²¹³.

D. Prior Cristiano levantou-se foi até Ir. Basílio e descobriu-lhe a cabeça. Após pequena oração, os dois mais Ir. Paulo postaram-se, lado-a-lado, de frente para a cruz acima da cadeira de prior. Os demais irmãos, em ordem inversa, vieram em duplas por trás deles inclinavam-se por trás e saíam da sala capitular. Por fim, saiu o Ir. Paulo, e os dois fecharam a fila. Em seguida, Ir. Gregório terminou a música e saiu. E nós da assistência saímos²¹⁴. Todos fomos para o salão São Bento, onde houve uma festa de congratulações para o novo irmão que entrava na ordem²¹⁵.



Transcrevo agora, o ritual da entrada no noviciado cartusiano, descrito no Est. Carth., tendo em vista que não tive tanta sorte de assistir também lá um cerimônia destas. O descrito para o monge do claustro (sacerdote) e para o monge irmão (leigo) é equivalente, e estão no Capítulo 36 – Ritos da vida cartusiana (Est. Carth, 2001):

"Recepción de un novicio del claustro.

El postulante, al fin de su probación, es presentado en un determinado día a la Comunidad. Delante de ésta, se le pregunta ante todo si há profesado en algún Instituto religioso, si está libre del vínculo matrimonial, si padece alguna enfermedad incurable, si puede ser promovido a las sagradas Órdenes [o que não é feito para o noviço que vai ser

²¹² De quem já falei no capítulo anterior.

²¹³ A 'verdadeira metamorfose', a 'transformação *totius substantiae*' aconteceu (Durkheim: 1996). Mais ainda a vida do noviço torna-se sagrada, por mais afastar-se do mundo e aproximar-se de Deus.

²¹⁴ O ritual contou com a execução de música na entrada, saída e cantos – sempre de modo suave. Todos os presentes participaram das orações coletivas e cânticos. Também houve o registro fotográfico por parte deles mesmo, com Ir. Tiago tirando fotos.

²¹⁵ Por sinal a expressão "entrar no mosteiro" equivale "entrar na ordem", assim um hóspede pode ir, pode visitar, se hospedar, passar dias, etc, mas não "entrar".

irmão leigo], si carece de deudas; advirtiéndosele que si ocultara algo acerca de lo que se le pregunta, podrá ser expulsado aun después de la Profesión.

Otro día, reunidos todos en el Capítulo, el postulante pide misericordia postrado. Después, a una indicación del Prior, se levanta y dice: 'Suplico por amor de Dios ser admitido a la probación en hábito monacal, como el más humilde servidor de todos, si a ti, Padre, y a la Comunidad os pareciere bien'.

Entonces el Prior le expone el género de via que desea abrazar.

Si a todo ello respondiese que, confiando únicamente en la misericordia de Dios y en las oraciones de sus hermanos, espera cumplirlo en la medida en que se lo conceda la divina bondad, el Prior le advierte que antes de la Profesión podrá irse libremente, y que nosotros también podremos despedirlo con toda libertad si, considerando el caso ante Dios, no nos pareciera idóneo para nuestra vida. Si el postulante da su conformidad, se arrodilla a los pies del Prior, juntas sus manos entre las del Prior, y éste, en nombre de Dios y de la Orden, en el sayo propio y en el de sus hermanos, lo asocia a la Orden. A continuación, el novicio recibe el ósculo de paz, primero del Prior, y luego, de todos los demás.

El mismo día, si es posible, al novicio, vestido en privado, se lo conduce a la iglesia, y, postrado, ora en la grada del presbiterio. El Prior, revestido de cogulla eclesiástica y estola blanca, se coloca en la última silla del coro derecho. Los monjes, de rodillas, coro contra coro, cantan el versículo 'Veni, Sancte Spiritus'. Una vez terminado, inclinados todos sobre las misericordias, el Prior dice un versículo y añade una oración.

Después, el novicio es conducido por todos a la celda, cubiertos, cantando los salmos 33 ('¡Qué deseables...'), 131 ('Señor, tenle en cuenta...') y 50 ('Misericordia...'). Si bastan uno o dos, no se dicen más. Va primero el Prior, sigue el novicio, después el Procurador a otro llevando el agua bendita y, finalmente, la Comunidad por orden de antigüedad [conventual]. Al llegar el Prior a la puerta de la celda, asperja al novicio y a la celda misma, diciendo: 'Paz a esta casa', y, tomando al novicio de la mano, lo introduce y lo lleva al oratorio, donde éste ora arrodillado. Terminado el salmo o los salmos por la Comunidad, siguen las preces indicadas en el Ritual.

Una vez concluidas las preces, el Prior impone al novicio la obligación de guardar la celda y todas las demás observancias y ejercicios propios de nuestra Orden, a fin de que en soledad y silencio, y en asida oración y generosa penitencia, se consagre a solo Dios. Y lo encomienda al Maestro de novicios¹⁶.

Retornando, agora, à descrição dos graus monásticos, a grande diferença entre as duas "famílias" está em que, se a duração do postulante e noviciado é igual para ambas as "famílias", o período de vivência dos votos temporários é ampliado para os cartuxos, e entre elas há ainda outras diferenças sobre a profissão temporária.

Na "família beneditina" é comum que a profissão temporária seja realizada a cada ano, no decorrer dos três anos previstos, findos os quais são emitidos os votos perpétuos. Tal medida, como me explicaram, visa evitar problemas de ordem canônica, já que se houvesse desistência do monge votente, após o primeiro ou segundo ano, isto não acarretaria infração. Caso houvesse uma solicitação de não mais se viver os votos²¹⁶ após sua profissão, isto demandaria a abertura de um processo canônico, normalmente demorado, cuja realização é tensa e dolorosa para o requerente e a comunidade toda²¹⁷.

Estes prazos e etapas a serem cumpridos na vida monástica da família beneditina diferem daqueles previstos na RB (1980: Capítulo 58 – Da maneira de proceder à recepção dos irmãos), que diz: "Apresentando-se alguém para a vida monástica, não se lhe conceda fácil ingresso, mas, como diz o Apóstolo: "Provai os espíritos, se são de Deus"[1 Jo 4,1]. Portanto, se aquele que vem, perseverar batendo à porta e se depois de quatro ou cinco dias, sendo-lhe feitas injúrias e dificuldade para entrar, parece suportar pacientemente e persistir no seu pedido conceda-se-lhe o ingresso, e permaneça alguns dias na cela dos hóspedes. Fique, depois, na cela dos noviços, onde esses se exercitam, comem e dormem. Seja designado para eles um dos mais velhos, que seja apto a obter o progresso das almas e que se dedique a eles com todo o interesse. Que haja solicitude em ver se procura

²¹⁶ O que quer dizer implicitamente que o monge estará abandonando a vida monástica, pois não quer continuar sua profissão monástica e não pode recuar para a condição de noviço.

²¹⁷ Este problema de Direito Canônico vale não somente para as ordens citadas, mas todos institutos de vida religiosa.

verdadeiramente a Deus, se é solícito para com o Ofício Divino, a obediência e os opróbrios. Sejam-lhe dadas a conhecer, previamente, todas as coisas duras e ásperas pelas quais se vai a Deus. Se prometer a perseverança na sua estabilidade, depois de decorridos dois meses, leia-se-lhe por inteiro esta Regra, e diga-se-lhe: Eis a lei sob a qual queres militar: se podes observá-la entra; mas se não podes, sai livremente. Se ainda ficar, seja então conduzido à referida cela dos noviços e seja de novo provado, em toda paciência. Passados seis meses, leia-se-lhe a Regra, a fim que saiba para o que ingressa. Se ainda permanece, depois de quatro meses, releia-se-lhe novamente a mesma Regra. E se, tendo deliberado consigo mesmo, prometer guardar todas as coisas e observar tudo quanto lhe for ordenado, seja então recebido na comunidade, sabendo estar estabelecido, pela lei da Regra, que a partir daquele dia não lhe é mais lícito sair do mosteiro, nem retirar o pescoço ao jugo da Regra, a qual lhe foi permitido recasar ou aceitar por tão demorada deliberação.

No oratório, diante de todos, prometa o que vai ser recebido a sua estabilidade e conversação de seus costumes, e a obediência, diante de Deus e de seus Santos, a fim de que, se alguma vez proceder de outro modo, saiba que será condenado por aquele de quem zomba. Desta sua promessa faça uma petição no nome dos Santos cujas relíquias aí estão e do Abade presente. Escreva tal petição com sua própria mão; ou então, se não souber escrever, escreva outro rogado por ele, e que o noviço faça um sinal e a coloque com sua própria mão sobre o altar. Quando a tiver colocado, comece logo o seguinte versículo: *"Suscipe me, Domine, secundam eloquium tuum et vivam, et non confundas me ab expectatione mea"*. Responda toda a comunidade este versículo, por três vezes, acrescentando: *"Gloria Patri"*. Prosterna-se, então, o irmão noviço aos pés de cada um para que orem por ele; e já daquele dia em diante seja considerado na comunidade. Se possais quaisquer bens, ou os distribua antes aos pobres, ou, por solene doação, os confira ao mosteiro, nada reservando para si de todas essas coisas: pois sabe que, deste dia em diante, nem sobre o próprio corpo terá poder. Portanto, seja logo no oratório despojado das roupas seculares com que está vestido, e seja vestido com as roupas do mosteiro. As vestes que despiu sejam colocadas na rouparia, onde devem ser conservadas, para que, se algum dia, por persuasão do demônio, consentir em sair do mosteiro - que isso não aconteça! - seja expulso, despido das roupas do mosteiro. Não lhe seja

entregue, porém, aquela sua petição que o Abade tira de cima do altar, mas fique guardada no mosteiro²¹⁸.

Os cartuxos mantêm a forma de suas duas séries de votos temporários, isto é, votos que os monges fazem comprometendo-se a viver durante um primeiro período de três anos seguidos (chamam-no de "primeiro compromisso") como monges, seguidos de nova profissão de mais dois anos ("última experiência"), como confirmação²¹⁹. Decorridos estes cinco anos, é que o monge faz sua profissão solene, emitindo seus votos perpétuos de viver sob aquela Regra de vida e seu Prior, naquela cartuxa e disposto a converter-se quotidianamente²²⁰.

Tanto o ritual da profissão temporária, como da profissão solene, são públicos, sendo realizados na capela conventual do mosteiro, e com a possibilidade da presença de público externo (apenas no caso dos beneditinos) e familiares do monge. Como disseram-me os beneditinos, isto porque tais profissões dizem respeito e são do interesse da Igreja, logo devem ser públicos²²¹.

²¹⁸ Ver o interessante comentário de D. Abade Penido, OSB, (1986) sobre este capítulo da RB, a respeito do espírito da Regra e a maneira de torná-la compatível com a atualidade.

²¹⁹ Sobre como são os rituais da profissão simples, da solene, e da donação simples, da perpétua, podem ser lidos, igualmente, no Capítulo 36 – Ritos da vida cartusiana, do Est. Carth. (2001).

²²⁰ Est. Carth. (2001 – Capítulo 10 – La Profesión): 'Muerto al pecado y consagrado a Dios por el bautismo, el monje por la Profesión se consagra más plenamente al Padre y se desembaraza del mundo, para poder tender más rectamente hacia la perfecta caridad. (...) Esta primera Profesión se emite por tres años. Pasado este plazo, corresponde al Prior, tras el voto de la Comunidad, admitir al joven profeso a pasar dos años con los profesos de votos solemnes. En tal caso, el monje renovará por un bienio la Profesión temporal. Durante uno de estos dos años - normalmente el segundo -, el futuro profeso estará libre de estudios y clases para que pueda preparar-se más concienzudamente a los votos solemnes.

Porque el discípulo que sigue a Cristo debe renunciar a todo y a sí mismo, el futuro profeso, antes de la Profesión solemne, renuncie a todos los bienes que tiene en acto; puede también, si quiere, disponer de los bienes a los que tenga derecho. Ninguna persona de la Orden pida nada en absoluto de sus cosas al profeso temporal, ni siquiera con fines pios, ni para dar limosna a quien sea, sino que él debe disponer libremente de sus bienes según le plazca.

El que va a profesar escriba por sí mismo la Profesión en la forma y con las palabras: 'Yo, fray N., prometo... estabilidad, y obediencia y conversión de mis costumbres, delante de Dios y de sus Santos y de las Reliquias de este yermo, que está construido en honor de Dios y de la bienaventurada siempre Virgen María y de San Juan Bautista, en presencia de Dom N., Prior'.

Después de la palabra 'prometo', si se trata de la primera Profesión temporal, se añade 'por tres años', y cuando esta Profesión se prorrogue, especifíquese el tiempo de la prórroga; mas si se trata de la Profesión solemne, dígase 'perpetua'.

²²¹ Rever, no primeiro capítulo, o que já disse sobre a profissão dos votos monásticos.

Como distintivos da nova posição de professo temporário, os beneditinos têm: terá o seu escapulário do mesmo comprimento que sua toga; ganhará uma aliança na mão direita²²². Para os cartuxos, só o primeiro item.

Na profissão solene para os beneditinos há novos sinais diacríticos do status recém adquirido: a aliança mudará de mão, o monge passará a ser chamado e assinará seu nome precedido por Dom. Entre os cartuxos nada de novo. A única mudança que haverá, será para monge que for receber a Ordenação Sacerdotal, que ganhará o escapulário de cilício utilizado por todos os padres cartuxos.

Como em qualquer mosteiro, a administração das comunidades beneditina e cartusiana é feita por intermédio do Capítulo. Presidido, no caso, pelos priores, cada comunidade reúne-se aos domingos para deliberações coletivas as mais diversas²²³. São comentados problemas financeiros e administrativos; entrada e saídas de irmãos; viagens e etc. Como esclarecem os cistercienses a este respeito: "O nome deriva da reunião de todos os monges de um mosteiro, no qual se lia, e o abade comentava, um capítulo da Regra de São Bento. Por extensão, 'capítulo' passou a indicar qualquer reunião de todos os monges, e 'Capítulo Geral', a reunião de todos os abades." Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo (2001).

²²² Sobre isso informou-me Ir. Clemente, obOSB, ser um modismo e não é geral o seu uso. Na CBB, apenas alguns monges usariam a aliança. Sugeriu-me pesquisar mais a respeito, o que, infelizmente, não consegui fazer.

²²³ "Todas as vezes que deverem ser feitas coisas importantes no mosteiro, convoque o Abade toda a comunidade e diga ele próprio de que se trata. Ouvindo o conselho dos irmãos, considere consigo mesmo e faça o que julgar mais útil. Dissemos que todos fossem chamados a conselho porque muitas vezes o Senhor revela ao mais moço o que é melhor. Dêem pois os irmãos o seu conselho com toda a submissão da humildade e não osem defender arrogantemente o seu parecer, e que a solução dependa antes do arbítrio do Abade, e todos lhe obedeam no que ele tiver julgado ser mais salutar; mas, assim como convém aos discípulos obedecer ao mestre, também a este convém dispor todas as coisas com prudência e justiça.

Em tudo, pois, sigam todos a Regra como mestra, nem dela se desvie alguém temerariamente. Ninguém, no mosteiro, siga a vontade do próprio coração, nem ose discutir insolentemente com seu abade, nem mesmo discutir com ele fora do mosteiro. E, se ousar fazê-lo, seja submetido à disciplina regular. No entanto, que o próprio abade faça tudo com temor de Deus e observância da Regra, cômso de que, sem dávida alguma, de todos os seus juízos deverá dar contas a Deus, justíssimo juiz. Se, porém, for preciso fazer alguma coisa de menor importância dentre os negócios do mosteiro, use o Abade somente do conselho dos mais velhos, conforme o que está escrito: 'Faze tudo com conselho e depois de feito não te arrependerás'. RB (1980:CAPÍTULO 3 - Da convocação dos irmãos a conselho)."

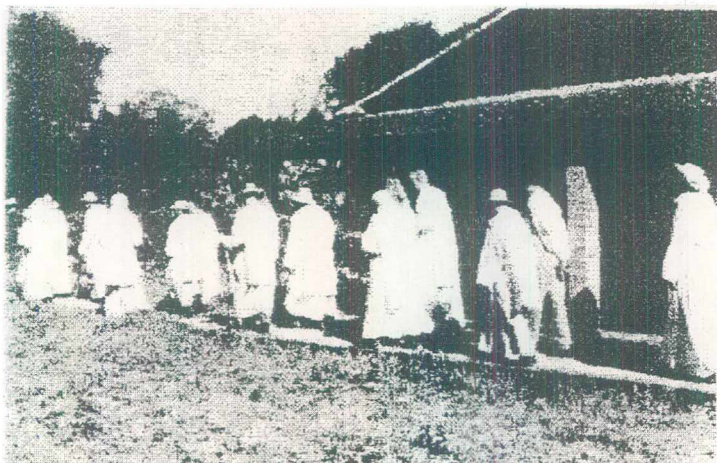
Entrevistei alguns trabalhadores, em ambas as comunidades. Dois tipos de comentários foram constantes entre os dois grupos de trabalhadores:

- estranhamento com a forma de vida que levam seus patrões – "deve ser bem difícil viver assim", "eles são meio calados", "isto não é para mim", "não sei o que eles fazem", "nunca fui lá dentro" do claustro e/ou capela, foram alguns dos comentários que anotei.
- gostarem de trabalhar lá, porque os monges tratam bem, não perturbam o serviço que fazem, são justos e pagam direito.

Com relação ao que se pode chamar de lazer, no mosteiro beneditino, conforme eles mesmos contaram, há uma televisão, a qual assistem após o jantar e a arrumação do refeitório. Normalmente assistem aos telejornais, tendo em vista coincidir os horários mosteiro e programas; mas isto dura apenas um curto período de tempo já que em seguida vêm as Completas²²⁴. Na cartuxa não há, como já disse, televisão, computador, jornais, revistas, etc. Como está no Est. Carth. (2001: Capítulo 6 – La guarda de la clausura): "(...) El rigor de la clausura se convertiría en una observancia farisaica, si no fuera un signo de aquella pureza de corazón a la que únicamente se promete la visión de Dios. Para conseguirla, se requiere una gran abnegación, sobre todo de la natural curiosidad que el hombre siente por todo lo humano. No debemos dejar que nuestro espíritu se derrame por el mundo, andando a la búsqueda de noticias y ramores. Por el contrario, nuestra parte es permanecer ocultos en el secreto del rostro de Dios.

Hemos de evitar los libros profanos o revistas que paedan turbar nuestro silencio interior. Particularmente sería contrario al espíritu de la Orden introducir de cualquier modo en el claustro diarios que traten de política. Aún más, los Priors exhorten a las monjes que sean muy parcios en las lecturas profanas. Mas seta advertencia requiere una madurez de espíritu y un dominio de si mismo que sepa aceptar sinceramente todas las consecuencias de esa mejor parte que ha elegido, a saber: sentarse a los pies del Señor y escachar sa palabra.¹.

²²⁴ No Anexo 2 tem os horários do mosteiro da Transfiguração, e outros mais, para comparação.



Um Domingo de grande passeio para toda a comunidade. Durante algumas horas os cartuxos irão andar, conversar e apreciar a própria fazenda. Mas principalmente, afirmarão os laços que os une enquanto comunidade. Fotos/Fonte: Cartuxa Nossa Senhora Medianeira.

Desta forma o lazer dos cartuxos é o passeio semanal que fazem pelo claustro, e o mensal pela propriedade, tudo em comunidade, como será visto à frente.

Nas duas comunidades não há concepção de férias, como entre o clero secular e

alguns outras ordens fora das referidas "famílias". Todos os dias serão vividos ali, juntos²²⁵.

Ambas as comunidades recebem visitas durante quase todo ano. Entre estas estão: os 'turistas' que chegam na cartuxa, como mencionado acima; são os familiares (ascendentes e laterais de primeiro grau, i. é, pais e irmãos) de algum dos monges, que podem recebê-los uma vez ao ano – normalmente dois dias; pessoas em busca de retiro espiritual²²⁶. Também pode acontecer, como é comum entre os beneditinos,

²²⁵ "Tudo nessa ascese está orientado à procura de Deus.

Os elementos da referida ascese, comuns a todos os cartuxos, são os seguintes: a ausência do conforto humano e de distrações que enfraquecem a vontade e dissipam o espírito; a prática da pobreza nos utensílios de uso pessoal; a ruptura do sono em duas partes [por causa da celebração das Noturnas – ver mais a frente]; o trabalho, o silêncio e a solidão; o jejum e a fugalidade da comida; o cilício de cerdas a modo de escapulário sobre peito e costas (isto apenas para os padres); a abnegação de si mesmos em aras de obediência; e em geral a carência de tudo quanto favorece o regalo e a sensualidade." Um Cartuxo e Rodrigues (2001: 57).

²²⁶ Como está no Est. Carth. (2001: Capítulo 6 – La guarda de la clausura) a respeito de visitas: "(...) Porque no aprovecha al amigo de la soledad, firme en el silencio y ansioso de la quietud, hacer o recibir visitas sin motivo. Como está escrito: 'Honra a tu padre y a tu madre', mitigamos un poco el rigor de la clausura para recibir a nuestros padres y a otros parientes próximos, dos días al año, seguidos o separados. Por lo demás, a no ser que, por amor del Señor, nos lo imponga una inevitable necesidad, evitamos la visita de los amigos y las charlas de los seglares. Sabemos que Dios es digno de que se le ofrezca este sacrificio, que será para los hombres más provechoso que nuestras palabras".

No caso da cartuxa D. Prior Pedro Maria normalmente concede hospedagem a sacerdotes (seculares ou regulares) que solicitem passar alguns dias com eles. Por exemplo a visita feita por Pe. Aluizo, da Diocese de Anápolis/GO, que esteve com eles no mesmo período em que eu estava fazendo minha pesquisa.

que monges de outros mosteiros venham visitá-los como por exemplo os trapistas do mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo (PR), ou os beneditinos do mosteiro da Ressurreição (PR). Ou mesmo, a hospedagem oferecida por eles a D. Prior Pedro Maria que, como contaram-me, esteve com eles por alguns dias por motivo de tratamento médico – na época (2001) isto foi até notícia no *site* do mosteiro da Transfiguração.

Também as vezes recebem, cada qual, a visita do seu bispo. Como disse-me D. Prior Pedro Maria a este respeito: não tão longe que se esqueça dos monges, mas também não tão perto que possa gerar conflitos de autoridade. Por fim, os cartuxos recebem, em anos intercalados, os dois visitantes enviados pela Ordem para a verificação do andamento da vida cartusiana local²²⁷. Os beneditinos só receberão Visitadores a partir de sua entrada na CBB, atualmente inexitem tais visitantes²²⁸.

As vezes, é algum dos monges que viaja, indo visitar outra casa ou para alguma reunião monástica. Entre os beneditinos não é raro, mas também não é rotina, viagem de outros membros além de D. Prior Cristiano. Quando, por sinal, este viaja quem assume o comando do mosteiro é D. Bernardo – isto mesmo quando ainda era irmão, dado ser o mais velho na hierarquia. Da comunidade deles, alguns foram enviados para conhecer outros mosteiros e trazer informações para os demais; os beneditinos contaram-me já estiveram com os trapistas, os beneditinos do mosteiro da Ressurreição e os cartuxos. Já entre os cartuxos é muito raro a saída de algum monge para viagem, a não ser quando está trocando de cartuxa. Normalmente quem viaja e faz todo o contato com outros monges da Ordem e de fora dela, é D. Prior Pedro Maria. Como já escrevi antes, na sua ausência o Padre Vigário Gabriel Miguel assume o comando da comunidade até o seu retorno.

²²⁷ Ver o tópico anterior, Piores, onde mencionei os Visitadores da Ordem. Ver também, Est. Carth. (2001: Capítulo 32 – La Visita).

²²⁸ Como explicou-me o Prof. Júlio de Queiroz, entre os "filhos de São Bento" há também os Visitadores, e eles exercem as mesmas funções, com os mesmos direitos e deveres aqui apontados para os Visitadores cartuxos. Como ele disse-me: "Antigamente, quando chegava o Visitador, o Abade guardava sua cruz abacial sob o escapulário, dado ser outro a autoridade durante a visita. E, não raro, tirava-se a porta da cela na qual os Visitadores ocupariam, para que ninguém que quisesse, deixasse de falar com eles.

Os beneditinos se alimentam sem exageros. Eles possuem o café-da-manhã, um cafezinho mais tarde, almoço, cafezinho da tarde, jantar. Como em todos os demais aspectos de suas vidas, todos fazem as refeições juntos – só doentes ou os que foram punidos²²⁹ estarão ausentes da mesa.

Durante as principais refeições do dia são feitas leituras no início de cada uma delas. Tais leituras, no caso do meu trabalho de campo junto a eles, estavam organizadas entre ouvirmos algum capítulo da RB numa, e na segunda vez ouvirmos sobre a fundação do primeiro mosteiro beneditino feminino no Brasil. Após a entrada de todos os monges e minha, íamos para as nossas respectivas mesas e postávamo-nos atrás de nossas cadeiras, quando então era dada a benção por D. Prior, à qual todos respondiam: "Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" e todos assentavam em seus lugares; aí começava a leitura.

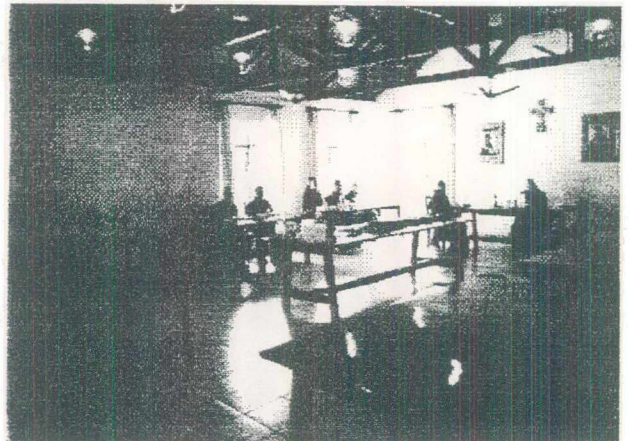


Foto do refeitório. Notar que ao mesmo tempo em que se começa a refeição, o leitor (no lado esquerdo), faz a leitura própria daquele momento. Foto: do autor, 2001.

Pela etiqueta beneditina D. Prior Cristiano era o primeiro a se servir, sendo seguindo pelos demais membros na ordem conventual. No caso de uma visita ou hóspede, como no meu caso²³⁰, este é o segundo a se servir.

²²⁹ Como contou-me Ir. Clemente, obOSB, uma das maiores punições para um monge é ser excluído do convívio da mesa com seus irmãos. Revendo suas memórias, contou-me que uma vez, quando jovem monge, fez um gracejo com o seu abade. Este apesar de elogiá-lo pela sagacidade, impôs-lhe uma punição pelo desrespeito quanto à sua autoridade. Durante uma semana ele fez suas refeições no refeitório, mas em mesa a parte da de todos os demais irmãos. Foi horrível a época. Ainda a este respeito veja-se a passagem escrita em Queiroz (1998) que descreve uma situação dessas.

²³⁰ Na primeira vez em que fiz a refeição (um jantar) com eles, eu que não conhecia estes detalhes, mantive-me observando. Após D. Prior Cristiano ter se servido, Ir. Pedro que estava assentado à mesa seguinte à minha e, assim, meu vizinho, fez um gesto para eu ir me servir. Tendo entendido como gentileza retribui indicando para que ele e os outros que o fossem. Ele novamente fez o sinal, enfatizando-o; olhando rapidamente em volta notei que estavam aguardando-me para poderem se servir. Lição aprendida, nas outras refeições não mais demorei para servir-me.

Terminadas as leituras seguíamos comendo em silêncio como é de praxe, ouvindo alguma música clássica – o ligar e desligar da música era função de D. Prior Cristiano. A comida servida era gostosa mas bem simples, alguns pratos, incluindo carne²³¹, algo para se beber e sobremesa (doce ou fruta). Após o término da refeição, todos levantavam, D. Prior Cristiano fazia uma pequena oração, após a qual todos retiravam seus pratos e talheres, levando-os para a cozinha; havia os encarregados de lavar a louça, enquanto outros acabavam de arrumar o refeitório.

Entre os cartuxos minha experiência alimentar foi totalmente diferente. Eles, fazem todas as suas refeições sozinhos em suas celas – excetuando-se as dos domingos e dias de solenidades, quando seguem o esquema beneditino, mas sempre em silêncio. E para mim não foi diferente; almocei e jantei todos os dias sozinho em meu quarto. A exceção ficou por conta do café-da-manhã, que eles não têm mas gentilmente me ofereceram, o qual a partir do segundo, passei a toma-lo com o Pe. Aluizo, vizinho de quarto na hospedaria; era composto de: fatias de pão caseiro, leite, chás, café em pó, manteiga, iogurte.

A alimentação cartusiana exclui completamente a carne do cardápio, como eles mesmo informaram-me: "...nosso regime de alimentação, em que nunca aparece carne nem comida temperada com carne..."²³². Afora isto, comem de tudo: verduras, legumes, cereais, laticínios, ovos, peixes, frutas, mel, etc. E foi assim a minha

²³¹ A este respeito ver a proibição que traz a RB (1980: Capítulo 39 – Da medida da comida): "Cremos que são suficientes para a refeição cotidiana, quer seja esta à sexta ou à nona hora, em todas as mesas, dois pratos de cozidos, por causa das fraquezas de muitos, a fim de que aquele que não puder, por acaso, comer de um prato, coma do outro. Portanto dois pratos de cozidos bastem a todos os irmãos; e se houver frutas ou legumes frescos, sejam acrescentados em terceiro lugar. Seja suficiente uma libra de pão bem pesada, para o dia todo, quer haja uma só refeição, quer haja jantar e ceia. Se houver ceia, seja guardada pelo Celeireiro a terça parte da libra e entregue aos que vão ceiar. Mas, se por acaso tiverem feito um trabalho maior, estará ao critério e em poder do Abade acrescentar, se convier, alguma coisa, afastados antes de mais nada excessos de comida, e de modo que nunca sobrevenha ao monge a indigestão, porque nada é tão contrário a tudo o que é cristão como os excessos na comida, conforme diz Nosso Senhor: "Cuidai que os vossos corações não se tornem pesados pela gula". Aos meninos de pouca idade não se sirva a mesma quantidade, mas sim menos que aos maiores, guardada em tudo a sobriedade. Abstenham-se todos completamente de carnes de quadrúpedes, exceto os doentes demasiadamente fracos". Sobre os "filhos de São Bento", soube por mais de uma fonte que os trapistas seguem a risca a determinação da abstenção da carne.

²³² Correspondência do Padre Vigário Gabriel Manuel a mim, datada de 08 de maio de 2001. Como respondeu D. Prior Pedro Maria, a uma pergunta minha a respeito da carne, eles não sabem bem quando começou ou os motivos que levaram à essa prática, mas é uma tradição da Ordem a abstenção da carne, logo a seguem sem maiores problemas.

alimentação. Bondosamente eles sempre enviaram-me uma bandeja bem suprida e diversificada de alimentos, sendo que normalmente, tais refeições tinham uns oito itens diferentes: banana, iogurte, pão, algum legume, tomate, batata, verdura, vinho. Num dos dias que eu ia almoçar, soube por eles mesmos, que naquele dia em particular coincidia que faziam jejum²³³.

Nos fins-de-semana, as comunidades mudam um pouco a rotina da semana. Nestes dois dias, em pelo um deles, ocorrem atividades mais coletivas. Como já disse, repito: cada mosteiro de ambas as "famílias" aqui descritas, tem flexibilidade para desenvolver como julgar melhor as suas atividades, preservando apenas a idéia geral prevista em sua ordem.

Por exemplo, no mosteiro beneditino, aos sábados é permitido a conversação durante as refeições. No caso, os monges que estão na mesma mesa conversam entre si, em voz baixa. Na cartuxa de Nossa Senhora. Medianeira, o grande dia para os monges é o Domingo, quando almoçam todos juntos, mas mantendo o silêncio.

Também é comum, para ambas as comunidades, alguma atividade coletiva de lazer. Para os beneditinos isso pode ser um passeio pelos arredores do mosteiro. E para os cartuxos, como me esclareceu D. Prior Pedro Maria, "todos os domingos fazemos um passeio da comunidade pelos jardins do claustro. E uma vez por mês um passeio maior, pelos campos do mosteiro. Não deixo que ninguém se ausente desses momentos". A respeito destes passeios note-se que para os cartuxos estes dias são o grande momento cenobítico. Desta forma ausentar-se por um motivo qualquer, é contra o ideal de vida comunitária que têm, tantas vezes mencionados a mim por D. Prior Pedro Maria: "Não somos eremitas, temos uma comunidade".

Também aos domingos é comum que seja realizado o "Capítulo", isto é, a reunião de toda os monges para a deliberação sobre a vida do seu mosteiro. Ali serão tratados os assuntos mais relevantes que o Prior ou Abade julgue necessário o

²³³ "No que se refere à alimentação, a Ordem observa abstinência perpétua de carne. Durante o Advento e na Quaresma não se tomam lacticínios. Um dia cada semana, ordinariamente à sexta-feira em memória da Paixão do Senhor, passa-se o dia a pão e água, se a saúde o permite." Um Cartuxo e Rodrigues (2001: 57)

conhecimento e decisão de seus "filhos". Na mesma oportunidade, é realizada a confissão das faltas cometidas pelos monges contra a vida monacal. Assim, o monge infrator pedirá "Penitência" ao seu "pai" e à comunidade pela falta cometida.

É importante que não se confonda tal rito com o seu homônimo que é o sacramento da Confissão (ou Reconciliação), pois os possíveis pecados que cada monge cometa, como para todos os demais cristão, só devem e podem ser expiados na confissão auricular feita a um sacerdote.

Os dias ditos de Solenidades, sejam elas litúrgicas ou data comemorativa importante para a comunidade, também são vividos como os domingos, os Dias do Senhor. Antes que alguém pense que os monges são festivos, esclareço que tais ocasiões são muito escassas e que a noção que possuem de comemoração é totalmente impregnada pelos valores que vivem – como em tudo mais. Pode ocorrer também que um dia qualquer, seja de uma visita de alguma autoridade importante, assim, a critério do Abade ou Prior as normas cotidianas poderão ser abrandadas. Como foi o caso quando da visita do Papa João Paulo II à Cartuxa de Sierra San Bruno, na qual era Prior D. Pedro Maria, que cedeu assim seu lugar no refeitório ao Papa. E também o comando, já que segundo ele me contou, e está escrito em alguns dos livros deles, o Papa quebrou o silêncio da refeição coletiva da comunidade, autorizando que falassem durante a mesma²³⁴.

HIERARQUIA

A vida em qualquer mosteiro é marcada pelo fato de cada membro saber qual é seu lugar na estrutura e o que lhe coube, cabe e caberá ser e fazer dentro desta. Como me disse um monge: "Cada um sabe qual é o seu lugar", no sentido de 'aqui é o meu lugar', 'é para isto ou aquilo que estou aqui'. A idéia de pertencimento ao

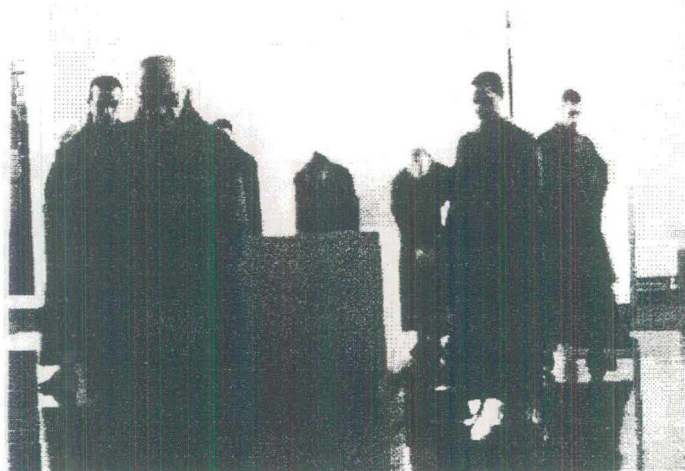
²³⁴ Vide na Referência Bibliográfica, os livros de "um cartuxo" que falem da cartuxa daqui, da italiana, e em Lockhart (1986).

mosteiro, o ser daquele lugar, daquela comunidade, ser parte de uma estrutura maior que eles, é marcante na vida dos monges.

Este lugar, a posição na estrutura monástica da comunidade, e demais situações da vida monacal serão determinados pelo conceito hierárquico monástico de "Ordem Conventual". Com isto os monges expressam a ordem de entrada na vida monástica, os mais velhos estando hierarquicamente em posição superior aos mais novos.

Esta situação é indicada desde a chegada da pessoa ao mosteiro, e será uma das situações mais fortes a ser vivida por ele. Inicialmente, enquanto ainda candidato só observando²³⁵. Depois, a partir dos primeiros graus da vida monástica: aspirantado, postulante, noviciado, ela deverá aprender qual é o seu lugar na casa: nas estalas do coro; na mesa ao refeitório; que nas filas normalmente estará no final, e que em tudo os demais irmãos lhe têm precedência.

Não há o ensino sistemático a respeito da vida monástica, no sentido que poderia ser pensado de uma educação formalmente administrada. É a vivência da prática de ser monge, desde o início, que formará o futuro monge. Desta forma a capacidade de observação dos mais novos é fundamental para o sucesso de sua participação comunitária. É claro, que se o neófito não está se saindo bem em alguma situação, como por exemplo, errando sua posição na fila,

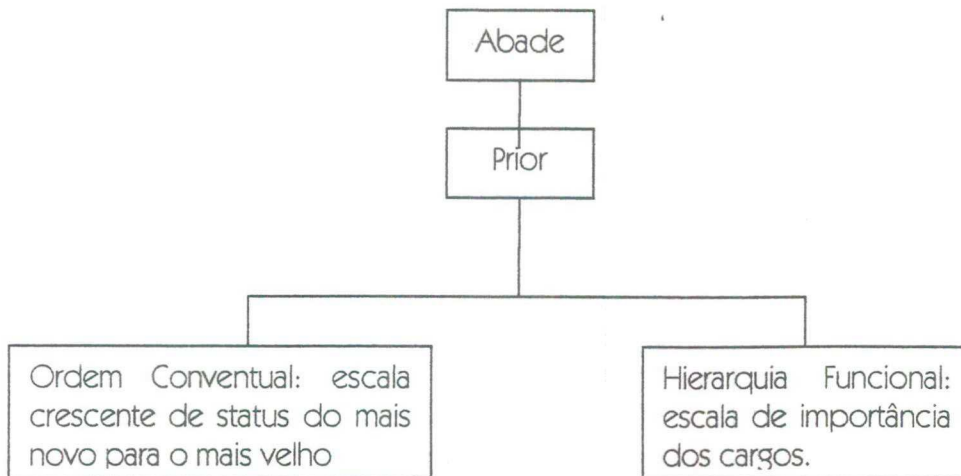


Como nas demais ocasiões os monges se postam em ordem hierárquica rigorosa. Primeiro D. Prior Cristiano, seguido pelos seus dois filhos mais velhos e assim por diante. A ordem de distribuição entre esquerda e direita entre os filhos segue a ordem conventual, onde os mais velhos precedem os mais novos. Fotos: do autor, 2001.

²³⁵ Via de regra, o candidato não participa das atividades diárias do mesmo modo que os demais, tendo em vista, que ele está mais sondando o ritmo, a pulsação, a vida daquela comunidade em particular. Ele fará a maioria ou mesmo todos os Ofícios com a comunidade mas assentando-se em local diferenciado daquele que ocuparia se postulante fosse.

naquele momento o irmão mais próximo o corrigirá, e depois será indicado alguém para ajudá-lo especificamente naquele ponto. Aqui entra a figura do mestre-de-noviços, que é fundamental na orientação e acompanhamento de cada um dos novos membros da casa. Sem nunca esquecer, que antes de tudo vem a Regra e o Abade, como explicam os beneditinos do mosteiro de São Paulo: "O regimento interno de um mosteiro beneditino é muito simples. Ele pode-se resumir-se na organização de uma vida em comunidade sob uma Regra e um Abade. A pessoa do Abade faz as vezes do pai espiritual e do superior na Comunidade. São Bento lhe reserva dois capítulos em especial. (...) No mais, os Irmãos seguem-se em ordem monástica segundo a data em que ingressam no mosteiro. Em todos os casos, São Bento lhes prescreve a obediência aos superiores e recomenda a obediência mútua, sendo que os mais novos respeitem os mais velhos e os mais velhos amem os mais novos. Nesse espírito, todos os monges devem manifestar uma verdadeira rivalidade entre si pela solicitude mútua, a fim de que 'nada absolutamente anteponham ao amor de Cristo. Que nos conduza juntos para a vida eterna!' (RB 72,11s)" (Abadia de Nossa Senhora da Assunção: 2002).

A estrutura organizacional de qualquer mosteiro é vivenciada conjugando-se:



ordem conventual e hierarquia funcional, como mostrado no gráfico abaixo.

Assim, por exemplo, pode haver casos em que num mosteiro tal, um prior com apenas quatro anos de profissão tenha precedência sobre um irmão de décadas de profissão. Ou mesmo, um abade recém-eleito ter precedência sobre qualquer dos seus "filhos" e estar em igualdade com todos os demais abades com anos ou décadas de paternidade. Contudo, deve-se lembrar que sempre haverá a "conversão dos costumes" o que implicará sempre no trato com consideração e gentileza para com o todos acima ou abaixo.

Desta forma estejam os monges andando, no coro, em seus lugares no refeitório, e mesmo fora de seus mosteiros, sempre se portarão conforme esta norma. Por exemplo tome-se a forma normal deles andarem juntos, ou seja, as filas²³⁶, se elas forem de entrada para algum dos Ofícios ou para uma missa²³⁷, sempre serão encabeçadas pelo abade, seguido do prior com o irmão mais velho, seguidos por duplas de irmãos na ordem conventual (terceiro e quarto; quinto e sexto; etc).

Quanto à reunião deles em locais, os membros de ambas as "famílias" sempre se posicionarão numa divisão de duas metades, dentro do local, como por exemplo no coro e no refeitório, divididos entre aqueles que estão à direita e os a esquerda, com o Abade/Prior ao centro – senão ele tomará um posição num dos lados e a distribuição seguirá um zigue-zague hierárquico entre os lados. A exceção no caso fica para os cartuxos que, como explicou-me D. Prior Pedro Maria, os assentos tem apenas dois que são em ordem: o do prior (primeiro à direita no coro), seguido do padre vigário que ficará à sua direita; os demais lugares cada prior determina em sua comunidade, quem assenta aonde. Ressalvo que, caso estejam recebendo uma outra autoridade eclesial²³⁸, como o papa, cardeais, bispos, abades, etc, estes terão precedência sobre os monges, podendo dependendo do caso, preceder até o abade/prior²³⁹.

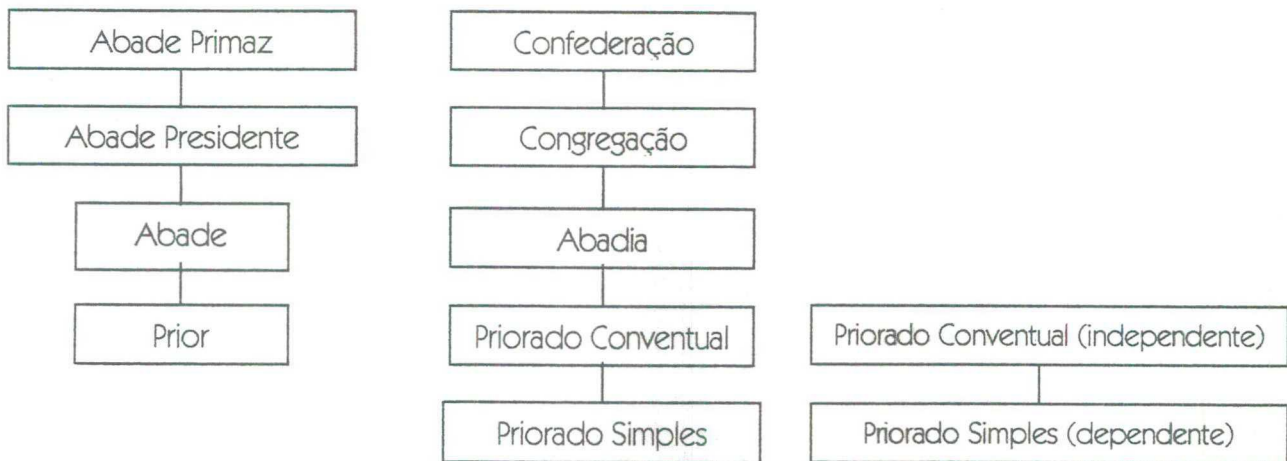
²³⁶ Uma curiosidade, se a fila for da "família beneditina" estará organizada em duplas; se, da "família cartusiana", em fila indiana.

²³⁷ Se missas e Ofícios comuns e não de alguma solenidade, a qual fará com que a ordem de entrada se de forma inversa, i. é, dos mais novos para os mais velhos/com cargos.

²³⁸ Igualmente válido para alguma autoridade civil, mas isto é um evento meio raro.

²³⁹ Sobre isto ver no tópico anterior, quando falo dos finais-de-semana.

Como dito no início do trabalho, há uma série de ligações entre mosteiros, formando congregações e confederações. E todas as confederações de todas as ordens submetidas à Santa Sé²⁴⁰. Desta forma, a hierarquia entre os diferentes mosteiros, sejam eles dependentes de uma abadia, independentes quanto à congregações, ou ligados a um bispo, pode ser assim representada:



O Capítulo Geral²⁴¹ é a instancia máxima para as ordens das "famílias". Nele são tratados assuntos os de espectro mais amplo relativo a vida de todas as comunidades. Neles é que são constituídos os Visitadores; o ingresso de alguma comunidade ou congregação à "família"; comunicados as resignações aos cargos de abade ou prior, etc.

O abade/prior eleito de uma comunidade, ficará no seu cargo pelo tempo que sua Ordem, Congregação estipula. Assim, entre os beneditinos federados da CBB, o abade permanecerá no cargo até completar 75 anos, quando apresentará sua

²⁴⁰ Todos mosteiros, sejam eles autônomos ou ligados à uma abadia, ou uma congregação, enfim qualquer que seja o caso, todos estão submetidos à Roma, que coordena as diferentes ordens religiosas por meio da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares

²⁴¹ Primeiro vem o da Congregação, e depois o da Confederação que lhe é superior.

resignação à comunidade, à CBB, à Confederação beneditina e ao Vaticano²⁴². Mas há comunidades em que a permanência no cargo é vitalício, enquanto em outras é por um tempo determinado (4 anos, 8 anos). Como explicou-me D. Bernardo, no mosteiro da Transfiguração ainda não resolveram tal questão, mas eles aderindo à CBB, o teto será o da idade limite. Entre os cartuxos, D. Prior Pedro Maria disse-me que eles não adotam qualquer prazo de duração. Seguem o que o Est. Carth. determina, no capítulo sobre o Prior, a respeito da responsabilidade do prior em exercício saber quando lhe faltam as forças, seja por saúde ou por idade, e abdica do cargo – comunicando ao Reverendo Padre ou ao Capítulo Geral da Ordem. Ainda entre eles pode ocorrer, conforme a necessidade da Ordem, que um prior seja destituído pelo Reverendo Padre para que faça outro serviço entre eles, como foi, por exemplo, a saída de D. Prior Pedro Maria da Cartuxa de São Bruno (Itália) para vir para fazer a fundação brasileira.

Em ambas comunidades não há mais distinção entre os diferentes tipos de monges: os irmãos e os sacerdotes. Esta é uma distinção que os membros de ambas as comunidades, e os demais monges de outros mosteiros fazem questão de frisar que ficou para trás, após o Vaticano II. Entre os cartuxos, há ainda outros dois tipos de membros internos que são os donatos e os familiares, mas como explicou-me D. Prior Pedro Maria, não faz sentido a divisão entre eles, com coros, refeitórios, celas diferentes, hoje o que se busca é favorecer que a Ordem tenha monges de todos os tipos, e os ajude a viver sua vocação real.

Entre os poderes do abade/prior da "família beneditina" está o de dar o nome para os membros da comunidade, conforme a entrada desses na Ordem. Como pude ver na pesquisa e informaram-me os meus diferentes informantes desta "família", há modos diversos quanto à nomeação. Por exemplo, no mosteiro da Transfiguração, conforme relatos, D. Prior Cristiano dá ao futuro noviço a possibilidade de indicar por escrito três onomásticos que gostaria de receber, escolhidos entre os milhares de

²⁴² "O cargo de abade é vitalício, à semelhança do bispo diocesano: após os 75 ele resigna, e é eleito um outro abade por voto direto dos integrantes da Comunidade. A Igreja lhe confere ainda a dignidade prelatícia". (Abadia de Nossa Senhora da Assunção: 2002).

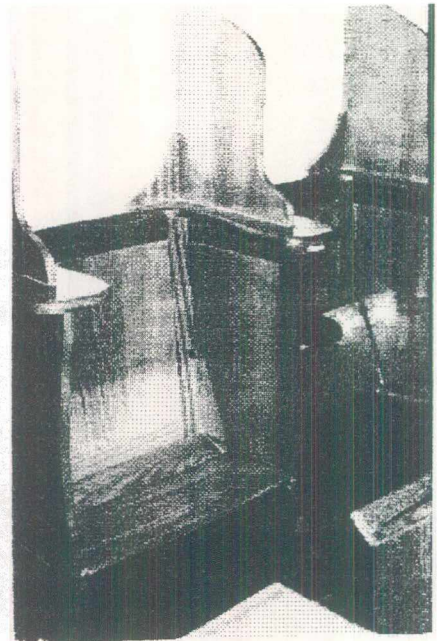
onomásticos monásticos possíveis; cada um dos nomes deve ser justificado, pela preferência em sua escolha. Assim é que Ir. Vagner, transformou-se no atual Ir. Basílio pois era uma de suas indicações.

Há mosteiros, ainda hoje, nos quais o nome é dado pelo abade/prior e ponto final, como foi o caso de Ir. Clemente, obOSB, (ainda nos anos 50) que recebeu seu onomástico pela escolha de seu abade, apesar de não gostar muito da escolha deste, por preferir outro nome. Há aqueles mosteiros nos quais existe a mudança de nome, porém o nome de batismo é que permanece como o usual. Por fim, aqueles nos quais o monge é que indica o seu nome.

Quanto aos cartuxos, eles não adotam a mudança de nome necessariamente ou por tradição. Na cartuxa de Nossa Senhora Medianeira há um grande número deles em que seu segundo nome é "Maria", dada a devoção mariana que possuem. E conforme li, houve um período em que os cartuxos portugueses adotaram como nome "Bruno" para todos os seus membros – seguido de um segundo nome.

Por fim, o processo de nomeação atinge também os oblatos da família beneditina.

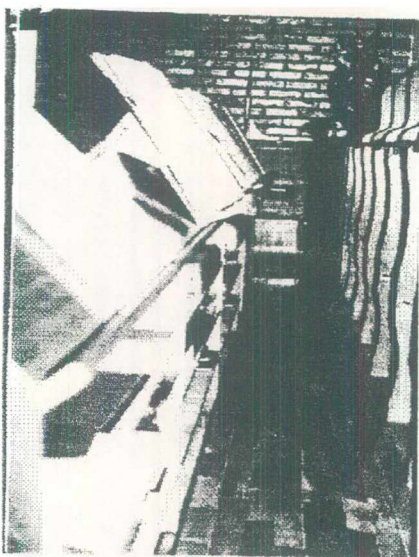
Os "filhos de São Bento", como já disse no primeiro capítulo, permitem a adesão ao seu modo de vida por parte de leigos, i. é, pessoas que querem viver conforme a espiritualidade beneditina desenvolvida por um determinado mosteiro. A oblação que faz uma pessoa, possui também graus de iniciação, ritos de passagem onde ocorre processo de nomeação, e seguem a ordem conventual, do mesmo



Estalas do coro dos cartuxos. Ver que o segundo assento, que está erguido, deixa a amostra, a famosa "misericórdia". Foto: do autor, 2001.

modo que os monges. Friso que oblatos são leigos, não estando sob a jurisdição canônica do abade da comunidade onde fez sua oblação²⁴³.

OPUS DEI, LECTIO DIVINA e MISSAS CONVENTUAIS



Prateleiras onde são guardados os breviários para os Ofícios. Próximo ao horário de algum Ofício sempre há algum monge encarregado de já ir arrumando os diferentes livros que serão utilizados. Foto: do autor, 2001

O dia-a-dia dos monges de ambas as "famílias" aqui abordadas é construído sobre a celebração dos Ofícios Divinos (*Opus Dei*)²⁴⁴ e da missa conventual diária²⁴⁵. O que equivale dizer que também para eles a categoria de tempo é elaborada e vivida a partir de suas relações com Deus. E como tempo sacralizado, este é cíclico, isto é, diariamente são celebrados os mesmos Ofícios, na mesma ordem. A cada 15 dias os 150 salmos bíblicos, base literária deles, são lidos em sua totalidade e, assim, reiniciada sua leitura.

Os Ofícios seguem o Tempo Litúrgico da Igreja, ou seja: a construção temporal pela qual a

²⁴³ Com relação aos oblatos, no Anexo 1, listei os endereços de associações deles, de diferentes mosteiros e Ordens, no Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e São José do Rio Preto.

Lembro que existem também oblatos entre os "filhos de São Bento" anglicanos.

²⁴⁴ "En lenguaje eclesiástico, significa ciertas oraciones a ser rezadas a determinadas horas del día o de la noche por sacerdotes, religiosos o clérigos, y, en general, por todos aquellos obligados por su vocación a cumplir con este deber; incluyendo a los fieles laicos". La Enciclopedia Católica (2001). Cf. Liturgia das Horas (1985) que traz transcrita a Constituição Apostólica *Laudis Canticum*, uma 'Introdução Geral à Liturgia das Horas', uma 'Tabela Temporária das Celebrações Móveis', o 'Calendário Litúrgico – com o próprio do Brasil', e o 'Próprio do Tempo', i. é, as orações diárias a serem feitas nos diversos Ofícios do Dia.

²⁴⁵ No Anexo 2 apresento, para comparação, os horários de quatro mosteiros, com diferenças de ordem, antigüidade e autonomia, que são: o mosteiro (priorado) beneditino da Transfiguração; a cartuxa (priorado conventual) de N. Sra. Medianeira; o mosteiro (priorado conventual) trapista de N. Sra. do Novo Mundo; o mosteiro (abadia) cisterciense de N. Sra. de São Bernardo; e o mosteiro beneditino (abadia territorial) de N. Sra. de Monserrate.

Igreja celebra e constrói sua relação com Deus²⁴⁶. E assim a cada final de ano litúrgico, reinicia-se todos os tempos. Num constante terminar e recomeçar²⁴⁷.

O termo usual é celebração ou celebrar o *Opus Dei*, pois segundo os monges, é quando se realiza um dos aspectos da vocação monástica, a comunidade reunida estar presente frente a Deus e prestar-lhe o culto de louvor e adoração²⁴⁸. O objetivo dos Ofícios é a fazer com que os monges realizem "a santificação do dia e de todo o trabalho humano", pela permanência na oração, logo contemplação e presença de Deus.

Os Ofícios Divinos incluem:

- ◆ Ofício das Leituras – hinos, salmos, antífonas e versículos;

²⁴⁶ Sacram Liturgiam, Capítulo V (Ano Litúrgico): "¶.102 - A santa Mãe Igreja considera seu dever celebrar, em determinados dias do ano, a memória sagrada da obra de salvação do seu divino Espôso. Em cada semana, no dia que ela chama Domingo, comemora a Ressurreição do Senhor, como a celebra também uma vez por ano na Páscoa, a maior das solenidades, unida à memória da sua Paixão.

Revela todo o mistério de Cristo no decorrer do ano, desde a Encarnação e Nascimento até a Ascensão, ao Pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor.

Com esta recordação dos mistérios da Redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de os tornar como que presentes a todo o tempo, para que os fiéis, em contato com eles, se tornem repletos da graça da salvação.

¶.105 - Enfim, em várias épocas do ano e seguindo o uso tradicional, a Igreja completa a formação dos fiéis servindo-se de piedosas práticas corporais e espirituais, da instrução, da oração e das obras de penitência e caridade." (Concílio Ecumênico Vaticano II: 1965, 36-37).

Ver, desta Constituição sobre a Sagrada Liturgia, o: §.103, que trata sobre Maria; e o §.104, sobre a memória dos mártires e santos. Cf. também em Zilles (1994).

²⁴⁷ Sacram Liturgiam, Capítulo IV (Ofício Divino), §. 83 e 84: "O Santo Sacerdote da nova e eterna Aliança, Jesus Cristo, ao assumir a natureza humana trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele ane a si toda a humanidade e associa-se a este cântico divino de louvor.

Continua esse minas sacerdotal por intermédio de sua Igreja, que louva o Senhor sem cessar e intercede pela salvação do mundo, não só com a celebração da Eucaristia, mas de vários outros modos, especialmente pela recitação do Ofício divino.

O Ofício divino, segundo a antiga tradição cristã, destina-se a consagrar, pelo louvor a Deus, o curso diurno e noturno do tempo. É quando são os sacerdotes que cantam esse admirável cântico de louvor, ou outros para tal deputados pela Igreja, ou os fiéis quando rezam juntamente com o sacerdote segundo as formas aprovadas, então é verdadeiramente a voz da Esposa que fala com o Espôso ou, melhor, é a oração que Cristo unido ao seu Corpo eleva ao Pai." (Concílio Ecumênico Vaticano II: 1965, 30). A este respeito ver também LITURGIA DAS HORAS (1985), Diretório Litúrgico (1999).

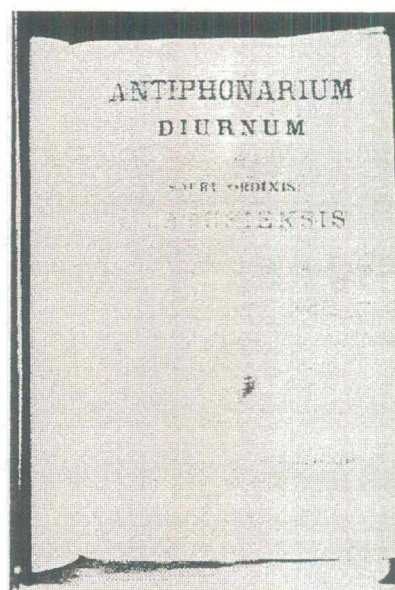
²⁴⁸ O Ofício Divino também é designado por: Breviário, Liturgia das Horas, Horas Canônicas, Ofício Diurno e Noturno, Ofício Eclesiástico, Cursus Ecclesiasticus ou Cursus. Ressalvando-se que: "El Oficio Divino comprende solo la recitación de ciertas oraciones en el Breviario y no incluye la Misa ni otras ceremonias litúrgicas." La Enciclopedia Católica (2001).

- ◆ Oração da Manhã;
- ◆ Oração durante o Dia;
- ◆ Oração da Tarde;
- ◆ Oração da Noite.

Neles há: a) recitação ou canto dos salmos, b) orações e hinos que a comunidade reunida faz na igreja do mosteiro²⁴⁹. Esta prática é para os dias comuns, nos dias festivos ou de solenidade, e, principalmente, aos domingos (o Dia do Senhor), todos os Ofícios são celebrados em comum.

Quanto aos Ofícios, os maiores são: vigílias, laudes, vésperas e completas; os menores são: prima, terça, sexta e noa. As Vigílias²⁵⁰ são o Ofício da noite, todos os demais são Ofícios diurnos²⁵¹. As Horas Canônicas mais importantes são: as Laudas (Louvores), oração da manhã; e as Vésperas, que encerra o dia de trabalho da comunidade²⁵².

Como já é sabido, quando os monges entram na igreja, dirigem-se para um dos dois lados do coro, onde é seu assento. Ali ficam sentados, aguardando o sinal do prior para o início da celebração. Normalmente é uma batidinha, feita com um toquinho de



Antifonário diurno cartusiano. Foto: do autor, 2001.

²⁴⁹ Pelo que anotei em minha pesquisa, na igreja do mosteiro podem ser celebrados os Ofícios maiores e menores, caso a comunidade celebre a todos os Ofícios. Contudo, nas celas, individualmente, só podem ser celebrados os Ofícios menores, como por exemplo é feito entre os cartuxos.

²⁵⁰ Este Ofício era antes conhecido por Matinas.

²⁵¹ Como informa La Enciclopedia Católica (2001): "Los apóstoles cumplían la costumbre judía de orar a media noche, terça, sexta y nona (Hch, x, 3, 9; xvi, 25; etc.). La oración cristiana de aquella época consistía de casi los mismos elementos que los judíos: recitación o canto de los Salmos, leer el Antiguo Testamento, a lo que pronto se añadió la lectura de los Evangelios, Hechos y Epístolas, y a veces canciones compuestas o improvisadas por los asistentes". Os Ofícios vieram sendo desenvolvidos conforme o desenrolar da história do cristianismo. A estruturação dos Ofícios: quantos são, horários, o que rezar, etc, durou até o fim do século VI.

²⁵² Cf. Sacram Liturgiam, Capítulo IV (Ofício Divino), §. 89 (Concílio Ecumênico Vaticano II: 1965, 31-32). Notar que neste mesmo capítulo, no §. 100, existe a recomendação para que os padres rezem as "Horas principais" (maiores). E pelo menos, as Vésperas nos domingos e solenidades, e que os leigos recitem a Liturgia das Horas com os sacerdotes, juntos ou individualmente.

madeira, conhecido como martelo, ou com o dedo, no espaldar da prateleira. Todos erguem-se e começam as orações.

Aqui não farei o relato de quais salmos e etc, pois cada Ofício possui o seu número de salmos, hinos e outras coisas mais. Todas podem ser sabidas, e bem melhor, pela leitura de um breviário. Lembro apenas que o modo entre as duas "famílias" estudadas diferem pelos cartuxos cantarem mais lentamente, usarem mais o latim e ficarem mais tempo quietos e em silêncio do que os beneditinos.

Se, como mencionado, estas celebrações constroem o dia-a-dia de cada mosteiro, não quer dizer que sejam celebradas de forma idêntica por todos os mosteiros de uma mesma Ordem ou "família". Normalmente seus horários mundanos²⁵³ variam de um mosteiro para outro. Ainda sobre este ponto, outra coisa é que a duração de um mesmo Ofício não é a mesma, em termos mundanos, para todos, cada mosteiro celebra seus Ofícios à sua maneira. Isto porque a forma do rito será caracterizado pela comunidade, por exemplo: algumas cantam mais devagar; umas os recitam em língua comum, outras fazem-no em latim; para umas os momentos de reflexão interior, pessoal, são mais prolongados que para outras; e outras tantas distinções.

É claro que existe flexibilidade suficiente nas "famílias" para as marcas personalizadas vividas por cada comunidade em particular, mas esta não é tão larga assim. Por exemplo, tomando-se o caso dos monges cartuxos daqui, os horários de suas celebrações durante o dia são ligeiramente diferentes dos apresentados por Lockhart (1986), e iguais para a Vigília Noturna cartusiana (celebração das Vigílias e Laudes conjuntamente).

Nos Ofícios, seja para os filhos de São Bento ou para os filhos de São Bruno, há três momentos: do silêncio, da leitura, do canto. Isto não quer dizer que estes três momentos aconteçam em todas celebrações. A leitura é feita de um pequeno trecho

²⁵³ Ver que para a vida monástica o importante é que os monges celebrem os Ofícios Divinos (maiores e menores; coletiva ou individualmente), independente de que sejam celebrados nas mesmas horas, por todos os mosteiros das "famílias".

bíblico, relacionado com dia Litúrgico vivido. O momento do silêncio²⁵⁴ vem normalmente após a leitura, de modo a permitir a contemplação da palavra de Deus. O canto está presente na salmodia, hinos e etc. O estilo musical deste é o Gregoriano²⁵⁵

Ligados aos Offícios estão os horários de trabalhos²⁵⁶, e os de repouso e dormir, quando os monges devem cessar toda as atividades mesmo suas orações particulares. O horário de dormir é feito, em ambas as comunidades, após a celebração das Completas acrescida de um tempo curto para a finalização das atividades dos monges em suas celas. Este período de após as Completas até as Vigílias é chamado de Grande silêncio, pois todo o mosteiro (isto válido para todas as comunidades) ficará em silêncio absoluto até o reinício de suas atividades no dia seguinte²⁵⁷.

Quando estava entre os beneditinos, todas as noites ao término das Completas, eles saíam do coro, em ordem inversa, dirigindo-se para o nicho onde está a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe. Lá eles cantavam a "*Regina Coeli*"²⁵⁸, perfilados com

²⁵⁴ Silêncio que permite ouvir os mínimos ruídos feitos nas capelas. Além disso é também quietude, uma postura que favorece o que se está fazendo ali.

²⁵⁵ "El nombre es frecuentemente tomado como un sinónimo de canto llano (q.v.), comprendiendo no sólo la música de Iglesia de la Edad Media, sino también composiciones posteriores (elaborar melodías para el Ordinario de la Misa, secuencias, etc.) escrito en un estilo similar hasta el siglo dieciséis e incluso tiempos modernos. En un sentido estricto Canto Gregoriano significa esa forma romana de canto llano tan distinta de los cantos Ambrosiano, Galileo y Mozarábico, que estaban relacionados a él, pero fueron gradualmente suplantados por él del siglo ocho al siglo once.

Los cantos del Oficio son antífonas y responsos, como en los libros Romanos. (...) El nombre Canto Gregoriano señala a Gregorio el Grande (509-604), a quien una tradición un tanto constante atribuye un cierto arreglo final del canto Romano" (La Enciclopedia Católica: 2001). A respeito da musica em si, veja-se o trabalho "Manual de canto gregoriano", de Luiz Edgar de Carvalho (1994). Também seja lida a Sacram Liturgiam, Capítulo VI (A Música Sacra), §. 112 a 121. (Conclio Ecumênico Vaticano II: 1965, 30).

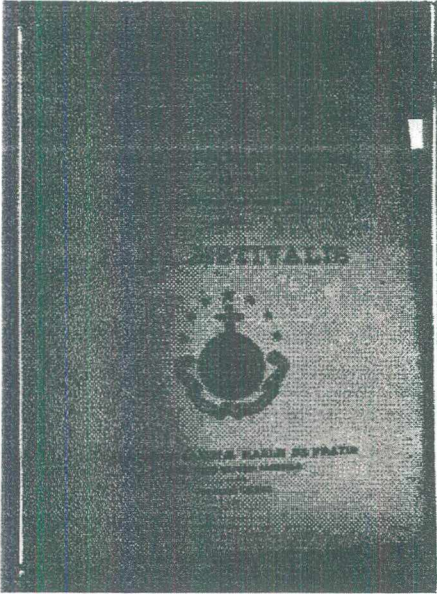
²⁵⁶ Que trato no próximo tópico.

²⁵⁷ "Las doce horas que median entre el Ángelus de la tarde y el de la mañana siguiente, se conocen como el 'gran silencio'." Un Cartujo (1993: 16). O *Angelus* é uma jaculatória, de devoção mariana, feita em diferentes horários, normalmente, às 6 ou 7 horas, melhor-dia, 18 horas. Chama-se *Angelus* pois esta é a primeira palavra desta oração: O anjo do Senhor anunciou a Maria. E ela concebeu do Espírito Santo. (Ave Maria...) Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a vossa palavra. (Ave Maria...) E o Verbo se fez homem. E habitou entre nós. (Ave Maria...) Rogai por nós, santa Mãe de Deus. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

²⁵⁸ *Regina Coeli, laetare, alleluia./ Quia quem meruisti portare, alleluia./ Resurrexit, sicut dixit, alleluia./ Ora pro nobis Deum, alleluia.*

Isto por ser a época litúrgica para este hino, como explicou-me Ir. Clemente, obOSB, frisando que há quatro deles que se revezam durante o ano litúrgico.

mais velhos à frente. Findo o canto, D. Prior Cristiano pegava o aspersório da pia de água benta que tem ali, e aspergia a todos os presentes. Depois do que eles saíam da igreja pela porta lateral.



Antifonário para as Noturnas cartusianas. Um livro desses pesa mais de dez quilos, além das grandes proporções que possui. Foram feitos assim para que mais de um monge possam lê-los ao mesmo tempo. Foto: do autor, 2001.

Os cartuxos são famosos por celebrarem o Ofício das Noturnas, que englobam os dois primeiros Ofícios do dia. A fama deve-se à duração da celebração, que aproxima-se de três horas de ofício. Poderia tê-las celebrado com os cartuxos, mas optei por não participar, dada as demais coisas que tinha para fazer. Assim não as posso descrever²⁵⁹.

Como mencionei acima, os cartuxos além do Ofício Divino, comum a todos os monges, fazem a celebração do Ofício de Nossa Senhora, como modo próprio de "devoção à mãe de Deus". Este Ofício é celebrado de modo individual, com cada cartuxo em sua cela, logo em seguida à Hora Litúrgica que foi celebrada. Como eles mesmo dizem: "Además del Oficio divino, nuestros Padres nos

transmitieron el Oficio de la bienaventurada Virgen María, cada una de cuyas Horas saele preceder a la Hora correspondiente del Oficio divino. Com essa preces se celebra la perenne novedad del misterio por el cual la bienaventurada Virgen engendra espiritualmente a Cristo en nuestros corazones." Est. Carth. (2001: Capítulo 21 – La celebración cotidiana de la Liturgia).

²⁵⁹ Isto porque todas as atividades encerravam-se após a celebração das Vésperas. Todos iam para suas celas, e eu para meu quarto. Ali ficava fazendo as últimas anotações e preparando-as para o diário-de-campo. Era o momento também no qual tomava banho, enquanto aguardava o meu jantar. Quando terminava este é que escrevia o diário e li os livros recomendados por D. Prior Pedro Maria.

A esta altura todos dormiam, estando a cartuxa toda no escuro. Num dos dias, já que ainda não dormira, ouvi ao longe o canto deles que começara.

Um dos detalhes que diferenciam as orações feitas pelas duas comunidades é a maneira pela qual cantam o: "Glória ao Pai,/ ao Filho/ e ao Espírito/ Santo./ Como era no princípio,/ agora e para sempre./ Amém" – canto de encerramento da maioria das orações que são feitas²⁶⁰. A forma dos beneditinos é vagarosa, com pausa nas barras - como está mostrado acima. Já os cartuxos rezam-no em latim, num ritmo muito lento e de maneira toda emendada, isto é, como se fosse uma única palavra pronunciada:

"GloriaPatri,etFilio,etSpirituiSancto,sicuteratinprincipio,etnunc,etsemperetinsaeculasaeculorum.Amem".

A este respeito o Prof. Júlio já me chamara a atenção, contando ser esta maneira cartusiana de recitação muito mais próxima do modo judaico de dizer as orações.

A muito falada *Lectio Divina*, feita pelos monges de ambas as casas, é a meditação silenciosa e solitária que o monge faz após a audição, ou leitura que fez, de uma passagem bíblica. Em minha pesquisa encontrei uma grande bibliografia a respeito desta, principalmente, com outros nomes, mais "modernos", como "oração interior", "meditação transcendental", e outros mais²⁶¹. Com a prática da *Lectio* busca-se a familiaridade com a mensagem divina, a contemplação e unidade com Deus. Daí que este exercício leva ao desenvolvimento da mística e do êxtase espiritual, como por exemplo, entre os cartuxos, como pude constatar nos dias passados com eles.

A missa e alguns dos Ofícios entre os beneditinos têm o acompanhamento do órgão. No momento eles estão apenas com o Ir. Gregório como organista, porém o Ir. Tiago, que toca violão, está aprendendo também. Entre os cartuxos, segundo D. Prior Pedro Maria, estes não fazem questão. Eles só admitem um instrumento musical para os ensaios semanais, que fazem para os diferentes Ofícios. Destacou que o irmão que é músico, não pode tocar fora dos ensaios. Os beneditinos também fazem ensaio. Esta é

²⁶⁰ Também é recitada após bênçãos, como por exemplo, após a bênção dos alimentos dada por D. Cristiano, encerrava-se com sua recitação.

²⁶¹ Para quem quiser saber mais, ver os trabalhos de Marmion (1954; 1962), Merton (1961), Pennington (1980), Main (1987), Freeman (1995) e Grün (2000).

uma das formas de socialização que os mais novos vão tendo para seu aprendizado a respeito dos Ofícios e seus diferentes salmos, hinos, tons, etc.

Uma diferença entre cartuxos e beneditinos no ritual da missa, é a prostração que fazem os primeiros após a consagração do vinho e do pão. Todos prostram-se no chão, colocando as pernas embaixo dos assentos, com a cabeça virada para baixo apoiada sobre as mãos. Ficam assim um longo tempo, em completo silêncio.

Outra diferença entre as comunidades estudadas está no modo como é realizado o "Ósculo da Paz"²⁶² nas missas. Os beneditinos o fazem da seguinte maneira: D. Prior Cristiano, como celebrante, diz a oração litúrgica: "Meus irmãos e irmãs, saudemo-nos uns aos outros em Cristo."²⁶³ Após o que ele se afasta um pouco do altar – no sentido do fundo –, Ir. Paulo fica postado à sua direita e vem D. Bernardo dar/receber ao/do seu prior o beijo da paz. Depois Ir. Paulo faz o mesmo, indo após na direção de D. Bernardo. Assim, os três postados vão recebendo, por ordem conventual, o beijo da paz dos demais irmãos. Já quase no fim, D. Prior Cristiano, seguido pelos demais em fila hierárquica, dirigem-se para a assembléia cumprimentando, ordenadamente, os presentes das primeiras fileiras. Depois voltam todos para o altar e o coro²⁶⁴.

Entre os cartuxos, um pouco antes do celebrante dizer a oração, vão para o junto dele no altar o sacristão e o acólito. Assim, após a oração ele vira-se para sua esquerda, onde está o acólito, que vem e saúdam-se, em seguida vira-se para a direita e repete o gesto com o sacristão. E por fim acólito e sacristão cumprimentam-se, retornando para seus lados no coro, isto é, o mesmo lado que ocuparam no altar.

O primeiro monge de cada lado – na realidade segundo, já que o primeiro assento é ocupado por estes que voltam –, posiciona-se para receber o beijo da paz.

²⁶² Este é um dos ritos da missa, pelo qual o sacerdote celebrante, ou algum dos ordenados presentes, propõem a todos os presentes que se desejem a Paz de Cristo.

²⁶³ Existem variações desta oração, como por exemplo, "Irmãos, desejemo-nos a paz de Cristo".

²⁶⁴ Como sempre, sentei-me no primeiro banco do lado direito (e era um recém-chegado na comunidade), normalmente, fui cumprimentado nos dias de semana, após cumprimentarem uma oblata beneditina ligada à comunidade. Nas missas de sábado e domingo, por estar fotografando não nos saudamos.

Beijo dado, sacristão e acólito sentam-se, e os dois primeiro viram-se na direção dos segundos do seu lado e assim vai sendo passado o beijo da paz até chegar no final. Com isto, caso não sejam os celebrantes, D. Prior Pedro Maria e Padre Vigário Gabriel, serão dos últimos a recebê-lo²⁶⁵. A ordem seguida é da distribuição de assentos feitos por D. Prior Pedro Maria e a escala semanal dos padres celebrantes.

Quando da comunhão, o procedimento entre os dois mosteiros também diferem. Entre os beneditinos, após D. Prior Cristiano ter comungado, se posicionava à frente do altar tendo o Ir. Paulo a seu lado direito para ajudá-lo. Nisto D. Bernardo já vinha, ajoelhava-se e levantando tomava a comunhão; em seguida Ir. Paulo, repetindo os gestos, a tomava também, com D. Bernardo já auxiliando. Todos os demais, a está altura já estavam enfileirados, pelo lado direito, recebendo a comunhão de D. Cristiano, com Ir. Paulo. Em seguida, cada um ia para seu lugar no coro. Fazia-se mais um momento de silêncio na igreja.

Algo bem interessante é perceber o valor que dão às palavras que pronunciam – válido igualmente para os cartuxos. As orações, sejam longas ou curtas, são feitas dentro de um ritmo pausado, bem marcado, e em uníssono. Desta forma não estranhei que numa missa na qual éramos umas 100 na assistência fossemos arregimentados e conduzidos na hora da oração do Pai Nosso, i. é, a assistência começou a rezar de forma rápida, descompassada e variada. Os beneditinos foram mantendo o seu ritmo e tom, fazendo-os sobressair sobre os de todos, e fazendo com que todos terminassem juntos com eles.

A mesma força do coletivo é perceptível nos momentos de silêncio e quietude que são feitos ao longo das celebrações. É curioso, já que normalmente nas missas nas igrejas paróquias, não se faz nem silêncio, nem quietude, ou se o fazem é por segundos. Aqui estou falando de minutos.

Pouco depois terminava a missa conforme o rito normal. No caso de ser uma das missas com a presença numerosa de pessoas da comunidade - principalmente no

²⁶⁵ Entre os cartuxos, pela posição que ocupei nas estalas, recebia a saudação do Padre Vigário Gabriel, ou de Ir. Paulo se aquele fosse o celebrante, e saudava a D. Prior Pedro Maria.

sábado e no domingo -, após seu encerramento, saem em fila do altar e entram no claustro, reaparecendo para ajeitar a igreja e vir a ter com as pessoas que ficam para conversarem com eles – um pouco.

Entre os cartuxos, o rito desenrola-se de outro jeito. Após o padre celebrante ter comungado, ele afasta-se do altar para que o acólito e o sacristão venham e se sirvam da comunhão. Nisto todos os presentes, saem de seus lugares, pelos fundos (as pontas menores dos 'L') dirigindo-se para o altar paralelamente às estalas. Os do lado direito sobem e ficam à direita, e os da esquerda, à esquerda, formando um semi-círculo à frente do altar. A partir disto, o celebrante e o sacristão vêm com o cálice e as hóstias e vão dando aos presentes, no sentido horário. Tendo todos comungado, saem juntos, fazendo o caminho no sentido inverso da vinda. Todos sentam-se nos seus lugares e é feito um longo tempo de silêncio e quietude.

Após o término da missa, saem em ordem conventual com o prior e o padre vigário puxando, e caminham próximos à parede, indo para suas celas, em silêncio e a cabeça coberta com o capuz²⁶⁶.

Antes de encerrar este tópico, friso, que, entre os cartuxos, o capuz quase que o tempo todo cobre a cabeça, estando igualmente com o hábito normal com a cogula, salvo se o trabalho não o permite, aí usam o macacão azul com capuz.

Os beneditinos também sempre estavam com seus hábitos, fossem estes o normal ou os blusões com capuz de trabalho. Mas, salvo em alguns momentos de oração solitária na igreja, ou no se a liturgia do Ofício pedisse, não tinham a cabeça coberta pelo capuz.

²⁶⁶ Nos dias que passei com eles, nem sempre seguiram esta ordem. Quase sempre D. Prior Pedro Maria saía e esperava-me na frente da porta, para marcarmos mais alguma coisa ou para saber se precisava de algo.

Deste jeito, há aqueles que ficam numa semana encarregados de preparar as refeições de toda a comunidade: no café-da-manhã, almoço e jantar. No caso desta comunidade, eles tinham uma cozinheira que preparava o almoço, de modo que os dois encarregados da semana não perdessem totalmente o Ofício da Hora Média. Para tanto eles sempre saíam uns dez minutos antes do término deste Ofício e dirigiam-se para o refeitório, onde preparavam as mesas, serviam a comida e ajeitavam o local para todos.

Há o leitor semanário, que é o encarregado de fazer uma breve leitura durante as duas principais refeições do dia, conforme prescrito por São Bento (RB: 1980, Capítulo 38 - Do leitor semanário): "Às mesas dos irmãos não deve faltar a leitara; não deve ler aí quem quer que, por acaso, se apodere do livro, mas sim o que vai ler durante toda a semana, a começar do domingo. Depois da Missa e da Comanhão, peça a todos que orem por ele para que Deus afaste dele o espírito de soberba. No oratório, recitem todos, por três vezes, o seguinte versículo, iniciando-o o próprio leitor: "Abri, Senhor, os meus lábios, e minha boca anunciará vosso loavor"; e tendo assim recebido a bênção, entre a ler. Faça-se o máximo silêncio, de modo que não se ouça nenhum cochicho ou voz, a não ser a do que está lendo. (...) Nem ouse alguém fazer alguma pergunta sobre a leitara, ou outro assunto qualquer, para que se não dê ocasião, a não ser que o superior, porventura, queira dizer, brevemente, alguma coisa, para edificação. O leitor semanário, antes de começar a ler, recebe o "misto" por causa da Comanhão e para que não aconteça ser-lhe pesado suportar o jejum; faça, porém, depois, a refeição com os semanários da cozinha e os serventes. Não leiam nem cantem os irmãos segundo a ordem da comunidade, mas façam-no aqueles que edificam os ouvintes."

Os cartuxos também seguem o esquema de tarefas divididas entre aqueles que competem somente aos membros perpétuos, e as que podem ser atribuídas a qualquer um. Também adotam os rodízios de serviços e tem o mesmo cuidado com as edificações e bens como dito acima para os "filhos de São Bento". Eles possuem um nome especial para o trabalho: "Entre nosotros se llama obediencia al trabajo encargado a un monje, y, por extensión, al lugar donde lo realiza." (Un Cartujo: 1993, 14). Contudo chamaram minha atenção para alguns pontos.

agrícolas. Há um irmão, cujo nome não tomei nota, que sabe produzir vinho, assim ele é o responsável por este trabalho.

Outro, por fim, é que os textos e livros que escrevem os cartuxos não são assinados. Como pode ser visto na Referência Bibliográfica, a assinatura de tais obras se dá apenas por meio de "um cartuxo"²⁶⁸. Os diversos textos que D. Pedro Maria pôs a minha disposição a respeito deles, seja no campo da espiritualidade cartusiana, história, suas casas, etc, quase que na totalidade foram escritas por eles mesmos; quando não o foram contaram com significativo apoio deles, as vezes chegando a co-autoria do trabalho por parte de "um cartuxo". Só com o passar do tempo, o que no caso quer dizer séculos, é que, às vezes, eles passam a indicar o nome do monge que escreveu. Desta forma tais obras ficam sendo fruto do trabalho de toda a comunidade, já que é impossível saber-se quem escreveu determinada obra sem que os cartuxos o indiquem.

As obras que a comunidade dali edita também não diferem da prática do "Um Cartuxo". Uma curiosidade é que vários dos títulos produzidos por eles estavam em espanhol. Perguntei a D. Prior Pedro Maria o porque disto, e fiquei sabendo que é pelo fato do arquivista do mosteiro, Ir. Ângelo, ser espanhol.

Uma prática que eles buscam desenvolver é que pelo menos dois ou três vezes ao ano, irmãos sacerdotes, irmãos leigos, donatos e familiares, isto é, toda a comunidade veja-se empenhada em um trabalho coletivo.

Eles mesmos são os responsáveis pela preparação de todas as suas refeições, distribuição pelas celas e recolhimento dos utensílios, depois. De empregados, eles têm apenas uns sete ou oito peões, todos relacionados aos cuidados e serviços gerais da fazenda.

Por fim, chamo a atenção, para o cuidado que tanto uma comunidade como outra têm com todos os objetos, ferramentas, etc, que pertencem à comunidade, os

²⁶⁸ Já entre os filhos de São Bento é comum a assinatura das obras, veja-se as que se encontram na Referência Bibliográfica.

quais tratam como "vasos sagrados do altar", ou seja, todos e tudo que está no mosteiro é para que Deus seja glorificado.

ECONOMIA

Toda a vida em qualquer mosteiro baseia-se no conceito econômico de "*vita simplex*". Ele expressa um ideal de vida em que todas as coisas e trabalhos devem ser ordenados de tal modo que cada membro tenha satisfeitas suas necessidades e nada mais. E, principalmente, não se altere a razão fundamental da existência do mosteiro: que seus membros estejam com Deus. Assim, tudo que caracterize luxo, supérfluo, excesso; enfim, todo o 'a mais' deve ser retirado das casas, vestimentas, para tornar realmente a vida orientada para o Alto.

Desta forma as receitas econômicas de cada comunidade devem ser obtidas e postas a este serviço. Em que os monges nada recebam além do que lhes é necessário, nada possuam de seu, e que tudo seja do mosteiro que proverá tudo para todos. E todas as coisas estarão e serão feitas para que Deus seja glorificado. Assim, se o mosteiro é grande, muito bem decorado, é porque Deus merece o melhor, e os monges continuam a viver em seu desapego. Se o mosteiro é pequeno e simples é porque se busca centralizar no encontro interior com Deus.

Ambas as "famílias" tributam grande ênfase ao trabalho, em dois aspectos:

- ♦ como manutenção e sobrevivência da comunidade;
- ♦ e como um dever de cada monge em particular, pois como para toda casa, deles ou do mundo, o trabalho é um valor, e em especial uma virtude para os cristãos.

Como diz a comunidade beneditina de Santa Rosa: "O trabalho no mosteiro é uma manifestação da dimensão de pobreza, humildade e modéstia do monge. Trabalhar para ganharmos o pão nos limites de uma vida austera, já é próprio dos monges. Queremos viver o trabalho como uma bênção, apesar do peso e da fadiga que acarreta, apesar da incerteza diante das dificuldades da subsistência diária."

(Mosteiro da Transfiguração: 2001). Também lembro o que diz Linage Conde (1999) a respeito do trabalho entre os "filhos de São Bento" (extensível aos "filhos de São Bruno"): "Quanto ao trabalho, ele faz parte, sem dúvida, da própria vida beneditina: o Ora et Labora... Agora, a maneira de compreender este preceito mudou muitíssimo: o Císter [a Ordem Cisterciense], por exemplo, parte do princípio de que se deve trabalhar nos campos e, portanto, dá uma grande importância aos conversos, aos irmãos leigos na ordem. Há as mais diversas interpretações, mas uma constante é o equilíbrio: a vida beneditina caracteriza-se pelo equilíbrio, sempre se procura o equilíbrio. De resto, é preciso ter em conta o que dizíamos no início: há uma grande diversidade de mosteiros e de congregações e é muito difícil definir a essência beneditina."

A idéia é de que nada se anteponha ao Ofício Divino, no sentido de ser este a razão de ser do monge e portanto todos os afazeres do dia-a-dia devem estar e ser ordenados para que tudo ocorra de acordo. Contudo sem que o Ofício Divino se sobreponha a tudo mais.

A comunidade beneditina vive do arrendamento da maior parte de suas terras para um agricultor local, o qual paga aos monges por isso. Os monges estão tentando já há algum tempo desenvolver uma horta e um pomar, que ainda está meio incipiente pois não conhecem bem o trabalho de cultivo em estufa²⁶⁹, e estavam tendo muitos problemas com as formigas que atacavam e estragavam as plantas. Eles mesmos não cultivam a terra posto que nenhum deles conhece bem o assunto.

Outra fonte de renda é o aluguel que recebiam pela localização de uma antena de uma rádio da região, no terreno²⁷⁰.

Eles possuem uma loja monástica, em dois pontos do mosteiro, e no site do mosteiro. Esta loja vende produtos religiosos tais como terços, ícones, livros, medalhas,

²⁶⁹ Estavam trabalhando nela os Irs. Bento e João da Cruz, auxiliados por um funcionário contratado, um faz-tudo.

²⁷⁰ Quando de minha hospedagem com eles, estava para acabar este aluguel, pois a rádio ia mudar a antena de local.

CDs de canto gregoriano²⁷¹, paramentos litúrgicos, vasos do altar. Algumas das coisas são produzidas por eles, como os terços (feitos pelos Irmãos Gregório e Pedro) e ícones (feitos pelo Irmão Paulo e Tiago). Chamou-me a atenção os terços, pois eles os fazem de dois modelos: o que consideramos tradicional e mais comum, que é o de devoção mariana; e o oriental, ou bizantino como foi popularizado recentemente pelo Pe. Marcelo Rossi²⁷². O terço oriental eles o fazem, já que também procuram desenvolver uma espiritualidade mais no estilo cristão oriental, com, por exemplo, a utilização dos ícones.

Como disse acima, a hospedaria que construíram visa acomodar tanto os candidatos à vida beneditina, como os hóspedes em visita, como às pessoas que queiram fazer um retiro de um ou mais dias. Segundo eles, eles possuem capacidade de hospedar umas 200 pessoas ao mesmo tempo. Vários grupos e movimentos

²⁷¹ Feitos pelos coros de algumas abadias beneditinas francesas e belgas, mas destacadamente dos monges da Abadia da Ressurreição, em Ponta Grossa (PR), que cantam em português a salmodia.

²⁷² O terço de devoção mariana é composto de uma cruz ou uma medalha com outra imagem religiosa cristã, seguida de 5 contas iniciais, nas quais por ordem reza-se: 1º Credo e/ou Pai Nosso; 2º três Ave-Maria (em honra as três pessoas da Trindade); 3º o Glória a Deus. E o círculo formado por cinco dezenas de contas nas quais se rezam as Ave-Marias, intercaladas estas por uma conta, na qual reza-se o Pai-nosso e algumas jaculatórias.

Chama-se terço por ser a terça parte de um rosário, que é um peça maior, que tem 15 dezenas de Ave-Marias, e 15 Pai-nosso separando-as, no mais é igual ao terço no aspecto e no uso para rezar. Por meio da recitação destas orações, lembra-se alguns dos momentos marcantes da história de Cristo e sua família, e importantes pontos da doutrina da Igreja. Estas recordações estão divididas em três blocos (daí terços), chamados de "mistérios":

- ❖ os gozosos, relacionados ao tempo a partir do anúncio da gravidez de Maria até Cristo já ser uma criança com vários anos de idade;
- ❖ os dolorosos, relativos ao último ato público livre de Cristo à sua crucificação;
- ❖ e os gloriosos, referentes à ressurreição de Cristo até à coroação de Maria como rainha dos céus e da terra.

Data de meados da Idade Média a sua aparição, quando foi proposto como forma de oração para aqueles cristãos que não sabendo ler, não podiam recitar os salmos. Note-se que o número total de Ave-Marias a ser recitado 150, é igual ao dos salmos.

Já o "terço oriental", é composto por um número variável de contas, dado possuir modelos diferentes – pelo menos os conheço. Normalmente, o número de contas passa das 30. A prática da oração deste tipo de "terço" é bem mais antiga, remontando à época e prática ascética dos primeiros eremitas de recitação constante de uma jaculatória, normalmente o lema de vida que o monge neófito recebia de seu monge-mestre, como forma de meditação e permanência na oração. Mas pode-se rezar livremente outras pequenas orações. A mais comum de todas, e tão antiga quanto este tipo de "terço", é a recitação do nome de Jesus. Ambos os terços são formas de ascese cristã reconhecidas e válidas.

começam a utilizá-la, uma vez que pela região não há nenhum local deste porte, que abrigue tantas pessoas ao mesmo tempo em um só lugar. Quando da minha estada com eles, num sábado, um grupo de umas 100 pessoas, ligadas à RCC, passou o dia inteiro lá no mosteiro, utilizando-se do jardim interno, o refeitório e o auditório da hospedaria.

Os monges beneditinos, além disso, recebem doações de diferentes pessoas e entidades. Normalmente os doadores mais constantes são os familiares dos monges e os oblatos ligados ao mosteiro.

A cartuxa mantém-se com a produção agrícola que os monges desenvolvem. Graças a uma boa área agricultável e um dos monges ser "filho de fazendeiro" e formado em Agronomia²⁷³, eles conseguem ter boas produções de aveia, arroz, soja e trigo, que são quase totalmente comercializadas. Além disso produzem vários dos alimentos para consumo próprio, como frutas, verduras, legumes e laticínios. O que faz com que gastem pouco na aquisição de outros tipos de alimentos.

Outras fontes de renda que possuem são: a ajuda que recebem às vezes enviada pela Grande Cartuxa; e doações, da mesma forma que os beneditinos. Chamo a atenção para o fato que as doações não são somente em dinheiro. Muitas vezes as pessoas doam roupas, livros, cobertas e outros bens sempre bem-vindos para estas comunidades.

Pela simplicidade e ordenamento de suas vidas, os custos de manutenção de cada mosteiro e custos *per capita* são muito baixos, permitindo, para ambas as comunidades, manterem-se equilibradamente, sem folgas ou apertos orçamentários. Cumprem assim o projeto de "*vita simplex*" que têm e com o qual se comprometeram, vivem sem supérfluos ou necessidades.

²⁷³ Este é o Ir. José Maria, a quem agradeço pela atenção e por fornecer as informações que pedi a respeito da produção do mosteiro. Ele foi-me indicado por todos os peões da cartuxa como o responsável pela produção agrícola.

Completas

*Deus, vinde em nosso auxílio.
Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.*

*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*

Cântico da Simeão (Nunc dimittis - Lc 2, 29-31)

*[Antifona] Salvai-nos, Senhor, enquanto velamos,
guardai-nos enquanto dormimos,
para que vigiemos com Cristo
e repousemos em paz.*

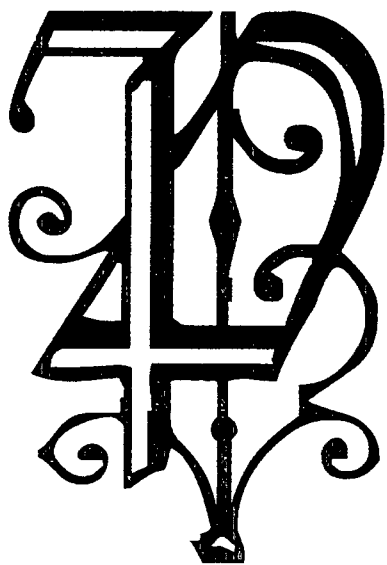
*Agora, Senhor, podeis deixar o vosso servo ir em paz,
segundo a vossa palavra.*

*Porque meus olhos viram a vossa salvação,
que preparastes ante a face de todos os povos.
Luz para iluminar as nações
e glória de Israel, vosso povo.*

*[Antifona] Salvai-nos, Senhor, enquanto velamos,
guardai-nos enquanto dormimos,
para que vigiemos com Cristo
e repousemos em paz.*

*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*

*O Senhor nos conceda
uma noite tranqüila
e morte feliz.
Amém.*



osto os limites necessários que estabeleci para este trabalho, não entrei na discussão do que pode ser chamado de discurso anti-monástico, ou anti-contemplativo., i. é, discursos que ignoram, não valorizam e/ou desvalorizam a prática da vida monástica - em particular nos dias atuais.

Como ouvi e li diversas vezes, estes são feitos por muitos padres, em sua maioria do clero secular, mas também do clero regular. Tais clérigos posicionam-se com relação à vida monástica, dizendo serem "mais abertos", "missionários", "nós que vivemos o pós-Concílio [Vaticano II]", etc. Tais discursos são feitos durante os sermões dominicais e em outras tantas oportunidades, como em textos, jornais diocesanos, boletins, revistas teológicas, entrevistas em programas televisivos. Como não é de hoje que "Marta" reclama de "Maria"²⁷⁴, lembro

²⁷⁴ É lembrada em diversos escritos e conversas das "famílias", a passagem (Lc 10, 38-42): "Estando Jesus em viagem, entrou numa aldeia [Betânia], onde uma mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa. Tinha ela uma irmã por nome Maria, que se assentou ao pés do Senhor para ouvi-lo falar. Marta, toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: 'Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude!'. Respondeu-lhe o Senhor: 'Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; no entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada!'."

Igualmente citado é João Batista, que retirou-se para o deserto, anunciando a vinda do Senhor. Os dois - Maria que preferiu escutar e João que anunciou a chegada do reino - são postos como modelos para a vida monástica.

que a discussão e tensão entre os modos de vida contemplativa e vida ativa vêm dos primórdios da Igreja e nunca cessou ao longo dos séculos.

Interessante notar que ambas as partes, os de vida ativa e os de vida contemplativa, lançam mão dos mesmos textos para afirmarem suas posições. Por exemplo, os documentos conclusivos do Concílio Ecumênico Vaticano II (válido para toda a Igreja), e das Conferências Episcopais Latino-Americanas de San Domingo, Medellin e Puebla (relativos à Igreja na América Latina), realmente reafirmam o papel ímpar que compete à contemplação e a vida monástica feminina e masculina para a Igreja e sua atividade de evangelização²⁷⁵, mas também afirmam o "abrir a Igreja" ao mundo, a "opção preferencial pelos pobres" acentuando o papel ativo que cabe aos cristãos..

Pelo que pude notar, em conversas com alguns sacerdotes nos últimos anos, muitos deles não se apercebem disto, não julgando suas falas contrárias à vida monástica, apenas acentuando a vida ativa. Outra observação, quando à tensão entre ambos os modos de vida, é que, várias vezes, meus interlocutores desconheciam a história da vida monástica ao longo dos séculos, permanecendo com uma visão de algo bem específico, ocorrido na Idade Média ou antes²⁷⁶. Neste sentido, as notas

²⁷⁵ Sobre isto conferir, por exemplo, em: Concílio Vaticano II (1981: – Lumen Gentium: Capítulo VI, Os Religiosos): "¶. 43 Os conselhos evangélicos de castidade consagrada a Deus, de pobreza e obediência, que se fundamentam nas palavras e nos exemplos do Senhor, e foram recomendados pelos apóstolos, pelos santos padres e pelos doutores e pastores da Igreja, são um Dom divino que a Igreja recebe do Senhor e com sua graça conserva perpetuamente. ¶.44 (...) Precisamente porque o povo de Deus não tem aqui a sua cidade permanente, mas procura a futura, o estado religioso, que deixa os seus membros mais livres das preocupações terrenas, manifesta melhor a todos os crentes os bens celestes já presentes neste mundo, testemunha a vida nova e eterna, adquirida pela redenção de Cristo, e prenuncia a ressurreição futura e a glória do reino celestial. ¶. 46 (...) Enfim, este sagrado Concílio encoraja e louva esses homens e mulheres, religiosos e religiosas, que, nos mosteiros ou nas escolas e hospitais ou ainda nas missões, honram a esposa de Cristo pela fidelidade constante e humilde à sua consagração, e prestam a todos os homens generosos e variadíssimos serviços".

Chamo a atenção para o fato de que os textos das três Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, partem, para suas considerações e recomendações, deste e outros documentos Conciliares, reforçando-os e aprofundando-os.

²⁷⁶ No diálogo que venho mantendo ao longo dos últimos anos com diferentes sacerdotes, religiosos e religiosas, seminaristas, pude perceber que há toda uma confusão sobre os tipos de espiritualidade que os monges vivenciam, a que ordem eles pertencem, se ainda existem, muitas vezes misturam as "famílias", e outros tantas mais.

mais perceptíveis desta secularização do pensamento sacerdotal²⁷⁷ dada a ênfase no engajamento no mundo, que percebo são:

- ❖ a parcimônia, ou mesmo ausência, no uso do silêncio²⁷⁸ e da pausa nas missas, retiros espirituais e outros encontros religiosos nas paróquias - como utilizado pelos monges e descrito pelos documentos litúrgicos da Igreja;
- ❖ a acentuação dada à participação, à ação, à atuação e outras palavras que indiquem a vida ativa e engajada socialmente, como única via possível para o cristão alcançar sua redenção;
- ❖ a adoção em suas falas de noções e valores oriundos da esfera econômica e/ou política (daí profanas)²⁷⁹.

Indicando estes choques entre modos diferenciados de ser na Igreja e no mundo, penso em outros possíveis estudos a respeito da vida monástica, bem como da própria secularização principalmente do clero, sem excluir idêntico processo entre os leigos e os religiosos. Penso que tal discurso é feito por estar ocorrendo uma crescente incompatibilidade entre as formas de vida no seio da Igreja, ao mesmo tempo em que é uma atualização de uma já longa diferença (nem sempre tão pacífica) entre religiosos/clérigos seculares e regulares²⁸⁰.

Outras questões que deixo em aberto, dizem respeito a estudos sobre as novas ordens religiosas que têm surgido nos últimos anos, no estrangeiro e no Brasil, as quais caracterizam-se por, via de regra, serem monásticas no estilo das "famílias" aqui descritas ou segundo o modelo desenvolvido pela ordens tidas mendicantes. Seria

²⁷⁷ Como disse-me jocosamente um professor, interlocutor constante nos últimos anos: "O clero secular está realmente secular."

²⁷⁸ Igualmente sentido por um outro interlocutor, também professor, de outra denominação cristã que não a católica, que sente a falta do uso do silêncio em sua Igreja.

²⁷⁹ A respeito disto veja-se o artigo de Chris Shea (FSP, A17, 2001), que trata do estudo de sociólogos da religião, americanos, que adotam uma perspectiva econômica em suas análises do fenômeno religioso.

²⁸⁰ Quando ao posicionamento dos monges, ver no Anexo 3 o discurso de D. Prior Pedro Maria, O'Carth, sobre o papel reservado aos cartuxos na Igreja. Bem como a fala de Ricaud (1995: 16): "Com efeito, não seria melhor antes de sonhar com o bem que poderiam fazer os monges [e monjas] fora de suas clausuras refletir sobre o bem que efetivamente fazem dentro dela? (...) Na grande sinfonia da Igreja, os monges tocam sua partitura, e se seu canto se calasse, alguma coisa faltaria à harmonia do conjunto."

interessante saber as inspirações, motivações e marcas destas novas "famílias", cujos fundadores e a primeira geração de discípulos (seguidores), buscam desenvolvê-las e imprimir-lhes um perfil próprio. Como relacioná-los aos modelos anteriores desenvolvidos no seio da Igreja?

Penso também como pertinentes, estudos que visassem o diálogo ecumênico realizado nos últimos anos e no presente, por meio das relações monásticas que são mantidas entre as diferentes denominações cristãs. Haja visto:

- ◆ a existência das já citadas ordens beneditinas anglicana e tradicionalista;
- ◆ a experiência monástica da Comunidade de Taizé, de origem protestante;
- ◆ a participação e oblação de cristãos não católicos por mosteiros beneditinos nos EUA, como cita Norris (1998), ela mesma oblata beneditina e protestante;
- ◆ reencontro gradual que vem sendo desenvolvido entre o monaquismo católico e o oriental, exemplificado pelo uso de ícones, terço oriental, etc.

E ainda, o diálogo e a experiência monástica inter-religiosa, mantidos há anos, por monges em diferentes locais, com diferentes grupos religiosos, com diferentes perspectivas.

Como exemplo do aqui mencionado, recorde-se o encontro anual entre os monges beneditinos do mosteiro de São Bento em São Paulo e monges budistas, que ocorre naquela cidade. Das experiências monásticas, como a de Beda Griffiths, OSB, e sua comunidade, entre os hindus, levada a cabo nas últimas décadas. As célebres e várias citações de Thomas Merton, OCSO, a respeito da espiritualidade oriental, difundidas até hoje pelos monges trapistas, através da reedição das obras de Merton e a manutenção de muitos sites a respeito dele e seu trabalho. As propostas de John Main, OSB, a respeito da meditação transcendental e o encontro entre a ascética cristã e a do hinduísmo. Isto num universo bem maior de vivência prática que vem sendo desenvolvido dentro do monaquismo cristão. Mas também interessantes são as críticas

que lhes apontaram as incoerências, como por exemplo, a que fez Gianni Valente, "Oração profunda – yoga connection" (30 Dias, 1989).

Sem esquecer as conversas entre ciências (da pós-modernidade?) e a religião, como exemplificado na conversa entre o físico Fritjof Capra e os monges camaldulenses David Steindl-Rast e Thomas Matus, ambos OSB Camald. Os exemplos aqui a respeito de monges católicos e interlocutores os mais diversos possíveis provavelmente poderia ser ainda acrescida de mais alguns tantos nomes²⁸¹.

Estes já indicam a pertinência de se olhar com mais cuidado na direção do monaquismo e a renúncia - que lhe é essencial -, como manifestação do sagrado em religiões e grupos diferentes que interagem comumente. Estudos cujos enfoques seriam as diferentes formas de compreender a renúncia, a maneira de vivê-la, e como elas dialogam entre si. O que faz pensar numa abertura dos diferentes modelos de viver o sagrado e suas prováveis interpenetrações, pela compreensão aqui exposta do papel da renúncia na vida monástica cristã.

Como último ponto a respeito da minha descrição da vida monástica, transcrevo o último capítulo, com o qual São Bento termina a sua regra (RB, 1980: Capítulo 73 - De que nem toda a observância da justiça se acha estabelecida nesta Regra): "Escrevemos esta Regra para demonstrar que nós que a observamos nos mosteiros, temos alguma honestidade de costumes ou algum início de vida monástica. Além disso, para aquele que se apressa para a perfeição da vida monástica, há as doutrinas dos Santos Padres, cuja observância condaz o homem ao cume da perfeição. Que página, com efeito, ou que palavra de autoridade divina no Antigo e no Novo Testamento não é uma norma retíssima da vida humana? Ou que livros dos Santos Padres Católicos ressoam outra coisa senão o que nos faça chegar, por caminho direto, ao nosso Criador? E também as Colações dos Padres, as Instituições e suas Vidas, e também a Regra de nosso santo Pai Basílio, que outra coisa são senão instrumentos das virtudes dos monges que vivem bem e são

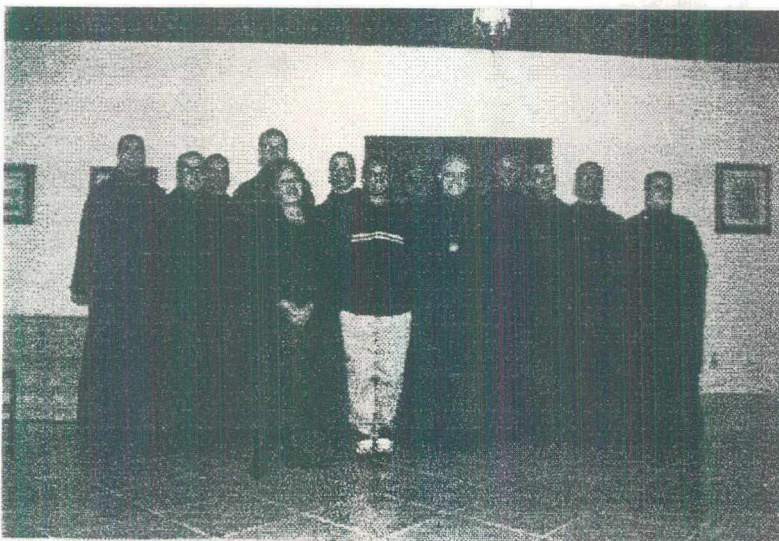
²⁸¹ Nas Referências Bibliográficas podem ser encontrados estes autores e suas obras, e mais alguns outros autores e respectivos trabalhos, que obtive, como disse antes, por intermédio dos meus diversos interlocutores ao longo desses anos de pesquisa. Friso apenas o meu interesse nas pesquisas que sugiro sem, no entanto, estar validando, partilhando ou apontando esta ou aquela posição monástica que seja.

obedientes? Mas para nós, relaxados, que vivemos mal e somos negligentes, são o rabor da confusão. Tu, pois, quem quer que sejas, que te apressas para a pátria celeste, realiza com o auxílio de Cristo esta mínima Regra de iniciação aqui escrita e, então, por fim, chegarás, com a proteção de Deus, aos maiores cames da doutrina e das virtudes de que falamos acima. Amém".

Note-se que se no Prólogo da RB ele diz "Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai...". ou seja, as duas pessoas envolvidas na relação estão postas em níveis hierárquicos distintos (relação filho e pai), e são diferenciadas pela maneira em que vivem (relação noviço/ignorante e professo/sábio), no Capítulo 73 ele afirma que a vida monástica é feita do encontro íntimo entre um Eu e Tu em pé de igualdade, sem mais estruturas a separá-los. Que é antes a união de uma experiência ordinária compartilhada por iguais, ou seja, ao passar-se da instrução dada pela RB para

a vivência da mesma, chega-se a comunidade real, constituída por eles abraçarem os mesmo ideais e arriscarem-se cotidianamente em vivê-los.

Gostaria de encerrar podendo dizer que busquei, com certeza, descrever tudo que observei e anotei, e

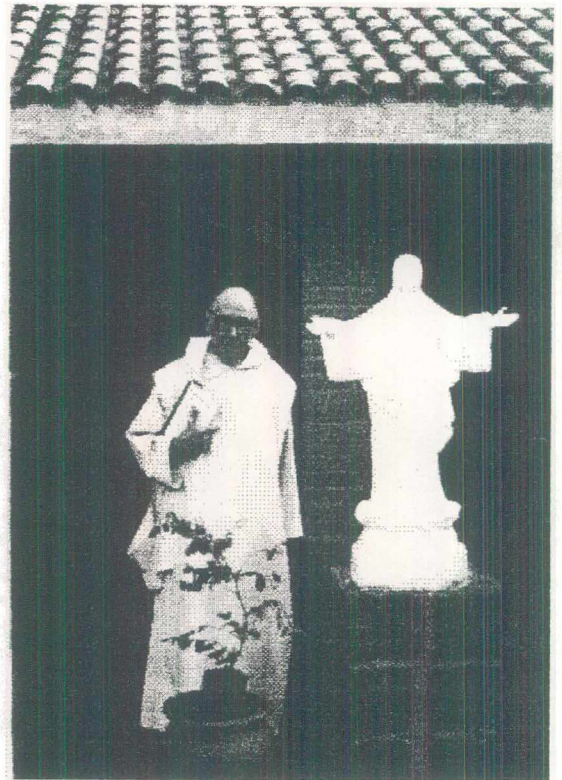


À frente a mãe e o irmão do Ir. Basílio. A comunidade (da esquerda para direita): Irs. Tiago, Gregório, Bento, João da Cruz, Paulo e José, D. Cristiano, Irs. Basílio, Pedro, Bernardo, Fernando. Foto: do autor, 2001.

tentei analisar algumas nuances da vida monástica e o papel do renunciante cristão. Contudo meu bom senso²⁸² indica-me que algumas partes foram passadas rapidamente, tirando-lhes a riqueza dos pormenores; outras foram descritas de maneira que não abrangem a riqueza do vivido, do contato íntimo firmado no trabalho de campo. Contudo julgo que a compreensão do que é "ser monge" tenha sido alcançada, por meio da história, descrição e análise da vida que levam os monges das duas comunidades estudadas.

Como propus no início deste trabalho, creio que a noção de renúncia que os monges vivem, e a maneira pela qual renunciam às coisas e situações do cotidiano, efetivamente serve de chave para o entendimento de todo os aspectos constituem cada comunidade particular, e o que as faz distintas umas das outras. Igualmente, a renúncia monástica serve de diferencial para o conjunto das comunidades monásticas com relação ao conjunto das comunidades não-monásticas.

Pelo que expus, considero que a renúncia feita por eles, ao contrário de pô-los para fora do mundo, de torná-los "indivíduos fora do mundo" no estilo do renunciante indiano, os põem no centro do ideal de sagrado cristão. Se os cristãos são basicamente indivíduos-no-mundo e indivíduos-em-relação-com-Deus, estes renunciantes experimentam uma vivência de intimidade e amizade únicos com o seu Deus. Faz com que vivam como símbolos deste ideal, com a entrega de si mesmos sem restrições, limites ou prazos ao seu Deus. Suas vidas são definidas pelos votos/renúncia que emitem para a comunidade em que entram, para a



D. Prior Pedro Maria Anquez, OCarth, em mais um favor a mim: pousando. Foto: do autor, 2001.

²⁸² Informado pela boa crítica daqueles com os quais conversei ao longo desta pesquisa, e pelo conselhos recebidos daqueles que leram as versões anteriores deste trabalho.

Ordem, para a "família", e para a Igreja - como sociedade envolvente de suas comunidades -, e para estas e por estas eles os vivem.

Mais que convencimento, o exposto aqui procurou ser uma categoria de ação cristã, o "maravilhar-se com as coisas humanas". Em campo, encontrei pessoas felizes com a vida que levam e com quem a vive. Sei que não cabe ao trabalho científico medir a felicidade de um grupo e, neste caso, não pretendo nem estou aqui comparando-os a quem quer que seja. A felicidade é deles. Apenas registro a satisfação com que levam suas vidas, por meio de suas orações e trabalhos, uma vez que isto eu observei e compartilhei. Como disse-me e mostrou-me D. Prior Pedro Maria: "Senhor Antônio, eu sou um homem feliz. Tenho 72 anos e entrei na cartuxa aos 19 anos. Sempre fui feliz."

Dizem os monges atuais, como os seus "pais e irmãos", que as nossas ações, omissões, pensamentos e palavras sejam "para que em tudo Deus seja glorificado", assim, trago para todos nós: nativos, leitores e pesquisador, os votos que todos os monges desejam e se dão:

Pax tecum, frater!

*Gloria Patri, et Filio, et Spiritui sancto,
sicut erat in principio, et nunc, et semper
et in saecula saeculorum. Amen.*

Caminho
Para
Dentro

**QUEM ENCONTROU A VIA INTERIOR
QUEM EM ARDENTE MERGULHO EM SI
PRESENTIU DESDE SEMPRE O PRINCÍPIO DA
SABEDORIA
AO PONTO DE SUA INCLINAÇÃO ESCOLHER
DEUS E O MUNDO POR ÚNICO MODELO E
SÍMBOLO:
PARA ELE, CADA AÇÃO E PENSAMENTO
É UM DIÁLOGO COM SUA ALMA
ENCERRANDO DEUS E O MUNDO.**

Anexos

Anexo 1



Encontram-se abaixo alguns dos endereços para correspondência e eletrônicos (*sites* e *e-mails*), dos mosteiros masculinos das "famílias: beneditina e cartusiana" no Brasil, e de outros mosteiros de ambas as "famílias" no exterior. Esta lista de endereços baseia-se em dados coletados: na minha pesquisa pela *internet*; no Diretório Litúrgico da CBB (1999); no Atlas Monástico (Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro - 2001); e no trabalho de campo. Através das fontes mencionadas, ou navegando nestes *sites*, facilmente tem-se acesso aos endereços das monjas das de ambas as "famílias".

BENEDITINOS

Arquiabadia de São Sebastião (Mosteiro de São Bento de Salvador)

Largo de São Bento, n. 1

C.P.: 1138 – Salvador/BA – CEP: 40.001-970

Tel.: (71) 322-4744 – FAX: (71) 322-4749

<http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/2460/>

msbb@zaz.com.br

Ligada à CBB. O *site* não é dos mais completos.

Abadia de São Bento de Olinda (Mosteiro de São Bento de Olinda)

R. São Bento, s/n. – Viradouro – Olinda/PE

CP. 975 – Recife/PE – CEP: 50.001-970

Tel.: (81) 429-3288 – FAX: (81) 429-2361

<http://www.olinda.org.br>

saobento@ars.com.br

Ligada à CBB. Só recentemente obtive o endereço do *site*, por isso não comentá-lo.

Abadia Territorial de Nossa Senhora do Monserrate (Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro).

R. Dom Gerardo, 68

CP. 2666 – Rio de Janeiro/RJ – CEP: 20.001-970

Tel.: (21) 291-7122 – FAX: (21) 263-5679

<http://www.osb.org.br/>

Ligada à CBB. Excelente *site*, o primeiro que utilizei em minhas pesquisas. Ótima navegação; com muitas informações sobre o mosteiro, a Ordem, *links*, etc.

Abadia de Nossa Senhora da Assunção (Mosteiro de São Bento de São Paulo)

Largo de São Bento, s/n.

CP. 118 – São Paulo/SP – CEP: 01.059-970

Tel.: (11) 228-3633 – FAX: (11) 227-7390

<http://www.mosteiro.org.br/>

mosteiro@mosteiro.org.br

Ligada à CBB. Ótimo *site* com excelente de navegação. Apresenta um ótimo histórico deste sua fundação até os dias de hoje. Também tem informações sobre o Colégio e a Faculdade de São Bento. No mesmo *site* encontra-se informações sobre os oblatos ligados ao mosteiro, incluindo artigos da Revista *Gaudemus*.

Abadia da Ressurreição (Mosteiro de São Bento de Ponta Grossa)

Rod. Do Café, km 5 – Colônia Eurídice

CP. 16 – Ponta Grossa/PR – CEP: 84.001-970

Tel.: (42) 227-1081 – Tel/FAX: (42) 227-2277

<http://www.geocities.com/mosteirobr/>

Ligado à CBB. O *site* tem sido desenvolvido recentemente.

Mosteiro de Santa Maria de Serra Clara.

Setor Rural do município de Delfim Moreira (MG)

CP. 37 – Itajubá/MG – CEP: 37.500-000

Tel/ FAX: (35) 622-8147

<http://www.fusoes.com.br/~jorge/>

serclara@net.em.com.br

Ligado à CBB. O *site* contém informações apenas da ligadas ao próprio mosteiro, de forma sucinta.

Mosteiro da Transfiguração

<http://br.geocities.com/mongesbeneditinos/abert.htm>

Em vias de ligar-se à CBB. O *site* é bem desenvolvido e constantemente atualizado. Traz informações a respeito do próprio mosteiro, de sua loja monástica, espiritualidade beneditina e *links*.

Mosteiro da Transfiguração (beneditino camaldulense)

CP. 68 – Mogi das Cruzes/SP – CEP: 08.701-970

Tel: (11) 479-4941

Sem *site*.

PARA QUE EM TUDO DEUS SEJA GLORIFICADO

Ligado à Congregação dos Monges Eremitas Camaldulenses.

Casa-mãe da Ordem dos Monges Eremitas Camaldulenses

<http://www.camaldoli.it/>

Site oficial da Ordem dos monges beneditinos camaldulenses. Possui muita informação a respeito da Ordem e *links* para outros endereços. De fácil navegação.

Abadia de São Geraldo (beneditinos húngaros)

R. Santo Américo, 357 – Jardim Colombo – SP.

CP. 26.011 – São Paulo/SP – CEP: 05.626-020

Tel: (11) 842-3742 FAX: (11) 842-1439

<http://www.msg.org.br/>

asg@csasp.g12.br

Ligado à Congregação Húngara. O *site* informa mais a respeito do colégio que mantém. Traz *links* para os outros mosteiros da Congregação.

Ordem dos Monges Eremitas Camaldulenses (Itália).

<http://www.camaldoli.com/>

Site oficial da Ordem dos Monges Eremitas Camaldulenses – OSB Camaldulenses. Muito boa.

Abadia de Monte Cassino (Itália)

<http://www.officine.it/montecassino/>

Site da casa-mãe dos filhos de São Bento. Em diversas línguas. Boa navegação.

Mosteiro de San Benito de Luján (Argentina)

<http://www.sbenito.org.ar/>

Ligado à Confederação do Cone Sur. Muito bom *site*, com boa navegação. Possui *links* a respeito de outros mosteiros unidos à mesma Confederação. Disponibiliza artigos de sua revista monástica.

CISTERCIENSES

Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo

C. P. 71 – São José do Rio Pardo/SP – CEP: 13.720-000

Tel.: (19) 680-4675 – FAX: (19) 680-6068

www.abadia.org.br/

mosteiro@uol.com.br

Ligada à Congregação Cisterciense de São Bernardo. Ótimo *site*, com páginas sobre história da Ordem Cisterciense, endereços, etc.

Abadia de Nossa Senhora da Assunção de Hardehausen-Itatinga

CP. 17 – Itatinga/SP – CEP: 18.690-000

Tel/FAX: (14) 854-1102

Sem *site*.

hardehausen@laser.com.br

Ligada à Congregação Brasileira da Santa Cruz.

Abadia de Nossa Senhora Mãe do Divino Pastor.

Jequitibá/BA - Mundo Novo – CEP: 44.815-000

Tel/FAX: (74) 626-2297

Sem *site*.

Ligada à Congregação Brasileira da Santa Cruz.

PARA QUE EM TUDO DEUS SEJA GLORIFICADO

Abadia de Nossa Senhora do divino Espírito Santo

Claraval/MG – CEP: 37.997-000

Tel/FAX: (34) 353-5217

Sem site.

Ligada à Congregação de Casamari

Abbazia di Chiaravalle della Colomba (Itália)

<http://www.altrimedia.it/magazine/cultura/chiaravalle/>

Site de uma comunidade ligada à Congregação de Casamari. Em diversas línguas e boa navegação, com muitas informações sobre eles e a vida monástica beneditina.

TRAPISTAS

Mosteiro da Trapista de Nossa Senhora. do Novo Mundo.

Campo do Tenente/PR – CEP: 83.870-000

Tel/Fax: (41) 828-1264

<http://www.mosteirotrapista.org.br/>

mosteirobrazil@netpar.com.br

Fundado por monges vindos dos EUA. Ótimo *site* com muita informação a respeito da vida trapista, *links* e etc. Muito boa navegação.

CARTUXOS

Moines Chartreux et Moniales Chartreuses.

<http://www.chartreux.org/>

Site oficial da Ordem Cartusiana, da Grande Cartuxa. Ótimo em informações a respeito

da vida, espiritualidade, e imagens de diversas cartuxas (masculinas e femininas). Muito boa navegação.

Cartuxa Nossa Senhora Medianeira

Ivorá/RS – CEP: 98.160-000

Tel: (55) 271-2101

Sem site

Como disse, não possuem material próprio na *internet*. Há alguns *sites* que trazem notícias a respeito deles. O melhor e mais correto é da Grande Cartuxa.

Anexo 2



Segue, abaixo, os horários feriais de alguns mosteiros, lembrando que normalmente aos domingos e dias considerados solenes os mesmos sofrem pequenas alterações. Como dito anteriormente, as atividades do dia-a-dia são todas estruturadas em relação aos Ofícios Divinos. Do acordar ao Grande silêncio da noite, tudo que é feito tem como objetivo levar os monges à contemplação.

Mosteiro beneditino da Transfiguração (Santa Rosa/RS)

Horas	Atividade
05:15	Despertar
05:30	Vigílias. Tempo espiritual (Lectio Divina e oração pessoal)
07:00	Ângelus. Laudes. Missa (se 3 ^o , 5 ^o ou 6 ^o). Café da manhã
08:00	Formação. Trabalho manual (artesanato, limpeza, jardinagem, etc)
10:15	Lanche. Continuação do trabalho
11:45	Hora Meridiana (oração do meio-dia)

17:30	Vésperas transmitidas pela rádio Maria FM. Antífona de Nossa Senhora
18:00	Ângelus. Jantar. Recreio
19:00	Estudos. Terço comunitário. Lectio divina. Pastorais
20:15	Oração da Noite. Canto da Salve Rainha
21:00	Silêncio. Repouso

Fonte: dados coletados no *site* do mosteiro.

Abadia de Nossa Senhora de Montserrate (Rio de Janeiro/RJ).

Horas	Atividade
05:00	Vigília e Laudes
07:15	Missa conventual cantada
11:00	Hora Meridiana
17:00	Missa rezada
17:40	Vésperas
19:15	Completas

Nos sábados Vésperas às 17:00 h.. Nos domingos e solenidades: a) Missas rezadas às 07:00, 08:00 e 18:15 h; missa conventual solene às 10:00 h da manhã. b) Hora meridiana às 07:45 h.

Fonte: dados coletados no *site* do mosteiro.

Anexo 3



uito do que escrevi a respeito dos cartuxos: a maneira como vivem, o que buscam, a procura de Deus, encontra-se melhor dito neste discurso, feito por D. Prior Pedro Maria Anquez, OCarth, quando

da inauguração do mosteiro de Nossa Senhora Medianeira, aos 21 de novembro de 1984. Copiei-o de "A vida cartusiana – vidas para Deus" (Um Cartuxo, s/d: 33-39).

"Sobre as tuas muralhas, ó Jerusalém, coloquei sentinelas, que não se calarão nem de dia, nem de noite, louvando o nome do Senhor". (Is. 62.6).

Deus dirigia essas palavras à cidade de Jerusalém, prometendo-lhe profetas para ajudar os seus filhos no seu caminho espiritual. Essa Palavra de Deus, dirigida a Jerusalém, está de fato endereçada a toda a Igreja e a toda a humanidade.

A história humana se faz com a repetição da Palavra eterna de Deus, Amor infinito. O motivo disso é muito simples. A Palavra de Deus é única. É o Seu Verbo encarnado. A Palavra de Deus é Salvação. Desde a origem da humanidade Deus consagra para Si homens e mulheres, chamando em cada época da história, profetas da vida futura, que formam assim, como diz o Papa João Paulo II, 'uma espécie de escolta avançada' que antecipam a vida futura e ao mesmo tempo vigiam, como sentinelas, a salvação, na oração, no silêncio, na penitência.

Parece-me que essa Palavra de Deus está verificando-se neste momento, neste lugar, nesta Igreja do Rio Grande do Sul, na Diocese de Santa Maria. Quer dizer, cumpre-se hoje para vós o que foi dito pelo profeta Isaias, da parte de Deus: 'Sobre as taas marathas Jerusalém...' O monge é um guarda, uma sentinela colocada sobre as marathas da cidade humana, sentinela que não se cala, nem de dia, nem de noite, louvando o nome do Senhor.

Caros irmãos, desejaria oferecer a todos vós uma pequena meditação sobre o sentido e sobre a dimensão eclesial do nobre gesto do nosso caríssimo Pastor Dom Ivo, dos padres, dos (as) religiosos (as), com tantos amigos aqui presentes neste momento. Toda a Igreja diocesana acompanha hoje quatro monges na sua morada de solidão e de silêncio. No seu mosteiro, na Diocese de Santa Maria, Granja Medianeira, neste oásis de beleza natural, de paz e, de hoje em diante, lugar de oração, de diálogo com Deus no silêncio, no trabalho, no recolhimento, lugar de busca de Deus em nome da humanidade. Irmãos, nós vos agradecemos o vosso gesto de amizade cordial, agradecemos a vossa presença, mas qual é em verdade o sentido do vosso gesto? Qual é a sua dimensão espiritual, humana, cristã... a sua dimensão eclesial?

A resposta à pergunta está nas palavras que acabamos de ouvir. O vosso Pastor Dom Ivo dizia a mesma coisa, um ano atrás, escrevendo na publicação da Diocese, chamada 'O Santuário': 'Uma Igreja que atua zelosamente nos diversos

campos da pastoral e que marca presença até nos terrenos sociais, não pode esquecer a oração e a contemplação, deve também manifestar essa dimensão do Mistério da Igreja. Por isso, ao lado da oração cultivada por todos, devem existir na Igreja indivíduos e comunidades que dedicam toda sua vida à oração e à contemplação'.

O Mistério da Igreja manifesta-se no Apostolado. 'Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho'. Mas ao mesmo tempo, o mistério e a vida da Igreja é oração, contemplação, intercessão, adoração.

Eis aqui o motivo essencial que inspirou o vosso Pastor Dom Ivo, junto com todos os Bispos do Rio Grande do Sul, em seu pedido cheio de fé e de esperança, quando convidou os filhos de São Bruno para fundar um mosteiro de monges contemplativos no Rio Grande do Sul. Tanto mais que a implantação da vida monástica nos países que pouco a conservam, é um desejo e uma orientação do Concílio Vaticano II. O Concílio ensina que tal implantação é tanto mais importante e necessária quanto a vida contemplativa faz parte da plenitude e da natureza da Igreja (Ad Gentes 18); pelo que se pode pensar que uma Igreja que não leva os frutos da vida contemplativa, quer dizer uma Igreja que não tem homens e mulheres que dedicam suas vidas à oração, não atinge ainda a sua plenitude, nem a sua fecundidade espiritual perfeita (Ensinamento do Concílio).

Num outro texto, o Concílio ensina que o monge que vive na oração, no trabalho, no recolhimento do seu mosteiro e no silêncio, contribui de modo muito eficaz para que a Palavra de Deus, anunciada na Igreja e pela Igreja, seja fecundada no coração dos homens (Perfect. Caritatis).

Além de que, a Assembléia de Puebla, no seu documento final, afirma: 'As comunidades contemplativas são como o coração da vida religiosa'. E o Papa João Paulo II: 'A dimensão contemplativa da Igreja é o segredo da sua renovação'. Parece-me, caros irmãos, que neste momento toda a Igreja de Deus está reunida aqui: bispos, padres, religiosos e religiosas, diáconos, leigos consagrados, pais de família, jovens,

quatro paredes do mosteiro, mas diz respeito à grande história dos homens, onde se constrói a justiça, onde se cria comunhão e participação, onde se procura instaurar a civilização do Amor, onde enfim há de chegar, com a boa nova do Evangelho, a salvação que vem de Deus. Por isso, a vossa vida contemplativa é absolutamente vital para a Igreja e para a humanidade, não obstante a incompreensão e mesmo oposição que, às vezes, transparece no pensamento moderno.' (Discurso pronunciado em São Paulo, 03/07/80).

Eis, porque, irmãos o vosso gesto nobre e delicado tem uma dimensão eclesial de grande valor. Manifestais, ter compreendido o sentido da nossa vida contemplativa e o seu lugar na Igreja. 'Sobre as tuas muralhas...' Este mosteiro, nascido como por encanto, manifesta a vossa fé. Este mosteiro é vosso, porque devemo-lo à vossa grande generosidade. É toda a Igreja de Deus que agradece a vossa generosidade e a vossa solicitude. Todos juntos agradecemos a Deus Todo-Poderoso, que deu à Igreja do Brasil este mosteiro. A semente lançada sobre esta terra seja destinada a produzir frutos! Este mosteiro deve tornar-se o vosso orgulho. É a vossa generosidade que permitiu consagrar este magnífico lugar a Deus e à Sua Glória. A Igreja vos agradece e vos felicita. Deus vos pague e abençoe.

O meu voto é para que deste mosteiro parta uma mensagem par ao mundo e chegue especialmente aos jovens, abrindo-lhes a perspectiva bela e maravilhosa da vocação contemplativa, movidos pela consciência de amar e de servir os irmãos com este silencioso testemunho. Enfim, pedimos todos juntos a Deus, Nosso Senhor, por intercessão de Maria Santíssima Medianeira, que este mosteiro seja uma lâmpada, um farol que ilumina a vida pela qual caminham tantos irmãos e irmãs espalhados pelo mundo, e que têm necessidade da nossa oração e da bênção de Deus. Nós vos damos a certeza de que rezamos por vós, oferecemos a nossa penitência, para que todos vós possais haurir força e coragem da fonte da vida que é Cristo. Sabemos da

inquietação de vossos corações. Este mosteiro lembra-vos que Deus existe, Deus ama, Deus é fonte da verdadeira paz.

Ainda uma palavra. Pedimos que respeitem a nossa vocação, a nossa identidade, na Igreja de Deus. Mais uma vez: o monge proclama pelo seu silêncio e reza por vós, na solidão. Ajudai-o, respeitando a sua identidade, o seu silêncio. 'Sobre as tuas muralhas, ó Jerusalém, coloquei sentinelas...'

Nós não abandonamos o mundo. Não escapamos das vossas dificuldades, nem nos desinteressamos dos problemas que atormentam a humanidade. Esses problemas, esses sofrimentos nós os levamos em nosso coração e em nossa oração, e no cenário agitado da história acompanhamos todos os irmãos e irmãs da humanidade, na caridade de Cristo. Porque em nome de todos permanecemos:

Na presença de Deus. Amém."

*Referência
Bibliográfica*

- Abadia de Nossa Senhora da Assunção. Disponível: <http://www.mosteiro.org.br/>
Acesso: 22 de junho de 2002.
- Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo. Disponível: www.abadia.org.br/ Acesso:
20 de agosto de 2001.
- Abadia Territorial de Nossa Senhora de Montserrat do Rio de Janeiro. Disponível:
<http://www.osb.org.br/> Acesso em: 17 setembro 1999.
- ALVES, Rubem A.. A volta do sagrado - os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil.
Religião e Sociedade/Universidade de São Paulo. CER. FFLCH. Departamento de
Ciências Sociais. n. 3, (outubro 1978). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978
(pp. 109-141)
- AMIOT, François. *A missa e sua história*. São Paulo: Flamboyant, 1958.
- ANCILLI, Ermano. *Diccionario de espiritualidad*. Barcelona: Editorial Herder, 1987.
- ANDRÉS LUDUEÑA, Gustavo. *Vida monástica e "institución total": los parámetros
etnográficos de la teorización sociológica*. Trabalho apresentado na III RAMercosul,
Posadas - Argentina, 1999.
- Apoftegmas: a sabedoria dos antigos monges. Em *Comunhão*/Revista do Mosteiro de
São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX, maio-junho/1995, n. 109. Rio de Janeiro:
Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (separata).
- AQUINO, Felipe. *Padres da Igreja*. Disponível: Editora Cleofas *site* (Prof. Aquino). URL:
<http://www.cleofas.com.br/> - 2001. Consultado em 20 jul. 2001.
- San ATANASIO DE ALEJANDRÍA. *Vita Antonii* - vida de San Antonio abad. Disponível:
Biblioteca Cristiana *site* (BEC). URL: <http://www.multimedios.org/bec> - 2001.
Consultado em abr. 2001.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma Antropologia da supermodernidade*.
Campinas: Papirus, 1994.
- AZZI, Riolando (org.). *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Paulinas,
1983.

- BARRETO Jr, Dorival S.. A contribuição de escritos litúrgicos dos beneditinos do mosteiro do Rio de Janeiro à pastoral litúrgica da Igreja no Brasil, 1933-1958 (I). Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX*, janeiro-março/1995, n. 113. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 32-61).
- _____. A contribuição de escritos litúrgicos dos beneditinos do mosteiro do Rio de Janeiro à pastoral litúrgica da Igreja no Brasil, 1933-1958 (II). Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX*, abril-junho/1995, n. 114. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 39-64).
- _____. A contribuição de escritos litúrgicos dos beneditinos do mosteiro do Rio de Janeiro à pastoral litúrgica da Igreja no Brasil, 1933-1958 (III). Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX*, julho-setembro/1995, n. 115. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 31-63).
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne, *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- São BASÍLIO MAGNO. *As Regras Monásticas*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BECKER, Johannes D.. *Mosteiro de N. Sra. de Guadalupe*. Santa Rosa: Mosteiro de N. Sra. de Guadalupe, 1999.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Símbolos litúrgicos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERGER, Peter I.. *Perspectivas sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BETTENCOURT, Estêvão. *Curso de história da Igreja*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1986.
- BIANCHI, Enzo. Viver o tempo na vida monástica. Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX*, abril-junho/1995, n. 115. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 13-27).
- Bíblia Sagrada. São Paulo: Ave Maria, 1981.

- BOLTON, Brenda. *A reforma na Idade Média*. Lisboa: Edições 70, s/d
- BONOWITZ, Bernardo. *O Futuro da Vida Monástica*. Campo do Tenente/PR: Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo, 2001.
- _____. *Tomar-se monge na sociedade secular de hoje*. Campo do Tenente/PR: Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo, 2001.
- BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo: Ática, 1997.
- BRASÓ, Gabriel. *O humilde e nobre serviço do monge*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1983.
- BROSSE, Olivier de la, et al.. *Diccionario del cristianismo*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade – o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CALAVIA Sáez, Oscar. *Deus e o diabo em terras católicas*. (Espanha - Brasil). Taubaté, SP: GEIC/NIPPC, 1999.
- CAPRA, Fritjof, e STEINDL-RAST, David. *Pertencendo ao universo – explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CARVALHO, Luiz Edgar de. *Manual de canto gregoriano*. São Paulo: Paulus, 1994.
- CASTANHEIRA, Mônica. A comunidade monástica, lugar da Esperança. *Em Comunhão/Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX, abril-junho/1996, n. 114*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1996. (trimestral) (pp. 13-25).
- Catecismo da Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes/Edições Paulinas/Edições Loyola/Editora Ave-Maria, 1993.
- CHENU, M. D.. *São Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1967.
- Os monges cistercienses no Brasil*. Disponível: Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo. *site* (Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo). URL: <http://www.abadia.org.br/> – 2000. Consultado em 05

- Código de Direito Canônico [notas e comentários Pe. Jesús S. Hortal, sj]. São Paulo: Edições Loyola, 1983.
- Comissão Nacional de Liturgia - CNBB. *Oração do Tempo Presente*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- Concílio Ecumênico Vaticano II. *Sacram Liturgiam*. São Paulo: Paulinas, 1965.
- Concílio Ecumênico Vaticano II.. *Gaudium et Spes*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- Concílio Ecumênico Vaticano II. *Lumen Gentium – De Ecclesia*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- Concordância Bíblica. Brasília. S/l: Sociedade Bíblica do Brasil, 1975.
- CONGREGAÇÃO BENEDITINA DO BRASIL. *Estatuto dos Oblatos*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1997.
- CONGREGAÇÃO BENEDITINA DO BRASIL. *Diretório Litúrgico 1999-2000*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1999.
- CONGREGAÇÃO CISTERCIENSE DE SÃO BERNARDO. *Estatuto dos Oblatos Regulares dos Mosteiros da CCSB*. . Disponível: Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo. *site* (Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo). URL: [http:// www.abadia.org.br/](http://www.abadia.org.br/) – 2001. Consultado em jun. 2001.
- CONGREGAÇÃO CISTERCIENSE DE SÃO BERNARDO. *Estatuto dos Oblatos Seculares dos Mosteiros da CCSB*. . Disponível: Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo. *site* (Abadia de Nossa Senhora de São Bernardo). URL: [http:// www.abadia.org.br/](http://www.abadia.org.br/) – 2001. Consultado em jun. 2001.
- Congresso dos Abades. *Em Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XXI, out-dez/1996, n. 116*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1996. (trimestral) (pp. 03-07).
- COLLIER JR., John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU-EDUSP, 1983.
- Crônica da Chegada dos Monges da Restauração ao Mosteiro de São Bento de Olinda – 1895. *Em Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano*

- DUSSEL, Enrique. *História da Igreja no Brasil* - tomo 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.
- _____. *História da Igreja no Brasil* - tomo II/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ENOUT, João Evangelista. *São Bento e a profissão de monge*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1990.
- Estado da Confederação Beneditina. *Em Comunhão/Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX, novembro-dezembro/1995, n. 115*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (p.43-44).
- Estatutos de la Orden Cartujana* [1989]. Disponível: Moines Chartreux e Moniales Chartreuses *site* (idem) - URL: <http://www.chartreux.org> -2001 Consultado em 20 jul. 2001.
- ETZIONI, Amitai. *Organizações modernas*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- EVANS-PRITCHARD, E. E.. *Antropologia social das religiões*. Rio de Janeiro: Campus, 1978.
- FARIA, Paulo Henrique Fontoura. *A presença beneditina no Brasil*. Disponível: Abadia de Nossa Senhora da Assunção *site* (Abadia de Nossa Senhora da Assunção – Gaudeamus, Boletim dos Oblatos). URL: <http://www.mosteiro.org.br/> – 2001. Consultado em jan. 2002.
- FARICY, Robert. *O fim da vida religiosa*. Rio de Janeiro: Edições Louva a Deus, 1986.
- FERNÁNDEZ MARTORELL, Mercedes *Estudio antropológico: una comunidad judia*. Barcelona, Espanha: Editorial Mitre, 1984.
- FIORE, Carlo. *Liturgia para o povo de Deus*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1984.
- FONSECA, Dagoberto José. *A piada: uma forma sutil de exclusão*. In *O Negro: identidade e cidadania. Anais do IV Congresso Afro-brasileiro*. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1995, (pp. 41 - 52).

- FONSECA, Nery da. Reflexões sobre a vida monástica. In: BONANNI, Hugo (coord.), *Benedictinos em Olinda - 400 anos*. São Paulo: Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, 1986.
- _____. *Benedictinos na Paraíba*. Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro - Ano XX, abril-junho/1995, n. 114*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 37-38).
- FREEMAN, Laurence. *Prática diária da Meditação Cristã*. São Paulo: Paulus, 1995.
- GOBRY, Ivan. *São Francisco de Assis e o espírito franciscano*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1959.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- GRIFFITHS, Bede. *Casamento do Oriente com o Ocidente: hinduísmo e cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2000.
- GRITELLA, Gianfranco. *La certosa di S. Stefano del Bosco a Serra S. Bruno*. Savigliano (cuneo): L' Artistica Savigliano, 1991.
- GROSSI, Mirian Pillar. *Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina*. *Cadernos de Pesquisa*, n. 73, pp. 48-58, (maio/1990). São Paulo, 1990.
- _____. *Conventos e celibato feminino entre camponesas do Sul do Brasil*. *Horizontes Antropológicos/Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. - Ano 1, n. 1 (1995). Porto Alegre: PPGAS, 1995. (semestral - Gênero) (pp. 101-109).
- GRÜN, Anselm. *O céu começa em você - a sabedoria dos padres do deserto pra hoje*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GUILLAUMONT, Antoine. *Oração contínua ou exclusiva: o caso dos messalianos*. *Communio/Revista Internacional Católica de Cultura - Ano IV, novembro-dezembro/1985, n. 24*. Rio de Janeiro: Communio do Brasil, 1985. (bimestral) (pp. 475-479).

- HENRY, Antonin-Marie et al.. *Diccionario del Cristianismo*. Barcelona: Herder, 1986.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catolicismo: el desafio de la memoria*. *Sociedad y Religión*. n. 14/15, noviembre. Buenos Aires: UBA, 1996
- HESSEL, Lothar. Os Camáldulos. In: *Cultura e Fé/Instituto de Desenvolvimento Cultural - Ano XIII*, n. 52 (1991). Porto Alegre: IDC, 1991 (trimestral, jan./mar.) (pp. 99-103).
- HOOG, James (ed.). *La Cartuja de Miraflores*. Salzburg: Institut Anglistik und Amerikanistik/Universität Salzburg, 1979.
- _____. *La Certosa di Serra San Bruno*. Salzburg: Institut Anglistik und Amerikanistik/Universität Salzburg, 1980.
- _____. *As cartuxas de Portugal*. Salzburg: Institut Anglistik und Amerikanistik/Universität Salzburg, 1984.
- HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- Papa JOÃO PAULO II. O monaquismo na "Orientale Lumen". *Em Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro - Ano XX*, abril-junho/1995, n. 114. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 26-34).
- _____. O mosteiro é escola de oração, testemunho de fidelidade e proclamação dos valores do espírito para os homens. *Em Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro - Ano XXI*, out-dez/1996, n. 116. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1996. (trimestral) (pp. 08-10).
- LA ENCICLOPEDIA CATÓLICA Disponível: ACI-PRENSA *site* (ACI) - URL: <http://www.aciprensa.com/> - 2001. Consultado em 17 jul. 2001.
- LEMONS, Jerônimo Nogueira de Lemos. Um salvador da Congregação Beneditina Brasileira (I) . *Em Comunhão/Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro - Ano XX*, julho-agosto/1995, n. 110. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 22-29).

- _____. Um salvador da Congregação Beneditina Brasileira (II). Em *Comunhão/Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX, setembro-outubro/1995*, n. 111. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 05-11).
- Liturgia das Horas*. São Paulo: Paulinas/Vozes/Salesiana Dom Bosco, 1985.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Destino e identidade*. Campinas: Papyrus, 1989.
- _____. *Introdução aos estruturalismos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Herder, 1972.
- LINAGE CONDE, Antonio. Os Beneditinos e sua História. Editora **Mandruvá**, 07 de abr. de 1998. Entrevista concedida aos Profs. Jean Lauand e Mario Sproviero. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand2/linage.htm>. Acesso em: 21 de out. de 1999.
- LOCKHART, Robin Bruce. *El camino de la cartuja*. Navarra: Ed. Verbo Divino, 1986.
- MACHADO, Maria das D. Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo [Campinas]: ANPOCS [Autores Associados], 1996.
- MADELON, Lilian. *La Chartreuse de Portes (Ain)*. Lyon: EMCC, 1996.
- MAIN, John. *A palavra que vem do silêncio*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MALFER, Benno. A teologia na formação monástica. Em *Comunhão/Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XXI, out-dez/1996*, n. 116. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1996. (trimestral) (pp. 43-56).
- MARÍAS, Julian. *A perspectiva cristã*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MARKUS, Robert A. *O fim do cristianismo antigo*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARMION, Columba. *Jesus Cristo: vida da alma*. Porto: Edições Ora e Labora, 1954.
- _____. *Jesus Cristo: ideal do monge*. Porto: Edições Ora e Labora, 1962.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- _____. *Manual de Etnografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

- MENDES, José Palmeiro. Crônica da chegada. Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro* – Ano XX, abril-junho/1995, n. 114. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 7-13).
- MERTON, Thomas. *A montanha dos sete patamares*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, (s/d).
- _____. *Na liberdade da solidão*. Petrópolis: Vozes, 1961.
- _____. *Questões abertas*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.
- _____. *O homem novo*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1967.
- _____. *Poesia e contemplação*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1972.
- MILROY, Dominic. Formação monástica e mundo profano. Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro* – Ano XXI, out-dez/1996, n. 116. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1996. (trimestral) (pp. 11-25).
- Moines Chartreux et Moniales Chartreuses*. Disponível: <http://www.chartreux.org/>
Acesso em: 06 outubro 2000.
- Mosteiro Trapista de Nossa Senhora do Novo Mundo*. Disponível: <http://www.mosteirotrapista.org.br/>
Acesso em: 29 abril 2001.
- Mosteiro da Transfiguração*. Disponível: <http://br.geocities.com/mongesbeneditinos>
Acesso em: 11 julho 2001
- MUNFORD, Lewis. *A cidade na história – suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- NARDINI, Giovanni. *La certosa di Farneta – voci del silenzio*. Lucca: MPF Editore, 1998.
- NESMY, Claude J.. *São Bento e a vida monástica*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1962.
- NORRIS, Kathleen. *O caminho do claustro*. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1998.
- NOVAES, Sylvia Cayuby. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: EDUSP, 1993.

- O cargo de Abade Primaz da Confederação Beneditina. Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XXI, out-dez/1996, n. 116*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1996. (trimestral) (pp. 56-65).
- O'CONNOR, Jerome Murphy. *Os religiosos na igreja particular*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/CNPq, 1988.
- OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- São PACÔMIO. *Exortação de São Pacômio sobre o rancor de um monge*. Disponível: Agnus Dei *site* (idem) URL: <http://www.agnusdei.cjb.net> – 2001. Consultado em 14 jun. 2001.
- PENIDO, Basílio. *A escolha de Deus - comentário sobre a Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1986.
- _____. O mosteiro de São Bento de Olinda (1586-1986). In: BONANNI, Hugo (coord.), *Benedictinos em Olinda - 400 anos*. São Paulo: Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, 1986.
- _____. A restauração da Congregação Beneditina do Brasil – por ocasião do seu I centenário. Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX, julho-agosto/1995, n. 110*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 14-21).
- PENNINGTON, M. Basil. *Deus ao alcance das mãos - experiências religiosas práticas*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- PERDIGÃO, Teresa Paula. Fidelidade e perseverança na Regra de São Bento. Em *Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX, novembro-dezembro/1995, n. 112*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 05-15).
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982.

- PIERUCCI, Antônio F., PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: HUCITEC 1996.
- PÓLVORA, Jacqueline. *Imagens de uma casa de Batuque em Porto Alegre*. *Horizontes Antropológicos/Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Ano 1, n. 1 (1995). Porto Alegre: PPGAS, 1995 - v.: il. (semestral - Antropologia Visual) (pp. 101-109).
- PONTES FILHO, Antônio P.. *Paz e Bem! Os franciscanos capuchinhos em Florianópolis - estudo de caso*. Florianópolis: CFH/UFSC, 1999 (Trabalho de Conclusão de Curso).
- PRADO, Lourenço de Almeida. *Nossa Senhora e a vocação feminina*. Em *Comunhão/Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro* – Ano XX, maio-junho/1995, n. 109. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (trimestral) (pp. 24-35).
- QUEIROZ, Júlio de. *Placidin e os monges*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1998.
- _____. *Dois aspectos da poética medieval alemã: o místico, com Hildegarda de Bingen e o burlesco, com os goliardos*. Trabalho apresentado no Festival de Artes Medievais/2001. Florianópolis: ABREM/CBFM, 2001.
- Regla de San Pacomio*. Disponível: Biblioteca Cristiana. *site* (BEC). URL: <http://www.multimedios.org/bec> Consultado em 17 mai 2001.
- Regra de Santo Agostinho*. Disponível: Cúria General da Ordem de São Agostinho em Roma *site* (Ordem de Santo Agostinho). URL: www.aug.org/ - 2001. Consultado em 01 out. 2001.
- Regra do glorioso patriarca São Bento* [Tradução e Notas de D. João Evangelista Enout, OSB, do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.]. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980.
- Regra dos monges /Pacômio...* [et al.; introdução e comentários Jean-Pie Lapiere....]. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

- REIS, Maria J.. *Espaços Vividos, Migração Compulsória e Identidade: os camponeses do Alto Uruguai e a Hidrelétrica de Itá*. Campinas, SP: UNICAMP, 1998 (Tese de Doutorado).
- RICAUD, Étienne. Monges sacerdotes: sacerdotes de luxo? *Em Comunhão/ Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XX, novembro-dezembro/1995, n. 112*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1995. (bimestral) (pp. 16-18).
- ROBERTSON, Roland. *Sociología de la religión*. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1980.
- ROTIVAL, Bruno. *Le temps du silence*. Belgique: S. A. Usines Brepols, 1990.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES . *Religiosos e promoção humana*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984a.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES . *Dimensão contemplativa da vida religiosa*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984b.
- SALISBURY, Joyce E.. *Pais da Igreja, virgens independentes*. São Paulo: Scritta, 1995.
- SCHUSTER, Alfredo Ildelfonso. *História de São Bento e de seu tempo*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1956.
- SAMAIN, Etienne. No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia. *Cadernos de Antropologia e Imagem/Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem - N.1 - (1995a) - . - Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995 - v.: il. (semestral - 6 Imagens Diversas) (pp. 141-158).*
- _____. "Ver" e "dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes Antropológicos/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 1, n. (1995b)*. Porto Alegre: PPGAS, 1995. - v.: il. (semestral - Antropologia Visual) (pp. 111-116).
- SÍNODO DOS BISPOS. *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo vinte anos depois do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1987.

- Steil, Carlos Alberto. A igreja dos pobres e o catolicismo no Brasil. In: **VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina**. São Paulo, 22-25 de setembro de 1998.
- Surpresa no mosteiro: uma fila querendo entrar. O Estado de São Paulo. São Paulo, 29 de outubro de 2000, Domingo, p. A 11.
- SWANSON, Guy E.. A origem das religiões primitivas. Rio de Janeiro [São Paulo]: Forense, 1968.
- THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Disponível: New Advent *site* (The Catholic Encyclopedia). – URL: <http://www.newadvent.org> – 2001. Consultado em 01 jan 2001.
- THEISEN, Jerome . São Bento de Núrsia, Patriarca do Monaquismo Ocidental – In: Abadia Territorial de N. Sra. de Montserrat do Rio de Janeiro - www.osb.org.br/, 2001.
- TURNER, Victor W.. O processo ritual - estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.
- UM CARTUXO. A vida cartusiana – vidas para Deus. Ivorá/RS: Mosteiro de Nossa Senhora Medianeira, s/d.
- UM CARTUXO. Pequena vida de S. Bruno - fundador da Ordem dos Monges Cartuxos. Ivorá, RS: Mosteiro Nossa Senhora Medianeira, s/d.
- UM CARTUXO. Os cartuxos no Brasil. Ivorá: Mosteiro Nossa Senhora Medianeira, 2001.
- UM CARTUXO. 1084-1984. A Cartuxa. A união com Deus pelo silêncio da solidão. Évora: Cartuxa de Santa Maria Porta Coeli, 1984.
- UM CARTUXO, RODRIGUES, José Manuel. São Bruno na Cartuxa de Évora – IX centenário de São Bruno. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2001.
- UN CARTUJO. Un monasterio entre montañas: La Cartuja de Porta Coeli – Valencia. Valencia: Cartuja Santa Maria Porta Coeli, 1993.

- UN CARTUJO. *La Cartuja*. Una vida consagrada a Dios em la soledad y el silencio. Santiago: Editorial Monasterio Nuestra Señora Medianeira, 1993.
- UN CARTUJO. *La Cartuja, San Bruno y sus hijos*. Bilbao: La Editorial Vizcaina, 1953.
- UN CARTUJO. *La primeira cartuja de Latinoamérica*. Ivorá: Mosteiro Nossa Senhora Medianeira, 1991.
- UN CARTUJO. *Cartujos en América – dados par ala historia*. Ivorá: Mosteiro Nossa Senhora Medianeira, 1999.
- UN CARTUJO. *Cartujos en América – proyectos y realidades*. Ivorá: Mosteiro Nossa Senhora Medianeira, 1997.
- UN CHARTREUX. *La Grande Chartreuse*. França: s/ed., 1998.
- VALENTE, Gianni. *Oração profunda – yoga connection*. 30 Dias – Ano IV, agosto-setembro/1989, n. 8. São Paulo: Editorás, 1989. (bimestral) (pp. 06-15).
- VAN BAVEL, T. J.. *O núcleo da vida religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VARGAS, Maria Ester. *O monaquismo - dos primórdios ao séc. VII*. Disponível: Padres do Deserto site (Padres do Deserto). URL: <http://br.geocities.com/padresdodeserto> Consultado em 22 ago. 2001.
- VEILLEUX, Armand. *A paternidade espiritual na tradição cenobítica*. Disponível: Padres do Deserto site (Padres do Deserto). URL: <http://br.geocities.com/padresdodeserto> Consultado em 22 ago. 2001.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Figuração e imagem*. *Revista de Antropologia*, v. 35. São Paulo: IFCH/USP, 1992 (pp. 113-128).
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Brasília: UNB, 1981.
- WILGES, Irineu S., COLOMBO, Olírio P.. *Cultura religiosa*. Porto Alegre: EST/Vozes/UCS, 1981.
- ZILLES, Urbano. *A significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.